VICTÓRIA GAMBETTA DA SILVA

JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA EM SANTA CATARINA (1948-1970): TRAJETÓRIA, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Florianópolis - SC
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA EM SANTA CATARINA (1948-1970): TRAJETÓRIA, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

VICTÓRIA GAMBETTA DA SILVA

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História Cultural, Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

Florianópolis
2009

Não é verdade, indignado camarada, que fazemos parte do mundo? Observamos e sentimos a infinidade de coisas que nos rodeiam e não estamos delas absortos? Confesso que na freqüente fala de "segundo Cicrano, segundo Beltrano", faço um prematuro julgamento da integridade moral da progenitora do discursante. A busca pela autoridade, que não respalda a mais insignificante ameba da face da Terra, não pode ser o zênite da vida acadêmica.

A luta sim, caro amigo, faz parte do meu cotidiano, a lua que me inspira e alegra, ou me consola. Assim como o raciocínio dedutivo do companheiro Watson, que me cativa, e por que não a mendicância, que me assombra. E no dia que um doutor qualquer, criado a framboesa dos fiordes e cuja ponta do nariz ultrapassa a estratosfera, me excitar mais que a vontade de ser igual, que um crime quase perfeito e que um fabuloso eclipse, peço-te, paciente colega, que, por favor, providencie meu ingresso num sanatório. A demência haverá tomado o meu corpo e minha mente, a HISTÓRIA não mais me motivará[...]

(T.Z.)

Nada de grande na vida é feito sem paixão[...]
Hegel

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe Janete e ao meu pai Flávio, meus grandes incentivadores. Por tudo que me ensinaram, por todo apoio, carinho e confiança que depositaram em mim durante esta etapa. Também, ao meu irmão Guilherme (Beavis), de quem nunca faltou torcida.

Ao professor Paulo Pinheiro Machado, meu orientador, exemplo de profissional, pelas conversas e conselhos que tornaram possível a realização da presente pesquisa. Por ter acreditado na minha capacidade mesmo nos momentos em que as dificuldades pareciam intransponíveis. E, para quem eu nunca terei palavras suficientes para agradecer toda a paciência e atenção nesses quase sete anos de parceria.

Aos senhores Valmir Martins, Teodoro Haag Neto, Nereu do Vale Pereira, Francisco Murilo Vessling e Marlene Puzinski de Paula e aos Pe. Elli Benincá, Pe. Afonso José Birck e Monsenhor Agostinho Staehelin, que gentilmente concederam as entrevistas que enriqueceram este trabalho. Muito obrigada pela atenção.

Ao meu namorado Miguel, que sofreu e comemorou comigo cada tropeço e cada etapa vencida. Obrigada pela paciência e pelo carinho.

À minha companheira de apartamento, Maíse C. Zucco, que trouxe ao dia-a-dia desses últimos três anos tranqüilidade e diversão.

Aos Professores Valmir Francisco Muraro e Norberto Dallabrida, que prontamente aceitaram participar de minha banca. E também pelas críticas e sugestões.

Aos amigos que fizeram destes anos os melhores possíveis, em especial a Gisele Correa, Lilian Lemos e Janaína Vigano (os elementos!!), Michele Moraes (a caloura mais querida), José Cleber Raupp, Rafael Pereira da Silva, Rafael da Cunha Scheffer (“matar um

leão por dia", eu não esqueci), Virgínia Mara H. Valdéz, Joana V. Borges, Laura Castillo, Izomar Lacerda, Bruno Labrador, Gabriel F. Jacomel e Maurício G. Correa. Valeu mesmo!

À Juciane Bernardi, Gustavo Marangoni Costa e Samir Bonho que, mesmo do outro lado do Atlântico, levantaram a bandeira. Valeu pelas boas vibrações enviadas do "velho continente". Ao grupo PET-História, sempre de portas abertas aos ex-bolsistas e onde continuo me sentindo em casa.

Meu obrigada também aos professores Adriano L. Duarte, Henrique Espada Lima e Beatriz G. Mamigonian e aos colegas Carlos Eduardo Mendonça, Marlon G. Assef, Daniela Sbravatti e Luana Teixeira, da linha de pesquisa *Trabalho, Sociedade e Cultura* pelo aprendizado que me proporcionaram, essencial para meu crescimento profissional.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em História da UFSC, da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, do Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, do Arquivo Público do Paraná e do Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho, pelo auxílio, atenção e paciência.

À equipe de professores da EJA SUL II Armação/Rio Tavares, com quem trabalhei neste ano de 2008, na rede municipal de ensino de Florianópolis, em especial à minha coordenadora Marisa Vidal C. Weber, pelo exemplo de profissionalismo e pelo apoio e compreensão nos momentos de sobrecarga.

E ao meu grande amigo Vinícius Possebon Anaissi, pelas conversas inspiradoras e nós desatados. Você foi a minha paz de espírito neste ano!

RESUMO

Este trabalho pretende observar a trajetória da Juventude Operária Católica (JOC) no estado de Santa Catarina, iniciada em 1948. Mais precisamente estará focado na análise dos reflexos e particularidades do movimento em atuação na capital do Estado, Florianópolis. Partimos do pré-suposto de que, mesmo estabelecida como um movimento de cunho nacional, com padrões organizacionais e doutrinais divulgados e incentivados na perspectiva da manutenção de uma unidade de objetivos, a diversidade dos contextos estaduais e também das Dioceses impunha à JOC uma dinâmica de adaptar-se às necessidades do meio ao qual se inseria.

O presente estudo realizou-se a partir de entrevistas realizadas com ex-militantes da JOC catarinense, dos documentos oficiais da JOC que compõem o acervo do Fundo Juventude Operária Católica, disponível à pesquisa no Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho - PUC/SP, da documentação relativa às atividades do movimento no Estado, arquivado no Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina e do jornal *A Gazeta*, periódico em circulação no período, em Florianópolis.

Para melhor desenvolvimento dos objetivos propostos, nosso estudo apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro procuramos realizar um levantamento bibliográfico da temática e contextualizar o movimento jocista na história da Igreja Católica. No segundo capítulo, voltamos nossa análise ao movimento jocista no estado de Santa Catarina. Por fim, dedicamos o terceiro capitulo às questões relacionadas à memória e à trajetória dos militantes da JOC catarinense.

Palavras Chave: JOC – Igreja Católica – Santa Catarina

ABSTRACT

This work intends to observe the trajectory of the Catholic Laborer Youth (JOC) in the state of Santa Catarina, initiated in 1948. Most precisely, it will be focused on the consequences and particularities of the movement's activities in the capital of the state, Florianópolis. This work begins with the idea that even though established as a nationwide movement, with doctrinal and organizational standards divulged and stimulated to maintain the unity of objectives, a diversity of state and dioceses scenes imposed JOC a dynamics of adaptation to the needs of each of the scene in which it was a part of.

The present study was performed from interviews with former militants Santa Catarina's JOC, official documents from the collection of the Fundo Juventude Operária Católica, available for research at the Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho - PUC/SP, documentation related to the activities of the movement in the state, archived at the Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, and the newspaper "A Gazeta", which was published during the period. For a better development of the proposed objectives, our study is presented divided into three chapters. On the first we seek to perform a bibliographic analysis of the theme, and to review the role of the JOC's movement in the history of the Catholic Church. On the second chapter, we go back in our analysis of the JOC movement in the state of Santa Catarina. At last, the third chapter is dedicated to the questions related to the memories and trajectory of the members of Santa Catarina's JOC.

Keywords: JOC – Catholic Church – Santa Catarina

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS iv

RESUMO vi

ABSTRACT vii

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS x

LISTA DE ILUSTRAÇÕES xii

INTRODUÇÃO 01

1 A MAIORIA ABSOLUTA DA NAÇÃO 12

1.1 O CONTEXTO GERAL DA JOC 12

1.2 O CONTEXTO DA JOC NO BRASIL 18

1.3 OS PRIMEIROS ANOS DA JOC NO BRASIL 23

1.4 A TRAJETÓRIA DA JOC NO BRASIL – 1948-1970 29

1.4.1 - 1948-1958: fase de divulgação e Recrutamento 30

1.4.2 - 1959-1964: fase de “esperança” ou missionária 33

1.4.3 - 1965-1970: fase de ruptura com o Estado e desarticulação 40

2 A HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA: OS PASSOS DA JOC EM SANTA CATARINA 44

2.1 A CAPITAL COMO PONTO DE PARTIDA 44

2.2 UM MOVIMENTO ESTADUAL 58

2.3 A REGIONAL EXTREMO SUL 66

2.4 NO COMPASSO DO MOVIMENTO NACIONAL? 78

2.5 OS LIMITES DO ALINHAMENTO 86

3 A JOC PELOS JOCISTAS 102

3.1 MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE 104

3.2 MEMÓRIAS DE TEMPOS DIFÍCEIS 109

3.3 MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO 117

3.4 UM CAMINHA A SEGUIR 123

3.5 UM OLHAR SOBRE OS ASSISTENTES 126

CONSIDERAÇÕES FINAIS 138

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 143

FONTES 150

ANEXOS 153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ação Católica
ACE	Ação Católica Especializada
ACG	Ação Católica Geral
ACO	Ação Católica Operária
ALESC	Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina
AP	Ação Popular
CEDAC	Centro de Ação Comunitária
CEDIC	Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho
CEEE	Companhia Estadual de Energia Elétrica
CGT	Comando Geral dos Trabalhadores
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COC	Círculo Operário Católico
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DOI-CODI	Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FOE	Frente Operário Estudantil
FPN	Frente Parlamentar Nacionalista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRADES	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento
IOESC	Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JFC	Juventude Feminina Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JMC	Juventude Masculina Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JOCf	Juventude Operária Católica Feminina
JOCI	Juventude Operária Católica Internacional
JOCm	Juventude Operária Católica Masculina
JUC	Juventude Universitária Católica

LEC	Liga Eleitoral Católica
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDC	Partido Democrata Cristão
PSD	Partido Social Democrata
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUA	Pacto Sindical de Unidade na Luta
UBRO	União Beneficente Recreativa Operária
UCE	União Catarinense dos Estudantes
UCES	União Catarinense dos Estudantes Secundaristas
UDN	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Fig. 1	Visita dos membros da JOC Internacional a Florianópolis	48
Fig. 2	Encontro Estadual da JOC Santa Catarina, Itajaí - 1964	62
Fig. 3	Encontro Estadual da JOC Santa Catarina, Itajaí - 1964	62
Fig. 4	Encontro Estadual da JOC Santa Catarina – 1966	63
Fig. 5	Encontro Estadual da JOC Santa Catarina – 1966	63
Fig. 6	Formulário do Inquérito do Tempo Livre	73
Fig. 7	Conselho Mundial da JOC, Roma, 1957 – Delegação JOC/Brasil	135

Tabelas

Tab. 1	Lista de nomes JOCf – 1964	67
Tab. 2	Participantes da Semana de Estudos – 1962	69
Tab. 3	Jocistas catarinenses presentes no VII Conselho Regional JOCf, 1965	70
Tab. 4	Jocistas catarinenses presentes noVIII Conselho Regional JOCf, 1966	70
Tab. 5	Jocistas catarinenses presentes no IX Conselho Regional JOCf, 1967	70
Tab. 6	Jocistas catarinenses presentes no VII Conselho Regional JOCm, – 1965	71
Tab. 7	Jocistas catarinenses presentes no VIII Conselho Regional JOCm, 1966	71
Tab. 8	Relatório Financeiro – 1965 - Regional Extremo Sul	77

INTRODUÇÃO

O objetivo de realizar um estudo que apresentasse contribuições à historiografia da classe trabalhadora em Santa Catarina levou-nos a encontrar na JOC – Juventude Operária Católica – e em sua trajetória e atuação no Estado um campo fértil para pesquisa e reflexões. Mais do que a análise de uma organização de trabalhadores, com estatutos, estrutura e objetivos específicos, nosso interesse pelo movimento, em detrimento de outros grupos e associações de classe que poderiam ser explorados como objeto, nasce de sua definição como movimento católico. Este aspecto abre-nos a possibilidade de perceber a Igreja Católica como força ativa no campo dos movimentos sociais, no qual a perspectiva de formação de organizações de trabalhadores configura-se apenas como um dos meandros de sua atuação.

Definida como um movimento de apostolado leigo, a JOC foi oficializada no País em 1948. Esteve em atividade no País por mais ou menos vinte anos, de 1948 a 1970, e atingiu todos os estados da Federação. Inserida em um contexto de reorganização das formas de apostolado e recuperação de influência, em que se pautava não apenas a Igreja Católica brasileira, mas a Igreja Católica de forma geral, sua trajetória é marcada por transformações e redefinições de objetivos. Precursora de um método inovador de apostolado, o método "ver, julgar e agir", centrado na formação pela ação e compondo as fileiras da Ação Católica Brasileira, a JOC é considerada ponto essencial para o entendimento dos rumos seguidos pelo catolicismo brasileiro nas duas décadas seguintes e cujos reflexos estão presentes até hoje.

No entanto, ao mesmo tempo em que se estabelecia como um movimento de cunho nacional, com padrões organizacionais e doutrinais divulgados e incentivados na perspectiva da manutenção de uma unidade de objetivos, a JOC encontrava, nos diferentes estados da Federação, particularidades de implantação e mesmo de atuação, que dariam ao movimento uma dinâmica de adaptação às necessidades do meio ao qual se inseria. "Não só o país é

demasiadamente extenso, mas também as Dioceses"[1] [...] "tornava-se difícil coordenar suas atividades e manter a homogeneidade exigida pelo clero"[2], afirma o professor Valmir Muraro.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos ser possível verificar, na trajetória da JOC em Santa Catarina, particularidades, reflexos e contradições, em relação à trajetória nacional do movimento, conseqüentes das características de suas Dioceses e espaços de atuação, bem como da experiência individual de seus militantes e assistentes. Consideravelmente, o movimento estabeleceu-se nas quatro dioceses existentes no Estado na época, Florianópolis, Joinville, Tubarão e Lages, encontrando "formas de trabalho" diferenciadas em cada região. Assim, trabalhamos com a hipótese de que a dinâmica, e mesmo o foco de atuação do movimento, possam ter variado de um espaço para o outro. Da mesma forma, sendo a JOC um grupo de leigos ligado diretamente à Instituição, acreditamos que o rótulo "conservador", que a historiografia atribui às dioceses catarinenses, possa ter um peso significativo na trajetória e atuação do movimento no Estado.

Considerando nosso recorte temporal, as investidas da Igreja catarinense no "mundo do trabalho" e no apostolado leigo ainda são objetos carentes de análise. Constatamos, por exemplo, a inexistência de bibliografia específica referente ao movimento jocista catarinense. E, no que concerne à Ação Católica, encontramos alguns poucos estudos que abordam o ramo universitário, a JUC. Ainda assim, encontramos na produção acadêmica que circunda a temática no contexto catarinense referências importantes, não apenas para o entendimento do contexto estadual, mas também para a elaboração de apontamento para a pesquisa. Dentre eles, destacamos as dissertações de Alceu Kaspari, *O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de estado* e Nilton João Ramos, *Relações históricas entre igreja e estado: a formação do pensamento educacional catarinense*, e os livros de Serenito Moretti e Élio Serpa, respectivamente, *Movimento*

[1] MURARO, Valmir F. *JOC:* uma utopia operária?. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983, p. 102.
[2] Idem, p. 102.

Estudantil em Santa Catarina e *Igreja e poder em Santa Catarina*. De forma geral, constatamos que a própria Igreja catarinense é um objeto pouco explorado pela historiografia, e a referência mais completa em termos factuais, ainda é a obra de Walter Piazza, *A Igreja em Santa Catarina: notas para sua história*. Ainda que não desconsideremos a importância do estudo, a obra foi elaborada sob uma perspectiva historiográfica que hoje é considerada "ultrapassada", uma vez que a história da igreja era apenas a história dos bispos e padres.

Nossas principais referências bibliográficas, no entanto, estão nos trabalhos que tratam diretamente da JOC e evidenciam a sua participação do contexto sócio-político-cultural brasileiro. Em nosso levantamento, constatamos o sentido literal da afirmação de Yara Khoury de que "a experiência do JOC é particularmente interessante [...] Não obstante, pouco se tem refletido e escrito sobre a mesma.".[3] No que tange especificamente ao movimento, pudemos verificar a existência de seis estudos: as dissertações de Valmir Francisco Muraro, Roberto Fabiam, Maria Blasioli Moraes, Lílian G. Mendes, o livro de Heloísa H. Martins e o artigo de Scott Mainwaring, *A JOC e o surgimento da Igreja nas bases* (1958-1970).

O estudo de Muraro, *A JOC:* uma utopia operária?, posteriormente publicado em versão reduzida pela editora Brasiliense, constitui-se, até o momento, nossa referência mais importante. Não apenas por tratar-se de um levantamento do histórico da JOC desde a sua origem até seu quase desmembramento no período militar, mas também por ser referência constante nos demais trabalhos supra citados[4] e, mesmo, o ponto de partida de todos eles, a partir de seus questionamentos e lacunas.

Além de uma breve análise acerca dos mecanismos de implantação e divulgação do movimento no Brasil, bem como de sua forma de atuação, o autor centrou-se em descrever as diferentes fases da trajetória da JOC. Fase de divulgação e recrutamento (1948-1958), fase

---

[3] KHOURY, Yara Aun. Memória e História: Juventude Operária Católica. In: ____ (Coord). *Inventário Juventude Operária Católica*: acervo do Instituto Nacional de Pastoral: CNBB. São Paulo: PUC; CEDIC, 1991, p. 23.

[4] Exceto o artigo de Scott Mainwaring que é anterior.

missionária (1959-1964) e fase de ruptura com o Estado e desarticulação (1965-1970). Essa divisão por fases, referendada pelos demais pesquisadores, principalmente no quesito metodológico, talvez seja a principal contribuição do estudo, visto que relativiza e estende a divisão que o próprio movimento jocista realiza de seu histórico em seus documentos de formação e memória.[5] E, da mesma forma, evidencia o aspecto de transformação do movimento ao longo de sua trajetória. Segundo Muraro, em um período de mais ou menos vinte anos, ela transcorreu de um extremo político a outro.[6]

Essa perspectiva de "guinada" política da JOC, percorrendo "um extremo político ao outro", evidencia-se no artigo de Scott Mainwaring. Ainda que se constitua um estudo de fôlego curto – pouco mais de cinqüenta páginas – sua análise é essencial para o entendimento das tensões e contradições existentes entre a hierarquia eclesiástica e o movimento da JOC ao longo de sua trajetória e, principalmente, a partir do Golpe militar de 1964, bem como da contribuição do movimento jocista para a criação da chamada Igreja popular. Compõem também o artigo apontamentos a respeito das relações entre a JOC e a JUC no início da década de 1960 e de como esse contato direto, através de reuniões e encontros de juventude, exerceu profunda influência no processo de radicalização do movimento jocista. Como nos explica o autor, a JUC, no início da década de 1960, iniciou um rápido processo de radicalização a partir da firmação, no interior da Igreja, da tendência progressista chamada "Esquerda Católica".[7] Essa tendência acabou por aproximar o movimento das idéias socialistas e marxistas, provocando o seu embate direto e ruptura com a hierarquia. Posteriormente ao golpe militar de 1964, a JOC iniciará um processo similar.

---

[5] ETAPAS da evolução do movimento JOCF, 1964. In: *Fundo Juventude Operária Católica*. CEDIC, rolo 22. A avaliação realizada pelo grupo ao qual nos referimos termina em 1964.
[6] MURARO, op. cit., p.12. VER TAMBÉM: MURARO, Valmir F. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Tudo é História, n. 97).
[7] MAINWARING, Scott. A JOC e o surgimento da Igreja nas bases (1958-1970). In: *Revista Eclesiástica de Base*, Petrópolis: Vozes, mar. 1983, p. 42.

Roberto Fabian em *JOC: da submissão à contestação*[8] e Lílian G. Mendes em *Entre a cruz e o manifesto: dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica no Brasil* (1960-1968)[9] têm como objeto de análise o processo de radicalização e participação efetiva do movimento na sociedade, ocorrido durante a década de 1960. Ambos centram-se na análise das mudanças no discurso do movimento. No entanto, o estudo de Fabian, desenvolvido a partir da comparação entre os textos de formação do movimento nas diferentes fases, limita-se em demonstrar as mudanças no comportamento dos militantes e a existência desse novo discurso refletido na utilização de novos conceitos, sem aprofundar as motivações e as conseqüências dessas mudanças. Em Mendes, encontramos esse aprofundamento. A autora dedica-se especificamente à análise do jornal *Juventude Trabalhadora,* órgão oficial da JOC, discutindo os principais conceitos incorporados ao discurso do movimento, tais como "revolução" e "revolução armada", buscando no contexto no qual se inseria a JOC, suas motivações e conseqüências.

Os estudos de Heloísa Helena Martins, *Igreja e movimento operário no ABC*[10] e Maria Blasiolli Moraes, *A ação social católica e a luta operária: a experiência dos jovens operários católicos em Santo André* (1954-1964)[11], são particularmente interessantes para nossa pesquisa, pois, diferentemente dos trabalhos anteriormente citados, tratam de estudos de caso, tal qual nossa perspectiva até o momento. Ambas as autoras trabalham com a região do ABC paulista e sob a perspectiva de perceber as relações que se estabelecem entre os jocistas, a hierarquia e as demais organizações sindicais a partir da atuação direta da JOC nesses espaços. O estudo de Martins perpassa ainda a participação dos militantes católicos na

[8] FABIAN, Roberto. *JOC:* da submissão à contestação. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.
[9] MENDES, Lílian G. *Entre a cruz e o manifesto: dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica no Brasil (1960-1968).* São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.
[10] MARTINS, Heloísa H. T. de S. *Igreja e movimento operário no ABC:* 1954-1975. São Paulo: Hucitec, 1994.
[11] MORAES, Maria Blassiolli. *A ação social católica e a luta operária a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964).* Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

constituição da chamada “classe operária combativa” que emerge no ABC na década de 70, bem como sua influência direta no nascimento do novo sindicalismo.[12]

Além das referências citadas, embasa-nos constantemente os estudos acerca de Igreja Católica no Brasil e mesmo da Igreja em geral, visto que a JOC, como movimento de apostolado leigo, é parte constitutiva de sua história e entendemos que os leigos, ao inserirem-se no corpo da Igreja através da participação em alguma associação ou organização, passam a fazer parte da Instituição. Da mesma forma, estando o movimento jocista associado a um período de “modernização” da Instituição, renovação das formas de apostolado e recuperação/manutenção de influência e poder na sociedade, consideramos limitador tratá-lo sem ter como perspectiva a sua imbricada relação com sua instituição fundadora.

Destacamos, entre outros, os estudos de Huges Portelli, Oscar Lustosa, Scott Mainwaring, Márcio Moreira Alves, Marcelo Ridenti, Michel Lowi, Pablo Richard, Emanuel Kadt, Luís Alberto Gómez de Souza e Jessie Jane V. Souza.[13] Nenhuma destas análises trata diretamente da JOC. No entanto, através dessas leituras, nos foi possível traçar um quadro histórico das ações da Igreja desde fins do século XIX, tanto em caráter geral quanto especificamente no Brasil, perpassando seu processo de modernização e aproximação com a classe operária, desde a experiência com os círculos operários, até a constituição das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), suas posturas políticas, a experiência da Ação Católica Brasileira (ACB) e mesmo a questão da JUC.

---

[12] Sobre Novo sindicalismo, ver: MATTOS, M. B. Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

[13] PORTELLI, H. *Os socialismos no discurso social católico*. São Paulo: Edições Populares, 1990; LUSTOSA, O. F. *A Igreja católica no Brasil* República: cem anos de compromisso (1889 – 1989). São. Paulo: Ed. Paulinas, 1991; MAINWARING, S. *Igreja católica e a política no Brasil* (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004; ALVES, M. M. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979; RIDENTI, M. Ação popular: cristianismo e marxismo. In: ____(Org.*). História do marxismo no Brasil.* v. 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: UNICAMP, 2002; LOWI, M. *A guerra dos Deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000; RICHARD, P. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982; KADT, E. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003; SOUZA, L.A.G. Classes populares e a Igreja nos caminhos da História. Petrópolis: Vozes, 1982; SOUZA, J. J.V. *Círculos operários:* a Igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002.

Tratando diretamente da atuação de leigos, encontramos em Márcio Moreira Alves uma questão a ser destacada. Para o autor, dentro do "teatro católico", os leigos ocupariam uma posição secundária, de figurantes, e o papel de protagonista é atribuído aos padres, bispos e outras instâncias desta escala hierárquica. A partir da perspectiva de que no interior da Igreja os sacerdotes têm maior poder de decisão quanto ao encaminhamento da Instituição, Alves parece colocar o leigo em uma postura bastante submissa em relação às orientações da hierarquia.

Ainda que concordemos que a Igreja como instituição possui uma lógica interna de funcionamento, onde o poder de decisão da hierarquia se sobressai, acreditamos ser equivocada a perspectiva de que aos leigos caberia o papel de meros cumpridores das vontades da elite eclesiástica. Se por um lado a Igreja tinha interesses políticos e sociais que explicam sua atuação junto à classe trabalhadora, os militantes também tinham seus objetivos e interesses. No mais, em nosso entendimento, essa interpretação acaba colocando tanto a Igreja quanto o movimento de leigos como blocos unos ou homogêneos, questão esta que a própria trajetória da Igreja acaba por anular.[14]

O ponto de partida para a realização de nosso estudo foi a documentação que compõe o acervo do Fundo Juventude Operária Católica, órgão do Instituto Nacional de Pastoral (INP), vinculado à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Inserida em um arquivo vasto, catalogado, micro-filmado e disponível à pesquisa no Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho – CEDIC-PUC/SP, da documentação constam documentos oficiais da Juventude Operária Católica, organizados nos planos espacial e temático. Estatutos, cartilhas doutrinais, manuais de orientação, textos para estudo, relatórios de Congressos e Conselhos nacionais que foram importantes para que tivéssemos uma visão do movimento como um todo e essenciais em nossa perspectiva de traçar um comparativo,

[14] MAIWARING, op. cit.

apontando reflexos, particularidades e contradições entre as trajetórias do movimento em âmbito nacional e estadual. Obviamente, tratando-se de fontes "oficiais " do movimento, não nos escaparam questões referentes à intencionalidade, sendo esse aspecto observado e problematizado com cautela.

A documentação relativa às atividades da JOC catarinense que encontramos no acervo do CEDIC, ainda que significativa, não nos parecia suficiente para que esboçássemos conclusões sobre o movimento no Estado. Além de numericamente pequeno, o corpo documental não apresenta uma continuidade. Quando datado, o material concentra-se, ou nos primeiros anos de atividade, 1948 a 1950, ou já ao final da trajetória do grupo, 1964 a 1967. Víamo-nos frente a uma lacuna de quase quinze anos, dos quais nada sabíamos sobre os rumos do grupo.

Em parte, esta lacuna foi preenchida pela documentação encontrada no acervo do Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, onde, a partir das correspondências e ofícios emitidos pela JOC, nos foi possível perceber alguns traços do movimento nos primeiros anos da década de 1960, principalmente aspectos relativos à estrutura, finanças e números de militantes.

> Dessa forma, as principais fontes deste estudo são os depoimentos cedidos por ex-militantes e assistentes do movimento no Estado. Através deles, foi possível "juntar mais algumas peças" sobre a trajetória do movimento e estender os objetivos do trabalho aos trâmites da memória e da experiência pessoal. Realizamos entrevistas com nove pessoas ligadas diretamente à JOC e um décimo depoimento nos chegou através da publicação *Vida Jocista: Testemunhos*.

A utilização de depoimentos orais, no entanto, vem acompanhada de uma série de questões. Não nos escapa, por exemplo, que se trata de uma fonte produzida, resultada do

"diálogo entre entrevistador e entrevistado"[15] e permeada por expectativas, preconceitos e "pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado" [16]. Dessa perspectiva, as fontes orais não podem, e não serão, no que concerne a este estudo, tomadas como verdades absolutas. Estarão sujeitas "ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar"[17], como diria Michael Hall. Nas palavras de Jorge Eduardo A. Lozano:

> A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserindo-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir. Na hora de realizar esta tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis. [18]

Os depoimentos colhidos para a realização deste estudo estão depositados no Laboratório de História Oral do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, exceto as entrevistas concedidas pelo Padre Afonso José Birck e pelo senhor Teodoro Haag Neto, que serão anexadas na íntegra ao final do presente trabalho. Optamos por assim proceder, pois até o momento não foi possível concluir as etapas de conferência e assinatura do termo de doação, que compõem a metodologia exigida pelo Laboratório. Em maio do presente ano, perdemos o contato com os entrevistados devido à suas condição de saúde e local de residência. Todavia, sua autorização verbal, registrada na gravação, possibilita-nos a utilização das informações cedidas por ambos.

---

[15] FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: _____ (Org.). *Usos e abusos da História oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 15.
[16] THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, MORAES, Marieta, op. cit., p. 66.
[17] HALL, M. História oral: os riscos da inocência. In: *O direito à memória*: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 199, p.1.
[18] Idem, p. 16.

Através do contanto com o ex-militante jocista Valmir Martins e com a Monsenhor Agostinho Staehelin, ex-assistente espiritual da JOC, nos foi proporcionado o acesso a algumas fotografias relacionadas ao movimento. No entanto, não foi possível aos entrevistados precisar as datas e eventos de todas elas. Optamos então por incluir as fotografias identificadas ao longo dos capítulos, estando as demais anexadas ao final do presente estudo.

Por fim, estivemos atentos aos jornais de circulação estadual no período, que além de nos fornecer informações sobre a época em estudo, apresenta-se como um espaço para divulgação de atividades e expressão de opiniões relativas a questões variadas.

Para o melhor desenvolvimento das questões relativas à temática e aos objetivos delimitados, nosso estudo apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro, procuramos realizar um levantamento do que já foi produzido a respeito da JOC brasileira e contextualizar o movimento jocista dentro da história da Igreja Católica a partir de sua chegada no Brasil. Abordamos seus objetivos e diretrizes de fundação, bem como a sua trajetória nacional, a partir da perspectiva de suas diferentes fases.

No segundo capítulo, voltamos nossa análise ao movimento jocista catarinense. Partindo de uma rápida descrição do contexto estadual, centramos nossa investigação na trajetória e atuação do movimento no Estado, procurando identificar suas especificidades em relação à trajetória nacional do grupo, principalmente no que concerne à organização, espaços de atuação, alinhamento e relação com a Igreja institucional. Também são realizadas considerações a respeito da instância regional de atuação da JOC catarinense, no caso, a Regional Extremo-Sul do movimento, que abrange também o estado do Rio Grande do Sul.

Por fim, dedicamos o terceiro capítulo às questões relacionadas à memória e à trajetória dos militantes e assistentes da JOC catarinense. Procuramos perceber os diferentes (re)significados que a participação no movimento trouxe a cada um deles, bem como aspectos

que se sobressaem em detrimento de outros, permeadas pelo contexto histórico no qual se inseriam.

1 A MAIORIA ABSOLUTA DA NAÇÃO

1.1 O CONTEXTO GERAL DA JOC

> Uma religião que não escutasse as grandes interrogações humanas no seio das mutações e das revoluções sociais da atualidade e que não tivesse nada a lhes responder, teria pouca oportunidade de interessar os homens nos quais está mais viva a consciência de sua época.[19]

Os movimentos de apostolado leigo, tais como a Juventude Operária Católica – JOC – ganharam espaço nas fileiras da Igreja Católica a partir da segunda metade do século XIX, período em que o contexto da Europa moderna inseriu a Instituição em um amplo processo de recuperação de influência e reorganização das formas de intervenção na sociedade. [20]

Segundo Huges Portelli, desde o final do Absolutismo, as transformações políticas e sociais ocorridas colocaram a Igreja sob uma perspectiva de ameaça. A consolidação do Estado liberal relegara a esta uma posição subalterna e "ameaçava o elo tradicional entre a instituição e as classes dirigentes, entre poder religioso e poder civil". Somado a isso, novas ideologias contrárias aos preceitos cristãos, entre as quais o socialismo, ganhavam espaço no movimento operário em expansão, e, através do questionamento de sua visão de mundo, passaram a ameaçar a "sua influência secular sobre o povo".[21]

Frente a este contexto de ameaça, através da publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, pelo papa Leão XIII em 1891, a Igreja esboçou sua "reação". Em primeiro lugar, voltando-se para os problemas sociais de sua época, reconhecendo o movimento operário como espaço de atuação e estabelecendo uma Doutrina Social Cristã como alternativa às ideologias

---

[19] BIGO, Pierre. *A doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1969, p. 535.
[20] SENA, Pe. Luiz Gonzaga de. A Juventude Universitária Católica: algumas reflexões sobre uma experiência de vida cristã I. In: *Revista Eclesial Brasileira*, n. 240, dez. 2000. Disponível em: <www.itf.org.br/index.php?pg=revistas4&revistaid=6&fasciculoid=54>. Acesso em: 05 nov. 2008.
[21] PORTELLI, Huges. *Os socialismos no discurso social católico*. São Paulo: Edições Populares, 1990, p. 19.

modernas.[22] E, em segundo lugar, convocando os leigos à participação no apostolado hierárquico, como meio de colocá-la em prática.

Em 1891, para a Igreja Católica, o problema social é o problema operário. Baixos salários, longas jornadas de trabalho, condições precárias de habitação, higiene e salubridade, instabilidade e exploração do trabalho infantil – conseqüências diretas do capitalismo liberal – às quais, até então, a Instituição respondia através da afirmação "do caráter natural das desigualdades" e da "aplicação das formas tradicionais de caridade", em que "os remédios são, antes de mais nada, de ordem moral e religiosa".[23] Enquanto o movimento operário formava-se e desenvolvia-se ao longo do século, em prol de reivindicações trabalhistas, a Igreja ainda tinha como foco principal a tentativa de reversão dos efeitos do final do Antigo regime em seu *status quo*. Ao longo do século XIX, as críticas empenhadas ao liberalismo por parte da Instituição limitaram-se apenas às dimensões religiosa e política, centradas diretamente na perda do poder temporal simbolizada na separação entre a Igreja e o Estado.

A partir da *Rerum Novarum*, essa postura em relação à classe e ao movimento operário apresentará mudanças. É o momento em que, deixando para trás a perspectiva de restauração de uma ordem que já não existe mais, a Igreja colocará em primeiro plano o combate ao socialismo. Durante o período em que a Instituição se manteve indiferente à "questão operária", priorizando manter/recuperar seu elo com as classes dominantes, a ideologia socialista encontrou no espaço operário um terreno fértil ao seu desenvolvimento. Por quase cinqüenta anos, o movimento socialista, "seja sindical, seja partidário" esteve à frente da organização do movimento operário no combate aos efeitos do capitalismo.[24]

Diferente do liberalismo que a condicionou aaum papel secundário na sociedade, o socialismo/comunismo questionava diretamente as razões de sua existência. Dessa perspectiva, a Igreja Católica o tornará o alvo principal de suas críticas e condenações. E, se é

[22] Idem, p. 19-20.
[23] Idem, p. 15.
[24] Idem, p 16.

no espaço operário que ele encontra o seu respaldo, é também a esse espaço que a Instituição se voltará, numa perspectiva de disputa e recuperação de influência. Para Portelli, o socialismo/comunismo é a causa imediata da doutrina social católica. "Esta se apresenta, na Rerum Novarum, como reação ao seu desenvolvimento e como alternativa ao seu projeto. Ameaçada pelo socialismo junto às classes populares, a Igreja responde desenvolvendo seu próprio discurso social".[25] As críticas ao liberalismo, no entanto, não deixam de existir. Porém, elas passam a ter foco em pontos determinados da ideologia liberal, cujas principais conseqüências, as desigualdades sociais, alimentariam o desenvolvimento da ideologia socialista.

> É significativo que os sucessivos papas se empenhem em relembrar a dupla crítica ao liberalismo e ao socialismo, mas também "o elo orgânico que os liga: o socialismo é herdeiro do liberalismo e com ele partilha os mais graves erros, especialmente no que se refere à independência do político e do social em relação ao religioso".[26]

A Doutrina Social da Igreja será estabelecida na perspectiva de cooperação entre as classes. Recusa-se totalmente a tese socialista "segundo a qual as forças do trabalho e as do capital são antagônicas e as classes operária e capitalista inimigas natas uma da outra. Uma e outra são estritamente complementares e destinadas a se equilibrarem".[27] Prevaleceria um tipo de justiça social, na qual, através de determinadas reformas, os problemas sociais seriam resolvidos. A propriedade privada deveria ser garantida como um direto natural ao homem, e ao Estado caberia o exercício de prover ao operário habitação, vestuário e as condições básicas para que este pudesse viver às custas de seu salário justo.[28] Em nenhum momento, a Doutrina católica faz referência à necessidade de uma transformação na ordem social vigente,

[25] Idem, p. 11.
[26] Idem, p. 11.
[27] Idem, p. 23.
[28] MORAES, Maria Blassiolli. *A ação social católica e a luta operária:* a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, p.21.

como propunha o socialismo/comunismo.

> A tarefa do homem na Terra seria espelhar a ordem divina ideal, tanto em sua alma como na sociedade. Assim, a predisposição seria valorizar a ordem e a harmonia social, acatar as estruturas e as instituições existentes, cujos eventuais problemas estariam nas falhas das pessoas que as compõem. Caberia, no máximo, reformar as consciências individuais para que uma ordem harmônica e justa imperasse no mundo, espelhada na vontade de Deus.[29]

É também nas linhas da *Rerum Novarum* que a condição dos leigos dentro do apostolado é colocada em pauta. Eles passam a ter um papel fundamental dentro da Doutrina social. A mobilização dos leigos para assumirem tarefas ligadas à igreja não apenas ampliava quantitativamente o alcance da Instituição, mas inseria a influência cristã diretamente nos locais de vida e trabalho desses militantes.[30] Principalmente, nos espaços, como o do movimento operário, em que a presença católica era vista com desconfiança, devido ao até então "silêncio" da Instituição sobre as questões sociais e mesmo sua tradicional "cumplicidade com a as classes dirigentes".[31]

É dentro desta perspectiva de recuperação da influência perdida que a ação organizada dos leigos em nome do catolicismo passou a ser incentivada e tutelada pela hierarquia. Os papas que sucederam o pontificado de Leão XIII mantiveram a questão em debate e atualização. E ao longo dos primeiros anos do século XX, diversas experiências de movimentos leigos, diferindo entre si em objetivos específicos, ganharam espaço primeiro nos países europeus e depois foram lançados ao mundo.[32] A Juventude Operária Católica, nos

---

[29] RIDENTI, Marcelo. Ação popular: Cristianismo e marxismo. In:____(Org.*). História do marxismo no Brasil.* v. 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 125.
[30] MURARO, Valmir F. *JOC:* uma utopia operária?. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983, p. 20.
[31] PORTELLI, op. cit., p. 16.
[32] SENA, op. cit. Disponível em: <www.itf.org.br/index.php?pg=revistas4&revistaid=6&fasciculoid=54>. Acesso em: 05 nov. 2008.

moldes que chegou ao Brasil na década de 1930, compunha as fileiras de um destes movimentos de apostolado leigo, a Ação Católica.

A Ação Católica propriamente dita, entendida como um movimento específico[33], é considerada uma criação do papa Pio XI (1922-1939), oficializada na Encíclica *Quadragesimo Anno*. Inicialmente, o movimento caracterizou-se pela organização segundo o sexo e a idade, estrutura que ficou conhecida como "modelo italiano", ou Ação Católica Geral (ACG). Posteriormente, com a incorporação da JOC, passou a organizar-se pelo "modelo belga", inspirando movimentos apostólicos ditos "especializados", ou Ação Católica Especializada (ACE).

> A denominação "Especializada" refere-se ao fato de essa modalidade de Ação Católica organizar-se segundo categorias sociais, orientando cada militante para viver sua missão dentro de seu meio social: os operários entre os operários, os rurais entre os rurais e os estudantes entre os estudantes.[34]

Como pudemos observar, a experiência jocista configura-se anterior ao estabelecimento da AC. Ela é considerada uma criação do padre belga Leon Joseph Cardijn, em meados de 1918, sendo incorporado pela Santa Sé no ano de 1925. Ainda assim, a organização do movimento esteve, desde o início, inserida no processo de reorganização da Igreja Católica, conforme já expusemos. Segundo Muraro, Cardjin fora motivado por duas constatações: as conseqüências econômicas da I Guerra Mundial e o avanço do comunismo.

> Dificuldades econômicas levavam muitas famílias belgas, naqueles dias, a colocar os filhos muito cedo no mercado de trabalho. Na fábrica as idéias marxistas eram então mais atraentes que as pregações católicas, onde o apostolado estava mais voltado para as elites econômicas. Estes fatos levavam os jovens a um desinteresse pela religião, pois não respondiam às suas necessidades. Diante desta situação surgiu a idéia de organizar um

[33] Até então, noção de "ação católica" correspondia ao sentido comum da expressão "ação de católicos".
[34] SENA, op. cit. Disponível em: <www.itf.org.br/index.php?pg=revistas4&revistaid=6&fasciculoid=54>. Acesso em: 05 nov. 2008. Ver também: KADT, Emanuel. *Católicos Radicais no Brasil*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003, p. 94.

> movimento religioso que pudesse reconquistar os jovens para o Catolicismo. [...] Os profundos e dramáticos problemas da juventude operária européia que apareceram após a I Grande Guerra Mundial levaram um humilde pároco belga, que antes de usar a batina tinha envergado o macacão de operário, a pensar seriamente na organização de um movimento que pudesse cauterizar as feridas da massa obreira do seu país, a qual poderia ser absorvida pelo Comunismo ateu, se não fossem contornadas as suas dificuldades.[35]

Inicialmente, as idéias do padre Cardjin encontraram significativa oposição, não apenas dos comunistas, que disputavam politicamente o espaço, mas também do clero belga, dos patrões e os próprios trabalhadores. A estes últimos "o passado da Igreja mostrava que era uma instituição atrelada aos empresários, por isso, a batina não penetra nas fábricas onde a Igreja, juntamente com os patrões é surdamente hostilizada". Ao clero e aos patrões a iniciativa de Cardjin era vista com desconfiança visto à natureza do movimento que propunha.

> Os jovens operários deveriam ser conscientizados de que somente sua ação poderia resolver seus problemas. Condenava toda forma de paternalismo. Seria inútil um movimento paternalista ou puramente assistencial. O apoio da Igreja seria importante como forma de organização. Contudo, toda a ação deveria ser sugerida e realizada pelos trabalhadores.[36]

No entanto, verificado o sucesso da experiência, em 1923, a JOC receberia o apoio oficial do papa Pio XI sendo, dois anos mais tarde, incorporada à Ação Católica. A partir dessa incorporação, os movimentos de apostolado leigo passaram à categoria de "especializados" em meios específicos de atuação. E adotaram o método "ver, julgar e agir", utilizado pela JOC. Segundo o professor Valmir Muraro, o método consistia em:

> 1) VER – "*Tratava-se de uma forma de conhecer o ambiente e as causas dos problemas locais, uma espécie de mergulho nas situações vividas*"; 2) JULGAR – "*realizar um estudo dos acontecimentos à luz da Doutrina Católica*" e; AGIR – "*Levantadas as dificuldades e suas causas, partia-se para a ação [...] O agir era colocado como um*

[35] MURARO, op. cit., p. 19-21.
[36] Idem, p. 20.

> *compromisso [...] Tentava-se fugir dos perigos de organizar um movimento apenas teórico.*"[37].

Ou seja, o emprego do método direcionava os militantes aos seus problemas diretos, cotidianos e, conseqüentemente, às atividades concretas em prol destes e, ainda, propiciava a formação de lideranças locais. Nas palavras do autor, "a liderança deveria brotar dentro [...] e não ser introduzida de fora".[38] O método, "mais que uma técnica educativa, um instrumento que servia para organizar reuniões e descobrir as exigências evangélicas diante das situações mais diversas enfrentadas pelos jovens operários".[39]

1.2 O CONTEXTO DA JOC NO BRASIL

No Brasil, a Ação Católica foi fundada no Rio de Janeiro, em 1923, e organizada em âmbito nacional, conforme o modelo italiano, a partir de 1935, data de sua oficialização[40]. Segundo Jessie Jane de Souza, compunha um dos resultados do processo de "romanização" pelo qual passou a Igreja brasileira a partir da instituição do Estado Laico. Com a proclamação da República e a conseqüente separação entre a Igreja e o Estado, teria havido uma maior aproximação do núcleo clerical do Brasil com a Cúria Romana, na tentativa de suprir o espaço anteriormente ocupado pelo governo imperial dentro da Instituição. Segundo a pesquisadora,

> a necessidade dessa transformação se torna mais evidente a partir da proclamação da República e da promulgação da constituição de 1891, pois nesse momento, ocorre a criação do Estado laico. Desde os tempos coloniais e imperiais, a dependência da igreja em relação ao estado era maior do que

[37] Idem, p. 10-38. Ver também: BIRCK, Afonso José. *Um mundo a construir*: o apostolado dos leigos no pensamento de Joseph Cardjin. 2. ed. São Paulo, Ed. Loyola, 1975.
[38] Idem, p. 25.
[39] MURARO, Valmir Francisco. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 27.
[40] RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982, p. 145.

> em relação ao papado, na medida em que os padres e religiosos eram praticamente funcionários públicos.[41]

Dessa forma, a nova situação política exigiu da Igreja em primeiro lugar uma reorganização da estrutura clerical, criação de novas dioceses, nomeação de bispos, reforma de seminários e congregações. Ou seja, medidas de reestruturação interna, principalmente no que concerne à produção de um discurso doutrinário em prol de sua legitimação na sociedade. Segundo Cláudia Afonso, o processo de romanização da Igreja "provocou uma centralização e fez com que ela se reinventasse a si mesma, datando-se de um poder simbólico vigoroso, criando uma neo-cristandade que a colocou com intermediária entre a sociedade e o Estado".[42] Durante este período, a participação dos leigos nos mecanismos de influência da instituição era pequena. Segundo José Comblin, em sua análise acerca do histórico do catolicismo no Brasil, isso se deve em parte porque nos primeiros anos do século XX, os problemas mais importantes do catolicismo no país, o espiritismo, o comunismo, a maçonaria, os protestantes, "não representavam uma ameaça significativa para a Igreja do Brasil [...].[43]

Segundo Muraro, os acontecimentos políticos e sociais da década de 1920, o movimento Modernista, o Tenentismo e o desenvolvimento do Partido Comunista, mudariam este quadro. Inicia-se um segundo período de reestruturação na Instituição em prol de uma reaproximação com o Estado e "indispensável mudança" das técnicas de apostolado.[44] Nesse momento, a partir da influência de D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo do Rio de Janeiro, e de sua análise a respeito da situação do catolicismo no país, é que se organizam os primeiros grupos leigos "suficientemente forte para exercer pressão política e colocar a Igreja

---

[41] SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários:* a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002, p. 110.
[42] AFFONSO, Cláudia. Entre o tempo e a eternidade: a experiência social católica nos anos 20 e 30 no Brasil. In: *Que história é essa?*, p. 51-67.
[43] COMBLIN, J. Situação histórica do catolicismo no Brasil. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 26, set. 1966, p. 584.
[44] MURARO, op. cit., p. 51.

em lugar de destaque".[45] Na perspectiva de D. Leme, havia um paradoxo na situação de um país tradicionalmente católico, onde a maioria da população era cristã e a influência social da Igreja praticamente inexistia.

> Somos a maioria absoluta da nação. Direitos inconcussos nos assistem em relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados é dever inalienável. E não o temos cumprido. Na verdade, católicos não são os princípios e os órgãos de nossa vida política. Não é católica lei que nos rege [...] Quer dizer: somos maioria que não cumpre seus deveres sociais. Obliterados em nossas consciências, os deveres religiosos e sociais, chegamos ao absurdo máximo de formarmos uma grande maioria nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte. Somos, pois, uma maioria ineficiente.[46]

Destacam-se, nessa perspectiva, a fundação do Centro D. Vital (1922) e da Revista *A Ordem* (1921), ambos centrados no objetivo de "aumentar a influência da Igreja" e inspirados na organização dos intelectuais católicos como forma de influenciar outros leigos e aproximá-los da Igreja.[47] A trajetória do Centro D. Vital estendeu-se até a década de 1970 e ficou marcada pelo conflito de idéias entre seus dois principais líderes, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso de Lima. Segundo Luiz Vianna, enquanto o primeiro encarregou-se de travar uma frente de luta político-ideológica contra as tendências modernizantes e de esquerda que ganhavam espaço no país através dos acontecimentos de 1922, Alceu criava as bases de um catolicismo aberto ao diálogo, principalmente com os leigos.[48]

> [...] O Centro D. Vital, com o objetivo de estimular a vivência do Catolicismo e diminuir a ignorância religiosa da população [...]. Pretendiam estimular a participação dos leigos católicos nos mais diversos setores da sociedade através da recatolização da nossa intelectualidade. [...] "A Ordem", nessa luta, pretendia ser útil, grande e capaz de pensar no conjunto da ação católica do nosso país. [49]

---

[45] LEME. D. Sebastião. Carta pastoral a Olinda. CEDIC (sem numeração).
[46] Idem, s/p.
[47] MURARO, op. cit., p. 51.
[48] VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 155-172.
[49] HISTÓRIA do Centro D. Vital. CEDIC.

Também a fundação da LEC (Liga Eleitoral Católica), em 1932, com o objetivo de mobilizar o eleitorado católico em prol dos candidatos que se comprometessem com a defesa de um programa apresentado pelos membros do clero[50], e a organização dos Círculos Operários, ao final da década de 1930, objetivando a aproximação entre o apostolado leigo e o mundo operário[51], constituem parte desse processo de recuperação de influência.

Diferente da LEC, ativada apenas periodicamente e desativada após as eleições, os Círculos Operários tiveram uma trajetória significativa no país. Segundo Jesse Jane de Souza, o "circulismo foi uma experiência-piloto" da Igreja Católica no meio operário. Diretamente ligado à Instituição e marcado por um caráter "assistencialista, paternalista e conciliatório", pretendia remediar as condições de pobreza em que viviam os trabalhadores, ao mesmo tempo em que desqualificava qualquer possibilidade de mudança social pela via da ruptura, deslocando todas as questões do mundo do trabalho para a esfera da cooperação. [52] Ao longo de sua trajetória, a JOC terá momentos de aproximação e confronto com os Círculos Operários.

Ao lado da organização dos Círculos, oficializava-se no país, sob os preceitos da *Rerun Novarun*, a Ação Católica Brasileira (ACB), ainda estruturada sob o modelo italiano, mas já comportando em seus estatutos, a partir de 1938, as subdivisões especializadas, JOC, JUC, JEC (Juventude Estudantil Católica), voltada aos estudantes secundaristas, JAC (Juventude Agrária Católica), aos jovens do meio rural e a JIC (Juventude Independente Católica), concentrando aqueles que não se encaixavam nos demais grupos.

Consideramos importante, neste momento, ressaltar a visão da Igreja Católica neste período, no que concerne aos movimentos de massa, visto que a Ação Católica Brasileira

---

[50] KADT, op. cit., p. 85.
[51] MAINWARING, Scott. *Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985*). São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 48.
[52] SOUZA, Jessie Jane. *Os círculos operários e a intervenção da Igreja católica no mundo do trabalho no Brasil*: uma discussão historiográfica. In: < www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/jessie_jane_circulos.pdf,>. Acesso em: 05 nov. 2008.

pretendia este caráter. Elias Canetti afirma que a hierarquia eclesiástica sempre manifestou reação aos movimentos dessa origem.

> A antiga desconfiança em relação à massa nunca mais abandonou o catolicismo, já a partir, talvez, dos primeiros momentos heréticos dos montanistas, que com resoluta falta de respeito, se voltaram contra os bispos. A periculosidade das súbitas erupções, a facilidade com que elas avançam, sua rapidez e imprevisibilidade, mas, acima de tudo, a supressão das distâncias, entre as quais há de se incluir em especial medida as distâncias da hierarquia eclesiástica. [53]

Segundo Andréa Alves, a Igreja, em sua natureza sempre atuou, com o objetivo da ordem e da organização. "Toda a sua estrutura encontra esteio em sua foram organizada, pré-definida, na qual a hierarquia preza por sua supremacia, afastando qualquer possibilidade que a abale"[54]. No entendimento da Igreja, a massa tem um potencial desestruturador, desorganizador. Vindo daí, a característica de seus ritos, conduzidos de forma "tranqüila, solitária e apartada"[55].

> O fiel permanece unido à Igreja sem se dar conta dos outros, sem necessitar de sua cumplicidade, não existindo um corpo único e envolvente; para seu êxito, ele precisa apenas do clero, que lhe propicia uma vida satisfatória. Dessa forma, a Igreja garante o domínio sobre os fiéis, mantendo a ordem por meio de práticas que restauram continuamente esta significância.[56]

Alves acrescenta, no entanto, que essa postura muda "espetacularmente" nas situações de perigo. "Nesses momentos, elas dispõem de suas organizações (mosteiros, ordens, associações) para fomentar as massas contra o inimigo eminente". De acordo com Canetti,

> há épocas nas quais inimigos externos a ameaçam, ou nas quais a apostasia propaga-se tão rapidamente que só se pode combatê-la com os meios oferecidos pela própria epidemia. Em épocas assim, a Igreja vê-se obrigada a contrapor massas próprias às inimigas. Os monges transformam-se então em

[53] CANETTI, Elias. Massa e poder. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 154.
[54] ALVES, Andréia M. de Queiroz. *Pintando uma imagem de Nossa Senhora Aparecida 1931*: Igreja e Estado na construção de um símbolo nacional. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005, p. 63.
[55] Idem. p. 63.
[56] Idem, p. 63.

> agitadores a atravessar o país pregando e convocando os homens a uma atividade que, em geral, preferem evitar. [57]

1.3 OS PRIMEIROS ANOS DA JOC NO BRASIL

Segundo Muraro, a partir de 1935 já é possível identificar no país experiências isoladas de implantação da JOC. No entanto, somente a partir de seu enquadramento nos estatutos da Ação Católica Brasileira (ACB), em 1938, que o movimento iniciará uma trajetória em âmbito nacional.

> Tendo surgido dúvidas sobre a interpretação a ser dada à notícia sobre a JOC publicada no 1.º número do Boletim Oficial da Ação Católica Brasileira (páginas 19 e 22), a Junta Nacional, em sua sessão semanal de 4 de outubro de 1938, tomou conhecimento do assunto e considerando que: nos termos do art. 6º dos Estatutos da Ação Católica Brasileira constituiu a JOC uma seção da Juventude Católica, em seus respectivos ramos masculino e feminino. [58]

Neste período, o movimento jocista esteve restrito aos estados mais industrializados do país, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, sendo centralizado e coordenado por um Secretariado Nacional, também responsável pela divulgação e manutenção da homogeneidade dos programas jocistas. Os núcleos sobreviviam pelo esforço pessoal de alguns sacerdotes ou bispos preocupados com o operariado.

> Nesta fase, o sacerdote era ao mesmo tempo, assistente, presidente, secretário, etc., desempenhava as funções que, dentro da organização jocista, cabiam aos próprios leigos operários. Reflexões, retiros e recreação marcaram este período. De prático pouco foi realizado. [59]

---

[57] CANETTI, op. cit., p. 156.
[58] AÇÃO católica. Órgão oficial da Ação Católica Brasileira. Rio de Janeiro: CEDIC, n. 1, set. 1938, p. 4.
[59] MURARO, op. cit., p. 65.

Apesar do trabalho do Secretariado Nacional, a JOC somente ganhou proporções e respaldo nacionais a partir de sua oficialização em 1948, durante a Primeira Semana Nacional da JOC, realizada em São Paulo (5 a 10 de outubro). [60] Na referida ocasião, recebeu estatutos próprios, transformando-se num setor autônomo dentro da ACB e teve sua estrutura interna reorganizada em prol de uma maior inserção em seu meio de atuação.[61] A partir desta data, a JOC brasileira atuaria organizada nos moldes da JOC Internacional. Com as mudanças realizadas, em menos de oito anos a JOC brasileira espalhou seções por todos os estados da Federação.

No que se refere à oficialização da JOC no Brasil, ainda nos restam dúvidas a respeito de suas razões. Na realidade, todos os setores especializados da ACB foram oficializados entre os anos de 1948 e 1950. Por que uma espera de dez anos? Segundo o Pe Sena, isso se deve em parte pelo fato de que no momento de seu nascimento, a JOC encontrou no Brasil um contexto muito diferente do que havia na Europa no início do século XX. Segundo o pesquisador,

> no fim da primeira metade do século, a posição da Igreja brasileira era bastante "confortável": prestígio nacional, abundância de instituições católicas, domínio da educação secundária, existência de universidades católicas [...] boas relações entre Igreja e Estado, relações não institucionalizadas, porém interessantes para ambas as partes.[62]

Na mesma direção, Pablo Richard nos apresenta vários indícios dessas boas relações através da Constituição brasileira de 1934: o Estado podia apoiar financeiramente a Igreja "no interesse da maioria"; os religiosos tinham direito a voto; a situação jurídica das congregações religiosas melhorou; admitiu-se capelanias militares; o casamento religioso era equivalente ao casamento civil; o divórcio era proibido; "e – o que é mais importante – o Estado pode

[60] Idem, p. 10.
[61] Idem, p. 65.
[62] SENA, op. cit.

financiar as escolas católicas e a Igreja pode dar cursos de religião integrados aos programas de estudo nas escolas públicas".[63]

Muraro esclarece que, até o final da década de 1940, a Igreja "não via a necessidade de um movimento de leigos forte e amplo" voltado ao meio operário.[64] Ou seja, a Igreja brasileira não era uma instituição sob ameaça. No entanto, a partir de 1945, este contexto mudaria. Terminada a Segunda Guerra mundial, a bipolarização do mundo colocara em evidência o sucesso do regime comunista na URSS. E, segundo Vizentini,

> em toda a parte, o Partido Socialista, ou os partidos socialistas, quando divididos, estavam associados ao poder. Na Grã-Bretanha, os socialistas detêm maioria absoluta. E, a França e a Itália viam o fortalecimento de seus Partidos Comunistas".[65]

Como já pudemos colocar, a oposição ao socialismo/comunismo consolida-se como uma das principais linhas da Doutrina Social Católica. E o discurso anti-comunista esteve presente não apenas na *Rerum Novarum*, mas também nas Encíclicas que a sucederam, a *Quadragésimo Anno*, de 1931 e a *Divini Redemptoris*, de 1937, ambas do papa Pio XI. Conseqüentemente, a expansão do "perigo vermelho" não era vista com bons olhos pela Igreja brasileira, que, por sua vez, não estava alheia à nova ordem mundial.

Conjuntamente, em 1945, a Igreja brasileira assiste à legalização do Partido Comunista no país[66] e o avanço dos processos de industrialização e urbanização. Segundo Alceu Kaspari, "a nova dinâmica da sociedade, ao mesmo tempo em que gerava modernização, modificações sociais e culturais, provocava também uma situação de consternação no interior da Igreja Católica".[67] O processo de modernização que ganhava o

---

[63] RICHARD, op. cit., p. 142.
[64] MURARO, op. cit., p. 9.
[65] VIZENTINI, Paulo Fagundes. *História do Século XX*. 2. ed. Porto Alegre: novo século, 2000, p. 136-138.
[66] SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: de Getúlio Vargas à Castelo Branco (1930-1964). 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 87.
[67] KASPARI, Alceu. *O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960-1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002, p. 30.

país, além de produzir mudanças estruturais na esfera econômica e produtiva, com a construção de novas estradas, e assim facilitar a dinâmica de circulação de mercadorias, abria, também, caminhos para a circulação e penetração de novos valores, tanto na esfera religiosa como na esfera laica.

> Assim, os grandes centros urbanos não juntavam apenas pessoas, aproximavam também idéias diferentes, proporcionavam a geração de trocas culturais, formavam opiniões, produziam conflitos e despertavam para a crítica, cultivando novas consciências. Para a Igreja, os centros urbanos eram mercados conturbados e difíceis para competir. Nas cidades espalhavam-se com grande facilidade as doutrinas contrárias à religião católica, além disso, as cidades representavam um terreno fértil para a difusão dos princípios socialistas.[68]

Na interpretação de Alceu Kaspari, a perspectiva da expansão da influência comunista no Brasil em níveis na qual esta pudesse proferir uma "revolução" que alteraria a ordem social brasileira, colocava a Igreja Católica em um estado de "pânico".[69]Como já pudemos expor, ainda que não poupasse o sistema capitalista de críticas, a Instituição não era favorável a mudanças na ordem social estabelecida.

> A sociedade capitalista, apesar de apresentar algumas injustiças, segundo a Igreja, era perfeitamente compatível com o cristianismo, pois um capitalista "justo" podia ser um bom cristão, enquanto que um comunista jamais poderia ser cristão. Segundo a Igreja, existia uma distância muito grande entre ser comunista e capitalista: o primeiro era intrinsecamente mau e diabólico, enquanto o segundo apresentava apenas alguns pecados, porém, corrigíveis.[70]

Ainda a respeito da relação da igreja brasileira com o comunismo, acreditamos importante destacar a interpretação realizada por Scott Maiwaring no livro *Igreja Católica e política no Brasil*. Em sua análise, o autor reitera a postura anticomunista da Instituição e também classifica a expansão do comunismo como uma das maiores preocupações da Igreja

[68] Idem, p. 38.
[69] Idem, p. 54-55.
[70] Idem, p. 65.

entre os anos de 1930 e 1964. Segundo ele, o sucesso do PC após 1945 instigava uma crescente preocupação. “A expansão do comunismo era vista como um sinal de decadência da cultura católica e dos valores tradicionais. Ela também indicava a necessidade de a Igreja se implantar mais firmemente na sociedade”.

No entanto, para Maiwaring, seria equivocado pensar a Doutrina Social como uma resposta única e homogênea da igreja brasileira frente à crescente ameaça da esquerda comunista no país. Segundo o autor, a Igreja respondeu à esquerda comunista de diversas maneiras.

> Os tradicionalistas que se sentiam mais ameaçados pela esquerda eram os que apoiavam com menos entusiasmo a doutrina social da Igreja. Sua solução era reprimir a esquerda e evitar mudanças sociais. De modo inverso, o clero mais favorável e em relação à doutrina social da Igreja era menos hostil aos comunistas. Para eles, era preciso uma resposta à esquerda, não porque fossem implacáveis anticomunistas, mas, sim, porque concordavam com a percepção da esquerda de que havia necessidade de uma mudança social. [71]

A análise de Maiwaring é particularmente interessante para a compreensão de que a Igreja católica brasileira não era uma instituição homogênea. É possível verificar um discurso e uma postura tomados como oficiais. No entanto, torna-se limitadora uma análise que os considere como a expressão do todo. No contexto da década de 50, Maiwaring aponta três grandes tendências agindo no interior da Igreja. E, entre elas, a aceitação e, principalmente, a aplicação dos preceitos da Doutrina Social tinham divergências pontuais.[72] Todavia, se no início da década de 1950 essas divergências não tinham uma expressão significativa e clara na intervenção da Igreja brasileira na sociedade de uma foram geral, percebê-las torna-se um ponto essencial para o entendimento dos rumos da Ação Católica e, portanto, da JOC a partir da década de 1960.

---

[71] MAIWARING, op. cit., p. 56.
[72] Idem, p. 56-57.

Retomando a discussão acerca do momento de oficialização da JOC no Brasil, segundo Carla Rodeghero, no contexto pós Estado Novo, a Igreja percebia que perdia fiéis para outras religiões mais próximas da realidade da população como o protestantismo, ou para outras doutrinas como o marxismo ateu.[73] A oficialização dos setores especializados da ACB seria uma nova investida da Igreja em prol da manutenção de sua influência na sociedade. Segundo Richard, essa atitude teria sido "fundamental" pois permitiu à Igreja uma participação mais profunda e mais ativa na vida nacional. "Antes ela defendia seus interesses apoiando-se essencialmente no Estado, agora ela o faz apoiando-se nos seus militantes cristãos de base".[74]

Encontramos essa interpretação, referente a uma igreja que entra em ameaça a partir de 1945, também em duas das entrevistas que realizamos. Questionado sobre o assunto, o Padre Elli Benincá explica:

> quanto à questão existente por trás da oficialização da JOC, não tenho condições de esclarecer totalmente. Mas pressuponho que esteja relacionado diretamente com as questões políticas do período. A JOC foi oficializada em 1948, pouco depois da queda do presidente Getúlio Vargas. Até então a Ação Católica como um todo não tinha um peso, uma mística, um espírito de luta como teria após 1945. [75]

Já Nereu do Vale Pereira expressa essa questão em seu depoimento tendo como foco a ameaça comunista do contexto pós-segunda guerra.

> Bom, entre os anos de 1939 e 1945 e no período pós-guerra, o mundo estava dividido ente o poderio norte-americano e o comando comunista da União Soviética. Uma polaridade política, por assim dizer. [...] Todo material teórico da JOC que chegava até a gente, na perspectiva de aprendizado e reflexão, tinha como pano de fundo esse contexto de preocupação. E o objetivo era que a JOC, como movimento, pudesse cativar e manter na igreja os operários e trabalhadores para que não fossem influenciados nem pelo

[73] RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, dez. 2002, p. 463-488.
[74] RICHARD, op. cit., p. 147.
[75] BENINCÁ, Elli (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, abr. 2007, p. 1-2.

> comunismo, nem pelo capitalismo. Ela estaria se colocando como uma terceira força.[76]

Não discordamos dessa perspectiva de "ameaça". No entanto acreditamos que a ela somam-se outros fatores. Afinal, não soaria contraditória a afirmação de que até a década de 1940 a Igreja não via a necessidade de um movimento leigo amplo e forte no meio operário, se, como vimos, os Círculos Operários já estavam em atividade desde o final da década de 1930? Também, o fato de que se a ACB fora oficializada em 1935, dentro de uma perspectiva de recuperação de influência, seria a posição da Igreja assim tão confortável?

Acreditamos que, em grande parte, a oficialização da JOC em 1948 deveu-se também a dificuldades operacionais. Segundo Muraro, até a presente data, não havia "sacerdotes exclusivamente ocupados com a JOC e leigos preparados para impulsionar as seções jocistas"; [77] e, mesmo, a "falta de interesse" por apostolados do tipo jocista levaram em conta questões de ordem interna da hierarquia. Como vimos, segundo o ideal do Pe. Cardjin, o movimento jocista propiciava uma certa autonomia por parte dos leigos em relação à hierarquia , diferente da LEC, ou mesmo dos Círculos Operários que expressavam um caráter mais paternalista.

1.4 A TRAJETÓRIA DA JOC NO BRASIL: 1948 a 1970

A partir de sua oficialização, em 1948, a Juventude Operária Católica ganhou proporções nacionais e iniciou uma trajetória de pouco mais de vinte anos caracterizada principalmente pelas transformações do movimento frente a seus objetivos e função dentro do conjunto da Igreja católica. Estas transformações estiveram ligadas diretamente tanto à

[76] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 2-3.
[77] MURARO, op. cit., p. 65.

trajetória da própria igreja, no que concerne à sua visão política, quanto ao contexto político da sociedade brasileira.[78]

No que concerne à análise dessa trajetória jocista no país, o trabalho de Valmir Muraro, "*A JOC*: uma utopia operária?", posteriormente publicado em versão reduzida pela editora Brasiliense, constitui-se uma referência obrigatória. A partir da análise de documentos produzidos pelo movimento, o autor sistematiza a história da JOC brasileira em três fases: Fase de divulgação e recrutamento (1948-1958), fase missionária (1959-1964) e fase de ruptura com o Estado e desarticulação (1965-1970). Essa sistematização permanece referência metodológica para entendimento da trajetória jocista na maioria dos trabalhos acadêmicos posteriores que enfocam o movimento.

O presente trabalho também faz a opção por essa sistematização a partir de uma perspectiva metodológica. No entanto, considera também um segundo fator. Analisando algumas publicações posteriores ao encerramento das atividades da JOC no Brasil, escritas ou organizadas por ex-militantes e ex-dirigentes jocistas, percebe-se que é esta a trajetória aceita e reivindicada pela memória que o movimento procura construir de si mesmo.[79]

1.4.1 1948-1958: fase de divulgação e recrutamento

> Nesta primeira fase predominou mais no movimento a nota juvenil e educativa. Uma volta maior para o trabalhador. Preocupação com a educação do senso de responsabilidade, da vontade, da inteligência, vocação, sentido da família, de namoro, noivado, casamento, lazer, cultura, etc. Preocupação constante com o casamento e engajamento na família atual. Houve inúmeros fatos de transformações de vida e de ambientes de família [...].[80]

[78] MAINWARING, Scott. A JOC e o surgimento da Igreja nas bases (1958-1970*)*. In: *Revista Eclesiástica de Base*, Petrópolis: Vozes, mar. 1983, p. 39. Ver também: MURARO, Valmir F. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Tudo é História, n. 97), p. 43.

[79] As publicações a qual fazemos referência são: Uma história de desafios: JOC no Brasil – 1935/1985; Vida Jocista: testemunhos, v. I e II e; Processo pedagógico gerador de uma consciência crítica: uma história de vida. A referência completa está na bibliografia.

[80] Fases do Movimento, 1963. Textos de Formação (1948-1965). In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 22.

> [...] A primeira fase da JOC se caracterizou por muito triunfalismo, a preocupação de jovens em estender o movimento. A opção de dar profundidade ao movimento, de dar raízes, veio um pouco depois. No início a JOC estava ligada às paróquias, à Igreja no seu lado sacramental, nas suas celebrações. Nessa época não havia uma JOC com muito conteúdo político. Havia um movimento de Igreja. O pessoal rezava, lia um texto do Evangelho e fazia uma reflexão. Discutia-se muito sobre os problemas pessoais e de família. A gente fazia uma assembléia festiva, programava passeios.[81]

A Juventude Operária Católica iniciava em 1948 um período de dez anos, classificado como "fase de divulgação e recrutamento (1948-1958)". Segundo Muraro, "houve um grande esforço dos militantes jocistas em tornar a JOC conhecida em todo o país", em prol da efetivação da proposta fundamental da jocismo: "salvação da classe trabalhadora". [82] Nessa fase inicial de atividades, a JOC caracterizou-se mais como um movimento religioso do que como uma organização de trabalhadores. Os sacerdotes configuravam-se os principais recrutadores e dirigentes. Predominavam os cuidados com os aspectos juvenis e educativos, tais como o senso de responsabilidade através da formação da vontade e da inteligência. "Com isso, despertava-se nos jovens, além da vocação cristã, a importância da família, do lazer, da cultura e preparação para o casamento." [83] No que concerne à questão do trabalho, eram pregados os princípios de disciplina, pontualidade e consciência da importância do "trabalhar".

Da mesma forma que o movimento internacional e a Igreja brasileira, a JOC no Brasil tinha, neste período, um caráter anticomunista, e procurava colocar-se como alternativa no meio operário. Em oposição à "luta de classes", pregava a conciliação. Evidenciava-se claramente o caráter reformista do movimento. "As publicações da JOC enfatizavam a importância de ser um bom trabalhador e obedecer ao empregador. Acreditavam na harmonia

[81] Evolução do movimento, 1964. Textos sobre a história do movimento jocista (1948-1957). In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 22.
[82] MURARO, op. cit., p. 67.
[83] Idem, p. 68.

de interesses entre empregadores e empregados".[84] Uma postura que segundo Roberto Fabian fazia da JOC um movimento visto "com bons olhos" pelos patrões.[85]

No entanto, segundo Maiwaring, ainda que essa fase da trajetória jocista tenha destacado o aspecto religioso, o movimento já apresentava indícios de uma aproximação mais direta no campo das lutas operárias. É nesse período, por exemplo, que a JOC passa a incentivar que os jovens trabalhadores, a começar pelos próprios jocistas, tivessem uma participação ativa nos sindicatos. Além disso,

> a JOC publicou em 1954 uma análise de 18 páginas sobre a "problemática da classe operária e uma análise de 41 páginas sobre a situação dos jovens trabalhadores no Nordeste do Brasil. Ambos os documentos discutiam salários baixos, exploração no trabalho, desemprego e problemas de habitação, já indicando algumas consciências da necessidades de se encontrarem soluções políticas de preferência a morais.[86]

Tendo como base o levantamento bibliográfico realizado, foi-nos possível perceber que essa primeira etapa da trajetória da JOC é tratada unicamente de modo comparativo. Nestes trabalhos, prioriza-se o período de "radicalização" do movimento (1965-1970). De forma direta, com em Fabian e Mendes, ou mesmo indireta como em Muraro, Moraes, Martins e Mainwaring. Talvez, no que concerne a conflitos, contradições e impacto na sociedade, a fase dita "de ruptura" seja a mais rica para a análise do pesquisador. E mesmo, a de maior possibilidade no que se refere às fontes orais. No entanto, acreditamos que tenha se estabelecido um juízo de valor, intencional ou não, da trajetória jocista, sendo a primeira fase caracterizada como "religiosa" e mesmo "conservadora", locada a segundo plano em relação ao período "político" e de "esquerda".

---

[84] MAIWARING, op. cit., p. 39.
[85] FABIAN, Roberto. *JOC:* da submissão à contestação. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988, p. 33.
[86] MAINWARING, op. cit., p. 38.

Não propomos aqui uma inversão desse valor. Mas consideramos que a primeira fase da trajetória jocista apresenta-se ainda carente de análises e de aprofundamento, visto ser o período em que a estrutura do movimento, mantida integralmente[87] até a desarticulação, é montada, sendo esta, não apenas uma transferência do modelo internacional, mas dotada de estruturas específicas à experiência brasileira. Também, é neste período que se estabelecem os laços religiosos da JOC com a Igreja brasileira.

1.4.2 1959-1964: fase de "esperança" ou missionária

> [...] a JOC parte para toda uma outra busca de retomar sua origem, de dar força ao ser caráter operário. Numa primeira etapa trabalhava muito em cima do caráter de juventude. Numa segunda etapa ela trabalhou muito em cima do caráter operário. Ela começou a procurar o seu conteúdo, a sentir as lutas dos operários. Já começou a falar em associações. Ela começou a abrir.[88]

Ainda que desde 1950 o movimento jocista manifestasse interesse periférico pela luta da classe trabalhadora, é nessa segunda fase que a JOC "alcançara fábricas, sindicatos, bairros, oficinas e clubes".[89] Deixava os limites dos núcleos paroquiais para ingressar em discussões diretas a respeito dos problemas da classe trabalhadora, como "segurança na fábrica, horas de trabalho, tempo suficiente para comer e salários". A JOC passa a trabalhar na perspectiva de formar os jovens trabalhadores, não apenas para serem bons pais e mães, mas também líderes autênticos das organizações operárias."[90]

> Este curto período de seis anos teve grande influência sobre o espírito e a ação da JOC. O movimento estava voltado para uma participação maior na busca de respostas e soluções para os problemas sociais que se agravavam.[91]

---

[87] A exceção da união da JOC e da JOCf em 1966.
[88] MAINWARING, op. cit., p. 43.
[89] MURARO, op. cit., p. 69.
[90] MAIWARING, op. cit., p. 39.
[91] SOARES, Odette de Azevedo. *Uma história de desafios: 1935/1985*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2002, p. 142.

Essa nova perspectiva da JOC pode ser percebida também através das resoluções e conclusões de seus Encontros e Congressos nacionais. Muraro destaca especificamente três deles, todos realizados no ano de 1961: o II Congresso Mundial da JOC, o I Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores e o Congresso de Jovens Operárias Domésticas.[92] Esses eventos "debateram profundamente" a participação dos jocistas em organizações operárias, sindicais, associações de bairro e movimentos populares, bem como questões salariais, reivindicações, educação, e desenvolvimento social. No caso das empregadas domésticas, somaram-se debates acerca dos abusos sexuais e a dependência total aos patrões.[93]

Consideravelmente, permanece a preocupação com a expansão e estrutura do movimento. A JOC passa a coordenar mais eficazmente sua própria atuação e procura fortalecer a coordenação nacional. A formação de dirigentes é colocada em ênfase e a figura do militante permanente, ou liberado, destacado para dedicação exclusiva ao movimento, sendo inclusive auxiliado financeiramente, passa a ter um papel essencial na divulgação e desenvolvimento do jocismo.[94]

Como já expusemos, essas transformações verificadas no movimento jocista não ocorrem desligadas do contexto no qual ela se insere. Pelo contrário, estão diretamente ligadas ao processo de politização que a sociedade brasileira sofreu nos últimos anos da década de 1950. A partir do momento em que a JOC se insere diretamente nos espaços reivindicatórios do movimento operário brasileiro, objetivando disputá-lo ou influenciá-lo em prol da perspectiva católica, ela também passa a ser influenciada por esse meio. [95]

Dessa forma, a JOC não ficou isenta à crescente mobilização política de trabalhadores urbanos e rurais durante os anos liberais do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960),[96] também, não estive alheia às conseqüências econômicas da política desenvolvimentista.

[92] MURARO, op. cit., p. 69.
[93] SOARES, op. cit., p. 153-161.
[94] Fases da JOC, op. cit., CEDIC, rolo 22. Ver também: SOARES, op. cit., p. 167.
[95] MURARO, op. cit., p. 192-195.
[96] RIDENTI, op. cit., p. 215.

Segundo Michel Lowi, "a velocidade e a profundidade do desenvolvimento capitalista desde a década de 50 foi muito maior no Brasil do que em outros países latino-americanos".[97]

> A intensidade vertiginosa da urbanização e da industrialização e a rapidez e brutalidade da expansão capitalista nas áreas rurais provocaram tal agravamento das contradições sociais – como a crescente desigualdade, a expulsão da população rural da terra, a concentração maciça de moradores pobres nas periferias urbanas – que contribuíram certamente para a expansão do cristianismo da libertação como uma resposta radical à "modernização" desse modelo desastroso de capitalismo.[98]

Essa geração assistiu ainda a variadas organizações populares ganharem espaço no cenário político brasileiro e aproximarem suas posições da esquerda radical durante o período do governo João Goulart. Entre eles, grupos operários como o Comando Geral de Greve, o Pacto Sindical de Unidade na Luta (PUA, que era um grupo de São Paulo) e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Também estavam em expansão as Ligas Camponesas e a Frente Parlamentar Nacionalista – FPN – um pacto interpartidário entre parlamentares esquerdistas. E o Partido Comunista Brasileiro trabalhava para forçar um governo mais "nacionalista e democrático", dentro da estrutura existente.[99]

O período do Governo João Goulart, desde a campanha organizada em prol da legalidade, em 1961, é considerado um momento extremamente significativo da história política e social brasileira. Segundo Caio Navarro Toledo, é nele que se condensam alguns dos impasses e dos conflitos da democracia burguesa. Para o autor, "se entendemos que as contradições sociais são processos constitutivos da formação social capitalista e de seus regimes políticos, então o período de 1961/1964 deve ser visto como um momento privilegiado da vida política brasileira". Nele se verifica uma polarização política e ideológica

---

[97] LOWI, Michael. *A guerra dos Deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 150.
[98] Idem, p. 150.
[99] SKIDMORE, op. cit., p. 275.

com dimensões inéditas e com características singulares.[100] "Para os que vêem nos conflitos sociais e nos antagonismos o sinal da desagregação social, os "tempos de Goulart" só podem ser encarados como trágicos "tempos do caos e da anarquia".[101]

> Durante a curta existência do governo João Goulart (setembro de 1961 a março de 1964), um novo contexto político-social emergiu no país. Suas características básicas foram: uma intensa crise econômico-financeira; constantes crises político-institucionais; crise do sistema partidário, ampla mobilização política das classes populares paralelamente a uma organização e ofensiva política dos setores militares e empresariais (a partir de meados de 1963, as classes médias também entram em cena); ampliação do movimento sindical operário e dos trabalhadores do campo e um inédito acirramento da luta ideológica de classes.[102]

Paralelamente a isso, lembramos que a JOC, nessa segunda fase de sua trajetória, agia em meio a circunstâncias históricas fortemente marcadas pela Revolução Cubana. Segundo Pablo Richard, a partir de 1959 e durante as décadas de 60 e 70, gerou-se, na América Latina, uma reativação crescente do movimento popular, em seguida à crise do sistema capitalista, e em reação a ela, e mais especialmente com o esgotamento dos modelos populistas, nacionalistas e desenvolvimentistas. Os movimentos populistas desgastam-se pela base e, em geral, as classes populares assumem progressivamente uma maior autonomia perante as burguesias nacionalistas e desenvolvimentistas. O processo de reativação do movimento popular não é hegemônico e contínuo em toda a América Latina, mas, em sua globalidade geográfica e histórica, torna-se um movimento em fase de expansão e de aprofundamento crescentes. [103]

O impacto do contexto político da sociedade brasileira nas transformações verificadas no movimento jocista é expresso por Scott Maiwaring da seguinte forma:

---

[100] TOLEDO, Caio Navarro. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. In*: Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 24, n. 47, jan./jun., 2004, p. 13.
[101] TOLEDO, Caio Navarro. *O Governo Goulart e o golpe de 64*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 10.
[102] TOLEDO, 2004, op. cit., p. 13.
[103] RICHARD, op. cit., p. 113.

> Os conflitos da sociedade em geral não afetam necessariamente o modo pelo qual um grupo religioso define sua missão. Os mesmos conflitos sociais que ajudaram a produzir a radicalização da JOC não tiveram o mesmo efeito na maior parte de outros grupos da classe operária. No entanto, nos últimos anos do período populista, a JOC já começara a abrir-se para os problemas sociais e políticos acreditando que sua missão religiosa requeria alguma atenção para essas questões. Na medida em que a sociedade se tornava mais politizada, assim também a JOC. Essa politização levou a JOC a identificar-se cada vez mais com a luta da classe operária e a começar a participar mais ativamente da política.[104]

Um outro ponto essencial a ser considerado para o entendimento da trajetória jocista não apenas entre os anos de 1958 e 1964, mas principalmente em sua fase de ruptura com o Estado, é a consolidação, no começo da década de 60, de uma nova tendência no interior da Igreja católica, a chamada "*Esquerda Católica*".[105] Essa tendência influenciará diretamente os setores de juventude da Ação Católica e reflete, ao mesmo tempo em que emprega, mudanças importantes nas linhas da Doutrina social católica e no próprio papel do laicato.

Tendo suas principais diretrizes calcadas na teologia humanista francesa, que ganha força depois da Segunda Guerra Mundial[106], a Esquerda católica vai estabelecer um diálogo com os conceitos marxistas e apontará para a necessidade de uma transformação de cunho socialista na sociedade. "Tentando formular uma ideologia essencialmente anticapitalista e antiimperialista e em busca de uma estrutura social mais justa e mais humana, eles pedem um verdadeiro compromisso com as classes exploradas, em uma verdadeira negação da estrutura capitalista".[107]

Segundo Emmanuel Kadt, a JUC será o catalisador da Esquerda católica no Brasil. Tendo uma trajetória inicial semelhante à da JOC na década de 1950, voltada diretamente ao aspecto religioso e à manutenção da ordem social existente, ela se insere, a partir do início da década de 1960, em amplo processo de radicalização. Com isso, aproxim-se rapidamente das

---

[104] MAIWARING, op. cit., p. 41.
[105] KADT, p. 94.
[106] SOUZA, Rogério Luis. *A reforma social católica e o novo limiar capitalista* (1945-1965). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001, p. 35.
[107] Idem, p. 137.

idéias esquerdistas e socialistas, acabando por desafiar diretamente a postura dominante, de aliança com as classes dirigentes, existente na igreja católica brasileira. As críticas ao sistema capitalista, até então pontuais e mesmo discretas, ganham ênfase na perspectiva de uma mudança estrutural na sociedade. Às vésperas de 1964, a JUC brasileira não fala mais em reformas. Fala diretamente na necessidade de uma revolução.[108]

Certamente, essas mudanças na JUC não se realizam apenas no e pelo campo teórico. Elas estão relacionadas diretamente ao contexto em que ela atuava no Brasil. Da mesma forma, elas não estão desligadas no contexto da própria Igreja Católica. Em 1959, iniciava-se o pontificado do Papa João XXIII, no qual determinadas linhas da doutrina social tradicional ganham "um polimento mais progressista". [109] Segundo Lilian Mendes,

> sob o papado de João XXIII [...] a *Mater et Magistra* (1961) é o sinal dos novos tempos, assim como a *Pacem in Terris* (1963). Nela o tratamento dado às questões sociais é absolutamente distinto do enfoque que se encontra nas encíclicas anteriores, embora as encíclicas anteriores e seus idealizadores não sejam nela alvo de críticas, pelo contrário, são usados como exemplo. O comandante máximo da Igreja, o papa, fala agora sobre uma "Igreja dos Pobres". [110]

É nessa perspectiva de renovação que estará orientado o Concílio Vaticano II. Realizado entre os anos de 1962 e 1965, ele será responsável por uma mudança profunda nas orientações da Igreja Latino Americana. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* é o seu resultado mais significativo. Ela trata de assuntos fundamentais como a participação dos leigos, dogmas e poder papal. Além disso, estabelece o dever dos cristãos com o novo mundo, interpretando a nova realidade social e agindo sobre ela.[111]

---

[108] KADT, op. cit, p. 127-156. Ver também: SILVA, Victória Gambetta. "*...todos nós falávamos de socialismo"*: a trajetória da Juventude Universitária Católica em Santa Catarina (1959-1964). Florianópolis, 2006. Trabalho de Conlcusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina.
[109] KADT, op. cit., p. 119.
[110] MENDES, Lílian G. *Entre a cruz e o manifesto:* dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica no Brasil (1960-1968). São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002, p. 56.
[111] Idem, p. 57.

O impacto da esquerda católica sobre a JOC foi significativo, principalmente pela interação desta com outros movimentos da ACB. Os jocistas, sobretudo os dirigentes, mantinham um contato freqüente com militantes da JUC. Conforme relatado no livro *Uma história de desafios,* esses encontros levavam os jocistas a uma análise crítica mais ampla e profunda da situação, dos acontecimentos e das propostas de transformação da sociedade.[112]

Lílian Mendes e Roberto Fabian destacam ainda o *Jornal Juventude Trabalhadora*, órgão oficial da JOC nacional, como um importante espaço para a verificação não apenas do crescente interesse do movimento para com as questões operárias, mas também da mudança gradual de discurso que a acompanha. Como exemplo dessa mudança de discurso, destacamos a comparação realizada por Fabian entre a primeira edição do jornal, publicada em 1952, e a edição lançada às vésperas do Natal de 1964. Segundo o autor, na edição de 1952, todas as imagens simbólicas do catolicismo são apropriadas pelo movimento e expressas de forma a aproximar o jovem trabalhador da doutrina católica. "Jesus Cristo é apresentado como um jovem trabalhador e seu rosto é desenhado com traços fortes, expressão da marca do trabalho" e "nem mesmo a representação simbólica de Deus fica ilesa desse processo: Deus se mostrou sempre um trabalhador. Ele trabalhou criando o mundo".[113]

Essa representação de um Cristo operário também está presente na edição de 1964. No entanto, ela vem perpassada de uma reflexão claramente crítica ao regime militar. Segundo Fabian,

> neste Natal de 64, afirmam os militantes jocistas, Jesus é o mesmo carpinteiro, operário, obediente a Maria e José, que viveu sem preconceitos com os doutores da lei, os publicanos, os pobres, as prostitutas. A sua pregação da verdade e da justiça, afirmam os jocistas, colocou em risco a estabilidade do império romano que o condenou à morte. O Jesus do natal é o mesmo que hoje estaria no cárcere, porque sua pregação trataria de reforma agrária, de reforma bancária de reforma eleitoral e política.[114]

[112] SOARES, op. cit., p. 150.
[113] FABIAN, op. cit., p. 79.
[114] Idem, p. 93.

É também nesse período que a JOC começou a sofrer as primeiras divisões internas, culminadas numa nítida cisão no Conselho Nacional de 1963, estabelecida a partir da discussão "de até onde deveria ir o engajamento político da JOC". As posições divergiram entre uma postura mais radical e crítica ao capitalismo, "de visão mais estrutural, incluindo a aceitação da luta de classes" e a perspectiva reformista. A primeira posição teria sido vencedora, forçando a renúncia da equipe nacional. O incidente teve conseqüências muito importantes para o movimento, incluindo o começo de um decréscimo de participação e o começo de um período de participação política radical cada vez maior e mais profunda.[115]

Ainda assim, acreditamos relevante a ressalva de Scott Maiwaring quanto aos desdobramentos da trajetória da JOC nesse período. Segundo o autor,

> as mudanças ocorridas na JOC durante esses anos foram significativas e rápidas, mas não devemos exagerar o quanto a JOC havia mudado. Quanto à visão política, a JOC ainda estava muito à direita da JUC [...], expressando ainda um otimismo quanto ao sistema populista. [...] cabe ainda na perspectiva progressista do desenvolvimentismo nacionalista: exige desenvolvimento estatal, critica severamente empresas multinacionais e propõe o controle do capital estrangeiro, tendo ainda fortes tônicas nacionalistas. Acredita que as reformas necessárias podem ser levadas a cabo no sistema capitalista.[116]

1.4.3 1965-1970: fase de ruptura com o Estado e desarticulação

> [...] A JOC deveria contribuir com as mudanças profundas e radicais da atual sociedade, através da formação de militantes cristãos, autenticamente engajados neste processo respeitando sempre as opções pessoais. O movimento quer assim contribuir com todas as organizações que lutam pela construção de um Homem Novo e de uma sociedade nova, onde os direitos fundamentais do homem sejam respeitados na prática. [117]

> O marxismo para nós é uma doutrina como qualquer outra. O comunismo não nos assusta. Se o marxismo contribui para dar ao operário aquilo de que ele precisa e permite a sua realização como indivíduo, não nos colocaremos

[115] MAIWARING, 1983, op cit, p. 51.
[116] Idem, p. 45.
[117] Documento amarelo, 1969. In: MAIWARING, op. cit., p. 151.

> contra ele [...] Nós não somos comunistas, mas não o tememos; tememos sim a miséria, a fome, a alienação.[118]

Durante a segunda metade da década de 1960, a JOC insere-se num rápido e significativo processo de radicalização. Sua visão política abandona definitivamente a perspectiva reformista em ênfase até então. O movimento assume um caráter abertamente anti-capitalista, voltado diretamente à necessidade de uma transformação radical na ordem social brasileira. A antiga postura anti-comunista é substituída por uma posição mais moderada, onde os comunistas já não eram vistos como uma ameaça assustadora, mas como possíveis aliados na luta operária.[119]

O golpe militar de 1964 não demorou a atingir a JOC e limitar sua atividade de massa. Segundo Muraro, os núcleos que continuaram em atividade no país passaram a atuar de forma mais interiorizada, debruçando-se sobre a análise social e o estudo da realidade brasileira. [120]A Equipe nacional, militantes e dirigentes e mesmo os padres assistentes foram alvo direto de perseguições e dos órgãos repressivos.

> [...] A repressão fez com que o movimento se fechasse. Com a repressão não deu para ser mais aquele amplo movimento de massa. A JOC passou a ser um movimento de quadros, de militantes. Bloqueada a possibilidade de ação de massa, ela passou a ter mais preocupação com a análise e daí surgiu um amadurecimento muito grande. Os militantes começaram a compreender o problema operário no geral – o sistema social, político e econômico.[121]

Paralelamente, quanto mais a JOC se radicalizava, mais acentuadas tornavam-se as tensões desta com a Igreja institucional. As atitudes divergentes em relação ao golpe estabeleceram o ponto claro de conflito que viria a se estreitar ao longo dos anos. Enquanto a JOC posicionou-se contrária ao golpe e à repressão aos movimentos populares, a hierarquia o

---

[118] Manifesto da JOC, 1967. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 22.
[119] MURARO, op. cit., p. 158.
[120] MURARO, op. cit., p. 68.
[121] Idem, p. 59.

apoiou e, através de documentos publicados e das chamadas “Marchas da família, com Deus e pela Liberdade”,[122] agradecia aos militares por terem salvado o país da ameaça comunista.

Voltamos a destacar, neste momento, que a Igreja Católica brasileira não deve ser tomada como um bloco homogêneo. Ao lado de uma maioria conservadora, que expressou a posição oficial da Instituição, postavam-se bispos, padres e cardeais de posições moderadas e principalmente progressistas, que irão manifestar-se contrários ao regime e em apoio às novas linhas jocistas. Dom Helder Câmara, por exemplo, configura-se uma referência nesse sentido. Essa mesma perspectiva, de diferentes posições dentro da igreja brasileira, é importante também para o entendimento de por que a cúpula da Instituição mostra-se aparentemente alheia às linhas progressistas do pontificado de João XXIII e mesmo do Concílio Vaticano II, enquanto a JOC e a Ação Católica, de forma geral, transformam-se significativamente. .

Ainda assim, se comparada com a JUC durante o seu processo de radicalização, a JOC realizou poucas críticas à Igreja institucional. Em termos gerais, elas estiveram voltadas principalmente à omissão da Instituição frente à repressão sofrida pelo movimento. “Em contraste com a JUC, seu trabalho foi silencioso, enquanto esta fazia grandes esforços em críticas diretamente à igreja, a JOC preocupava-se principalmente com o seu trabalho de base e seu próprio desenvolvimento”. Enquanto a JUC culmina seu processo de radicalização com o rompimento frente à Instituição, simbolizado principalmente pela fundação da AP, a JOC optou por permanecer ligada à Instituição. Este foi, para Maiwaring, o motivo pelo qual os jocistas puderam promover mudanças significativas no apostolado da Instituição.

> A JOC permanece fiel à sua missão apostólica e educativa como movimento de Igreja, presente entre a juventude Trabalhadora. Quer ajudar cada jovem trabalhador a encontrar Cristo em sua vida e descobrir a força do Evangelho [...] a JOC do Brasil está convencida de que tem procurado ser fiel aos apelos evangélicos. A JOC do Brasil quer continuar pertencendo à igreja. Quer, porém, ser fiel à juventude trabalhadora e, portanto, à classe operária. Para nós esta é a única maneira de guardar fidelidade à igreja de Cristo [...]

[122] CODATO, Adriano N. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, n. 47, v. 24, jan./jun., 2004.

> Queremos confiar aos corações de nossos bispos o desejo que temos de não passar pela sorte de outros movimentos de Ação Católica que tiveram de desaparecer dos quadros oficiais a igreja do Brasil.[123]

Ao início da década de 1970, a desarticulação do movimento, ocasionada pela regime militar, somada à perda gradual do apoio da Igreja Católica, a JOC encerrara a sua trajetória oficial no país. No entanto, sua experiência deixou à Igreja brasileira contribuições significativas na medida em que levaram grande parte do clero a reavaliar seu conceito de "povo" e suas atitudes pastorais.

> A JOC propiciou a inúmeros sacerdotes um contato direto com os trabalhadores e seus problemas, conduzindo-os a uma reflexão sobre a pastoral praticada pela Igreja na época. [...] Descobriram ainda que não fora o operariado que se afastara da Igreja, mas o clero que os abandonara. [...] O jocismo proporcionou uma nova concepção de fé, mais envolvida com a vida concreta dos trabalhadores e com práticas pedagógicas importantes para a Pastoral popular.[124]

Em suma, para o catolicismo as experiências jocistas representaram um apostolado mais próximo daquilo que os trabalhadores esperavam da Igreja. Lembramos que não nos é ignorado o fato de que, ao longo de sua história, a Instituição foi sempre nitidamente uma grande parceira das classes mais altas da sociedade.[125] Mas os desdobramentos do movimento jocista seriam sentidos pela Instituição, nas décadas seguintes, manifestados pelas Comunidades Eclesiais de Base, pela Igreja Popular e pela Teologia da Libertação.

---

[123] MAWARING, op. cit., p. 43.
[124] MURARO, op. cit., p. 193-195.
[125] FOLLMANN, José Ivo. *Igreja, ideologia e classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 67.

2 A HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA: OS PASSOS DA JOC EM SANTA CATARINA

2.1 A CAPITAL COMO PONTO DE PARTIDA

O ano de 1948, no qual a JOC foi oficializada no país, é apontado pelos estudiosos como um marco na história do movimento jocista no Brasil. A partir dele, o movimento, até então restrito aos estados mais industrializados do país, inicia uma fase de expansão, na qual a implantação de núcleos jocistas nas Dioceses passa a ser incentivada pela Igreja Católica, ganhando proporções nacionais. É dentro desse contexto de expansão que, em meados de 1947, encontramos os primeiros registros da presença da Juventude Operária Católica em Santa Catarina, configurada por núcleos femininos e masculinos e sediada junto à Arquidiocese, em Florianópolis.[126]

Segundo Nereu do Vale Pereira, militante jocista entre os anos de 1947 e 1953, a fundação da JOC na Capital acompanhou o processo de reestruturação que a Ação Católica Brasileira sofreu durante a década de 1940. A divisão por sexo e idade, na qual figuravam Juventude Masculina e Juventude Feminina Católica dava, aos poucos, lugar a um movimento especializado, voltado às categorias sociais. O relato de Nereu apresenta com clareza essa passagem, na qual os rapazes e moças envolvidos desde 1945 com a Ação Católica, em Florianópolis, passam a ser direcionados a espaços específicos de atuação.

> [...] Em 1945, a Ação Católica chegava a Florianópolis. E, a partir disso, foram reunidos rapazes e moças de vários colégios, várias formações, alguns começando o ginásio, outros já o tendo concluído, na perspectiva de um envolvimento destes com esse movimento que chegava. Nessa época, não existia a divisão do chamado "a,e,i,o,u", JAC, JEC, JIC, JOC e JUC, era um movimento único – a Ação Católica. Em 1948, soubemos que existiam algumas divisões previstas nos estatutos, a chamada Juventude Independente Católica e a Juventude Operária Católica. Não me recordo se já existiam as outras siglas, essas duas foram aquelas que conhecemos na época. Como eu

[126] Ata de Reunião (1948), s/p. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.

> trabalhava no comércio, tinha feito um curso profissionalizante, foi sugerido que eu integrasse e ajudasse a desenvolver a JOC. E assim, com um grupo de mais ou menos oito pessoas, iniciamos a JOC, aqui em Florianópolis. Aos poucos o movimento cresceu, e chegamos a ter cerca de setenta jovens filiados à JOC.[127]

A fundação da JOC, no entanto, não encerrou de forma imediata as atividades das chamadas JMC e JFC na capital. Nos jornais de circulação no período, é possível verificar atividades desses grupos até o final do ano de 1950.

> Uma LUZ nas TREVAS
> No tempo em que todos se preparam para a Festa de Natal, é necessário que recordemos os grandes fatos que emolduram a chegada do Deus Menino. E assim, é que a Juventude Católica, hoje, às 20 horas, no Teatro Álvaro de Carvalho, oferecerá às famílias de nossa capital, uma dramatização litúrgica, intitulada Uma Luz nas Trevas, apresentando os seguintes quadros [...] Os ingressos poderão ser obtidos com os membros da Juventude Feminina Católica e na Sede do Secretariado da Ação Católica, à rua Padre Miguelinho, altos do CINE ROXI.[128]

Também foi possível verificar atividades realizadas conjuntamente pela JOC, Juventude Masculina Católica e Juventude Feminina Católica.

> [...] horas do dia 12 de abril de 1948, na sala de reuniões anexa à Catedral Metropolitana, foi feita uma reunião extraordinária dos elementos da [...] arquidiocesana da JFC. Organização Paroquial "Cristo Rei", 2 elementos da JOC e elementos da JMC para combinarem sobre a cooperação que a Juventude daria à Páscoa do Operário, a realizar-se a 1.º de maio na Catedral Metropolitana. Esta reunião foi presidida pelo Revmo. Frederico Hobold, Assistente Arquidiocesano da JFC e constou de [...] [129]

Além da perspectiva de processo, que permeia a reestruturação da Ação Católica Brasileira, o relato de Nereu do Vale Pereira apresenta-nos outro aspecto de interpretação para a permanência das atividades da JMC e JFC, em paralelo ao desenvolvimento da JOC.

---

[127] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 1.
[128] A Gazeta, 14 dez. 1950, p. 8.
[129] Ata de Reunião (1948), s/p. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.

Segundo o militante, apenas as Juventude Operária e Independente são fundadas em 1948. Dessa forma, acreditamos que a divisão por sexo foi mantida como espaço de atuação para os jovens que não se enquadravam nas duas especialidades recém fundadas, até a articulação dos movimentos próprios às suas categorias. A Juventude Universitária Católica (JUC), por exemplo, seria fundada apenas no ano de 1954.

> Instalada Oficialmente a Juventude Universitária Católica da Arquidiocese. O acadêmico Fernando Caldeira Bastos é o primeiro presidente da JUC em Santa Catarina. Quinta-feira última às 20 horas no Salão Paroquial, em sessão solene presidida pelo Revmo. Monsenhor Frederico Hobold, Vigário Geral da Arquidiocese e Assistente Geral Arquidiocesano da Ação Católica, realizou-se a posse da primeira diretoria da Juventude Universitária Católica. À sessão estiveram presentes numerosos representantes dos diversos setores da Ação Católica, como também o acadêmico Paulo Lacerda, presidente nacional da JUC. A diretoria empossada ficou assim constituída: presidente – acadêmico de Direito – Fernando Caldeira Bastos; secretário – acadêmico de Direito – Srta. Maria de Lurdes Medeiros Vieira; tesoureiro – acadêmico de Direito – Bruno Germann [...] [130]

Não se tornou possível precisar as datas de fundação da JEC e da JAC em Florianópolis ou mesmo no Estado. O setor estudantil, no entanto, faz-se presente nos jornais pesquisados na segunda metade da década de 1950, principalmente em textos ligados à União Catarinense de Estudantes Secundaristas (UCES). No que se refere à Juventude Agrária, não encontramos registro nos jornais pesquisados. A informação sobre a presença deste setor em Santa Catarina nos chega através do depoimento de Marcílo Krieger, no qual o militante o descreve como "pouco mais que uma ficção"[131].

A informação de que os cinco setores especializados da Ação Católica estiveram, ainda que em proporções diferentes, ativos em Santa Catarina, nos trouxe indagações a respeito da postura da Arquidiocese em relação a estes movimentos, particularmente à JOC. Nossa busca por documentos institucionais, correspondências, circulares que pudessem atestar a este respeito não tiveram frutos efetivos. No arquivo da Cúria Metropolitana de

[130] A Gazeta, 21 mar. 1954, p. 1.
[131] KRIEGER, Marcílio. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, fev. 2005, p. 3.

Florianópolis não encontramos nenhum documento referente à Ação Católica. E, mesmo no setor "Clero Secular", onde estão arquivadas informações referentes aos padres que estiveram ligados à Arquidiocese[132], e no qual procuramos consultar as pastas daqueles que ocuparam a posição de assistentes da JOC, não tivemos sucesso.

Dessa forma, foi por meio dos relatos orais que pudemos traçar algumas considerações a esse respeito. Segundo Nereu do Vale Pereira, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, arcebispo na época da fundação da JOC em Florianópolis, "era um tipo clássico, tradicional".

> Não costumava descer muito às bases. Mas, todos os movimentos precisavam da autorização dele para funcionar. Não me recordo integralmente do teor do despacho emitido por ele autorizando o funcionamento da JOC, lembro apenas que pedia cautela política. Os padres da Catedral sempre foram os mais envolvidos com a Ação Católica. Isso, porque esses movimentos deveriam nascer necessariamente ligados às paróquias.[133]

Esse teor de desconfiança por parte do Arcebispo também aparece no relato do Monsenhor Agostinho. Quando indago a respeito do apoio que a Ação Católica recebia da arquidiocese, ele responde que "não muito [...] o arcebispo Dom Joaquim sempre questionava: como pode existir dentro da Igreja um movimento independente? Juventude Independente católica?".[134] No entanto, no que se refere à JOC, o Pe. Agostinho relata uma postura de apoio por parte do Arcebispo.

> Mas em se tratando da JOC, ele, D. Joaquim, chegou a receber, em audiência, representantes da JOC internacional. Eram dois, uma moça, a Denize, de quem já falei para você, e um rapaz, porém dele não recordo o nome. Estes, acompanhados de um padre que era muito atuante em São Paulo. D. Joaquim fez alguns questionamentos, mas deu todo o apoio.[135]

---

[132] Apenas os já falecidos.
[133] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3.
[134] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[135] Idem, p. 3.

A visita dos representantes da JOC Internacional, os belgas Denize Verschueren e Jacques Jérome, ao Arcebispo de Florianópolis foi registrada em fotografia. O Monsenhor Agostinho cedeu-nos a imagem, que segue abaixo. O entrevistado não soube precisar a data da visita, no entanto, temos a informação de que estes dois militantes auxiliavam o secretariado nacional da JOC desde o início da década de 1950.[136] Esse intercâmbio de militantes era uma política do movimento jocista, objetivando a troca de experiências e o reforço ao caráter internacional da JOC.

Figura 1. Visita dos membros da JOC Internacional a Florianópolis (Da esquerda pra direita: Jacques Jérome, o Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira, Padre de branco não identificado e Denize Verschueren)

O Pe. Afonso Birck, assistente estadual da JOC em Santa Catarina a partir da década de 1960, ao relatar sua chegada em Florianópolis para assumir o movimento explicou que:

> em Santa Catarina, o arcebispo não tinha grande entendimento a respeito da JOC. Me apresentei a ele, D. Joaquim, com uma carta de apresentação que

[136] SOARES, op cit., p. 112-115.

> me foi dada por D. Hélder Câmara, assistente nacional da Ação Católica. Trazia também uma carta dele, *nominate*, para cada um dos bispos de Santa Catarina, Florianópolis, Joinville, Lages e Tubarão. Então, quando apresentei a carta de D. Helder Câmara, o pessoal respeitou. D. Helder, era muito respeitado e venerado. Apresentando a carta para D. Joaquim, "bispo velho pra chuchu, tinha uns 90 anos", ele entendeu como uma boa coisa, a proposta era centrada no Evangelho, e esse era também o pensamento de D. Helder Câmara. Sempre tive apoio, mas apoio até certo ponto. O arcebispo não assumia, "comprava a briga".[137]

Ao que nos parece, o Pe. Birck compartilha a imagem que o Pe. Agostinho nos apresenta de D. Joaquim, como "afastado das bases", quando apontamos o pouco conhecimento do arcebispo em relação ao movimento jocista. E, novamente, verificamos uma certa desconfiança deste em relação à AC. Pelo que percebemos, o apoio dado à JOC não foi total e em muito estava condicionado ao aspecto institucional da Igreja Católica de forma geral.

Nos demais relatos coletados, as indagações a respeito da Arquidiocese seguem na mesma linha de interpretação. A Arquidiocese não rejeitava a proposta da JOC e oferecia o apoio estrutural necessário ao seu funcionamento. Um "apoio indireto"[138], como afirma Frâncico M. Vessling. E, segundo Marlene P. de Paula, mantinha-se atento aos rumos tomados pelo movimento. "Olha, o incentivo deles era o assistente. A preocupação de que não ficássemos sem o trabalho espiritual".[139]

A primeira manifestação da JOC, com o objetivo de apresentar-se como movimento, através da imprensa escrita de Florianópolis, é encontrada na segunda metade do ano de 1949. Trata-se de um texto detalhado, escrito pela militante Maria G. Faraco, explicando a origem, diretrizes e divulgando atividades. Conforme o texto, a JOC contaria com cerca de oitenta jovens filiados ao movimento no referido ano. Um número bem próximo ao expresso por Nereu do Vale Pereira, no momento da fundação do movimento.

---

[137] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 4.
[138] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.
[139] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.

> Esta é talvez uma das primeiras vezes que se fala em JOC nas colunas deste jornal. Possível mesmo que muitos leitores desconheçam estas iniciais. Trata-se de uma organização de operários que, arregimentados para o serviço da Igreja, trabalham em seu próprio meio ambiente [...] Também em nossa diocese há JOC masculina e feminina. [...] Este é o atual programa da JOC. Restaurar, no meio operário, a fé no filho de Deus Vivo e na sua doutrina, reafirma as simplíssimas Verdades do Catecismo, sempre as mesmas, tanto para teólogos e magistrados, como para cozinheiras e engraxates [...].[140]

É possível verificar neste fragmento que a JOC catarinense expressa claramente a sua condição de setor especializado e um dos objetivos primordiais do P. Joseph Cardjin ao idealizar o movimento – reaproximar os operários da Igreja. Ademais, o artigo nos aponta alguns dos locais no qual a JOC fixou seus núcleos de militantes em Florianópolis, "jovens da Fábrica de Rendas e Bordados e da Imprensa Oficial do Estado".[141]

A presença destas indicações, inicialmente pouco propícias a indagações alongadas, destacam-se à análise, quando voltamos nossos olhos para a cidade de Florianópolis. Recorrendo à historiografia e à memória dos militantes jocistas, encontramos um quadro claro no que se refere às características da capital do Estado. Segundo Valmir Martins, historiador e militante da JOC entre os anos de 1959 e 1966, a capital catarinense não se caracteriza como uma cidade operária, com um parque industrial desenvolvido e economicamente hegemônico. Mas sim, como uma cidade de setor terciário, funcionários públicos e comerciantes.

> Uma cidade onde o setor Terciário da economia é amplamente hegemônico. Conta, do ponto de vista clássico, com uma inexpressiva classe operária. Não era, como ainda não é, um parque industrial que merecesse algum destaque. A população urbana constituía-se de funcionários públicos, comerciários, comerciantes e outros trabalhadores do setor. [142]

Este cenário também é compartilhado por Marcílio C. Krieger em depoimento cedido para a realização desta pesquisa. O militante da JUC afirma: "Florianópolis não tinha classe

---

[140] A Gazeta, 09 ago. 1949, p. 2.
[141] Idem, p. 2.
[142] MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva*: os anos do Golpe. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 130.

operária. Tinha só fábrica de rendas. Não havia um núcleo operário. A cidade foi sempre caracterizada como uma cidade de serviços"[143]. A mesma interpretação, de uma capital voltada ao serviço público, também aparece no depoimento de Francisco José Pereira, militante do Partido Comunista.

> Bom, Florianópolis era uma cidade burocrática, de servidores públicos, não havia indústria, e, assim como ainda hoje, não existia uma classe operária, a não ser na construção civil. E o sindicato mais forte era exatamente o da construção civil. Estava em atividade também o sindicato dos bancários e os servidores públicos através de sua associação."[144]

Frente a este cenário, a indagação de "onde atuaria uma juventude operária em uma cidade onde não existem operários" nos pareceu um tanto interessante. Através dos depoimentos colhidos e da documentação levantada, não foi difícil responder a tal questionamento.

Segundo Francisco Murilo Vessling, militante jocista entre os anos de 1960 e 1964, o entendimento de que a JOC brasileira tinha de seu campo de atuação parece ampliar o sentido clássico da letra "O" que compõe a sua sigla.

> Na verdade, o operário que a JOC entendia, não era aquele operário clássico, trabalhador da oficina, da indústria. Ia um pouco além. Nós entendíamos como sendo o trabalhador em geral. Apesar do nome "juventude operária", que teve suas origens na Bélgica, com o padre Cardjin, a gente entendia operários, todos os trabalhadores. E onde aparecia a oportunidade, a gente atuava.[145]

De fato, em vários de seus materiais de formação e divulgação, a Juventude Operária Católica utiliza o termo "trabalhador", "trabalhadora" e não, "operário", "operária",

---

[143] KRIEGER, Marcílio César Ramos. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, fev. 2005, p. 7. O senhor Marcílio complementa a interpretação na página 11da mesma entrevista. Segundo ele: "h*avia, basicamente a mão-de-obra feminina da fábrica de rendas da Hoepcke"*.
[144] PEREIRA, Francisco José. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jan. 2005, p. 1.
[145] VESSLIG, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.

possibilitando, por exemplo, a extensão do jocismo à categoria das empregadas domésticas, espaço de grande atuação da JOC nacional durante a década de 1950.[146]

No entanto, a explanação de Nereu do Vale Pereira sobre essa questão coloca nossa interpretação conjuntamente com o entendimento do conceito de operário, ou classe operária tido pela JOC, também no campo da "estratégia" Segundo ele,

> Naquela época não se pensaria em chamar de trabalhador, ou de operário, um funcionário público. A JOC deveria ser um movimento voltado àqueles que trabalhavam nas indústrias, exclusivamente nas indústrias. Porém, nós, aqui [em Florianópolis], tínhamos uma característica diferente. Estávamos trabalhando com pessoas do comércio. Claro, também buscamos pessoas nas poucas atividades industriais que havia aqui na cidade na época.[147]

Sendo a JOC um movimento dinâmico, capaz de adaptar-se às necessidades do meio ao qual se inseria, como nos afirma Valmir Muraro[148], o grupo moldar-se-ia às particularidades da capital catarinense, atuando nos espaços existentes e possíveis aos seus objetivos. No entanto, ainda que não seja o foco deste trabalho, acreditamos relevante tecer algumas considerações a respeito dessa perspectiva de "inexistência de uma classe operária" em Florianópolis.

Ao pesquisador atento que tramitar pelos jornais de circulação em Florianópolis, entre as décadas de 1930 e 1960, não passará despercebido que, além da JOC, três outras organizações denominadas operárias divulgam suas atividades nas páginas dos periódicos: Círculo Operário, União Beneficente Recreativa Operária (UBRO) e Liga Operária. Não obstante, essas organizações já foram abordadas em estudos acadêmicos recentes, dos quais podemos citar a monografia de Rafaela Leuctenberger, *Liga Operária Beneficente de Florianópolis e União Beneficente Recreativa Operária: uma história de mutualismo e*

---

[146]MURARO, Valmir F. *JOC:* uma utopia operária?. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 198, p. 131-132.
[147] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 2.
[148] MURARO, op. cit., p. 102.

resistência, a tese de Vera Collaço, *O Teatro da União Operaria: Um Palco em Sintonia com a Modernização*. A existência dessas associações e grupos já nos parece suficiente para que os relatos anteriores percam um pouco de sua força.

Cremos que a questão central do descompasso esteja no que se entende como classe operária. Os três relatos citados utilizam o termo para caracterizar como operários, classe operária, apenas os trabalhadores de indústrias e fábricas. E desta forma torna-se correta a interpretação de ausência de operários, visto que Florianópolis não possui um pólo industrial/fabril desenvolvido, se comparado a outras cidades do Estado. No entanto, pensamos que esta perspectiva não invalida a existência de um "movimento operário" na capital, no qual trabalhadores de ofícios diferentes se organizavam sob as mesmas bandeiras em determinado momento histórico, em prol das necessidades e situações que compartilhavam. É uma classe trabalhadora que percebe e articula seus interesses "contra os interesses de outras classes"[149]. É nesta noção de *Classe* e não "classes" de trabalhadores, como diria Thompson[150], que entendemos a presença de organizações operárias em uma cidade onde não existem operários.

Até o ano de 1954, é possível acompanhar a trajetória de cinco núcleos jocistas na Capital. Cada um composto, aproximadamente, de quinze militantes. Pela documentação a que tivemos acesso, foi possível verificar um número maior de núcleos femininos, um total de quatro, organizados em diferentes espaços. Destes núcleos femininos, chegou-nos uma quantidade maior de informações – listas de presença, atas de reunião, correspondências enviadas e relatórios de eventos. Na correspondência enviada ao Secretariado Nacional da Juventude Operária Católica, pela então presidente da JOCF, Déa Cunha, encontramos uma descrição completa da organização dos núcleos.

---

[149] THOMPSON, E. P. A *formação da classe operária inglesa:* a maldição de Adão. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 17.
[150] THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

> [...] núcleo São Luiz, na Imprensa Oficial do Estado (do qual eu [Déa Cunha] e a Secretária geral [Adélia da Luz Mello] somos apenas membros). A dirigente é Isolina Teixeira; núcleo esse que possuí 13 membros (que já receberam o distintivo*)*; núcleo Auxiliadora, também na Imprensa Oficial, que é composto de umas 7 estagiárias, do qual é dirigente Jurema Heil; núcleo São José, da Fábrica de Bordados Hoepke, com 4 estagiárias e 4 efetivas, cuja dirigente é Maria de Lourdes Medeiros; núcleo Santa Marta com 4 efetivas e 5 estagiárias, todas domésticas, inclusive a dirigente, Josefa Ferreira.[151]

Pelo que percebemos, após ser convidado a ingressar na JOC, o jovem passava por um período de experiência no movimento, tomava contato com o método, a dinâmica de funcionamento e os objetivos do grupo. O recebimento do distintivo marcava sua efetivação como membro da JOC. No que se refere ao núcleo masculino, poucas informações encontramos dos primeiros anos do movimento. Segundo apuramos, o núcleo situava-se na Imprensa Oficial do Estado, no entanto, não pudemos identificar os nomes dos dirigentes e nem o número de participantes.[152] Dos dirigentes da JOC masculina, nos foi possível apurar o nome de Nereu do Vale Pereira, primeiro presidente eleito[153], e o nome de José de Souza Lopes, presidente do movimento em 1953[154].

As reuniões dos núcleos eram semanais e, nos casos dos núcleos da Imprensa Oficial do Estado e da Fábrica de Rendas e Bordados da Hoepeke, realizavam-se no próprio local de trabalho. O núcleo Santa Marta, composto de empregadas domésticas, reunia-se no salão paroquial da Catedral[155], situado na Rua Padre Miguelinho. O referido local sediava também o Secretariado da Ação Católica. Segundo Nereu do Vale Pereira**:**

> Utilizamos muito o salão localizado no último andar do prédio localizado na Rua Padre Miguelinho, que pertence à Catedral. No primeiro piso

[151] As transcrições das fontes utilizadas neste trabalho são transcrições *ipsis literis* do conteúdo referenciado. Correspondência enviada. Documento único, 1949 a 1950, p. 1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.
[152] Idem, p. 2.
[153] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 2.
[154] A Gazeta, 05 maio 1953, p. 6.
[155] Relatório anual, 1948. In: In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.

> localizava-se um cinema, o Cine Roxi. Não apenas nós da JOC, mas também a JEC e a JIC utilizavam o salão do último piso.[156]

A partir da metade da década de 1950, torna-se um tanto confuso acompanhar o desenvolvimento dos núcleos jocistas. Na documentação que encontramos no Fundo Juventude Operária Católica, existe uma lacuna de cerca de oito anos na trajetória do movimento em Santa Catarina, lacuna esta que não foi suprida pelas informações obtidas nas entrevistas.

Nereu do Vale Pereira relata que neste período a JOC procurou desenvolver núcleos nos diferentes bairros da Capital. Segundo ele, "na Catedral situava-se o núcleo central. Mas criamos núcleos nos bairros Saco dos Limões, na Trindade, no Estreito, em Coqueiros e em Barreiros, no município de São José"[157]. No entanto, não foi possível apurar se os núcleos anteriores, estabelecidos nos espaços de trabalho, continuaram em atividade ou foram reunidos no núcleo da Catedral. Esta reorganização nos bairros nos foi possível constatar através do seguinte artigo, publicado no jornal O Estado.

> [...] convite: Frente Operário Estudantil, Círculo Operário de Florianópolis, UBRO, JOC -Florianópolis, JOC – Saco dos Limões, Associação Beneficente dos Pintores, Juventude Independente Católica, Juventude Universitária Católica, Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria e Construção Civil, Liga Independente Católica e Sindicato de Panificação de Florianópolis. Convidam os seus associados, operários, estudantes e o povo em geral para participarem [...][158]

Como podemos observar, dois núcleos da JOC assinam a nota. No entanto, não temos referências se são masculinos ou femininos. A entrevista de Nereu do Vale Pereira nos revela a presença de jocistas também na fábrica de gelo da Hoepeke, no Estaleiro Arataca e na Fábrica de Pregos de Florianópolis. Entretanto, não se chegou a estabelecer núcleos nestes

---

[156] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 4.
[157] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3.
[158] O Estado, 28 set. 1956, p. 1.

locais.[159] E através do relato de Valmir Martins encontramos o Sindicato da Construção Civil também como um espaço de atuação.

> Daquele pessoal antigo que estava saindo do movimento quando eu ingressei na JOC, alguns atuaram no Sindicato da Construção Civil. Mas eu não saberia te detalhar algo mais a esse respeito, pois eu não militava nesse período. Sei que houve gente engajada nesse espaço.[160]

A estrutura organizacional da JOC em Florianópolis só volta a delinear-se com clareza no início da década de 1960. Com surpresa, encontramos o movimento restrito a apenas dois núcleos, um masculino e um feminino, ambos sediados na Catedral. Segundo Valmir Martins, a JOC masculina contava aproximadamente de dez a quinze rapazes.[161] Este mesmo número é apresentado por Marlene Puzinski de Paula quanto ao movimento feminino.[162]

Segundo Valmir Martins, neste período, a maioria dos membros da JOC era funcionários do comércio, mas o movimento encontrava espaço para atuação também entre os autônomos e desempregados.[163] Marlene P. de Paula compartilha da análise, acrescentando a presença de jocistas também no funcionalismo público.

> [...] Aqui o nosso forte era o comércio. Lembro que também havia uma pequena fábrica de camisas, uma das moças da JOC trabalhava lá e também estávamos entre os funcionários públicos. Eu própria trabalhava em um cartório. Sendo trabalhador, ingressava na JOC. [164]

As reuniões dos núcleos eram semanais e realizadas no salão paroquial da Catedral Metropolitana, sendo as da JOC masculina realizadas nos sábados à noite.[165]Estas reuniões semanais eram sempre acompanhadas pelo assistente espiritual e objetivavam a formação dos militantes e a divisão de tarefas delimitadas pelo grupo.

---

[159] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3.
[160] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida a Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 6.
[161] Idem, p. 3.
[162] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[163] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[164] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.
[165] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1.

No que concerne aos assistentes espirituais, a JOC recebeu vários padres encarregados do movimento. Até o ano de 1953, percebe-se uma alternância maior de nomes. A partir dessa data, porém, o Monsenhor Agostinho Staehelin acompanhará o grupo até meados da década de 1960. Segundo Nereu do Vale Pereira, o primeiro assistente jocista foi o Monsenhor Itamar Costa.

> [...] E, logo em seguida, ele foi substituído pelo Monsenhor Frederico Hobold. Também havia os coadjutores. Eram sempre três ou quarto padres em serviço na Catedral. Ente os coadjutores lembro do padre Santos Sprícigo, do padre Boleslau e do padre Francisco Bianchini. Este ficou um tempo conosco e depois assumiu a JEC e a JUC. Logo em seguida chegou o padre Agostinho Staehelin.[166]

Ainda no início da década de 1950, atestamos a passagem do Padre Quinto Baldessare pelo movimento jocista.[167] A partir de 1961, o Monsenhor Agostinho passará a ser auxiliado pelo Padre Afonso José Birck, designado assistente estadual da JOC catarinense e voltado exclusivamente à JOC. Em meados de 1964, o Monsenhor Agostinho afastou-se do movimento jocista por problemas de saúde, sendo substituído pelo Pe. Pedro Marttendal[168]

O último registro da JOC Florianópolis que encontramos é datado de 1966. Trata-se do relatório do VIIIº Conselho Regional da Juventude Operária Católica, realizado em Caxias do Sul, no mês de julho.[169] No entanto, os militantes apontam o início de sua desarticulação já em meados de 1964, conseqüência do novo contexto imposto pelo Regime Militar. "Nosso grupo permaneceu em atividades até meados de 1964, depois fomos forçados a terminar com tudo".[170] Segundo Marlene P. de Paula:

---

[166] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3.
[167] Correspondência enviada. Documento único, 1949 a 1950, p. 1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.
[168] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[169] Relatório de Atividades, 1966. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 30.
[170] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.

> Infelizmente, depois de sessenta e quatro, as coisas ficaram difíceis. Já não nos reuníamos mais. Os rapazes talvez tenham continuado por mais um tempo. Mas nós da JOC feminina, não. Lembro do dia em que fomos até a nossa sala recolher o material, guardar aquilo que pudesse ser guardado. O resto entregamos ao padre junto com a chave da sala.[171]

2.2 UM MOVIMENTO ESTADUAL

A chegada do Pe. Birck à Santa Catarina para exercer a função de assistente estadual da JOC nos parece ser fundamental na expansão do movimento jocista no Estado. Ainda que seja possível verificar a fundação de núcleos jocistas em outras cidades já no ano de 1949, será apenas na década de 1960 que esse processo ganhará maiores proporções.

Pelo que pudemos apurar, o primeiro núcleo jocista fundado fora da Capital foi estabelecido na cidade de Blumenau. Encontramos no jornal *A Gazeta*, de 18 de fevereiro de 1949, um pequeno artigo noticiando o fato.

> Juventude Operária Católica de Blumenau.
> A convite do vigário da paróquia de Blumenau e da diretora do colégio Coração de Jesus, irmã Bernwarda, seguiu ontem, para aquela cidade, a professora Maria Olímpia Moreira da Silveira, a fim de levar a efeito a fundação, no subúrbio do Garcia, o Núcleo da Juventude Operária Católica. O bairro do Garcia é essencialmente industrial trabalhando e morando ali mais de mil e duzentos operários. Portanto, é de se esperar que a fundação da Juventude Operária Católica naquele bairro opere com os melhores e salutar efeitos possibilitando uma irradiação eficaz e rápida para todo o próspero e grande município blumenauense. Os patrões, por sua vez, estão acompanhando com vivo interesse o movimento e pretendem assisti-lo no que couber, com a sua participação moral e material. A professora Maria Olímpia da Silveira fará em Blumenau várias conferências nos salões da sociedade local e no colégio São José, depois das quais, a 21 do corrente, fará a instalação solene da Juventude Operária Católica de Blumenau. Pela brilhante e significativa tarefa de grande resultado social, apresentando aos operários e patrões de Blumenau, bem como ao vigário da paróquia, Irmã Bernwarda, e profª Maria Olímpia Silveira, os nossos parabéns, desejando sinceramente que a iniciativa frutifique para o bem do progressista município.[172]

---

[171] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.
[172] A Gazeta, 28 fev. 1949, p. 2.

No que se refere a este núcleo, a notícia de sua fundação é nossa única referência. Nereu do Vale Pereira, militante no período, quando indagado a respeito das cidades onde a JOC se estabeleceu, não faz menção ao fato. Segundo ele, durante sua permanência no movimento, o único núcleo em atividade, fora de Florianópolis, situava-se em Joinville e teria sido fundado no ano de 1954. No entanto, não soube relatar maiores detalhes a respeito de seu funcionamento.[173] O Pe. Afonso Birck também menciona a existência de um núcleo jocista em Joinville antes de sua chegada ao Estado e que, a partir deste, fez-se "os primeiros contatos em Itajaí"[174].

Um quadro mais claro da JOC catarinense só nos foi possível traçar a partir da década de 1960. Em artigo publicado no jornal *A Gazeta*, de 13 de julho de 1962, a JOC apresenta-se estabelecida em doze municípios do Estado[175], dos quais nos foi possível, através da documentação levantada, identificar onze. Além de Florianópolis, foram estabelecidos núcleos em Itajaí, Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul, Lages, Tubarão, Criciúma, Brusque, São José e Capivari, agregando um total de cento e trinta rapazes e moças filiados[176].

Da mesma forma que em Florianópolis, a JOC adaptou-se às características de cada cidade na qual se estabelecia, atuando em espaços variados, atingindo jovens de várias profissões. Em seu relato, o Pe. Birck apresenta-nos alguns desses espaços. "Em Joinville trabalhávamos na indústria mecânica, em Itajaí, Lages e Tubarão no comércio. Em Florianópolis entre os funcionários públicos e, em Criciúma com a mineração de carvão"[177].

As informações sobre a JOC em Brusque chegam-nos através do relato de Teodoro Haag, militante da JOC na referida cidade, entre os anos de 1961 e 1964. Segundo ele:

> A JOC tinha por princípio se estabelecer dentro do movimento operário mesmo, na indústria. Como aconteceu em Joinvile e em Brusque [...] era um

[173] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3.
[174] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 4.
[175] A Gazeta, 13 jul. 1962, p. 6.
[176] Centro de Memória da ALESC, caixa n. 6.
[177] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 2.

> grupo misto, tinha três, quatro jovens da fábrica, mas também jovens de outros setores, do comércio, por exemplo. A JOCF era mais baseada no setor do comércio, principalmente das lojas de calçado.[178]

Sobre o movimento em Lages, também constatamos a presença de domésticas na JOCF.[179] No que se refere às demais cidades citadas, não foi possível apurar detalhes a este respeito.

É também na década de 1960 que podemos perceber a JOC atuando como movimento estadual. "Participávamos dos chamados encontros estaduais, onde se reunia o pessoal do estado todo. Se o encontro fosse em Florianópolis, por exemplo, vinha o pessoal de Itajaí, o pessoal de Joinvile, o pessoal de Tubarão, pessoal de Brusque"[180], informa Teodoro Haagn. No jornal *A Gazeta* de 13 de julho de 1962, encontramos um artigo que divulga a realização do 3.º Congresso Estadual de Militantes da JOC. Esse congresso realizou-se em Florianópolis no dia 21 do citado mês e ano, nas dependências do Colégio Catarinense. O Pe. Birck também faz referência a este encontro em seu depoimento, no entanto o apresenta como sendo o 1.º Congresso Estadual da JOC[181]. Ele nos relata que

> Em Florianópolis, organizamos o primeiro encontro estadual, em 1962, com rapazes e meninas, separados. As moças no colégio Coração de Jesus [...] o encontro dos rapazes no Colégio Catarinense. [...] Em 63, fizemos um segundo, mas não me recordo onde foi realizado.[182]

Sobre o encontro de 1962, o Pe. Birck expressa um aspecto muito interessante relacionado à organização do evento:

> Foi uma revolução, também. Por que naquele tempo, colégio Coração de Jesus, sai da frente! Era seis estrelas. Então, abrir para as jovens operárias, "esculhambação que vão fazer". No fim, foi reunião daqui e de lá, no fim,

[178] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[179] Correspondência enviada, 1964, s/p. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.
[180] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[181] Acreditamos que o Pe. Birck equivocou-se na numeração.
[182] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 9.

> por amor ao Cristo, concordaram. Mas esperando a casa vir abaixo. E tudo correu direitinho, sem problema algum. As irmãs ficaram de queixo caído. Terminou no domingo à tarde e diz que segunda-feira de manhã foram revisar e não encontraram um risquinho na parede. "Isso não podemos fazer nem com os nossos alunos, que são da alta "*society*" de Florianópolis?" Então, assim, a gente convertia a cabeça, a mentalidade [...][183]

Considerando que o colégio Coração de Jesus é um colégio de orientação católica, a JOC, sendo um movimento católico, não deveria encontrar uma resistência tão direta. É possível vislumbrar que persistia, ainda na década de 1960, uma certa desconfiança frente aos movimentos da Ação Católica, tal qual a manifestada pelo Arcebispo. O trecho também expressa um preconceito de classe, que nos permite refletir sobre o afastamento da Igreja "das bases" e mesmo sobre a formação que era dada aos religiosos e, no caso, religiosas. Essa perspectiva de mudar mentalidades, mudar a prática pastoral e aproximar os religiosos dos trabalhadores é considerada uma das grandes contribuições da JOC à Igreja brasileira.

Quanto ao encontro de 1963, não encontramos referências a ele ao longo de nossa pesquisa. Ainda em 1962, verificamos a participação da JOC no 1.º Encontro de Trabalhadores Cristãos, realizado em Itajaí. O artigo, publicado no jornal *A Gazeta*, faz referência à participação de trabalhadores de Joinville e Brusque.[184]

Relacionado aos encontros da JOC no Estado, tivemos acesso, também, a fotografias de encontros ocorridos nos anos de 1964 e 1966. Valmir Martins, que nos cedeu as imagens, informou que ambos ocorreram na cidade de Itajaí. Nessas fotografias estão presentes rapazes e moças, no entanto não foi possível apurar se o encontro foi conjunto entre JOC feminina e JOC masculina, ou realizado separadamente.

---

[183] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 8-9.
[184] A Gazeta, 28 jan. 1962.

Figura 2. Encontro Estadual da JOC Santa Catarina, Itajaí - 1964

Figura 3. Encontro Estadual da JOC Santa Catarina, Itajaí -1964

Figura 4. Encontro Estadual da JOC Santa Catarina – 1966

Figura 5. Encontro Estadual da JOC Santa Catarina – 1966

Registramos que as informações que reunimos sobre os congressos citados nos permitem verificar que existia uma articulação entre os núcleos do Estado. No entanto, elas não são suficientes para que cheguemos a conclusões sobre a existência e efetividade dos encaminhamentos a serem cumpridos estadualmente. Não tivemos acesso a nenhum relatório desses eventos estaduais e, nos depoimentos coletados, os militantes não souberam precisar fatos nessa direção. Apenas expressam que os objetivos dos congressos perpassavam essas intenções. Segundo o Monsenhor Agostinho:

> Nesses encontros reuníamos as lideranças das cidades onde existia o movimento. [...] [Discutíamos] Primeiramente a formação, mas também a própria organização da JOC. Como iríamos trabalhar determinadas questões, como iríamos divulgar o movimento.[185]

Um outro aspecto desse contexto estadual da JOC nos aparece através da atuação do Pe. Birck. Como era um assistente dedicado exclusivamente ao movimento jocista, tinha possibilidade de deslocar-se entre as cidades na qual existiam núcleos e nelas permanecer por um determinado período de tempo. Em seu depoimento, ele nos relata algumas delas. "Naquele tempo, década de 60, viajávamos de ônibus de Florianópolis a Lages. Embarcávamos às cinco horas da manhã e chegávamos às cinco horas da tarde"[186]. "Conheci o Ferreirinha em Joinville, ele foi o meu primeiro auxiliar mais direto. Me ajudava muito quando eu visitava a cidade"[187].

A possibilidade de permanecer nas cidades permitia também ao Pe. Birck realizar pequenos estudos sobre elas. Nos arquivos do Fundo Juventude Operária Católica encontramos relatórios elaborados pelo assistente das cidades de Tubarão, Lages, Joinville e Itajaí. Nestes relatórios podemos encontrar descrições dos tipos de profissões existentes, índices de desemprego, média salarial, descrição dos bairros, sindicatos, entre outros.

---

[185] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7.
[186] Idem, p. 2.
[187] Idem, p. 2. José Domingos Cardoso, conhecido como Ferreirinha, foi militante da JOC em Joinville.

Acreditamos que era a partir dessas análises que os jocistas organizavam a sua atuação. Segue abaixo um trecho do relatório referente à cidade de Joinville.

> Município: 60.000 habitantes
> Cidade: 5.000 operários 10.000 15.000
> Comércio: 3.000
> Prof Lib.: 500
> Apos.: 500
> Emprego. Cãs. 3.000
> O resto: idade escolar
> Poucas famílias numerosas.
> Número médio de filhos: 2,5
> Não há problemas de cor na vida social. Mas há fábricas (tecelagem) que só aceitam moças louras.
> Preferências para operários alemães. Em geral são operários especializados e sensivelmente mais pagos.
>
> TRABALHO
> Ind. Principais: metalúrgicas ¼ do operariado
> Tecelagem e fiação ¼ do operariado
> Madeira: 1/6 do operariado
> O resto: oficinas e pequenas fábricas: conservas, massas
> Muito numerosas oficinas de concerto de bicicletas (quase uma bicicleta por habitante adulto)[188]

A perspectiva de um movimento estadual também se articula por parte dos padres assistentes. Segundo o Monsenhor Agostinho, também eram realizados encontros entre eles, objetivando a divulgação do movimento pelo Estado.“Nos encontrávamos de vez em quando. Eu costumava incentivá-los a levarem a JOC para suas cidades”.[189] Dos assistentes jocistas que atuaram no Estado, nos foi possível levantar os nomes do Pe. Osmar Miller, da JOC Brusque, Pe. Jacob Anderle, da JOC Joinville, Pe. Adelino Lovatto de Lages e dos padres Nilton Ramos e Paulo Bratt da JOC Itajaí.[190]

Por fim, registramos que não foi possível apresentar conclusões referentes ao impacto que a JOC teve no movimento operário no âmbito estadual, visto que nos faltam informações sobre sua atuação em algumas das cidades listadas. Alguns dos militantes jocistas que

[188] Relatório sobre a cidade, [200-]. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.
[189] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 8.
[190] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7.

entrevistamos nos apresentam suas opiniões a este respeito. Marlene P. de Paula acredita que a JOC era um movimento forte no Estado. “Estávamos sempre nos reunindo. Cada cidade mandava um representante e discutíamos o andamento do movimento, o método de trabalho. Essa unidade fazia da JOC um movimento forte”.[191] Para Teodoro Haag, “Itajaí e Tubarão tiveram núcleos fortes de JOC. Porém a JOC mais significativa, mais forte do Estado era a de Joinville”.[192]

No entanto, será na correspondência trocada com o então deputado estadual Evilásio Caon, durante o ano de 1962, na qual o Pe. Agostinho apresenta os objetivos e estrutura do movimento jocista ao primeiro, encontramos uma perspectiva mais palpável nessa direção. Segundo o assistente, no referido ano, seriam “mais de dois mil operários atingidos pela orientação da JOC”.[193]

2.3 A REGIONAL EXTREMO SUL

Com o objetivo de facilitar a comunicação e a organizações dos núcleos, a JOC brasileira dividia-se em cinco regionais, uma para cada região geográfica do país. A JOC Santa Catarina compunha, junto aos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, a Regional Sul jocista. A partir da segunda metade da década de 1950, a expansão do movimento exigiu novas divisões. Em 1959, os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina passaram a compor a Regional Extremo Sul da JOC[194], tendo sua sede fixada em Porto Alegre. Em seu relato, Teodoro Haag explica essa nova organização. Segundo ele, “a JOC seguiu a estrutura da CNBB. Santa Catarina e Rio Grande do Sul eram uma regional. O

[191] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.
[192] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[193] Centro de Memória da ALESC. Caixa n. 6.
[194] MURARO, op. cit., p. 69-103.

comitê regional da JOC ficava em Porto Alegre, na Rua Luis Afonso, e nós coordenávamos todo RS e SC"[195].

A perspectiva de uma articulação estadual da JOC em Santa Catarina ganha traços mais claros quando observamos a documentação referente à sua regional de atuação. O acervo do Fundo Juventude Operária Católica nos permitiu acesso à relatórios de eventos da JOCf e da JOCm, relatórios financeiros e algumas edições do Boletim do Militante. Estes documentos são referentes somente à década de 1960, em sua maioria aos anos de 1965, 1966 e 1967. Ainda assim, eles nos possibilitam identificar algumas lideranças, temáticas debatidas pelo movimento e, mesmo, a permanência dos núcleos em algumas cidades do interior do Estado, após o golpe militar. A lista de contatos da Regional, datada de 1964, por exemplo, traz o nome de militantes de sete diferentes cidades do Estado.

Tabela 1. Lista de nomes JOCf – 1964

Lista de nomes JOCf – 1964	
Elenir da Costa	Itajaí
Eli de Oliveira	Joinville
Eli Eulália Oliveira	Lages
Joaninha Coradini	Tubarão
Marlene Puzinsky	Florianópolis
Nair Witkowsky	Brusque
Ondina Cabral	Joinville
Renilda de Assunpção	Jaraguá do Sul

Da mesma forma, tornam-se uma importante referência para refletirmos sobre a participação dos jocistas catarinenses nos espaços da regional e a efetividade dessa instância do movimento. Segundo o Pe. Afonso Birck, a articulação regional era uma constante nos anos em que foi assistente estadual em Santa Catarina.

[195] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 8.

> A gente sempre tinha correspondência. Eles vinham, a gente ia. Ao menos uma vez por ano, senão duas vezes. Dependia das circunstâncias.[...] De vez em quando a gente recebia a visita de um dirigente nacional e depois o regional também. Santa Catarina dependia do Rio Grande do Sul então, o pessoal de Porto Alegre vinha nos visitar ou nós íamos até lá para nos reunirmos com eles, periodicamente. Não sei se tinha épocas marcadas ou certas oportunidades.[196]

Marlene P. de Paula também expressa essa presença constante da direção regional, explicitando a importância da troca de informações que essa articulação proporcionava. "Tudo era feito em conjunto", ela explica.

> Funcionava muito bem. As visitas eram freqüentes. Eles nos auxiliavam na organização e revisão dos trabalhos. Traziam discussões para o grupo. Traziam materiais informativos, por onde tomávamos conhecimento do movimento nacional. Era uma troca muito importante. Pena que não me lembro quem era o assistente regional. Mas era um trabalho bem feito. [197]

Essa perspectiva de troca de informações aparece também no relato de Valmir Martins. O militante destaca ainda outros dois aspectos da articulação regional: os encontros e a presença de militantes "permanentes", pagos para dedicarem-se exclusivamente ao movimento. Segundo ele:

> Os encontros regionais eram o ponto central. E a ponte entre os estados era realizada pelos militantes liberados e pelos padres assistentes. Era difícil fazer reuniões muito amplas com freqüência. Em nível nacional era dessa forma também – quem "carregava a peteca" – eram os liberados e os assistentes. Nessas reuniões se debatia a estrutura do movimento, estratégias para expansão e também discutíamos textos selecionados para o estudo. Era muito complicada a troca de informações com a direção nacional sediada no Rio. As estradas do Estado na época eram muito precárias, não existia asfalto. Era chão batido até Curitiba. Existia um jornal do movimento nacional, Juventude Trabalhadora, se não me falha a memória, mas a maioria das informações chegava através dos assistentes e dos liberados. Por vezes, alguém da direção nacional visitava os estados.[198]

---

[196] BIRCK, Afonso José (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 13.
[197] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.
[198] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 5.

Referentes aos encontros mencionados, foi-nos possível o acesso a três relatórios de Conselhos regionais da JOCf, dois relatório de Conselhos regionais da JOCm e um relatório da Semana de Estudos, de 1962, realizada conjuntamente entre os núcleos femininos e masculinos. Consideravelmente, todos estes eventos realizaram-se no Rio Grande do Sul e através das listas de participantes foi possível identificar a participação de jocistas catarinenses e dos padres assistentes em todos eles.

Tabela 2. Participantes da Semana de Estudos – 1962

Participantes da Semana de Estudos – 1962								
.....	JOCm	15	Assistente	1	JOCf	8	Assistente	-
Itajaí	*	6	*	1	*	8	*	-
Brusque	*	4	*	1	*	3	*	-
Florianópolis	*	5	*	1	*	5	*	1
Tubarão	*	5	*	-	*	17	*	-
Criciúma	*	2	*	-	*	1	*	-
……	*	6	*	-	*	6	*	-
……..		-	*	1	*	-	*	-
Estadual	*	1	*	1	*	1	*	1
….	*	1	*	1	*	1	*	1
Porto Alegre	*	1	*	-	*	1	*	1

O relatório da Semana de Estudos não traz os nomes dos participantes, mas nos dá bons indícios dos números do movimento no Estado. Devido ao corte do microfilme, não foi possível identificar todas as delegações, mas nos chama a atenção numericamente a participação da JOC Tubarão.

Referente à JOCf, tivemos acesso aos relatórios do 7.º Conselho Regional, realizado em 1965, em Porto Alegre, do 8.º Conselho Regional, realizado em 1966, em Caxias do Sul e do 9.º Conselho Regional, realizado em 1967, na cidade de Vacaria. Listamos abaixo os nomes das jocistas catarinenses que participaram dos encontros.

Tabela 3. Jocistas catarinenses presentes no VII Conselho Regional JOCf, 1965

VIIº Conselho Regional JOCf - 1965 – Porto Alegre, 25 a 31 de julho	
Pe Adelino Lovatto – Eli Oliveria Wilma Casa	Lages
Elenir Costa	Itajaí
Renilda Assunpção	Jaraguá do Sul

Tabela 4. Jocistas catarinenses presentes no VIII Conselho Regional JOCf, 1966

VIIIº Conselho Regional JOCf - 1966 – Caxias do Sul, 24 a 30 de julho	
Júlia de Matos Eli Oliveira	Lages
Sônia M Silva Odete Maria Rosa	Florianópolis
Marlete Freitas Elenir Costa	Itajaí
Iracy Oliveira	Joinville

Tabela 5. Jocistas catarinenses presentes no IX Conselho Regional JOCf, 1967

IXº Conselho Regional JOCf - 1967 - Vacaria, 15 a 22 de julho	
Eli Oliveira Varley M Costa Elizabete Rodrigues Costa	Lages
Silvia S. da Luz Sonia M. Silva	Florianópolis
Marlete Freitas Elenir Costa Pe Nilton Ramos	Itajaí
Odete Rodrigues Rosalva Gomes Maria Raquel Durante Ir. Neuza	?

Percebemos que até 1967 existiam núcleos femininos em atividades em Santa Catarina, ainda que uma falha no micro-filme não nos permita identificar a quarta cidade. A presença de duas militantes de Florianópolis permite-nos questionar a informação de Marlene

P. de Paula de que a JOC feminina de Florianópolis teria encerrado suas atividades em meados de 1964.

Os Conselhos Regionais da JOC masculina, 7.º e 8.º, também datam de 1965 e 1966. Realizaram-se nas mesmas cidades dos Conselhos femininos, mas em datas diferentes.

Tabela 6. Jocistas catarinenses presentes no VII Conselho Regional JOCm, – 1965

VIIº Conselho Regional JOCm - 1965 – Porto Alegre, 30 de outubro a 02 de novembro	
Antonio Alves	Joinville
Adalberto Brito Valmir Martins	Florianópolis
Valdir Luis Knihs Teodoro Haag Pe. Osmar Miller	Brusque

Tabela 7. Jocistas catarinenses presentes no VIII Conselho Regional JOCm, 1966

VIIIº Conselho Regional JOCm - 1966 – Caxias do Sul, 17 a 22 de julho	
Valmir Martins	Florianópolis
Valentin Cristofolini Pe Nilton Ramos	Itajaí
Mário Borg	Brusque
João Francisco de Souza Joaquim Furtado Godoi	Lages
Teodoro Haag Neto	Dirigente Regional

Em seu depoimento, Valmir Martins relata sua participação no Conselho Regional realizado na cidade de Passo Fundo, no entanto, o militante não soube precisar a data. Não encontramos na documentação referência a este encontro, mas acreditamos ter sido anterior aos listados, visto que Valmir Martins relata ter encerrado sua participação na JOC, no ano de 1966.

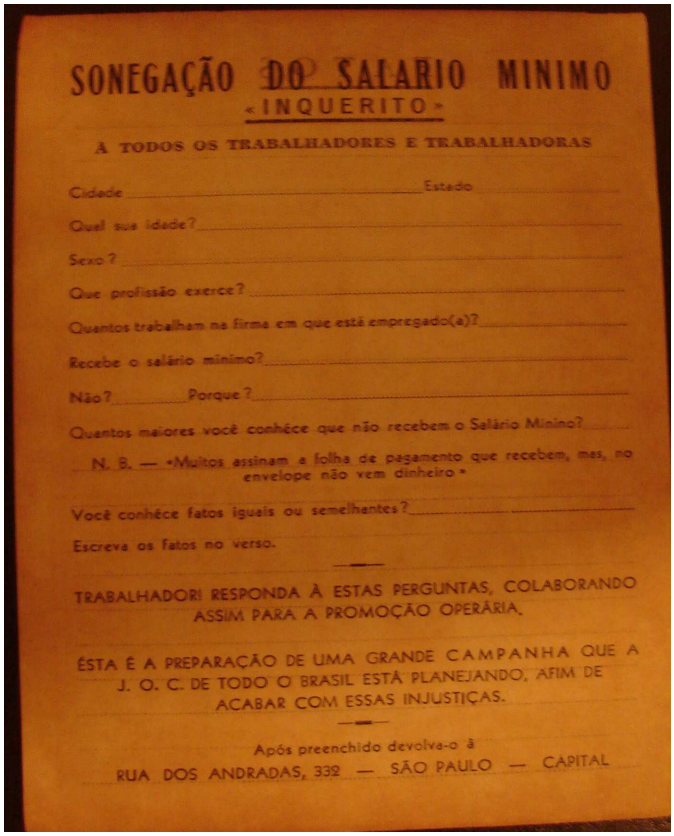
Analisando os referidos relatórios, percebemos a ausência de qualquer referência ao regime instalado no país, tanto nos Conselhos femininos, quanto nos masculinos. No entanto, percebemos indícios do processo de radicalização que o movimento nacional vivia, através de dois aspectos. O relatório do IXº Conselho Regional da JOC feminina traz uma crítica clara ao capitalismo como sistema:

> [...] ela recebeu o nome de capitalismo, porque dá todo e único valor ao capital e não ao trabalho, como seria o certo. [...] Os governos de uma grande parte dos países do mundo são mantidos e dirigidos por ele. [...] Ele tem instrumentos formidáveis em suas mãos. Entre outros, por exemplo, os jornais, rádios, TVs, revistas, que, por isso, não deixam o povo enxergar seus problemas. Distraem o povo com outras coisas.[199]

Também, o relatório do 8.º Conselho Regional da JOCm faz menção à *Populorum Progressio*, Encíclica do Papa Paulo VI, que traz várias críticas ao capitalismo. Lembramos, que o Concílio Vaticano II, realizado entre os anos de 1963-1965, é considerado o estopim de muitas mudanças no interior da Igreja Católica e o referido documento já acompanha as novas diretrizes.

É possível perceber que as principais atividades da Regional Extremo Sul, na segunda metade da década de 1960, eram voltadas ao Inquérito do Tempo Livre. Segundo Valmir Muraro, o "inquérito" era um dos mecanismos utilizados pela Juventude Operária Católica para descobrir os principais problemas dos trabalhadores e assim planejar e sua atuação[200]. O Pe. Afonso Birck cedeu-nos de seu arquivo pessoal, um dos questionários que eram distribuídos aos trabalhadores.

[199] Relatório do Evento, 1967. In: In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 30.
[200] MURARO, op cit, p. 91.



SONEGAÇÃO DO SALARIO MINIMO

«INQUERITO»

A TODOS OS TRABALHADORES E TRABALHADORAS

Cidade _____ Estado _____

Qual sua idade? _____

Sexo? _____

Que profissão exerce? _____

Quantos trabalham na firma em que está empregado(a)? _____

Recebe o salário mínimo? _____

Não? _____ Porque? _____

Quantos maiores você conhéce que não recebem o Salário Mínimo? _____

N. B. — «Muitos assinam a folha de pagamento que recebem, mas, no envelope não vem dinheiro»

Você conhéce fatos iguais ou semelhantes? _____

Escreva os fatos no verso.

TRABALHADOR! RESPONDA À ESTAS PERGUNTAS, COLABORANDO ASSIM PARA A PROMOÇÃO OPERÁRIA.

ÉSTA É A PREPARAÇÃO DE UMA GRANDE CAMPANHA QUE A J. O. C. DE TODO O BRASIL ESTÁ PLANEJANDO, AFIM DE ACABAR COM ESSAS INJUSTIÇAS.

Após preenchido devolva-o à

RUA DOS ANDRADAS, 332 — SÃO PAULO — CAPITAL

Figura 6 - Formulário do Inquérito do Tempo Livre

O inquérito referente ao salário mínimo foi realizado no ano de 1957. O Inquérito do Tempo Livre objetivava descobrir o que os trabalhadores faziam em seu “tempo livre”. Ele será tema também dos Boletins de Militantes, produzidos pela direção regional. [201]

Os relatórios e boletins a que tivemos acesso seguem uma padronização. A descrição dos tópicos debatidos e dos encaminhamentos seguem o método ver, julgar e agir. Inicialmente são descritas situações cotidianas dos trabalhadores e depois seguem os debates e encaminhamentos, bem como a avaliação das atividades já realizadas, com a pontuação do que “foi feito” e do que “faltou ser feito”.

Sabemos que a distribuição do Boletim do Militante era semestral, na regional Extremo Sul, no entanto não pudemos precisar a real circulação dele pelos núcleos catarinenses. Todavia, acreditamos que se existiu a participação de jocistas catarinenses nos

[201] Boletim do Militante, jan/abr, 1967. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 30.

espaços da regional, algo dessas informações circularam pelo Estado. Um outro ponto importante revelado pelo relatório do 8.º Conselho Regional da JOC masculina é a informação de que no ano de 1966 teriam sido estabelecidos seis novos núcleos jocistas em Florianópolis"[202]. Esses dados seguem ao encontro dos relatos dos jocistas e assistentes que entrevistamos. Todos eles afirmam que após o golpe de 1964, a JOC foi aos poucos desarticulando-se na capital. De fato, é uma dúvida que permaneceu em nosso estudo, visto que não encontramos registro do Conselho masculino de 1967, para confirmarmos a continuidade do movimento em Florianópolis.

Retomando o relato de Valmir Martins sobre a articulação do movimento regional, temos a informação de que esta era realizada através dos militantes "permanentes", ou "liberados". Segundo ele, "militantes permanentes no Estado e também na regional. Pessoas "liberadas" só para trabalhar o movimento. Aqui no Estado lembro do José Domingos Cardoso, o Ferreirinha, hoje já falecido. Era de Joinville, metalúrgico".[203]

Pelo que pudemos levantar, a JOC catarinense manteve duas equipes de militantes permanentes durante a década de 1960. José Domingos Cardoso, da JOCm e Marlene Machado, da JOCf, ambos de Joinville, em 1962 e, Teodoro Haag Neto, da JOCm de Brusque e a mesma Marlene Machado, em 1963. Coincidência ou não, tanto José Domingos, quanto Teodoro, após serem permanentes, compuseram a direção da Regional Extremo Sul e tornaram-se presidentes da JOC nacional.

Em seu relato, Teodoro Haag Neto e sua esposa Irena explicam-nos como era o processo de escolha dos militantes permanentes e dos dirigentes, de forma geral:

> **Teodoro:** Normalmente era pela participação que o elemento tinha no Estado, ou na cidade onde tinha os núcleos. Pelo processo mesmo que ele passou dentro do movimento. Não era eleição, não tinha eleição, também

[202] Relatório de Evento, 1966. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 30.
[203] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 3.

> não era uma pessoa que tava começando, era uma pessoa que já tinha passado por algumas etapas...
> **Irena**: Era militante, depois era dirigente do grupo, da cidade...
> **Teodoro:** A equipe nacional fazia uma avaliação. Pois sempre quando um saía, outro preenchia a vaga. Aí a equipe nacional mais ou menos indicava uma ou duas pessoas e alguém ia lá conversar se tu tinha disponibilidade para largar tudo, teu trabalho.
> **Irena**: Tinha que largar e viver de caridade. [204]

No que se refere à primeira equipe de permanentes, temos a informação de que os militantes recebiam uma determinada quantia, um auxílio financeiro para dedicarem-se exclusivamente ao movimento. No Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, encontramos uma série de ofícios trocados entre o Monsenhor Agostinho e o deputado Evilásio Caon[205]. Nessa correspondência, o assistente solicita que o deputado mantenha os dois jocistas em sua lista de contratados, autorizando, assim, o pagamento de um auxílio financeiro de cem mil cruzeiros[206], para que os militantes pudessem dedicar-se exclusivamente à JOC.

> Em ofício n.º 00470, de 18 de junho de 1962, dirigido ao Exmo. Senhor Governador do Estado, o Exmo. Sr. Secretário dos Negócios do Trabalho, Dr. Evilásio Nery Caon, fez a seguinte solicitação: " APRAZ-ME SOLICITAR A VOSSA EXCELÊNCIA QUE SE DIGNE AUTORIZAR A D.O.R.S.P. A LAVRAR CONTRATOS EM FAVOR DE JOSÉ DOMINGOS CARDOSO E MARLENE MACHADO. SIRVO-ME DA OPORTUNIDADE PARA DESTACAR QUE A CONTRATAÇÃO OBJETIVA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EM FAVOR DA JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA". Diante disso, apraz-me apresentar a V. Exa. um apanhado dos trabalhos que os jovens acima citados estão realizando entre a Juventude Operária de nosso Estado. [207]

No entanto, Teodoro Haag relata que não recebeu esse tipo de auxílio. Segundo ele, teria deixado o emprego e passado a depender das finanças do movimento.

---

[204] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 12-13.
[205] Atuante no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).
[206] Segundo o DIESSE, o salário mínimo em 1962 era de 13.216,00. Disponível em <www.dieese.org.br/anu/2001/3/pg48-50.pdf> . Acesso em: 05 nov. 2008.
[207] Centro de Memória da ALESC, caixa 6.

> **Teodoro:** De migalhas, por que eu, por exemplo, eu fui para o Rio fazer um curso; já tava na JOC; fui para o Rio fazer um curso de contramestre de um ano e pouco e voltei para Renault, lá e tinha um cargo bom lá, e ganhava bem, eu não tava nem há um ano nesse cargo, o meu pai trabalhava lá , meus irmãos todos trabalhavam lá, quando a regional sul de Porto Alegre me convidou. Eu fiquei, mas e agora, vou fazer o quê? Recém começando um baita de um emprego, tô começando a minha vida profissional toda aqui dentro da Renault. Aí conversa daqui, conversa de lá, no início meu pai disse: você não pode ir porque o Carlinhos Renault me disse que se tu sair, agora que gastaram contigo lá no Rio, vão demitir o Lauro que era um irmão meu. Essas pressões assim. Sei que um dia eu decidi e fui. Foi no dia 15 de janeiro, pedi a demissão antes, saí e fui. E lá no regional sul nós vivíamos de migalhas...
> **Irena**: ...você era convidado, primeiro para ser o que chamávamos de permanente regional. Uma pessoa que estava sempre à disposição do movimento. Em Porto Alegre, havia uma casinha de madeira nos fundos da Igreja da Conceição, onde moravam todas as permanentes moças, lembro que na minha época eram 4 ou 5. Já os rapazes ficavam alojados na sede da JOC. Havia essa divisão.[208]

Temos o conhecimento de que a JOC se auto-sustentava, através da cotização, contribuição mensal dos militantes. Contava também com o auxílio da Igreja e por vezes com a contribuição de amigos, "ex-jocistas" e empresas. Uma parte do arrecadado com a cotização nos núcleos era enviada à Regional. Encontramos no relatório do Conselho Regional de 1965 um balanço das finanças do movimento no referido ano:

[208] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 12-13.

Tabela 8. Relatório Financeiro – 1965 - Regional Extremo Sul

Relatório Financeiro – 1965 Regional Extremo Sul	
Porto Alegre	Cr$ 214.200
Novo Hamburgo	59.732
Caxias do Sul	28.000
Passo Fundo	92.789
Santa Maria	55.900
Uruguaiana	22.000
Santa Cruz do Sul	……..
Florianópolis	33890
Tubarão	44.700
Lages	40.200
Joinville	10.500
Pelotas	38.150
Santo Ângelo	8.200
Três Passos	10.000
Total	658.261

Teodoro Haag não soube informar quem o teria substituído na função de "permanente" no movimento estadual, e não nos foi possível encontrar registros de outra equipe através da documentação levantada e dos depoimentos. Encontramos, no entanto, o registro da formação de uma "equipe de ligação", da instância estadual com a instância regional.

> Dentro dessas responsabilidades e considerando
> 1) que o estado de Santa Catarina apresenta realidades distintas do estado do Rio Grande do Sul; a juventude trabalhadora com problemas e aspirações próprias [...] pendentes de autoridades estaduais autônomas;
> *2) embora integrado a CNBB, Região Sul V, os dois estados formavam duas províncias eclesiásticas, com atividades de ordem pastoral próprias, além de […] regional;*
> *3) que há grande distancia geográfica;*
> *4) que tudo isso cria a necessidade de atividades de âmbito estadual [...], além das de âmbito regional;*
> Propomos: aos Exmos. Srs. Bispos deste Estado de Santa Catarina estabelecer uma equipe de ligação com a confederação regional, pelo estado de Santa Catarina, composta de um dirigente, uma dirigente e um assistente.

> [...] Equipe de ligação escolhida: Elenir Costa, Valmir Martins e Pe. Osmar Miller, da Federação de Florianópolis.[209]

Dos militantes escolhidos, Valmir Martins compõe a JOC Florianópolis, Elenir Costa, a JOC Itajaí e o Pe. Osmar Miller era o assistente espiritual da JOC Brusque. No entanto, visto que em seu depoimento Valmir Martins relata que não foi militante "liberado", durante sua permanência no movimento[210], acreditamos que a referida "equipe de ligação" não tinha os mesmos objetivos da equipe de permanentes, bem como não exigia a dedicação exclusiva dos militantes. Considerando as razões alegadas para a sua formação, possivelmente tratou-se muito mais de um recurso para articulação no âmbito estadual do que no regional.

2.4 NO COMPASSO DO MOVIMENTO NACIONAL?

Nosso objetivo de traçar um quadro comparativo da trajetória nacional ou oficial da JOC no país e seus passos em Santa Catarina, procurando perceber particularidades e mesmo contradições, encontrou, ao longo de sua elaboração deste estudo, uma série de indagações metodológicas. A maioria delas surgiu a partir das fontes ou da falta delas, mas também de aspectos não considerados na elaboração de seu desenho inicial.

Considerando o recorte temporal da JOC no Brasil, 1948-1970, percebemos que, pela documentação levantada, apenas a JOC Florianópolis permitiria uma análise comparativa, visto que temos indícios de que ela esteve em atividade durante todo o período referido, perpassando as diferentes fases do movimento nacional. E se desta forma o fizéssemos, poderia ser considerado um quadro estadual? A esta indagação soma-se a percepção de que os núcleos da JOC no Estado foram fundados em diferentes anos e diferentes décadas. Tendo por base que as diferentes fases da JOC também são datadas, os núcleos fundados na década de

[209] Resolução para formação de equipe, 1965. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 30.
[210] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 3.

1960 devem ter sua trajetória comparada de que forma? Diretamente pela data ou levando em conta que as diferentes fases da JOC nacional são fruto não apenas do contexto, mas também de um processo de amadurecimento e experiências dos militantes?

Frente a todas essas indagações, optamos por respeitar os limites de nossas fontes. Nosso quadro comparativo será traçado entre a JOC nacional e a JOC de Florianópolis. Todavia, acreditamos que essa redução de escala em nosso estudo de caso não inviabiliza a possibilidade de encontrarmos particularidades e contradições.

No que se refere à estrutura e metodologia, a JOC Florianópolis seguiu os padrões nacionais do movimento: reuniões semanais para os núcleos, método ver, julgar e agir para formação de militante e encaminhamentos de atividades, financiamento através da contribuição mensal dos militantes e divisão entre JOC feminina e JOC masculina, bem como a já mencionada presença constante do assistente espiritual.

Segundo Francisco Vessling, era nas reuniões semanais que os jocistas prestavam "contas dos trabalhos de militância da semana. Com quem realizamos contatos, nossas experiências diárias" e recebiam "a orientação espiritual baseada no Evangelho, discutindo as possibilidades de aplicar a mensagem deste nas situações que envolviam nosso trabalho de militância".[211] Nelas, "tínhamos a parte espiritual, ministrada pelo padre assistente, onde líamos e discutíamos o Evangelho [...] e contávamos fatos de nossos locais de trabalho", coloca Marlene P. de Paula.

> E sempre saímos da reunião com um "agir", ou seja, naquela semana, por exemplo, eu seria encarregada de acompanhar determinada pessoa e ajudá-la resolver o seu problema. E na reunião seguinte fazia-se então o relato, a revisão do trabalho, discutindo o que deu certo e o que não deu.[212]

[211] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.
[212] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2-3.

É possível considerar que a principal pauta da JOC era a própria JOC. Como nos é sabido, essa dinâmica de atuação, partindo da prática, do cotidiano dos militantes, figura como a principal característica da Juventude Operária Católica. O método criado pelo Pe. Joseph Cardjin, denominado "ver, julgar e agir" era o ponto de partida para a atuação do movimento. E se apresenta bem vivo na memória dos militantes catarinenses. "Tudo partia do ver, julgar e agir", afirma Nereu do Vale Pereira.

> O ver era dividido em três partes: a religiosidade, a atividade profissional e a sociedade. O que estava acontecendo? Qual era o problema enfrentado? Como as coisas estavam organizadas? Perguntas nessa linha. Em seguida vinha o julgar e o agir. O que fazer?[213]

O Pe. Agostinho também faz referência a este processo em seu depoimento. Segundo ele, "sempre se buscava um texto do Evangelho. Textos relacionados com algum acontecimento do cotidiano deles".

> Esse texto era lido e eles começavam a refletir sobre ele. Passavam pelas etapas do ver e julgar: o que isso tem relação com a vida deles, no trabalho deles? Aí em cima disso decidiam o agir: o que nós vamos fazer em cima disso? Era fantástico, porque era exigida uma atitude da parte deles. Que eles mesmos encontrassem a solução para os problemas. Diferente de muitos movimentos de hoje, onde apenas se diz: faça isso, faça aquilo. Não, eles tomavam a atitude, nós vamos fazer isso, nós vamos agir assim. Eles buscavam tudo isso no Evangelho. [214]

O convite para a participação no movimento também perpassava a questão do método. "Você começava a conversar com um colega de trabalho, ou um amigo, discutindo determinados assuntos, colocando nossa opinião. Procurava perceber se ele assimilava as idéias, se havia interesse", esclarece Francisco Vessling. No entanto, também obedecia a determinados critérios.

---

[213] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[214] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.

> Fazíamos um trabalho de jovem para jovem. Havendo o interesse e a concordância com os objetivos do movimento, partíamos então para o convite. Essa pessoa era convidada a participar de uma reunião e depois optava por continuar ou não. [215]

Interesse e concordância com os objetivos do movimento também aparecem como critério para o convite no depoimento de Marlene P. de Paula. "A gente procurava saber do interesse da pessoa. Explicávamos o que era o movimento e seus objetivos e convidávamos para participar de uma reunião. Se houvesse o interesse da parte dela, ela comparecia. Não tínhamos um pré-requisito especial para o convite". [216]

Nereu do Vale Pereira apresenta-nos mais detalhes referentes ao ingresso na JOC em seu depoimento. "Tínhamos algumas fichas de adesão, com nome, endereço, local de trabalho, que deveriam ser preenchidas para sabermos se a pessoa já participava de algum outro movimento da igreja". No entanto, diferente de Marlene, Nereu expressa a existência de um pré-requisito para a realização do convite, ligado diretamente aos objetivos que perpassam a fundação da JOC, os quais foram apontados no primeiro capítulo deste estudo.

> Havia também a triagem ideológica. Afinal, se estávamos organizando a JOC para estabelecer um movimento católico e de oposição ao espírito capitalista e à tendência marxista, os adeptos dessas filosofias não poderiam participar da JOC. O assistente influía também nessa decisão.[217]

Como movimento, a Juventude Operária Católica de Florianópolis financiava-se por meio de uma contribuição mensal dos militantes, conforme previsto nos estatutos do movimento.[218] Segundo Valmir Martins, "o movimento se auto-sustentava",

---

[215] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 6.
[216] PAULA, Marlene Puzinski de Paula. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p, 3.
[217] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[218] Regulamento da JOC (1948-1956). In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 10.

> todos os militantes davam uma contribuição mensal, cotização era o termo. Cada um contribuía com o valor que podia. Lembro que a JOC tinha uma carteirinha padrão, onde você recebia um selo referente a cada mês após efetuar o pagamento. E essa contribuição era suficiente para manter o movimento.[219]

Nereu do Vale Pereira também confirma a contribuição mensal dos militantes como base para o financiamento da JOC. Acrescenta, no entanto, que existia uma ajuda financeira por parte da igreja em casos de eventos ou compra de material[220]. E, que em determinados momentos, o movimento buscava auxílio nos locais de trabalho de seus militantes. "Se precisávamos de papel, por exemplo, ou imprimir alguma coisa, tínhamos o auxílio da Imprensa Oficial do Estado. Muitos trabalhadores da IOESC eram membros da JOC, não era difícil conseguir o apoio".[221] Segundo Francisco M. Vessling, além de apoio financeiro, a JOC recorria também a empresas e casas de comércio na realização de eventos.

> Por exemplo, decidíamos promover um bingo dançante. Aí visitávamos as casas de comércio solicitando a doação de prendas para a premiação. Levávamos uma "cartinha", assinada pelo padre Agostinho, para identificar que éramos da JOC. Com facilidade, conseguíamos essas doações.[222]

A divisão do movimento jocista em feminino e masculino foi uma constante na trajetória da JOC brasileira até o ano de 1967. Particularmente, é um dos aspectos do movimento que sempre nos proporcionou indagações. Como já expusemos, os núcleos femininos e masculinos da JOC foram fundados na Capital no mesmo momento, e esta divisão esteve presente até o encerramento das atividades do movimento no Estado. Pelo que pudemos levantar, as reuniões e os encontros da JOCf e da JOCm, tanto em Florianópolis, quanto em âmbito estadual, eram realizados em espaços separados.

---

[219] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 10.
[220] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[221] Idem, p. 5.
[222] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 6.

> No último andar daquele prédio que pertence à Catedral ficavam as salas de vários grupos católicos. A Legião de Maria, a JEC e também nós da JOC. O nosso espaço foi dividido em dois, uma parte para as moças, outra para os rapazes. Tínhamos também reuniões em dias diferentes. Apenas nas atividades em que havia o trabalho conjunto.[223]

Esse trabalho conjunto também aparece no relato de Nereu do Vale Pereira: "realizávamos muitas atividades em conjunto, JOC masculina e JOC feminina. Festas, por exemplo. Os retiros e reuniões eram separados".

> A primeira experiência de retiro conjunta entre moças e rapazes aconteceu em 1951, na capela do Ribeirão da Ilha. O dormitório das moças era separado do dormitório dos rapazes, mas as demais atividades foram realizadas em conjunto. O padre Roberto, conselheiro nacional da JOC, compareceu a esse retiro.[224]

Quando indagamos aos jocistas os motivos dessa divisão, visto que ela não é verificada em todos os setores da Ação Católica especializada, recebemos uma mesma interpretação. Segundo Nereu do Vale Pereira, essa divisão enquadra-se no próprio contexto da igreja. "Sempre foi uma prática da Instituição a separação entre os sexos. Essa divisão existia até mesmo nas missas, as mulheres ficavam em um espaço da igreja e os homens em outro. Mesmo os casados".

> As escolas, ou atendiam meninos, ou atendiam meninas. Era a moral da época. E a Ação Católica surgiu dentro dessa mentalidade. A JUC é uma exceção, a separação não existia, pois o ambiente da universidade não separava os rapazes e as moças, ainda que nessa época, ainda eram poucas as moças que freqüentavam o ensino superior.[225]

---

[223] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[224] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 8.
[225] Idem, p. 7.

Valmir Martins interpreta a questão de forma muito similar. “Creio que era reflexo da ideologia que predominava na sociedade. A separação por sexo era a mesma que se dava nas escolas [...] uma concepção própria da época”.[226] Perguntamos também aos entrevistados se essa divisão proporcionava alguma diferenciação na formação que era proporcionada aos núcleos femininos e masculinos, pois essa separação entre os sexos realizada pela Igreja Católica não acontece ao acaso, mas sim porque ela atribui papéis diferenciados a homens e mulheres, como bem expressa o estudo de Liliane Goudinho, *Mulheres em Ação...(Católica): Belém (1939/1947)*. Segundo Goudinho, a Igreja Católica possui um discurso pedagógico em relação à postura feminina na sociedade, cristalizada na Encíclica *Rerum Novarum*, que procura reafirmar a função de esposa e mãe e sua “missão dentro do lar”.[227]

A perspectiva de uma formação diferenciada, no entanto, é negada por todos os militantes entrevistados. Segundo Valmir Martins, “a cartilha era a mesma. Mesmo método, mesmos objetivos”.[228] Através do Pe. Afonso Birck, que nos cedeu um exemplar do boletim *Construir*, voltado para a JOC masculina e exemplar do boletim *Unidas*, voltado para a JOC feminina, de seu arquivo pessoal, nos apareceu a oportunidade de visualizar, nos assuntos abordados e termos utilizados, algum indício de diferença na formação, mas não pudemos perceber. Obviamente, sabemos que uma análise mais profunda necessitaria de mais exemplares para a comparação. No entanto, buscamos indícios e não conclusões absolutas.

No entanto, é no depoimento de Marlene P.de Paula que encontramos algo nesse sentido. Frente à primeira indagação, Marlene nega a diferença de formação. Todavia, quando reformulamos a pergunta, indagando: Então não havia uma diferença na formação, nos assuntos tratados? A formação das moças era mais voltada à família, ao lar, enquanto a dos rapazes era voltada para o local de trabalho? A militante reconsidera a sua resposta.

---

[226] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, 09 de jul. 2007, p. 4.
[227] GOUDINHO, Liliane do S. Cavalcante. *Mulheres em ação...(Católica)*: Belém (1939-1947). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005, p. 13.
[228] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, 09 de jul. 2007, p. 4.

> Sim, creio que nesse sentido sim. Mas também não saberia te precisar mais que isso. Naquele tempo esse tipo de coisa não era algo que chamava a atenção da gente. Era algo normal, estávamos acostumados com a separação. Olhando hoje, parece uma diferença bem evidente, mas na época não era. Também, tens que levar em conta que não era tão grande o número de mulheres que trabalhava fora. No nosso tempo, elas estavam começando a aparecer nos locais trabalho, a trabalhar fora do lar.[229]

Percebemos claramente, no entanto, que esta reconsideração é realizada por Marlene a partir dos dias de hoje, e não visualizada por ela no período em que era militante da JOC em Florianópolis.

Foi-nos possível apurar também os métodos de divulgação utilizados pelo movimento na Capital. Deveras citado como referência no presente estudo, o jornal *A Gazeta* apresenta-se como um espaço de divulgação utilizado pela JOC desde o ano da sua fundação. Ainda que espaçados temporalmente, um número significativo de artigos assinados por jocistas, divulgando atividades ou expressando a opinião da JOC sobre diferentes temas, pode ser encontrado até meados da década de 1960.

Como não possuía uma publicação própria, jornal ou folheto, o movimento utilizava-se também das emissoras de rádios existentes na Capital. Segundo Francisco Vessling, "por vezes conhecíamos algum locutor e este abria um espaço em seu programa, onde fazíamos nossa apresentação. Explicação sobre o que era o movimento".[230] O Pe. Agostinho aponta também as missas como espaço de divulgação do movimento, mas atribui aos próprios jocistas o papel central nessa função.[231] Nereu do Vale Pereira compartilha dessa opinião. "O principal meio era o "boca-a-boca", a conquista. Essa expressão era muito usada. Cada jocista era um pescador de homens".[232]

---

[229] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.
[230] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p, 4.
[231] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 6.
[232] PEREIRA, Nereu do Vale Pereira. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.

2.5 OS LIMITES DO ALINHAMENTO

Ao tomarmos por referência os recortes temporais das fases na qual se divide a trajetória nacional da JOC e suas principais características, colocando-os lado a lado ao que apuramos no quadro catarinense, pudemos verificar os limites do alinhamento das duas trajetórias.

Até o início da década de 1960, é possível verificar um certo compasso da JOC catarinense com o movimento nacional. Seus primeiros anos de vida oficial no município caracterizam-se pela predominância de atividades de cunho religioso, "ligadas às paróquias e às celebrações litúrgicas"[233], educativas e com resultados pensados em curto prazo. Esse fato pode ser verificado, por exemplo, na participação da JOCF nas campanhas "tradicionais" da Igreja Católica, "Evangelho, Páscoa e Natal" [234].

> PÁSCOA OPERÁRIA
> Comemorando o dia do trabalho, o Círculo Operário desta capital, em colaboração com a Juventude Operária Católica, como nos anos anteriores, promoveu a PÁSCOA OPERÁRIA. Todavia, neste ano ela se revestiu de um característico altamente louvável: participaram do Banquete Eucarístico, não só os operários, mas também suas famílias, simbolizando, assim, a união que deve existir entre eles e a Cabeça desta grande família, que é o Corpo Místico! Realizado na Sé Metropolitana, foi oficialmente o Revmo. Monsenhor Frederico Hobold que, ao Evangelho, disse eloqüentemente de sua satisfação pelo fervor e afluência excepcionais. Abrilhantou o ato com sua presença o Sr. Dr. Raul Caldas, Delegado Regional do Ministério do Trabalho, em nossa cidade.[235]

A presença do Delegado Regional do Trabalho neste evento atenta-nos também para a ligação da JOC catarinense com o Estado. Esse aspecto não é muito explorado na

---

[233] MURARO, op cit., p. 68.
[234] Correspondência enviada. Documento único, 1949 a 1950. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.
[235] A Gazeta, 05 maio 1950, p. 2.

caracterização das fases do movimento. No entanto, no que se refere ao nosso recorte, pode configurar-se um indício dos laços estabelecidos entre a Igreja e o Estado em Santa Catarina.

Também destaca-se a opção pela "instrução religiosa básica assim como os princípios da JOC", na formação dos militantes. Esse traço fica muito evidente se acompanharmos os relatórios anuais dos núcleos em atividade. O núcleo São Luiz, da Imprensa Oficial, informa em seu relatório de atividades do ano de 1948, que:

> Aos segundos domingos de cada mês o núcleo tomava parte nas santas missas, dialogando em união com toda a A.C. [...] O núcleo também tomou parte ativa na Hora Santa que se realizou em outubro para uma fé maior em Cristo Eucarístico e pelo bom êxito da Semana da JOC em São Paulo. [...] Por ocasião da morte do pai de um dos elementos, o núcleo foi levar os seus pêsames à sua companheira, como também mandou celebrar missa de 30.º dia. [...] Foram feitas duas visitas a pobres enfermos com o fim de auxiliá-los com alguma coisa. [...] CAMPANHAS: Páscoa; que consistiu em orações. Convites [...] a pessoas da família e companheiros de trabalho; [...] Natal das Crianças: ajudando na angariação de brinquedos usados; [...] Natal do operário: convidando e ajudando seus companheiros a fazerem presépios em suas residências [...]. [236]

Já no núcleo Santa Marta, das domésticas, há formação religiosa praticamente em todas as reuniões, como mostra o trecho abaixo.

> A 1.ª reunião realizou-se às 15h30min do dia 11 de janeiro de 1948, no salão paroquial. Compareceram 5 membros. Após o comentário do Evangelho, a dirigente deu uma rápida explicação sobre toda a Missa, ficando assim [...] um curso de estudos sobre a Santa Missa. [...] Dia 24 reuniram-se novamente, às 19h30min, no salão paroquial. [...] estiveram presentes 1 membro e 1 simpatizante. Após as orações [tiveram parte] leitura e comentário da Epístola do domingo da septuagésima semana [...]. [237]

O próprio relatório geral (anual) da JOCF Florianópolis, enviado ao Secretariado Nacional em fevereiro de 1949, reflete esses mesmos aspectos, relatando, por exemplo, a

[236] Relatório anual. Documento único, 1948, anexo núcleo São Luiz, p. 1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.
[237] Relatório anual. Documento único, 1948, anexo núcleo Santa Marta, p. 2. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.

"criação de um curso para noivas", a ser ministrado pelas jocistas. Ou mesmo, a campanha do "mais cinco", onde "cada jocista deve levar cinco operárias" à "Hora Santa" que seria realizada no terceiro domingo de julho, na Igreja Nossa Senhora do Rosário. [238]No relato de Nereu do Vale Pereira, encontramos uma série de atividades empreendidas pela JOC com essas características. Segundo ele, a construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida, próxima ao Morro do Mocotó, foi trabalho da JOC.

> Eu próprio ajudei a construir aquela capela, que era de madeira – antigamente – trabalhando como operário. Construímos também uma igreja na Coloninha. O movimento tinha também essa característica, não eram apenas reuniões e debates. Existia na JOC o movimento de evangelização, construir paróquias, promover encontros, palestras aos bairros. Participamos do movimento que objetivava levar assistência religiosa aos locais da ilha onde não havia padres. O Ribeirão da Ilha foi um desses bairros. Canasvieiras, Lagoa... naquela época chegar a esses bairros era muito difícil. Caminhos estreitos, onde passava apenas um carro por vez. Realizamos também um trabalho de assistência aos presos. Geralmente aos sábados promovíamos palestras, um padre nos acompanhava e celebrava uma missa, ouvia confissões. Levávamos cigarros, comida. Passávamos uma tarde dentro da penitenciária uma vez ao mês. Atendíamos também a famílias necessitadas, principalmente nos morros.[239]

Como podemos perceber, procuravam oferecer respostas aos problemas imediatos, do dia-a-dia. Nesse aspecto podemos entender a JOC como uma extensão da própria Igreja. Uma experiência muito rica à análise é a relatada na correspondência datada de 1949. Ela descreve a atuação dos núcleos da JOC, sediados na Imprensa Oficial do Estado.

> Verificou-se que uma grande parte dos operários residia longe do serviço e que seu dinheiro não dava para ir em casa à hora da refeição, motivo porque traziam apenas uma garrafinha de café frio, o qual tomavam ao meio dia sentados nas sarjetas. Esse o motivo porque o operário andava magro, fraco e sem ânimo para o trabalho. [...] Em vista disso a JOC conseguiu com o diretor da Imprensa Oficial que fossem cedidos uma cozinha e um salão velho e depois com o esforço de cada jocista através de rifas, festas, etc. conseguiu-se organizar uma sopa, tipo sopa escolar, que é vendida a Cr$0,50

[238] Relatório anual. Documento único, 1948, p.2-3. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC, rolo 31.
[239] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 4-5.

> (cinqüenta centavos) a caneca de 1 litro, acompanhando um pão de trigo. É claro que com essa importância há sempre déficit, mas o mesmo é coberto com rifas, sessões de cinema, etc. [240]

Também é possível perceber, neste período, a promoção, por parte da JOC, de atividades de lazer, direcionadas aos trabalhadores. Entre os anos de 1950 e 1956, verifica-se a formação de um time de futebol amador, a JOC futebol Clube, que disputava os campeonatos varzianos[241], bem como a realização das "domingueiras"[242]. Realizavam-se, então, atividades desportivas durante a tarde e um pequeno baile durante a noite.

Um outro aspecto que alinha o movimento estadual ao contexto nacional da JOC é sua postura anticomunista. Sabemos que a Igreja Católica, de forma geral, tinha no comunismo uma ameaça à sua concepção de mundo e à ordem social estabelecida. Este era, inclusive, apontado como um dos motivos, talvez o principal, para o estabelecimento dos movimentos de apostolado leigo. Dessa forma, a implantação dos núcleos jocistas em espaços de atuação comunista seria um fator importante na disputa por influência. Em uma das atas de reunião da JOCF, a presença comunista também é apontada na Imprensa Oficial do Estado.

> Foi conseguido também junto aos dirigentes da Fábrica de Bordados e da Imprensa Oficial permissão para o Revmo Cônego Frederico Hobold fazer uma preleção aos operários. O trabalho foi suspenso e o es [ilegível] sacerdote instruiu-os por 30 minutos. [...] a Imprensa Oficial um dos focos comunistas, mas, apesar de tudo, houve muito respeito e atenção da parte de todos os operários por ocasião das duas visitas. [243]

No relato de Nereu do Vale Pereira, também encontramos traços dessa perspectiva de disputa de influência.

---

[240] Idem, p. 2.
[241] A Gazeta, 03 mar.1954, p. 5.
[242] A Gazeta, 16 ago. 1952, p. 7.
[243] Ata de Reunião, 1948, p. 1. In: Fundo Juventude Operária Católica, CEDIC/PUC/SP, rolo 31.

> ...incentivar a filiação nos sindicatos, filiação na União Operária, movimentos de rua. Não se podia admitir que os movimentos de reivindicação viessem apenas da parte dos comunistas. Se eram reivindicações justas, nós católicos tínhamos que participar também. Protestos contra aumento de ônibus, aumento de comida, tínhamos que demonstrar que eram também ações da igreja. Os jocistas participaram muito dessas atividades.[244]

Em meados da década de 1950, é possível perceber a presença de jocistas em alguns dos sindicatos da Capital, bem como relatos de sua participação e organização de greves. Os convites para missas e festivais de motivos religiosos[245] dão lugar a artigos sobre sindicalismo, trabalho de menores, salário mínimo e questão social.

> Sindicalismo e J.O.C.
> [...] "A organização profissional não exclui a liberdade Sindical". " (Idem) Da mesma forma, a Ordem Social Cristã insiste na sindicalização do operário e reclama a generalização dos contratos coletivos de trabalho". Tanto quanto o permite a Liberdade individual, os contratos individuais devem ceder lugar aos contratos coletivos de trabalho. [...] [246]

Esse processo assemelha-se muito com aquele que caracteriza a segunda fase da trajetória da JOC nacional, em que a JOC "alcançara fábricas, sindicatos, bairros, oficinas e clubes".[247]Segundo Scott Maiwaring, o movimento teria começado a empregar mais tempo para tratar de treinamento profissional, condições de trabalho, sindicatos e associações. "A princípio, preocupava-se a JOC em salvar a classe trabalhadora num sentido moralista: agora demonstra mais interesse pelas questões materiais da vida da classe operária". [248]

Nessa perspectiva, através de artigo publicado no jornal *A Gazeta*, em 29 de maio de 1953, é possível identificar a participação de jocistas também no Sindicato dos

[244] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[245] A Gazeta, 16 dez. 1948, p. 8.
[246]A Gazeta, 21 jul. 1957, p. 2.
[247] MURARO, op. cit., p. 69.
[248] Idem, p. 69.

Comerciários.[249] E, como já nos relatou Valmir Martins, houve jocistas atuando no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil em meados da década de 1950. Registramos que até o ano de 1964, a historiografia catarinense, tanto geral, quanto específica ao tema dos sindicatos, aponta o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Construção Civil como espaço de forte atuação de militantes comunistas.[250] Acreditamos que a instalação de um núcleo da JOC no referido espaço leva em conta essa perspectiva.

A participação de jocistas na referida greve nos foi relatada pelo Pe. Agostinho. Ele esclarece que:

> Na fábrica de bordados, por exemplo, duas moças lideravam e movimentavam tudo lá dentro. Uma era a Léia, mas da outra não me recordo o nome. Eram duas lideranças fortíssimas. Tanto que houve uma greve na década de cinqüenta que elas participaram. Essas duas moças da fábrica de bordados eram lideranças fortíssimas, tidas inclusive como subversivas na época.[251]

É na terceira fase da trajetória da JOC, no entanto, que percebemos uma diferença significativa na trajetória da JOC catarinense. Este período é caracterizado pela inserção da JOC num rápido e significativo processo de radicalização que perpassou a Ação Católica e determinados setores da Igreja Católica. No entanto, pouco desse processo parece ter atingido o movimento catarinense. Pelo que pudemos perceber, a JOC Florianópolis mantém uma postura moderada frente aos acontecimentos.

Segundo Francisco Vessling, a JOC discutia essas questões, "nossos dirigentes provocavam encontros e sugeriam discussões acaloradas. Nos encontros estaduais essas questões apareciam também. Chegaram a ser, por exemplo, ponto de discussão em nossas

[249] A Gazeta, 29 maio 1953, p. 6.
[250] MARTINS, p. 194.
[251] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1-2.

reuniões semanais".[252]Acrescenta, no entanto, que nem todos os militantes se envolveram nessas questões. Marlene P. de Paula compartilha dessa interpretação.

> Olha, eu acredito que por Florianópolis ser uma cidade, como posso dizer, pequena, as coisas eram mais acomodadas. Não havia grandes questionamentos. Talvez nas grandes cidades essas questões fossem mais evidentes. Em São Paulo isso foi muito forte. Mas aqui, entre a gente não existiu esse questionamento das coisas da igreja. Aceitávamos numa boa. Não me recordo de nada mais sério a esse respeito. [253]

Considerando a descrição que Marlene faz de Florianópolis, podemos refletir sobre o que significaria ser um "subversivo" na cidade, no contexto da década de 1950, visto que o Monsenhor Agostinho utiliza esse termo para as jocistas atuantes na Fábrica de Bordados. Segundo dados do IBGE, Florianópolis, na década de 1950, era uma cidade de 48.264 habitantes, pequena, provinciana, "onde as pessoas se conheciam, pelo nome e pelo apelido. Havia, por tudo, um sabor de inocência comportamental. Afora alguns barcos, a Ponte Hercílio Luz era a única ligação entre a Ilha de Santa Catarina e a parte continental do município".[254] Os dois maiores partidos em atividade no Estado, PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Democrática Nacional), revezavam-se no governo do Estado e na Prefeitura Municipal. Segundo Yan de Souza Carreirão, "o quadro era de domínio absoluto pelos dois grandes partidos conservadores, não havendo a mínima ameaça a esse domínio a curto prazo".[255] Valmir Martins descreve o mesmo cenário da cidade na década de 1960.

> Florianópolis, nesse período era uma cidade considerada pacata, calma e pequena. Quase que estagnada no tempo. A era rodoviária de fato, ainda não havia chegado à Santa Catarina. As pessoas andavam mais a pé, o asfalto era uma coisa inexistente. As ruas eram calçadas com paralelepípedos. Ainda

---

[252] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007.
[253] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 6.
[254]ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.aabbflorianopolis.com.br/livro_1.htm>. Acesso em: 20 out. 2008.
[255] CARREIRAO, Yan de Souza. *Eleições e Sistema partidário em Santa Catarina (1945-1979*). Florianópolis: Ed. UFSC, 1990, p. 130.

> não havia aterro. A cidade e o mar tinham um encontro diário freqüente, pois a cidade se espelhava no mar. E muitos locais da cidade eram considerados como "interior". Eram muito restritas as linhas de ônibus, a ligação dos bairros com o centro. As praias freqüentadas eram aquelas mais próximas ao centro da cidade. Havia dificuldade de acesso à Lagoa da Conceição, por exemplo. Era uma cidade "onde todos se conheciam", pode-se dizer.[256]

De fato, não sabemos detalhes sobre a referida greve na Fábrica de Bordados da Hoepeke, mas pensamos que a participação de jocistas possa ser um indício importante de que mesmo que não tenha seguido o processo de radicalização nacional, mantendo uma postura moderada, os militantes da JOC Florianópolis não estiveram alheios às reivindicações do meio em que atuavam. Francisco Vessling relata a participação dos joicstas em atividades reivindicatórias, "a gente participou de muitas atividades de protesto, junto com estudantes ou mesmo outros movimentos. Participamos de movimentos populares, manobras de rua"[257]. Outro exemplo disso pode ser verificado em outro trecho do relato de Marlene P. de Paula. Quando indagada sobre a participação dos jocistas nos sindicatos, ela afirma que:

> Olha, as moças da fábrica tiveram problemas com os patrões. Mas creio que porque participavam do sindicato. Não por serem da JOC. A proposta da JOC era a do trabalho individual, de pessoa para pessoa. Não havia, ou pelo menos aqui não houve, a preocupação em fazer um movimento grande, reivindicatório.[258]

Temos aqui uma separação que se estabelece entre a JOC institucional e os militantes. Seria isso possível? Percebemos a intenção de Marlene P. de Paula de inocentar o movimento de um possível conflito entre trabalhadores e patrões, colocando a participação no sindicato como uma opção individual das jocistas da Fábrica de Bordados, reafirmando a postura moderada do movimento em Florianópolis.

Sobre a questão da radicalização, a análise que Valmir Martins faz sobre esse assunto

---

[256] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 1.
[257] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[258] PAULA, Marlene Puzinski. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 8.

é mais profunda e traz outros pontos a serem considerados. “Olha, aqui em Florianópolis não houve grandes mudanças”, relata.

> Não sofremos um impacto significativo dessas mudanças todas. E nem nos envolvemos a fundo nas discussões. A minha aproximação com a esquerda, por exemplo, se deu após a minha saída da JOC. A partir de minha entrada na universidade e contato com o movimento estudantil, com a UCE, transformada em DCE em virtude do golpe. Mas aqui não tivemos grandes problemas, o movimento jocista não radicalizou. Muito pelo contrário. O pessoal mais antigo da JOC em 1964 participou do grupo civil que apoiou os militares. Diferente de muitos lugares, aqui, enveredamos para a direita.[259]

Considerando que esse ponto de vista é comum entre os três entrevistados e não existindo opinião contrária a ele, temos à nossa frente um quadro para o qual é possível tecer algumas afirmações. Apesar de ter sido um “processo”, a radicalização do movimento jocista intensificou-se depois do golpe de 1964. Pelo que pudemos levantar, a JOC Florianópolis desmobilizou-se pouco tempo depois. Dessa forma, podemos considerar que ela não teria vivido a fase de radicalização do movimento nacional, pelo fato de não estar mais em atividade.

Todavia, a memória dos jocistas entrevistados é muito objetiva nessa negativa, colocando “em cheque” até mesmo a perspectiva de “processo”. Este fato leva-nos a considerar limites para essa “postura moderada” e, também, que a reafirmação ou mesmo construção dela pelos militantes está associada a fatores que extrapolam o período que passaram na JOC.

No entanto, se assumimos que a JOC Florianópolis não passou pelo processo de radicalização verificado no movimento nacional, cabe-nos, ao menos, tentar apontar alguns porquês. Pensamos que o primeiro fator a ser considerado seja a dificuldade de manter um

[259] MARTINS, Valmir Martins. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 4.

contato contínuo com a direção nacional da JOC. Francisco Vessling informa que "não era um contato muito fácil".

> A gente recebia o jornal da JOC nacional, algum material para estudo, mas não era uma coisa sistemática e quantitativa. De tempos em tempos aparecia alguma coisa. Na maioria das vezes as informações eram dadas pelos dirigentes estaduais. Afinal os meios de comunicação eram outros na época.[260]

Nereu do Vale Pereira descreve da mesma forma esse contato com a JOC nacional. "Por vezes recebíamos o boletim nacional também que trazia as principais informações do movimento".

> No entanto, as dificuldades de comunicação eram imensas naquela época, então o recebimento do boletim não era constante. Raramente se conseguia um telefonema para São Paulo, o contato era feito por telegramas e cartas, ou alguém viajava de ônibus até lá.[261]

A dificuldade de comunicação e circulação de informações, no entanto, não podem ser consideradas explicação total para nossas indagações. Principalmente se levarmos em conta que a Juventude Universitária Católica – JUC – viveu esse processo de radicalização em Florianópolis, durante a década de 1960.[262] Um exemplo significativo desse processo pode ser encontrado no artigo *Para Meditar*, publicado no jornal *Reforma*, órgão oficial da UCE em 1963, ano em que a entidade estava sob uma gestão jucista.

> Para Meditar: O catolicismo é uma opção vital. Como toda opção ele é radical. E revolucionário. Se encontrares um católico que não seja revolucionário terás diante de ti um homem inautêntico. Mais do que homens e de mentalidades, o problema do mundo hoje é de estruturas. Derrubá-las é um dever. Para o universitário não sucumbir às tentações do mundo burguês, precisa engajar num esquema revolucionário. Sozinho,

[260] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3.
[261] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 6.
[262] SILVA, Victória Gambetta. *"...todos nós falávamos de socialismo"*: a trajetória da Juventude Universitária Católica em Santa Catarina (1959-1964). Florianópolis, 2006. Trabalho de Conlcusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina.

> ninguém faz revolução. Revolucionar é muito mais que construir, do que destruir. Mas será preciso destruir.[263]

Conhecendo este fato, a perspectiva do contato dos jocistas com uma esquerda católica nos trazia grande expectativa de que a experiência da JOC nacional se repetisse aqui no Estado. Como nos endossa a historiografia, o processo de radicalização da JOC foi posterior ao da JUC[264], já em meio ao Golpe Militar de 1964, fato que, conseqüentemente, nos remete a uma possível influência do primeiro processo de radicalização no segundo. Segundo Scott Maiwaring,

> o impacto da Esquerda Católica sobre a JOC foi forte, não somente porque os outros movimentos criaram um novo modo de entender a missão da Igreja, mas também porque a JOC teve algumas interações com os outros movimentos da ACB, sobretudo na cúpula. Os militantes da JUC tinham encontros freqüentes com os líderes da JOC, encorajando-os a uma visão mais progressista da fé. Em algumas ocasiões os militantes da JUC davam cursos aos jocistas para ajudá-los a desenvolver um conhecimento mais profundo da realidade brasileira.[265]

De fato, os jocistas atuantes na Capital tiveram um contato direto com os militantes da JUC, característica não possível nas demais cidades, devido à inexistência de cursos superiores no interior do estado catarinense até o final da década de 1960.[266]

Este contato com o movimento universitário permeou a JOC Florianópolis desde os primeiros anos de sua fundação. Acompanhando as atividades realizadas pelos jocistas através do jornal *A Gazeta*, é possível verificar a participação de membros da JUC em grande parte delas, ou mesmo, a organização e atuação conjunta em espaços de debate e mesmo associações. Um exemplo interessante dessa relação é a *Frente Operário-Estudantil* (FOE),

---

[263] Reforma, n. 1, 1.º a 15 de set. 1963, p. 7. Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Caixa 8.
[264] A trajetória da JOC como movimento no país é dividida em três fases: 1948-1958: fase de divulgação e recrutamento; 1959-1964: fase missionária; 1965-1970: fase de ruptura com o Estado e desarticulação.
[265] MAINWARING, Scott. A JOC e o surgimento da Igreja nas bases (1958-1970). In: *Revista Eclesiástica de Base*, Petrópolis: Vozes, mar. 1983, p. 42-43.
[266] MORETTI, Serenito. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1984, p. 83.

fundada na capital em 1956 e que objetivava o trabalho conjunto de estudantes e trabalhadores em prol das reivindicações das classes. Nas palavras de José Luiz Sobierazski, autor da nota publicada, a FOE visava a "aumentar os laços de amizade e cooperação entre as duas classes [...] tem ainda em mira o trabalho em comum para salvaguardar os legítimos interesses do povo".[267]

A FOE não comportava apenas os órgãos de juventude da Igreja Católica, mas também sindicatos e associações estudantis. Ao longo dos anos em que esteve em atividade, promoveu reuniões para debate, passeatas e protestos. Em todas as atividades promovidas pela Frente divulgadas pelo jornal *A Gazeta*, a JOC e a JUC aparecem inseridas na comissão organizadora. Citamos a seguinte manifestação.

> Operários e estudantes catarinenses protestarão!
> Convite: Frente Operário Estudantil, Círculo Operário de Florianópolis, UBRO, JOC -Florianópolis, JOC – Saco dos Limões, Associação Beneficente dos Pintores, Juventude Independente Católica, Juventude Universitária Católica, Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Construção Civil, Liga Independente Católica e Sindicato de Panificação de Florianópolis. Convidam os seus associados, operários, estudantes e o povo em geral para participarem de Manifestação monstro de protesto contra as intervenções armadas em países livres, que deverá realizar-se – sábado – dia 10 do corrente – às 19 horas. A concentração de todos os manifestantes será no Largo Fagundes, rumando em seguida para a Praça XV de Novembro, onde falarão vários oradores. Comissão organizadora.[268]

Como bem explicita o convite, a manifestação protestaria contra a "intervenção armada em países livres". No entanto, no dia 13 de novembro de 1956, três dias após a manifestação, o jornal *A Gazeta* publicou uma nota anônima que trazia críticas aos organizadores do protesto. Segundo a nota, a manifestação da FOE centrou-se em críticas ao governo da Hungria, "esquecendo" a agressão ao Egito e os fuzilamentos ocorridos no

[267] O Estado, 28 set. 1956, p. 1.
[268] A Gazeta, 09 set. 1956, p. 6.

Chipre.[269] Coincidências à parte, o governo da Hungria no período era comunista.

A Frente Operário-Estudantil permaneceu em atividade até o ano de 1963, quando foi reestruturada pelos jucistas passando à Frente Operário-Estudantil-Popular. Segundo Rogério D. Queiroz, militante da JUC e presidente da UCE no referido ano, membros do partido comunista participavam desse espaço.

> Era sabido que eles participavam do movimento. Ainda na minha gestão, em 1963, nós relançamos a Frente Operária-Estudantil como Frente Operário-Estudantil-Popular, FOEP. Esta agregava, não apenas os estudantes, mas também os trabalhadores de Florianópolis. É sabido que havia poucos. Alguns na Construção Civil, também no antigo DAE (Departamento Autônomo de Edificações do Estado), mas que estavam começando a organização de seus sindicatos, destaco também os trabalhadores das gráficas. E o Partido Comunista, na clandestinidade desde 1947, atuava através desses espaços."[270]

Segundo Celso Martins, "os comunistas agiam abertamente" através da Frente, de tal forma que o jornal *Novos Dias*, órgão do Partido Comunista em Florianópolis a partir de 1961, noticiava as atividades promovidas pelo movimento[271]. A participação do PCB na Frente Operário-Estudantil-Popular também é reafirmada por Francisco J. Pereira,

> Bom, o partido comunista sempre esteve ligado aos trabalhadores. E como já conversamos, a JUC, com o andar do processo, também adotou essa postura de mão na massa. E nessa perspectiva fundou-se a Frente-Operário-Estudantil. Por parte do partido comunista foi ótimo, pois sempre fizemos a política de frente. Principalmente porque nós sempre fomos muito perseguidos e discriminados. Tínhamos a política de ampliar e sempre que possível fazíamos Frentes.[272]

No entanto, nessa nova fase do movimento, não verificamos a participação da JOC. Retomando a análise de Valmir Martins de que o movimento jocista não radicalizou em

---

[269] A Gazeta, 13 nov. 1956, p. 2.
[270] QUEIRÓZ, Rogério Duarte de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, fev. 2005, p. 2.
[271] MARTINS, Celso. *Os Comunas*: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995, p. 194.
[272] PEREIRA, Francisco José. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jan. 2005, p. 3.

Florianópolis, destacamos que, quando ele se refere a antigos militantes que participaram do grupo civil que articulou o Golpe Militar de 1964, ele tem em mente o nome de Nereu do Vale Pereira. O ex-jocista está associado ao incêndio criminoso da Livraria Anita Garibaldi, em abril de 1964.[273]

A menção ao golpe militar de 1964 voltou nossa atenção à hierarquia da Igreja em Santa Catarina. Considerando que, na conjuntura da década de 1960, a Igreja Católica brasileira dividia-se internamente entre diversas posições, sendo a Esquerda Católica apenas uma delas[274], e que, segundo Valmir Muraro, muito da postura dos núcleos jocistas refletiam a postura de seu assistente eclesiástico espiritual ou da diocese[275], poderia estar nesse ponto as respostas para nossas indagações.

A Igreja em Santa Catarina é caracterizada neste período por diretrizes conservadoras, que compõem, junto à UDN e ao PSD, o grupo direitista no Estado.[276] Nessa perspectiva, ela será uma das principais apoiadoras do Golpe Militar de 1964. Segundo Kaspari "em Santa Catarina, a Igreja Católica, não apenas somou forças junto às organizações golpistas, mas agiu como força golpista, difundindo um discurso catastrofista ante o governo Goulart".[277]Quando analisamos a postura da Arquidiocese em relação à JOC percebemos a existência de certa desconfiança em relação aos rumos que o movimento poderia tomar. Não nos parece improvável que a Igreja agisse estrategicamente para evitar desvios.

De fato, pelo que pudemos levantar, a JOC de Florianópolis foi um movimento com fortes laços institucionais. Acreditamos que o caráter de "Juventude Católica" sobressaiu-se ao de "Juventude Operária", sendo fator determinante nos rumos seguidos pelo grupo.

---

[273] MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva*: os anos do Golpe. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 137.
[274] KASPARI, Alceu. Alceu. *O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 55-56.
[275] MURARO, op. cit., p.
[276] KASPARI, op. cit., p. 110.
[277] KASPARI, op. cit., p. 126.

Radicalizada ou não, pudemos apurar que a JOC Florianópolis não escapou do contexto imposto pelo regime militar. Localizamos, no Centro de Memória da ALESC, o relatório da sessão de interpelação do deputado estadual Evilásio Caon, realizada no dia 26 de maio de 1964. Nessa sessão o deputado é interpelado sobre o auxílio prestado nos trâmites para a fundação do Clube dos Sargentos de Florianópolis. Responde a acusação de "agitador" da referida categoria.[278]

Entre os documentos que compõem o dossiê de acusação do deputado, pudemos encontrar uma seqüência de correspondências trocadas no ano de 1962 entre o primeiro e o Mons. Agostinho Staehlin, assistente espiritual da JOC. Tratam especificamente do auxílio financeiro prestado pelo deputado ao movimento, mantendo em sua folha de pagamento dois jocistas caracterizados como "permanentes" do movimento. Este tipo de recurso era utilizado em nível nacional, para subsidiar essa categoria de militantes que se dedicavam integralmente à JOC e recebiam um salário do secretariado nacional ou de alguma empresa ou "amigo da JOC".

Se em nível nacional o processo de radicalização da JOC inicia-se após o Golpe Militar de 1964, a vinculação ao movimento aparecer nos autos de acusação ao deputado catarinense nos primeiros meses do referido ano nos parece um bom indício desse contexto. Segundo Marlene P. de Paula, "o movimento enfraqueceu aqui também depois da revolução".

> Ficou tudo camuflado, o pessoal estava com medo de se manifestar. Também estávamos todos namorando, em idade de casar, aos poucos fomos nos afastando. A JOC acabou aqui em Florianópolis pouco depois de 1964. O padre Agostinho naquela época era o nosso assistente. Ele participou de toda essa nossa preocupação com os limites que a revolução impunha. Os padres mesmos ficaram receosos de se envolverem, o nacional teve muitos problemas nessa época.[279]

[278] Sessão de Interpelação do Deputado Evilásio Coan - Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Caixa 6.
[279] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.

O golpe de 1964, no entanto, não parece ter sido o único fator para a desarticulação da JOC em Florianópolis. Através do relato de Marlene, destaca-se também o fator geracional. Sendo o movimento um espaço de juventude, com limite de idade, 30 anos, e estado civil para permanência, a renovação de militantes configura-se um aspecto constante. Pelo que pudemos levantar, não houve essa renovação em meados da década de 1960, quando se afastavam os jocistas “em idade de casar”. Acreditamos que em parte essa questão esteja associada aos limites impostos pelo regime militar, mas consideramos também a própria postura da hierarquia da Igreja em silenciar esses movimentos.

3 A JOC PELOS JOCISTAS

> Há na JOC uma mola que a põe em movimento, que provoca o arranco, a partida contínua. É como uma força motriz que faz andar as máquinas em uma fábrica. Nada, ninguém pode substituir essa força motriz. Nem o próprio propagandista, o presidente ou a presidente, nem todas as publicações da terra, nenhum deles tem meios para substituí-la. Podemos fazer as melhores publicações, os melhores boletins, os melhores programas, usar os melhores métodos, não serão mais que meios. Um meio, a propagandista; um meio, a equipe da federação; um meio, o boletim de dirigente; um meio, o jornal; um meio, nosso programa. O que é indispensável para utilizar todos esses meios, para dar-lhes o impulso? A mola. E essa mola é o militante, a militante.[280]

Este estudo sobre a JOC e sua trajetória no estado de Santa Catarina estaria incompleto, em nosso entendimento, se não levasse em conta aqueles que a compuseram. Mais que isso, consideramos este um aspecto essencial, não apenas por pretendermos um estudo no campo da história social, da história "vista de baixo." Mas, principalmente, porque a perspectiva de que "a JOC se realiza por e não simplesmente para"[281] cada um dos jocistas, aparece entre as principais diretrizes do Padre Cardjin ao pensar e fundar o movimento.

Temos conhecimento de que a JOC como movimento possui uma "memória institucional", construída tanto pela historiografia, quanto construída e reivindicada por ex-militantes e ex-dirigentes através de publicações específicas. No entanto, se tomamos como real o fato de que a Juventude Operária Católica não pode ser entendida como um bloco homogêneo visto à diversidade de contextos no qual atuou, também não o faríamos no que concerne à memória dos militantes.

Obviamente, lidar com a memória das pessoas não é uma tarefa fácil. Nas entrevistas que realizamos, ouvimos diferentes pontos de vista, experiências distintas, em que cada militante expressou fatos significantes para si e encobriu outros. Sem mencionar as ressignificações, fruto de vivências posteriores. Dessa forma, pensamos que a memória não é

---

[280] CARDJIN. Joseph. *O jovem trabalhador, a jovem trabalhadora diante da vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: JOC, [20--?], p. 41-42.
[281] Idem, p. 22.

individual, mas coletiva, pois o entrevistado está inserido em uma rede de relações sociais, políticas e familiares. Segundo Henry Rousso:

> A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, 'coletiva" [...] Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao "tempo que muda", às rupturas, que são o destino de toda a vida humana; em suma ela constitui [...] um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.[282]

No entanto, a memória coletiva apresenta uma "dimensão individual", como afirma Antonio Torres Montenegro, resultante da elaboração subjetiva que a distingue da história. "A memória coletiva de um grupo representa determinados fatos acontecidos, situações, no entanto, reelabora-os constantemente. Tanto o grupo como os indivíduos operam estas transformações"[283]. É nessa dimensão individual que estará o nosso foco: aspectos da experiência pessoal, por vezes minimizada em meio a estruturas, trajetórias oficiais e posturas adotadas.

Dessa forma, optamos por fazer deste terceiro capítulo um espaço para as memórias – fatos, impressões e recordações que, em meio às questões investigativas das entrevistas, foram colocadas, destacadas e consideradas importantes aos olhos dos jocistas catarinenses ao longo de suas trajetórias no movimento, sendo nossa opção a tentativa de agrupá-las em quatro diferentes tópicos. Destacamos que trabalhamos com uma amostragem. A JOC estendeu-se por nove municípios do Estado e nosso campo de entrevistados restringe-se a três deles, sendo quatro de Florianópolis, um de Brusque e um de Joinville e, ainda, dois padres assistentes.

---

[282] ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. (Org.).*Usos e abusos da História oral.* 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 94-95.
[283] MONTENEGRO. A.T. *História oral e memória*: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994, p. 19.

3.1 MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

> Um movimento de amizade, de camaradagem, de apoio, de ajuda mútua.[284]
>
> [...] E o princípio número um era fazer amizades.[285]

A memória da JOC como um espaço de amizades e convivência é exposta pelos jocistas em vários momentos de suas trajetórias. Os amigos, irmãos e colegas de trabalho são apontados como responsáveis pelo conhecimento e contato inicial com o grupo e, mesmo, como motivo de permanência e saída do movimento, permitindo, inclusive, algumas particularidades e exceções como verificamos no relato de Francisco Murilo Vessling, militante jocista em Florianópolis entre os anos de 1960 e 1964. No período de seu recrutamento, o entrevistado destaca que "não trabalhava", era estudante secundarista, "apesar da JEC ser voltada aos estudantes secundaristas, eu participei diretamente da JOC". Segundo ele, o laço de amizade e proximidade foi priorizado frente às classificações da Ação Católica.

> Eu conheci a JOC através de amigos que já militavam por lá. Eu estudava na Escola Industrial de Florianópolis, e através de um dos meus colegas, o Valter Martins, tomei conhecimento do movimento. Ele realizou todo o trabalho relativo ao contato inicial comigo [...] entrei através de um amigo.[286]

Francisco Vessling deixou de participar da JOC no momento em que segundo ele, "as prioridades mudaram". "Em 1964 eu estava começando a trabalhar, a namorar. A vida tomou outro rumo [...] Os amigos mais próximos também foram saindo e com isso perdia-se aquele clima de amizade". Nos relatos de ingresso no movimento jocista, de Valmir Martins e Marlene Puzinski de Paula, o convite e ingresso na JOC realizou-se também por meio de

[284] CARDJIN, op. cit., p. 38.
[285] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 1.
[286] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1.

amigos e colegas de trabalho. No entanto, esteve aliado a um outro aspecto, a ligação da família com a Igreja Católica.

Ingressando em 1959, Valmir Martins foi dirigente estadual da JOC catarinense permanecendo no movimento até 1966, passando então, como universitário, a integrar a JUC e, posteriormente, a Ação Popular. Sobre seu contato inicial com o movimento ele afirma:

> Bem, a minha entrada na JOC foi meio seqüencial. A minha irmã mais velha e um dos meus irmãos participaram do movimento jocista. Conheci a JOC através deles. [...] Bom, a minha família era muito católica, e esse aspecto, sendo a JOC um grupo, uma juventude ligada à Igreja, proporcionou que nós tivéssemos esse contato. No final dos anos 50, o pessoal que participava da JOC em Florianópolis já estava em idade avançada. Entre eles, estava o meu irmão, na JOC masculina e a minha irmã, na JOC feminina. Havia essa separação por sexo no movimento. E através dessa proximidade, eu conheci o pessoal jocista, convivia com eles e acabei por ser convidado a participar. Foi assim que eu e mais alguns rapazes fomos recrutados no mesmo período.[287]

Marlene Puzinski de Paula foi militante jocista entre os anos de 1962 e 1964, sendo dirigente do núcleo feminino em Florianópolis. Ao lembrar do período em que ingressou na JOC, ela destaca a importância do movimento para sua reaproximação com a igreja católica e a perspectiva de encontrar um espaço de interação e amizade. Segundo ela, "era uma coisa que fazia falta. Fui acostumada desde pequena a participar das coisas da Igreja".

> Eu conheci a JOC em uma fase da minha vida em que eu estava um tanto desligada da igreja. Eu havia saído de casa, na Agronômica, passando a morar no Centro. Então estava um pouco perdida, pois não tinha mais o contato diário com o meu grupo de amigas, grupo de jovens. Comecei então a trabalhar e, em um dia, no meu local de trabalho, escutei a conversa de uma participante da JOC, que era minha colega, com o Padre Birck. Até então eu não sabia que esse movimento existia. Eles estavam conversando sobre a reunião do grupo. Me interessei e perguntei a ela o que era a JOC. Ela me explicou e me convidou a participar de uma reunião sem compromisso. Eu compareci a essa reunião, gostei e passei a participar. Foi interessante, pois isso aconteceu justamente em um momento em que eu estava buscando algo, eu estava querendo participar de algo. A colega que me convidou não me conhecia na época. Perguntei, recebi um folhetinho,

[287] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 1.

> não lembro exatamente o nome, creio que era “O militante”, e o convite para participar.[288]

A ligação familiar com a Igreja também aparecerá no relato de Nereu do Vale Pereira como ponto essencial em seu ingresso na JOC. No entanto, o convite para ingresso no grupo não partiu de um amigo ou colega de trabalho. Militante da JOC entre os anos de 1948 e 1953, o senhor Nereu participou da fundação do movimento no Estado, sendo eleito seu primeiro presidente. Segundo ele, o convite para ingresso na JOC deveu-se à sua participação anterior em outros movimentos católicos.

> Bem, eu nasci e me criei em uma família católica, então desde os onze, doze anos, estive envolvido com os movimentos da Igreja. Quando comecei a cursar o ginásio, antigo curso secundário, procurei, juntamente com meus dois irmãos mais velhos, um espaço de participação mais propício à nossa idade. Primeiramente conheci a Congregação Mariana organizada pelos padres Jesuítas no Colégio Catarinense. Fui filiado por doze anos à Congregação Mariana Nossa Senhora do Bom Conselho. Esta congregação era aberta aos estudantes de outras escolas, então, juntamente com alguns colegas, passei a participar. Foi assim que eu comecei a minha vida nas atividades chamadas religiosas. No entanto, quando chegamos aos dezesseis, dezessete anos, esse espaço da congregação já soava saturado. Eu já estava, inclusive, em atividade profissional, envolvido com atividades de produção. Então, em 1945, a Ação Católica chegava a Florianópolis. E, a partir disso, foram reunidos rapazes e moças de vários colégios, várias formações, alguns começando o ginásio, outros já o tendo concluído, na perspectiva de um envolvimento destes com esse movimento que chegava. [...] Como eu trabalhava no comércio, tinha feito um cursos profissionalizante, foi sugerido que eu integrasse e ajudasse a desenvolver a JOC.[289]

Ainda, no que concerne a esta questão, percebemos a ênfase, em alguns relatos, ao fato de que os laços de amizade criados na JOC se perpetuaram mesmo com o término do movimento ou a saída desses militantes. Marlene Puzinski de Paula, por exemplo, relata que "foi uma época muito boa. Ficaram muitas amigas dessa época”. Francisco Vessling destaca que mantém contato com "amigos daquela época" nos dias atuais, inclusive com um dos

[288] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1.
[289] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 1.

padres assistentes no período, o Padre Afonso Birck, bem como, o fato de ter sido padrinho de casamento de Marlene.[290] E, ainda, vínculos mais amplos, como nos relata Teodoro Haag, jocista de Brusque, que participa da realização e distribuição de um "jornal" voltado aos ex-jocistas.[291]

Ademais, não deixamos de perceber que esse aspecto do recrutamento realizado por amigos, colegas de trabalho e irmãos representa aos jocistas, também, um objetivo a ser cumprido. Segundo Nereu do Vale Pereira, "cada jocista era um pescador de homens".[292]

> Fazíamos um trabalho de jovem para jovem. Você começava a conversar com um colega de trabalho, ou um amigo, discutindo determinados assuntos, colocando nossa opinião. Procurava perceber se ela assimilava as idéias, se interessava. Havendo o interesse e a concordância com os objetivos do movimento, partíamos então para o convite. [...] Essa era a metodologia que a JOC utilizava, a conversa de jovem para jovem, apresentando e explicando o que era, quais os objetivos e tentando angariar adeptos.[293]

Também neste tópico, optamos por incluir relatos que apresentassem experiências próximas a um "cotidiano" jocista. Acontecimentos isolados ou interligados a atividades que em nossa opinião, expressam o caráter de espaço de convivência, lazer e, porque não dizer, humano da JOC. Em meio ao relato de Nereu do Vale Pereira, encontramos um episódio que o próprio entrevistado classificou como "curioso". Ao descrever sua participação em um encontro de dirigentes em São Paulo, no ano de 1952, o jocista não pôde detalhar as questões organizativas ou discutidas no evento, mas narrou com riquezas de detalhes uma das atividades de lazer que compunham a programação.

> Esse encontro foi em uma casa de retiro, próxima à Mauá. Dentre as atividades de confraternização, estava um jogo de futebol. A disputa iria ser entre o nosso time, o time da JOC, e um time da comunidade ali próxima.

---

[290] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7.
[291] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 7.
[292] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[293] Idem, p. 1.

> Estávamos nos organizando e me disseram: Nereu, você vai marcar um "criolinho", o garoto tem doze ou treze anos, mas já é um demônio. Você vai ficar encarregado de marcar ele. Bom, o jogo aconteceu em seguida, não me recordo o resultado porém, sabes quem era o garoto? Pelé. Sim, o Pelé participou de atividades da JOC. Ele já não residia mais em Três Corações, já estava em São Paulo, morando próximo à zona ferroviária. Muito curiosa esta história, até eu joguei futebol com o Pelé.[294]

Ainda que possam ser enumeradas questões a respeito de possíveis anacronismos nesse relato, ele expressa elementos significativos das atividades de lazer que a JOC promovia, direcionadas aos trabalhadores, características da primeira fase do movimento. Francisco Vessling, ao ser inquirido a respeito da dinâmica e pauta das reuniões da JOC, não pode precisá-las, mas destacou que:

> Éramos muito bagunceiros. Afinal éramos todos "*gurizões*" na época, 14,15 e 16 anos, fazíamos as nossas artes. Sempre ao final da reunião havia uma atividade lúdica, brincadeiras ou jogos. E aí a bagunça crescia um pouco, os padres reclamavam do barulho, por causa do adiantado da hora. Aí o Monsenhor vinha e dava uma bronca.

Questionados sobre a função e a participação dos padres assistentes, Teodoro Haag e sua esposa Irena narraram o caso do Padre Nilton Ramos, assistente da JOC em Itajaí,

> No fim nós sabemos depois que o padre Nilton Ramos abandonou e casou com a Marlete, que era da JOC feminina. Dava muito disso também. Muito assistente desistiu, não apenas os padres, mais os seminaristas, se apaixonavam pelas moças, começavam a conviver e se apaixonavam. Os bispos ficavam furiosos com isso.[295]

Também destacaram a JOC como um espaço que ia além da formação religiosa ou política. "Quando se fazia um encontro em que se discutia o que era ser jovem, por exemplo, tu ficava uma manhã toda discutindo o que é ser jovem, qual as características da juventude,

---

[294] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 6-7.
[295] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 8.

os aspectos psicológicos, tudo [...] até pelas mudanças biológicas do corpo, tudo se discutia, se falava".[296] Por fim, encontramos no depoimento de José Domingos Cardoso, militante de Joinville, um relato que parece sintetizar esse aspecto de sociabilidade, ou "de amizade, de camaradagem, de apoio, de ajuda mútua", nas palavras do Pe Cardjin, que acompanha a memória dos jocistas.

> Ainda no começo de 1962, padre Afonso Birk foi a minha casa e me convenceu e também a meu pai de que devia me dedicar mais à Federação da JOC, ser liberado do trabalho e ir para Florianópolis. Essa foi a minha primeira viagem. Muito chocante para mim, porque nunca tinha saído assim para viver longe de casa. Minhas saídas não iam além do meu bairro, ali perto, até tinha ido mesmo a Florianópolis, mas nunca para ficar um mês fora...A gente ficava na casa dos jocistas quando ia fazer visitas. Em Florianópolis eu ficava na casa do Valmir, do João, num ambiente acolhedor e amigo...em Criciúma na casa de José Rodrigues, com sua mãe...Eu era o segundo filho mais velho da minha família e essa recepção familiar e o ambiente criado na JOC iam suprindo aos poucos a falta que eu sentia de casa.[297]

3.2 MEMÓRIAS DE TEMPOS DIFÍCEIS

Como pudemos concluir no capítulo anterior, a trajetória da JOC catarinense diferencia-se da trajetória nacional do movimento. Ela não acompanhou diretamente a radicalização da década de 1960 e, conseqüentemente, não entrou em embates significativos com a Instituição e não tornou-se um alvo em potencial do regime militar. No entanto, isso não significa que os jocistas catarinenses não estivessem atentos aos acontecimentos ou que o grupo não tenha sido afetado pelo contexto imposto pelo novo regime. No depoimento de Marlene Puzinski, por exemplo, encontramos claramente essa percepção.

---

[296] Idem, p. 9.
[297] VIDA Jocista, p. 75.

> E, em 1964 aconteceu a revolução. Aí começaram os problemas na nacional, problemas na regional, a perseguição política. O presidente da JOC precisou fugir, muitos militantes se refugiaram na Bélgica. E com isso o movimento enfraqueceu aqui também. Ficou tudo camuflado, o pessoal estava com medo de se manifestar. [...] Os padres mesmo ficaram receosos de se envolverem, o nacional teve muitos problemas nessa época.[298]

Da mesma forma, não significa que jocistas catarinenses não tenham testemunhado e participado ativamente da trajetória nacional. Valmir Martins, por exemplo, ao ingressar na AP, depois de deixar a JOC, envolveu-se na luta armada, sendo preso posteriormente.[299] A trajetória individual de dois outros jocistas catarinenses, no entanto, entrelaça-se diretamente com o movimento nacional: José Domingos Cardoso, natural de Joinville, foi militante jocista entre os anos de 1960 e 1975[300]. Foi dirigente estadual, regional, e em 1964 era o presidente nacional da JOC; Teodoro Haag Neto, natural de Brusque, ingressou na JOC em 1961. Também ocupou a direção estadual e regional do movimento, sendo eleito presidente nacional em 1967.[301] Ambos testemunharam e participaram ativamente da "fase radical" da JOC.

> Esse era um período de grande “rebuliço mundial” de jovens – como dizia o meu pai – na Europa e na América Latina e que tinha começado em 1960. Entre os cristãos um período de maior valorização do homem, do ser humano, no seu engajamento social para transformar o mundo, construir um mundo novo, uma sociedade nova. A gente lia muito alguns autores, como Michel Quoist “O homem e o mundo” e Emmanuel Mounier “O personalismo”. Mais tarde houve uma tendência mais forte para a esquerda e a JOC se radicalizou. A AP – Ação Popular, criada pela JUC, foi se ampliando até que se tornou uma força bastante importante e influenciou a JOC. Essas resoluções definiam diretrizes políticas, posições influenciadas pelo pensamento socialista sobre a situação do país e do mundo. A JOC ficou muito marcada por essa posição ideológica. Foi certamente uma parte positiva você, como militante, compreender mais a realidade, ter uma visão crítica da sociedade e não mais ver o que acontece no mundo como fatalismo.[302]

---

[298] Idem, p. 1.
[299] Idem, p. 6.
[300] VIDA Jocista, p. 74.
[301] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 1-13.
[302] VIDA Jocista, p. 82.

Consideravelmente, as memórias desses dois militantes são de tempos difíceis – auge de perseguições políticas, prisões e esfacelamento do movimento. Também são carregadas de críticas à Igreja católica, principalmente à indiferença do alto clero frente às torturas, e sua compactuação com regime. Tratando-se de um relato mais longo e detalhado, do qual participa também sua esposa, dona Irena, que também foi jocista, no estado do Rio Grande do Sul, optamos por tomar como base o depoimento de Teodoro Haag.

Como já mencionamos, o entrevistado é natural da cidade de Brusque, onde iniciou sua trajetória na JOC, a partir do convite do padre Osmar Miller, assistente responsável. Segundo Teodoro,

> Inicialmente ele correu atrás de um irmão meu o Davi. Tendo o Davi negado o convite, ele começou a insistir comigo. Eu trabalhava das cinco da manhã a uma e meia da tarde. Por volta das duas e meia, ele costumava aparecer em minha casa. Ficávamos conversando. Foi assim durante mais ou menos uns três meses até que eu aceitasse o convite. Fui o primeiro e, junto a ele, iniciamos a organização da JOC em Brusque. Ele era um padre assim muito pedagógico, com muito conhecimento e paciência.[303]

No início do ano de 1964, foi eleito dirigente regional, passando a residir em Porto Alegre, sede da coordenação da região Extremo-sul da JOC. "Em Porto Alegre é que eu senti mais toda essa efervescência política. A nossa sede da JOC, servia de refúgio para oposição sindical dos metalúrgicos. Vários movimentos de esquerda se reuniram em nossa sede durante a noite"[304]. Em 1967, aceitando o convite da coordenação nacional, mudou-se para o Rio de Janeiro. Após pouco mais de um ano atuando entre os limites impostos pelo regime, foi em 1968 que "o regime militar começou a apertar*!*"[305]

> Em 1968 foi a invasão da sede nacional. Eu estava no Chile, no Encontro Latino Americano da JOC, quando o AI-5 saiu. E lá nos advertiram para que a gente não voltasse direto ao Rio. Naquela época no Chile era tudo liberado

[303] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 1.
[304] Idem, p. 3.
[305] Idem, p. 4.

> PCB, PcdoB, os manuais do Mao Tse Tsung, tudo sendo vendido na rua, era uma loucura aquilo lá. Agora me recordo, não era um encontro latino americano, era um encontro Internacional da JOC. Participaram pessoas da Espanha, de vários cantos do mundo. Eu, a Márcia e o Agostinho descemos em Porto Alegre e daqui fomos de ônibus para Rio. E foi aí que tivemos que mudar várias vezes o local da sede, porque eles estavam sempre em cima, a Dops.[306]

Segundo Dona Irena, a invasão da sede nacional da JOC, localizada no Morro do Catumbi, foi justificada com a alegação de existência de uma rádio clandestina, mantida pelo movimento. Logo em seguida o episódio é explicado por Teodoro,

> Era o seguinte, nós tínhamos o Wilson, que era um dirigente que, na época, já estava saindo da JOC. Ele tava fazendo um curso de radio técnico. E no quarto em que ele dormia, havia um rádio velho, um desses rádios antigos valvulados. Aí nos acusaram de possuir uma estação de rádio, onde falávamos isso e aquilo.[307]

Segundo o casal, logo em seguida ocorreu a prisão da coordenação nacional da JOC.

> Em 1970 eles nos prenderam. Prenderam toda a equipe nacional. Padre Manoel de Jesus, que era assistente, o padre Agostinho Pretto, o Mário Perigol, eu, a Márcia, o Leal, que não chegaram de fato a prender porque ele não havia chegado em casa, a Vandir, a Ironí. O Ferreirinha não estava em casa e escapou também. Eu e a Márcia fomos presos juntos. A Márcia ia para um encontro na Bolívia, não sei bem aonde, era um encontro latino americano. Fui com ela a um despachante buscar o passaporte, comprar dólares, essas coisas. Passamos na CRB, lá no Rio de Janeiro e como estava demorando, ela pediu que eu esperasse lá, enquanto ela iria ao despachante, onde nos encontraríamos depois. Quando saí da CRB, me dirigi ao despachante, como combinado. Quando cheguei lá, havia uns caras me esperando. [...] Me pegaram, botaram numa sala, quiseram me tirar a roupa, aí não vi mais a Márcia. Depois que fui saber da história toda. Eles queriam saber disso, daquilo. Não me tiraram toda roupa, mas já começou um interrogatório. Me botaram um capuz, me desceram lá para baixo, aquilo é a avenida Rio Branco, um monte de movimento, fiquei lá em baixo de capuz e aquela policia toda, e aqueles caras buzinando, buzinando, meu Deus do céu, quando me lembro daquilo.[308]

---

[306] Idem, p. 3-4.
[307] Idem, p. 5.
[308] Idem, p. 4-5.

A prisão da equipe nacional da JOC também é relatada por José Domingos Cardoso.

> No dia seguinte, pela amanhã, Irony foi para o IBRADES e nós fomos para uma reunião na igreja às 7h30. Quando aí chegamos, às 7h20, um padre nos esperava fora: Vão embora que já foram presos Pe. Agostinho e Pe. Mário. Cinco minutos antes de nossa chegada. [...] Eu saí do Catumbi e fiquei andando por aí, o dia inteiro, sem saber para onde ir. Acabei procurando o Tibor Sulik e contei a situação: "Todo mundo foi preso agora de manhã e não sei pra onde ir, a Polícia esteve lá na minha casa, foi me buscar, mas não me encontrou. No mesmo dia, logo em seguida, a Polícia prendeu Irony no IBRADES, grávida de seis meses. Eu e Irony estávamos casados desde 1968, seguiram-se as prisões de dirigentes nacionais da JOC: Wilson, Teodoro, Vandir, Márcia, Marly, e de assistentes nacionais Pe. Arnaldo e Pe. Manoel de Jesus.[309]

Segundo Dona Irena, o senhor Teodoro foi preso dia 11 de setembro de 1970, permanecendo preso até o dia 8 de dezembro.[310] Ao falar do período em que esteve preso, o relato do senhor Teodoro torna-se mais emocionado, e por duas vezes a entrevista foi interrompida.

Poucos dias após sua prisão, o senhor Teodoro recorda-se de ter sido acordado em meio à madrugada e levado a uma das casas que pertencia à JOC que era utilizada como moradia pelos integrantes da equipe nacional. "Fiquei uns dois dias no morro, sozinho com uns quatro ou cinco caras da DOPS. Em um destes dias, a Irena telefonou me procurando. Nós já éramos casados nessa época, mas ela estava em Porto Alegre". O episódio é contado por ambos.

> **Irena**: Como o Teodoro pretendia vir para Porto Alegre naqueles dias, eu fui esperar a chegada dele na rodoviária. Porém ele não chegou. Voltei para o meu serviço e telefonei para a casa da JOC no Rio. Quando atenderam, eu perguntei sobre o Teodoro e um deles me disse: não, não vem até aqui para a gente conversar. Aí eu me identifiquei, dizendo: aqui é a Irena, quem tá falando? E como todo mundo que morava na casa me conhecia, eu estranhei aquelas pessoas dentro da casa dele, atendendo o telefone. Aí desconfiei e liguei para o Afonso Ritter que era nosso assistente e avisei: gente, aconteceu alguma coisa com a equipe nacional, pois naquela casa ninguém

[309] VIDA Jocista, p. 85-86.
[310] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 12.

> sabe quem é o Teodoro e ninguém sabe quem eu sou. Foi aí que o pessoal começou a se alertar.
> **Teodoro**: Eu tava sozinho com eles lá dentro, fiquei uns dois, três dias ali com eles. Eles estavam esperando o Leal, eles esperavam que aparecesse alguém. Aí toda a ligação que chegasse, tu tinha que atender, senão atendesse era soco na barriga, era pontapé. E eles com metralhadoras, com tudo ali dentro, foi um horror, um troço...[311]

As sessões de tortura e as seqüelas do terror psicológico também são relatadas. "É até um absurdo a gente se lembrar e querer se emocionar, mas às vezes a emoção é muito mais de raiva que dó".

> **Teodoro**: Eles te deixavam psicologicamente arrasado. Diziam que Dom Helder estava preso, que Dom Fragoso estava preso. Diziam: a tua mulher lá, em Porto Alegre tá presa, até tua sogra tá presa. Eles te deixam psicologicamente arrasado.
> **Irena**: O que salva a pessoa é a formação dela. Por exemplo, o Teodoro, na época, era um cara que era bem formado, com 26 anos, de família boa, de família bem formada. As pessoas que tem essa formação não se abalam, quer dizer, ele se abalou e tudo, pois foi uma coisa que veio de repente. O Teodoro é um homem que até hoje você pode fazer qualquer coisa, mas você não pode gritar com ele, ele fica arrasado. Teve um tempo em que os guris brigavam, gritavam dentro de casa, porque nós temos três filhos homens [...]. Os guris não podiam gritar, a pior coisa que podia fazer para ele era ficar com aquela gritaria.
> **Teodoro**: [...] a metodologia deles foi muito perfeita assim na linha da intimidação, por exemplo, eles te tiram para fazer interrogatório, torturar de madrugada, duas, três horas da manhã, com capuz, com a luz apagada, com choques elétricos; eu nunca fui para pau de arara, graças a Deus, mas o Alípio, aquele padre que eu te falei de Brusque, com quem me encontrei no DOPs, depois de.... não sei quanto tempo, pois eu perdi a noção de tempo quando fiquei lá, passou. Lembro que eu estava aliviado, pois me disseram que eu ia deixar o DOPs e o Alípio me alertou: te prepara porque daqui tu vai para o DOI-CODI., o centro de defesas internas, lá na Tijucas, no Andaraí. Lá a coisa é pior.
> **Irena**: ele ficou vinte dias na solitária no DOPs, os primeiros vinte dias.
> **Teodoro**: A solitária é a metade de um banheirinho desses, tudo escuro, tu não vê nada, só tinha uma gradezinha lá em cima bem fininha, no chão tinha uma portinhola, e às vezes eles abriam a porta para botar uma comidinha lá embaixo. O maior problema é o que eu sempre digo, a tortura física, todo mundo suporta, tu berra, tu grita; mas a tortura psicológica que eles fazem é terrível, não tem uma noite que eles te deixam dormir, tanto que, hoje em dia quando ouço barulho de chave eu já...
> **Irena:** Porque eles faziam isso, eles vinham pelo corredor com as chaves...

[311] Idem, p. 10.

> **Teodoro**: Eu não sei bem, eu me lembro um pouquinho, da geografia da sala de tortura eu não me lembro, mas são várias celas e o cara vem batendo aquela chave, aí tu pensa: então será que agora é a minha? Naquela expectativa de uma porta abrir. Eles te deixam assim, tu não dorme, fica louco. Foi a pior época, porque foi a época do avião aquele que levou os caras, foi a época que seqüestraram o embaixador americano, e tudo aquilo repercutia lá dentro, uma barbaridade, quanto mais acontecia aqui fora, mais a gente apanhava lá dentro. [312]

Quando indagado a respeito da postura da Igreja em relação à JOC neste período, tanto em relação à radicalização, quanto à forte repressão sofrida pelos jocistas, a narrativa ganha um teor crítico. "Essa é uma parte ruim, não gostamos de lembrar"[313], diz dona Irena. "Nós tivemos duas perseguições, a da Igreja e do regime militar. A igreja institucional, não vamos dizer a igreja povo"[314].

.

> **Teodoro**: A igreja praticamente tinha, como hoje, as duas alas. Uma ala mais radical, mais dentro da teologia da libertação, e a igreja conservadora. Nós tínhamos Dom Valdir Calheiros de Volta Redonda, Dom Helder Câmara, Dom Antonio Fragoso, que agora já faleceu, o padre Agustinho Pretto, o padre Manoel de Jesus. Naquela época, o grupo mais forte dessa linha mais libertadora tentava influenciar dentro das reuniões do arcebispado, da CNBB, a gente tentava mudar, porque eles não acreditavam. Dom Vicente Scherer, se não me engano o bispo de Santa Catarina era Dom Alfonso, altamente conservadores, eles não acreditavam que estávamos passando por tudo aquilo. Diziam que não havia tortura no Brasil.
> **Irena**: O que eles tinham era uma linha assistencialista que eles têm até hoje, então aquela linha que dizia que tu era bom na medida em que tu atuasse dentro da igreja como tal, se tu rezasse, se tu cantasse.
> **Teodoro**: Eles não queriam qualidade, eles queriam massa dentro da igreja, quantidade. A igreja apesar de pregar ser fermento ela sempre quis ser só a massa.
> **Irena:** Apesar de que depois desses episódios, a Igreja em seguida tomou atitude, inclusive eu tenho em casa muitos recortes da época de ações da igreja, de alguns bispos da CNBB, pois naquela época Dom Helder Câmara liderava a CNBB.[315]
> **Teodoro**: Mas Dom Vicente se vangloriava dizendo: não... eu tenho um sobrinho na polícia federal e ele disse abertamente para mim que eles não torturam ninguém. Nós, que tínhamos defesa na rua fomos torturados, imagina quem não tinha? Olha, o que eu vi acontecer com o pessoal da Aliança Libertadora Nacional lá no Rio...ver esse pessoal entrar quase morto

[312] Idem, p. 11-12.
[313] Idem, p. 5.
[314] Idem, p. 7.
[315] Idem, p. 5-6.

> dentro da cela de tanta tortura que eles sofreram. Eles torturavam pela genital, na língua, dedos, pé, por tudo.
> **Irena:** O Teodoro ficou vinte dias na solitária sem ter nada, só porque ele era presidente nacional da JOC, quer dizer, foi uma perseguição muito brava, de muita seqüela [...] Eles fizeram coisas assim, não sei se essa parte te interessa, deve te interessar. Mas, quanto à igreja, ela sempre procurava viver bem com o regime.[316]

Nesse relato, é possível perceber claramente a divisão interna da Igreja Católica no período, bem como o apoio e a legitimação que um desses setores forneceu ao golpe de 1964. A própria colocação do entrevistado, diferenciando Igreja institucional, de igreja povo, também nos permite verificar traços das transformações que a JOC sofreu em sua fase de radicalização.

Este descaso da Instituição frente às questões que permeavam a movimento jocista brasileiro traz a memória do auxílio dispensado pela JOC Internacional, vinda através de manifestações, contratação de advogados[317] e mesmo auxílio para aqueles que desejassem deixar o país, como no caso de José Domingos Cardoso.

> Três meses depois, Irony, livre da prisão, quando nasceu minha filha, decidimos sair do Brasil e comunicamos nossa decisão à JOC Internacional. Ficamos ainda um ano em Curitiba, escondidos, conseguimos sair de ônibus para o Paraguai, cinco dias no Peru e, de lá, com passagens enviadas pelo presidente da JOC Internacional, viajamos para Bruxelas [...]. Retornamos ao Brasil em 1979, com a anistia. [318]

Após ser liberado pelo DOI-CODI, o senhor Teodoro retornou a Porto Alegre, mantendo o compromisso de comparecer uma vez por semana à sede do 1.º Batalhão para averiguação. Ainda assim, permaneceu ligado ao movimento jocista, até o final de 1971, "quando a JOC praticamente desapareceu". [319]

---

[316] Idem, p. 6.
[317] Idem, p. 6.
[318] VIDA Jocista, p. 86-87.
[319] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 12.

> Hoje, avaliando, a gente percebe, dá para ver direitinho, na medida em que a capacidade intelectual do movimento era maior, a "pauleira" começou de cima para baixo. Então as primeiras prisões e pauladas começaram contra a JUC. Depois que conseguiram acabar com a JUC, perseguições e mais perseguições, a Igreja, ao invés de dar apoio, começou a retirá-lo. E isso ficou bem claro, como a luz do dia. Começaram as perseguições à JEC. Depois foi a vez da JOC. Começou com a JOC em Belo Horizonte. E depois da JOC veio a JAC, quer dizer, foi assim impressionante.[320]

3.3 MEMÓRIAS DE UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO

> A JOC é um movimento de jovens trabalhadores os quais, "entre eles, por eles e para eles", se formam e se ajudam. [321] Eis onde se faz a verdadeira revolução jocista: na transformação pessoal de cada um, pelos atos mais simples da vida.[322]

O aspecto formativo e educativo configura-se um dos pilares do pensamento de Joseph Cardjin na idealização do movimento. Consideravelmente, também é apontado pelos estudiosos como seu "grande diferencial" entre os movimentos de apostolado leigo. Ainda que não perdesse de foco seus objetivos de expansão e disputa da classe trabalhadora, mais do que quantidade, números, a JOC trazia uma proposta de formação de lideranças e crescimento individual de seus membros em todos os aspectos da vida.[323] "Além de bons pais e mães de família, também líderes autênticos das organizações operárias. Aptos para dirigir e coordenar cada instância do movimento por si mesmos[324], bem como cumprir um papel também de educadores "imediatos de seus companheiro e companheiras de trabalho"[325].

> O programa da JOC abrangia vários aspectos. Era voltado para os jovens, com uma característica operária e uma característica cristã – que dava uma

[320] Idem, p. 7.
[321] CARDJIN, op. cit., p. 22.
[322] Idem, p. 25.
[323] CARDJIN, op. cit., p. 23-24.
[324] SOARES, Odette de Azevedo. *Uma história de desafios*: 1935/1985. Rio de Janeiro: [s. n.], 2002, p. 36.
[325] CARDIJIN, op. cit., p. 61.

> espiritualidade, uma capacidade de reflexão fundamental para a ação, a convicção profunda do evangelho, o motor que levava ao compromisso com a vida em todos os aspectos de jovem e trabalhador. E fazia andar o movimento.[326]

Este é um dos traços mais evidentes nos relatos que colhemos. Aparece associado diretamente ao método de trabalho da JOC, o "ver, julgar e agir". Os jocistas catarinenses têm uma perspectiva muito clara do método como ponto de partida do movimento e como instrumento de formação, sendo a reunião de militantes, realizada semanalmente, apontada como espaço primordial de aprendizado. Acompanhemos o relato de Marlene Puzinski de Paula.

> Bem, a JOC é um movimento católico. Então o objetivo real dela era dar uma formação católica aos operários e, nesse meio, mostrar a eles os seus direitos e deveres como trabalhadores. Nas reuniões tínhamos a parte espiritual, ministrada pelo padre assistente, onde líamos e discutíamos o Evangelho. A JOC, como você deve saber, tem um método, o ver, julgar e agir, pelo qual ela trabalha. E essa era a nossa dinâmica. Nós contávamos fatos de nossos locais de trabalho, quantos empregados existiam, como eles viviam. Era um trabalho que visava a cada pessoa. Nos interessávamos por uma pessoa e perguntávamos se ela estava bem no trabalho, se estava bem em casa, se ela tinha algum problema e, a partir daí, tentávamos ajudar. Contávamos esses fatos na reunião e eles eram discutidos. Saíamos da reunião com um "agir", ou seja, naquela semana, por exemplo, eu seria encarregada de acompanhar aquela pessoa e ajudá-la a resolver o seu problema. E na reunião seguinte fazia-se então o relato, a revisão do trabalho, discutindo o que deu certo e o que não deu. [327]

Teodoro Haag também se refere aos mesmos pontos.

> Tinha-se aquela mística, um dos princípios do padre Cardjin, de que transformando as pessoas, o mundo se transformaria. Uma visão até um pouco utópica. No nosso entendimento, qualquer jovem valia mais do que qualquer ouro do mundo. O que não deixa de ser uma verdade, mas olhando de hoje, assim o movimento ficava um pouco alienado, muito restrito em termos de transformação e de luta operária. Mas, por outro lado, essa mística era um ponto muito forte da JOC e contribuía para o crescimento. Nas reuniões de militância, a gente fazia uma reflexão, aquele "ver" profundo e depois fazia o "julgar". Por fim, ninguém saía da reunião sem uma tarefa, ou, como chamávamos, o "agir". E esta seria cobrada na próxima reunião. [...]

[326] VIDA Jocista, p. 77.
[327] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.

> Foi uma metodologia que revolucionou muita coisa. [...] O princípio fundamental da JOC sempre foi esse, a formação pela ação. Tu só aprendes fazendo, então, por "mais pequena" que a sua ação seja, ela sempre vai ser o elemento fundamental e educativo no seu processo. [328]

E, da mesma forma, Nereu do Vale Pereira: "tudo partia do ver, julgar e agir. O ver era dividido em três partes: a religiosidade, a atividade profissional e a sociedade. O que estava acontecendo? Qual era o problema enfrentado? Perguntas nessa linha. Em seguida vinha o julgar e o agir. O que fazer?"[329] E Valmir Martins: "o trabalho que se fazia na JOC era muito mais de reflexão sobre os diferentes aspectos da vida. O método utilizado era o ver-julgar-agir, ensinado pelo padre Cardjin. Onde se via a realidade, julgava-se essa realidade e então se buscava desenvolver a ação"[330]. No entanto, o reconhecimento do método como instrumento fundamental não o coloca livre de críticas e impressões por parte dos jocistas. Pela perspectiva de quem hoje olha para o passado, o senhor Teodoro declara:

> A JOC era um movimento que despertava bastante. E um problema interno que tínhamos, era que se chegava a um momento em que o jovem queria algo mais, uma atuação mais política. O agir, sem o ver e o julgar. Perdemos muitos para os outros movimentos políticos. Passava a ser mais interessante participar de passeatas do que ter um compromisso pedagógico e comprometedor. Porém a JOC não era um partido, ela era um movimento educativo... ela não tinha uma opção política, era um movimento educativo dentro da classe trabalhadora e que por causa das contradições da classe ela vivia dentro disso.[331]

Aos jocistas catarinenses que "viveram" direta ou indiretamente a fase de radicalização da *JOC*, o movimento no Estado é lembrado como "um movimento ainda altamente pedagógico"[332] e "ainda preso aos valores cristãos"[333]. Todavia, para José

---

[328] HAAG NETO, Teodoro Haag Neto. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[329] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[330] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[331] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 4.
[332] Idem, p. 2.
[333] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.

Domingos Cardoso, as transformações que o movimento empreendeu em sua linha de ação e doutrinária, durante a "fase radical", também deve ser alvo de críticas e reflexões.

> A JOC perdeu uma parte essencial, pra mim fundamental, que é ser um movimento educativo, que parte do nível em que o jovem trabalhador está. Perdeu aquela característica juvenil, de ação do compromisso possível de ser realizado por um jovem que está começando uma influência sobre a realidade concreta, no meio de trabalho, no seu bairro, na sua família, no seu ambiente. [...] Na época não tínhamos percebido esse desvio, essa perda do que é tão fundamental. Havia urgência de um engajamento social mais forte, uma ação política.[334]

Ainda assim, no relato dos entrevistados é possível perceber traços de uma formação dita "política", voltada ao combate das injustiças sociais, problemas trabalhistas e mesmo ao "despertar" de uma "consciência". Marlene Puzinski de Paula declara que:

> Aprendi muito com a JOC nesse sentido, sobre os meus direitos, os direitos dos outros. O que deveríamos reivindicar e o que não deveríamos. Falava-se muito em trabalho escravo. E a JOC abriu os nossos olhos para essas questões. Quem trabalhava tinha direito a férias, tinha direito a um salário digno. Pois o salário mínimo não é o salário de uma família. É o salário de uma pessoa. Um pai de família ganhar apenas um salário mínimo é um absurdo. Que era necessário um horário de descanso, pois o pessoal trabalhava direto. A JOC nos alertou muito para essa experiência. Não nos interessávamos pelas leis trabalhistas até então. Em São Paulo era diferente. Os trabalhadores liam. Sabiam os seus diretos. Aqui éramos muito acomodados. Já existiam alguns sindicatos no período. Porém nem mesmo eles eram tão preocupados.[335]

Nesse sentido, José Domingos Cardoso relata:

> O valor do trabalho sobretudo foi uma descoberta marcante na minha vida – o trabalho como valor social, porque através do trabalho a gente se comunica com as pessoas...Eu me lembro de um dia de estudo da JOC em Santa Catarina, onde surgiram fatos como este: "eu me sinto bem em fazer sapatos para outros usarem o sapato que eu faço, então eu quero fazer bem feito". Hoje se fala em qualidade do produto, qualidade de mercado, comércio. Para

[334] VIDA Jocista, p. 83-84.
[335] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 6.

> nós, na época, no valor do trabalho entrava o valor da pessoa que ia usar o produto que a gente fazia.[336]

Consideravelmente, este aspecto da formação aparece acompanhado por linhas da Doutrina Social Católica, principalmente a perspectiva da Igreja de se colocar como opção frente às ideologias e, mesmo, a disputa por espaço dentro dos movimentos sociais. Valmir Martins, por exemplo, declara que "a discussão central na JOC era a idéia de que nem o capitalismo e nem socialismo prestavam. Nós não éramos socialistas, mas também não defendíamos o capitalismo. Buscava-se uma terceira via".[337] No relato de Nereu do Vale Pereira, esses pontos também aparecem, assim como uma terceira diretriz expressa sutilmente na expressão "reivindicações justas". Para a Igreja católica, as classes sociais não são antagônicas, mas complementares. A solução dos problemas sociais viria através do equilíbrio e concessões dos dois lados, e não, de uma mudança na ordem social, como propunha a ideologia marxista.[338]

> Não se podia admitir que os movimentos de reivindicação viessem apenas da parte dos comunistas. Se eram reivindicações justas, nós católicos tínhamos que participar também. Protestos contra aumento de ônibus, aumento de comida, tínhamos que demonstrar que eram também ações da Igreja. Os jocistas participaram muito dessas atividades. O ver, julgar e agir não abrangia apenas o leque da espiritualidade, mas também agir na sociedade em que estamos. [339]

Ainda encontramos nos relatos exemplos práticos da perspectiva de uma formação em "todos os aspectos da vida". Teodoro e Irena destacam que "uma coisa que a JOC nos deixou, e a gente percebe que deixou em todos que participaram, foi o crescimento intelectua*l*."[340]. "Aprendemos a lidar com o dinheiro, por exemplo", diz Teodoro.

---

[336] VIDA Jocista, p. 78.
[337] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[338] BIGO, Pierre. *A doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1969, p. 491-510.
[339] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 5.
[340] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 8.

> Tinha que pegar um caderninho. Por exemplo, tinha meses que tínhamos salários, então, tu tinhas que fazer conta por conta do teu salário, o que tu ganhavas e onde tu usavas, entendeu, para com que aquilo tu aprendesses a te organizar. Como economia doméstica. Tu tinhas que te desenvolver como jovem, tinha que aprender a fazer tudo, tu não podias como jovem não saber fazer as coisas, tanto é que é a melhor época de aprendizado. [341]

O casal também exemplifica esta questão da formação através de suas impressões sobre a trajetória de José Domingos Cardoso.

> É uma pessoa de uma pedagogia fantástica. E creio que ele nem tinha o segundo grau completo. Mas enfrentava qualquer platéia. Isso era uma coisa que a JOC tinha muito. Nós enfrentávamos qualquer platéia, pra conduzir uma reunião, para apresentar um trabalho. A JOC era uma escola de vida maravilhosa. E o José Domingos eu me lembro como se fosse hoje, da maneira como ele conduzia uma plenária nacional. [342]

Por fim, encontramos no relato de José Domingo Cardoso o caráter contínuo e coletivo da formação de cada jocista.

> Havia um processo de acompanhamento contínuo. Tal como um médico acompanhando um paciente para verificar a sua melhora, assim era acompanhado o crescimento do militante e dirigente. Esse processo era impressionante, atraente, apaixonante pra quem fazia aquele tipo de trabalho. A gente via o crescimento dos jovens, das pessoas. [343]

3.4 UM CAMINHO A SEGUIR

Tendo conhecimento desse aspecto formativo da JOC e de sua perspectiva de formar para a vida, pareceu-nos interessante investigar quais os rumos tomados pelos jocistas catarinenses após deixarem o movimento. Indagados a este respeito, todos os nossos

[341] Idem, p. 9.
[342] Idem, p. 15.
[343] VIDA Jocista, p. 77.

entrevistados relatam terem se engajado em novos espaços de atuação, sendo estes ligados ou não à Igreja Católica. Também, todos declaram ser a experiência tida na JOC como causa direta deste engajamento. É também neste momento do relato que, tendo sido inquiridos ou não, cada um deles exprime o significado que a JOC teve para si.

Acompanhemos o relato de Francisco Murilo Vessling.

> [...] Eu parei de participar até me estabelecer profissionalmente. Mas depois quando passei a lecionar, participei do movimento sindical dos professores, sou filiado ao sindicato, e hoje também participo da AFITESC. Mas creio que tudo isso foi fruto do que aprendi na JOC, o movimento despertou a gente para essas questões. Aprendemos a importância de dar um pouco da gente através de algum movimento. E participo até hoje. Na JOC aprendemos que "não dá para ser só a gente, tem que ser os outros um pouquinho também". [...] Para mim particularmente foi uma boa experiência. Os ensinamentos e a orientação religiosa contribuíram para que eu tivesse uma boa formação para a vida, que tivesse objetivos. Nesse sentido, eu diria que ela foi essencial. Eu vim de uma família humilde, não tinha grandes recursos, grandes possibilidades de orientação em determinadas coisas e dentro da JOC, tive essas necessidades supridas. Valeu muito para a orientação da minha vida. [344]

Deixando a JOC, Valmir Martins teve passagem pela JUC e pela Ação Popular. Participou da articulação para a fundação do Partido dos Trabalhadores em Santa Catarina, sendo o primeiro candidato do PT ao senado do Estado, concorrendo nas eleições de 1982.[345]

> Ela foi muito significativa na minha vida. Foi na JOC que eu conheci e comecei a militar nos movimentos sociais. E não apenas eu. Hoje em dia, quando retomo contato com as pessoas que passaram pela JOC, grande parte delas se engajaram no movimento sindical ou em outros movimentos sociais. Particularmente, costumo dizer que a JOC deu uma grande qualidade à minha vida nesse aspecto de participação, de ação. [346]

Da mesma forma que Valmir e Francisco, José Domingos Cardoso também engajou-se em espaços não ligados à igreja.

---

[344] WESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.
[345] CONCEIÇÃO, Edson K. *A fundação do partido dos trabalhadores em Santa Catarina e as eleições de 1982.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p. 28.
[346] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 6.

> Ajudei a fundar o CEDAC – Centro de Ação Comunitária, que no início atuou na formação de consciência das pessoas para o trabalho sindical e social, muito importante na época. Hoje se volta mais para a formação prática de cooperativas em resultados extraordinários e também atua nos cursos de formação profissional, ressaltando a solidariedade. [...] Fui um dos fundadores do PT, atuei como dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos e, mais tarde, fui eleito para a direção nacional da CUT. [...] Todos nós que participamos da JOC acumulamos conhecimentos e adquirimos uma percepção dos problemas sociais [...] Muita coisa hoje no trabalho sindical ou político partidário teve também a influência do pessoal da JOC, da JUC e de outros ramos da Ação Católica.[347]

Marlene Puzinski de Paula permaneceu engajada em movimentos católicos.

> Sim, sempre. Depois que casei, eu e meu marido passamos a trabalhar com o EMAÚS. Que é um movimento de adultos para os jovens. O padre Brick sempre nos incentivou a continuar participando. Primeiro eu e meu marido realizamos o Cursílho e, depois, passamos ao EMAÚS. E estamos participando até hoje. [...] Inclusive, me recordo de uma vez em que encontrei o padre Agostinho, num evento do EMAÚS. E ele ao conversar comigo me disse: que bom saber que a sementinha germinou. Provavelmente, se eu não tivesse passado pela JOC não estaria envolvida com o EMAÚS hoje. [...] Creio que se não fosse a JOC eu não levaria essa vida que levo hoje. Participando, vivendo dentro dos princípios da Igreja. A base para isso eu recebi na JOC. A JOC me ensinou a ter um ideal. Sem esse ideal não sabemos para onde ir. E esse foi o ideal que eu escolhi. [348]

Nereu do Vale Pereira, deixando a JOC, passou a participar da Equipe de Nossa Senhora, movimento católico para casais e, até hoje, permanece ligado à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Foi um dos fundadores do Partido Democrata Cristão em Santa Catarina e é apontado como um dos principais membros do grupo civil que apoiou o regime militar no Estado[349]. Sobre sua participação na JOC ele diz: “foi um momento de grandes experiências. Esse período foi essencial na minha formação. Eu saí da minha infância limitada, meu bairro, minha escola, meu cotidiano, para uma visão de mundo e uma visão política mais

[347] VIDA Jocista, p. 87-88.
[348] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7-9.
[349] MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva*: os anos do golpe. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 135.

universal"[350]

Teodoro e Irena Haag engajaram-se nos dois campos. Passaram pela Ação Católica Operária, Associação de Moradores, pelo Movimento Familiar Cristão, pelo Partido dos Trabalhadores e, mesmo, atividades ligadas diretamente a paróquias, como o curso de noivos. Também, durante os 22 anos que trabalhou na Companhia Estadual de Energia Elétrica, em Porto Alegre, a CEEE, Teodoro relatou ter participado ativamente do movimento sindical. Sobre o período que passaram na JOC, declaram:

> **Teodoro**: Valeu muito a pena. É uma etapa da vida da gente que não tem dinheiro que pague. A JOC te permitia um crescimento muito significativo em termos educativos, aprendera fazer uma ata, aprendera fazer um relatório, dirigir uma reunião, respeitar a palavra dos outros. Quem passou pela JOC e recebeu uma boa formação, como nós, não esquece nunca. Uma escola de vida real. O princípio da formação pela ação é fundamental. Hoje, a gente até se permite realizar algumas críticas, também erramos em alguns momentos, porém aquilo que a gente aprendeu dentro da JOC, a contribuição que recebemos e demos, participando do movimento, não há dinheiro que pague.
> **Irena:** Quando a gente vai chegando na juventude, é normal procurar algo para se engajar. E do que você vai fazer parte? A JOC nos ensinava a ter objetivos na vida. Hoje, eles têm dificuldade de direcionar a vida para um caminho melhor. Não só melhor pra si, mas também melhor para aos outros. A gente aprendeu o quanto era importante dar a nossa contribuição para a sociedade...[351]

Ainda que nos salte aos olhos as trajetórias políticas diferenciadas de Valmir Martins e Nereu do Vale Pereira, suas razões extrapolam o tempo de permanência no movimento jocista. Poderíamos apontar alguns fatores, tais como décadas diferentes de atuação, contato com a JUC, mas não nos seria possível oferecer um argumento definitivo para essa diferença.

A Juventude Operária Católica era um espaço de juventude, com limite de idade, 30 anos, e estado civil e, por isso, um espaço de passagem. Independente de quais rumos que os militantes tenham seguido após deixarem a JOC, acreditamos que a perspectiva do movimento de formar lideranças teve um grau de efetividade no Estado.

---

[350] PEREIRA, Nereu do Vale. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 9.
[351] HAAG NETO, Teodoro. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 16-17.

3.5 UM OLHAR SOBRE OS ASSISTENTES

Dentre os padres que ocuparam a função de assistentes da JOC em Santa Catarina, foi possível o contato com dois: Monsenhor Agostinho Staehelin, assistente dos núcleos feminino e masculino da JOC em Florianópolis entre os anos de 1953 e 1964, e o padre Afonso José Birck, assistente estadual da JOC entre os anos de 1960 e 1965. Ainda que sejam considerados membros do movimento, optamos por tratar suas trajetórias em separado à dos militantes jocistas. Entendemos que, diferente do militante, que chega ao movimento na perspectiva de ser formado, o assistente chega com a função de observador, de mantenedor de determinados preceitos.

Embora tenham iniciado o contato com a JOC no mesmo período, início da década de 1950, as trajetórias do Mons. Agostinho e do Pe. Birck em pouco se aproximam. Enquanto o Mons. Agostinho exercia, conjuntamente com o posto de Cura da Catedral, as funções de assistente[352], o Pe Birk, era "um membro volante da JOC"[353], dedicado unicamente ao movimento, podendo deslocar-se de uma cidade para outra. O primeiro chegou à Ação Católica sem formação específica ou experiência com esse tipo de movimento, em um núcleo já em atividade, conforme relata:

> Quando me tornei padre e vim para Florianópolis, aqui já existia a Ação Católica, esses movimentos JOC, JEC, JAC, JUC. Assumindo a catedral, passei imediatamente a ser o assistente da JOC e da JEC. Nos primeiros tempos, creio que durante quase um ano, apenas fiquei escutando a JOC. Isso, porque no seminário nós não aprendemos nada sobre Ação Católica, infelizmente. Eles, os jocistas, até reclamavam. Diziam: padre, o senhor não diz nada? E eu respondia: não, primeiro eu vou aprender com vocês. Depois passei a participar mais. Costumo dizer que aprendi a ser padre com eles, com a AC. Principalmente pelo método utilizado, o ver, julgar e agir do padre Cardjin, lançado entre os operários e posteriormente também assumido

[352] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1.
[353] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 1.

> pelo próprio Concílio Vaticano II. Hoje quase todos os movimentos da Igreja utilizam esse método. Mas foi isso, fiquei quase um ano só escutando. Assistia semanalmente às reuniões deles.[354]

Já o segundo passou por uma experiência de trabalho em bairros operários antes de conhecer a JOC, sendo responsável pela fundação dela no referido espaço.

> Eu realizei os meus estudos para padre em São Leopoldo, e o bairro Filião, onde se localizava o colégio Cristo Rei, era o que se pode chamar de bairro operário, um bairro muito pobre. E, os padres superiores passaram a incentivar iniciativas da nossa parte. Eles diziam: puxa, precisamos fazer alguma coisa, nós aqui nesse "colegião", e essa pobreza toda aqui ao lado. Mas também não tinham clareza do que fazer especificamente. Principalmente porque nós, os estudantes, não tínhamos muita experiência nessa parte. No entanto, como eu tinha cumprido o serviço militar, vivido dentro de quartel, já tinha uma "casca mais dura", me foi proposto que iniciasse um trabalho voltado ao bairro. Eu me interessei pela proposta e foi, nessa época, final da década de 1940, que comecei a ver o tal "problema operário". [...] Pouco depois de ter iniciado o trabalho no bairro tive contato com a JOC. Aqui ela ainda não existia. Foi através de correspondência com o pessoal de São Paulo, que tive acesso a folhetos e ao método ver, julgar e agir. Passei a aplicá-lo e pelos resultados que consegui, passei a ter fé nesse sistema. Aqui em São Leopoldo a JOC nasceu no bairro Filião, em meio às famílias operárias, gente muito pobre.[355]

Quando chegou à Santa Catarina, o padre Birck vinha de uma experiência de três anos na coordenação nacional da JOC, dos quais foi assistente do movimento em Santo André, ABC Paulista. Testemunhou e participou ativamente de um ambiente onde o movimento jocista era muito ativo no campo sindical.

> Eu, como padre, fui participar do sindicato, de greves e essas passeatas... Felizmente, eu tinha as costas quentes: o bispo de Santo André, ele me apoiava. O pessoal ficava doido: de repente no meio do piquete da greve, tinha um padre de batina. Isso repercutiu pra todo o lado. Me lembro a primeira vez que apareci, até pra SP, para a federação das indústrias eu fui chamado, também. Lá os grandes industriais de São Paulo vinham conhecer esse padre que apareceu nos piquetes de greve. "Que negócio era esse?". Aí, a polícia tava toda pronta pra atacar os grevistas, quando viram o padre, ficaram sem jeito, "sim, o que nós vamos fazer?"[356]

---

[354] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 1.
[355] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 3-4.
[356] Idem, p. 14.

Estas diferenças acabaram refletindo diretamente em suas ações e graus de envolvimento com o movimento. E, conseqüentemente, os assistentes aparecem na memória dos militantes quase como opostos. “O padre Birk tinha mais influência sobre a gente. [...] Ele costumava agitar mais a organização da juventude em comparação ao padre Agostinho que, na minha opinião, era mais conservador”[357], declara Valmir Martins. Essa mesma perspectiva também é expressa por Marlene Puzinski de Paula: “o padre Agostinho não era de interferir muito. O padre Birck era mais “de direção” nesse sentido [...] nos acompanhava mais à ação”.[358] Também, por Francisco Wessling: “quanto ao padre Agostinho [...]. Ele não estava sempre ao nosso dispor, tinha outras responsabilidades também. Era pouco o tempo que ele nos dedicava”.[359]

Ainda assim, o Mons Agostinho não é considerado como um assistente falho. Tanto Marlene, quanto Francisco demonstram-se compreensivos frente ao pouco tempo dedicado pelo Mons. Agostinho. . Segundo Marlene, “o padre Agostinho era um padre muito ocupado [...] Nós nunca tivemos um padre que se dedicasse somente à JOC. Porém eles nos formavam muito bem espiritualmente. Nos davam todo o auxilio e nunca tivemos problemas nesse sentido”[360]. “Posso te dizer que ele era um bom assistente, ainda que, por vezes, era preciso correr atrás dele para que ele participasse das reuniões [...] Mas era uma boa assistência, não “puxava para trás” [361], completa Francisco.

Deixando por hora as impressões dos jocistas, passaremos agora à narrativa dos próprios assistentes. Consideravelmente, muito das memórias que os dois padres têm a respeito da JOC estão ligadas às transformações doutrinais e práticas ocorridas na Igreja nesse período. Para ambos, os movimentos de apostolado leigo, a Ação Católica em geral, tiveram

[357] MARTINS, Valmir. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, jul. 2007, p. 2.
[358] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7.
[359] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.
[360] PAULA, Marlene Puzinski de. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 7.
[361] VESSLING, Francisco Murilo. Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 5.

um grande peso nos resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965). Segundo o Mons. Agostinho, "foi a JOC que empurrou o "abrir da Igreja". Ela que impulsionou o Concilio Vaticano II, sem dúvida nenhuma. Com isso, os leigos começaram a participar mais. Não apenas como fiéis, mas participar dos movimentos, da liturgia, da administração"[362]. O relato do Pe. Birck segue a mesma linha.

> A JOC, como toda Ação Católica, foi uma oportunidade de despertar, mesmo se as autoridades da Igreja, do clero, e as unidades ou a direção, não embarcaram, não se engajaram, não assumiram como movimento, mas eles foram dominados pelos princípios da Ação Católica. Resumindo: a valorização do leigo. Agora, o leigo está tomando, aos poucos, a sua posição de voz ativa na Igreja. Muito difícil. Hoje, ainda há muita relutância. Por que a Igreja sempre foi regime e pronto. Os Papas, os Cardeais, os Bispos e mais o clero, e o povo lá em baixo "amém, Jesus". [...] E a Ação Católica fez uma revolução. A partir do Vaticano II, o leigo começou a ter vez, a ser considerado.[363]

Além da valorização do papel do leigo, um outro ponto do Concílio Vaticano II ganha destaque na narrativa no Mons. Agostinho, a abolição do Latim nas missas.

> Tem um episódio interessante que me recordo, da época em que eu era criança. Não é diretamente ligado, mas é interessante. Em um domingo, depois da missa em São Pedro de Alcântara, um surdo-mudo imitou um padre celebrando a missa. Ele parou em frente a uma janela e fez daquilo o altar. E nós, um grupo de trinta crianças demos muitas gargalhadas. Bom, no dia em que rezei minha primeira missa, dia 26 de novembro, na capela do santíssimo, na Catedral, lembrei-me do surdo-mudo quando comecei a oração em latim. Concluí: Tu "tais" fazendo a mesma coisa, macaqueando para fiéis que não entendem nada! Em 1965 eu rezei a primeira missa em português na Catedral. No dia anterior avisamos ao povo que no dia seguinte iríamos rezar a missa em português e não mais de costas, como se fazia até então. Antes de começar a missa, contei a história do surdo-mudo e disse: graças a Deus hoje eu não vou mais macaquear a missa, hoje nós vamos rezar juntos! E quem deu os passos fortes para isso, foi a Ação Católica. Quem viveu isso antes do Concílio sente as mudanças. E não foram os bispos que fizeram, foram os leigos. [364]

[362] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 8.
[363] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 14.
[364] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 4.

Contudo, para ambos os entrevistados, a maior contribuição da JOC foi a possibilidade que encontraram, através dela, de rever suas próprias práticas pastorais e preconceitos. "A JOC me ensinou a ser padre. Porque a vocação nasce na família, o seminário dá o estudo, mas a gente aprende a ser padre com o povo de Deus. Para mim enquanto padre foi fantástico. Abriu caminhos, abriu horizontes", declara o Mons. Agostinho.[365] Para o Padre Afonso Birck,

> Foi um milagre [...] Tinha meus vinte e poucos aninhos... 24, 25 anos. Quando fui cair nesta realidade. Pensamos que depois do muro do convento, tudo é inferno, tudo é pecado. Nós encontrávamos na rua, gente boa. Não só na Igreja, mas também nos bairros, com os moradores. Eu vim de uma família do interior, conservadora, direitinha, alemã. Então, pra mim, esses moradores de bairro eram um pouco "lá em baixo". A gente tinha um pouco de medo. A gente julgava eles como uma classezinha mais suja, como se diz, moralmente. Quando fui descobrir, dentro dessa montoeira, tinha um coração de ouro, que era só precisar remover um pouquinho o cisco ao redor que aparecia todo o brilho. Era essa minha grande dificuldade. Daí, eu fui pra frente. Fui só me convencendo, cada vez mais. Encontrava sempre os jovens, casais, famílias preciosas. Ia lá, ciscava um pouco, tirava uma pepita de ouro.[366]

Esse trecho do relato do Pe. Birck possibilita-nos refletir sobre a formação dos padres na época e os próprios "pré-conceitos" que acompanhavam a visão da Igreja frente aos operários. Anteriormente ele nos falara que fora escolhido para iniciar o trabalho pastoral no bairro operário de São Leopoldo porque tinha "cumprido o serviço militar, vivido dentro de quartel, já tinha uma "casca mais dura" ou seja, apto para lidar com "uma classezinha mais suja [...] moralmente". Obviamente não pretendemos generalizar, mas são indícios interessantes para pensarmos sobre o impacto desses movimentos da Ação Católica na Instituição. O próprio Pe. Birck expressa, no referido trecho, a mudança do julgamento que fazia, a partir da nova experiência proporcionada pela JOC.

---

[365] Idem, p. 8.
[366] BIRCK, Afonso J. Birck (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 15.

No que concerne aos objetivos do movimento jocista, o caráter formativo da JOC é bastante ressaltado. “Trabalhávamos no sentido de mostrar a essa rapaziada que eles podiam melhorar. Que deviam ter coragem e parar de baixar a cabeça. Deviam levantá-la, porque “também sou cidadão, também posso fazer alguma coisa”[367], declara o Pe. Birck.

> A JOC era como uma bandeira para a gente. Nosso objetivo era chegar a um espaço e introduzir um novo sistema pastoral que não fosse marcado apenas pelo lado catequético, dos sacramentos. Era também uma abertura para uma nova visão social, uma visão operária. Para que aqueles que trabalhavam tomassem consciência de seus diretos e sua situação e não se deixassem explorar sem motivos. Na maioria das vezes o operário não reagia, apenas aceitava. Em Tubarão, por exemplo, o pessoal simplesmente aceitava a condição. Mesmo o salário sendo cinqüenta ou sessenta, eles assinavam contrato com ganhando trinta ou vinte e cinco. Era uma catequese de renovação de consciência. Reuníamos os grupos todas as semanas. Muita gente participava naquele tempo.[368]

A utilização do método “ver, julgar e agir” é considerada como essencial no relato do Mons. Agostinho. Em citação anterior, ele destaca a perspectiva de que o método exigia que os jocistas buscassem por si mesmos as soluções dos problemas encontrados e seus espaços de vida e de trabalho, diferenciando a JOC de outros movimentos nos quais o encaminhamento vinha “de cima”.[369]

O Pe. Birck também faz considerações sobre o método jocista em seu relato. Procurávamos tratar os problemas operários, sempre entrosados com o Evangelho. As duas coisas juntas. [...] Era sempre feijão com arroz, café com leite, como quiser comparar. Partíamos da realidade de cada grupo, pois eram espaços diferentes, “cada um com os seus problemas”. Em Joinville, o pessoal da indústria. Já em Florianópolis, funcionários públicos. Em Tubarão, trabalhadores do comércio. [...] Primeiro “ver” o problema social. Depois,

[367] Idem, p. 3.
[368] BIRCK, Afonso J. (Pe.) Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 1.
[369] O referido trecho foi citado no capítulo 2 deste estudo. Citação n. 89, p. 82.

segue-se o julgar, então você vai ver o que o Cristo disse, o que ele diria e o que ele faria? E, por fim, o agir: o que nós podemos fazer? Era sempre esta metodologia.

Todavia, em nossa opinião, a grande perspectiva que se apresenta quando acompanhamos os relatos do Monsenhor Agostinho Staehelin e do padre Afonso Birck é a possibilidade de vislumbrar traços concretos de como atuava um assistente jocista. Em grande parte dos estudos realizados sobre a JOC, a figura do assistente tem sua função definida: "responsável pela formação dos militantes, pela espiritualidade jocista e pela manutenção da ortodoxia doutrina do movimento", ou mesmo "orientador" e "observador".[370] No entanto, pouco se explora além disso, ficando por vezes a impressão de que o assistente atua apenas no "plano teórico" do movimento ou limita-se à intermediação do grupo com a Instituição. Ao acompanhar a narrativa do padre Birck, percebemos que esta atuação poderia ir além.

Quando indagado a respeito das dificuldades que a JOC teria encontrado para se estabelecer em Santa Catarina, o Pe. Birck responde: "para dizer a verdade, da parte dos operários, a ânsia e o apelo eram tão grandes que você tinha dificuldades de tempo e de forças". No entanto, ressalva que havia uma certa resistência em relação "ao padre". "O pessoal tinha a idéia de um padre meio, como posso dizer, engessado".

.

> Nosso objetivo não era trazer os jovens a laço, como o pessoal pensa. Você tinha que dar um jeito de chegar e não submeter, convidar. A solução em que eu sempre apostei foi a de visitar a família. O guri que você conhece na rua é outro quando você vai conhecer a família. E é nesse espaço que ele "se liga". "O padre é amigo do pai, o padre é amigo da minha mãe. O padre tomou o meu irmãozinho no colo". Isso fica marcado para ele. Depois disso, na rua, você continua a significar. E tem diversos casos interessantes nesse sentido.[371]

Essa característica do Padre Birck de envolver a família do militante aparece também no relato de José Domingo Cardoso, "o padre Afonso Birck foi à minha casa e me convenceu

[370] MURARO, Valmir F. *JOC:* uma utopia operária? Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
[371] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 6.

e também a meu pai de que devia me dedicar mais à Federação da JOC".[372] E o acompanhou também,, quando em 1965, deixou a direção estadual da JOC, passando a exercer a função de capelão universitário na Universidade Federal de Santa Catarina e a trabalhar com a JUC.

> Fui capelão universitário na UFSC de 1965 a 1969. Tínhamos missa universitária, as formaturas, missas de celebração, tínhamos retiros e o movimento da JUC. Um bom número de antigos militantes da JUC ainda são militantes cristãos. Como capelão me dedicava a visitar todas as faculdades. Naquele tempo, década de 1960, a UFSC não era muito grande. Estava presente também nas formaturas e atos solenes. Se você quer encontrar as pessoas, é em casa. Nas universidades, nós visitávamos as residências universitárias, as repúblicas universitárias. E era a mesma situação. Visitando a residência desse pessoal, conversando, tomado chimarrão com eles, você deixava as lembranças. Depois você encontrava eles na universidade e era: "padre, onde o senhor vai e tal?". Era outra coisa. Eles já tinham um calor humano, porque na casa, você comunica calor humano. Na rua muito difícil. Na firma, menos ainda. Muito difícil. Sempre foi o meu segredo. [373]

Percebe-se também que o Padre Birck procurava estar presente nos espaços universitários, convivendo no cotidiano dos jucistas e universitários em geral. "Lembro que a primeira vez que eu estive na UCE, todo mundo ficou parado".

> Inclusive jogaram cascas de laranja em cima da gente. Mas depois de um tempo, quando a gente chegava, todo mundo aplaudia. É só quebrar o gelo. Mesmo aqueles que a gente observava a reação, as caras mais feias, os mais desaforados, diziam nomes, mas escondiam a boca., depois de um tempo eram os mais festivos. Quer dizer, o coração era bom. Só o embrulho é que estava estragado. Era só se aproximar que tudo ser transformava.[374]

Esse trecho do relato do Pe. Birck chama nossa atenção pelo contexto da União Catarinense de Estudantes na década de 1960. Temos o conhecimento de que as diretorias eleitas na entidade entre os anos de 1961 e 1965 eram compostas por membros da JUC. E que, a partir do ano seguinte, o regime militar limitou a atuação do movimento estudantil na Capital, tendo a sede da UCE sido invadida e fechada. O Pe. Birck não soube precisar o ano

[372] VIDA Jocista, [p.13].
[373] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 6.
[374] Idem, p. 7.

dessa primeira visita que fez à UCE, mas nos permitimos fazer alguns apontamentos. Considerando que a entidade foi fechada em 1966, acreditamos que a visita ocorreu nos primeiros anos da década de 1960, período das gestões da Juventude Universitária Católica.[375]

Em Florianópolis, a JUC acompanhou o processo de radicalização do movimento nacional, não entrou em conflito direto com a Igreja institucional, mas adotou um discurso muito próximo aos dos grupos socialistas.[376] Talvez a reação contrária à presença do padre seja um reflexo dessa postura, principalmente se considerarmos que a JOC, da qual o Pe. Birck era assistente, não teria "radicalizado' em Florianópolis.

Dessa convivência com os universitários, ele recorda ainda duas situações. "As célebres histórias dos bailes da Universidade" e uma visita que realizou a uma das repúblicas universitárias.

> Depois. Eu ia aos bailes da universidade, no Clube XII. E, depois no LIRA. Já imaginou? O diretório me convidava. Começou com o pessoal da mecânica: "então, padre, o senhor podia participar do nosso baile, o Baile da Engrenagem". Eu respondi: "sim, mas cadê o convite?" Eles ficavam olhando uns para os outros e eu continuava: "sim, me dá convite e eu posso ir, porque se não, eu não tenho convite, como vou entrar?". A turma se adiantou e não demorou muito apareceu um envelope com o convite, mesa e tudo. Foi o primeiro que participei. Foi um sucesso, naquele tempo, um padre no baile. Quebrava o gelo. Ficava até às cinco da manhã. Era um sucesso! [377]
>
> A gente divertia, distraía. Por que você sabe como é uma república universitária dos rapazes. Você olha assim, não tem mais espaço nas paredes: tudo mulheres peladas! E eu lembro que levei um estandarte do Cristo, daquelas tradicionais e entreguei a eles como presente. Eles ficavam felizes da vida. Aí, começava: "nós vamos colocar aonde?" No meio das mulheres peladas! Eu ria e fazia de conta que não tinha visto nada. "bom, isso é problema de vocês!". Aí, depois discutiam, "vamos limpar este lado aqui". Tiraram e depois vinham falar "aí, padre, nós tiramos aquelas coisas feias lá, e colocamos o Cristo no lugar certo". Isso me dá saudades.[378]

---

[375] REIDER, Margareth; SANTOS, Patrícia. O movimento estudantil catarinense e os anos pré-golpe de 64. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva: os anos do golpe*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 101-103.Ver também: SILVA, Victória Gambetta. "*...todos nós falávamos de socialismo"*: a trajetória da Juventude Universitária Católica em Santa Catarina (1959-1964). Florianópolis, 2006. Trabalho de Conlcusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina.

[376] SILVA, Victória Gambetta. "*...todos nós falávamos de socialismo"*: a trajetória da Juventude Universitária Católica em Santa Catarina (1959-1964). Florianópolis, 2006. Trabalho de Conlcusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina, p. 45.

[377] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p.7-8.

[378] BIRCK, Afonso J. (Pe.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, set. 2007, p. 8.

Na entrevista do Monsenhor Agostinho, não foi possível encontrar muitas referências de sua atuação. Sua narrativa foi mais restrita às perguntas realizadas, contendo poucos desvios. No que se refere à experiência como assistente, ele destaca sua participação no Conselho Mundial da JOC, realizado em Roma, em 1957. Segundo ele, foi o único representante da JOC catarinense a integrar a delegação jocista brasileira[379]. O Monsenhor disponibilizou-nos, de seu arquivo pessoal, uma foto desse evento.

Figura 7 - Conselho Mundial da JOC, Roma, 1957 – Delegação JOC/Brasil

Identificamos também uma passagem, onde, em meio à explicação sobre o papel do dirigente jocista nas reuniões, da perspectiva de o assistente atuar como um incentivador, ou mesmo orientador para os militantes.

[379] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 2.

> Lembro-me especialmente de um rapaz que foi escolhido para ser dirigente. Não me recordo ao certo se ele era do comércio ou da construção civil. Ele costumava dizer que não tinha tempo para ler o Evangelho. Certa vez perguntei: Escuta, você não tem tempo mesmo para ler? O que você faz durante o dia? Ele respondeu: eu saio cedo parar trabalhar. E à noite? Tornei a perguntar. Ele respondeu: à noite eu vou para um cinema ou coisa assim. E quando você se deita? Continuei. Eu leio história em quadrinhos. Ele respondeu. Aí eu aconselhei: Então faça o seguinte, ao lado da história em quadrinhos, coloque também o Evangelho e leia só um versículo toda noite. Depois de um tempo ele começou a ler um capítulo inteiro. Esse rapaz sabia conduzir uma reunião como ninguém, era um espetáculo.[380]

Ainda que expressem trajetórias diferentes, tanto o Pe. Afonso Birck, quanto o Mons. Agostinho Staehelin deixaram a JOC no mesmo período, na segunda metade do ano de 1964. O primeiro passou a exercer a função de capelão universitário e o segundo pediu afastamento por problemas de saúde. Quando indagamos ao Pe. Birck sobre as razões de sua saída da JOC, ele não responde objetivamente, menciona apenas que passou a dedicar-se à JUC. Nossa hipótese é que, com o golpe militar e a mencionada desarticulação do movimento no Estado, não existiria mais a necessidade de um assistente dedicado exclusivamente ao movimento, visto que, segundo os militantes entrevistados, não houve um substituto nomeado para a função de assistente estadual.

Tendo realizado anteriormente as devidas considerações teórico-metodológicas a respeito da utilização de fontes orais, retomamos o fato de nosso campo de análise estar condicionado a uma amostragem. Não pretendemos traçar uma "memória oficial" da JOC catarinense. No entanto, esses poucos relatos não deixam de ser significativos como histórias de vida, que se entrelaçam e compõem a história da Juventude Operária Católica.

---

[380] STAEHELIN, Agostinho (Mons.). Entrevista concedida à Victória Gambetta da Silva, ago. 2007, p. 3. O Dirigente a que o Monsenhor faz referência é Valmir Martins

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ano de 2008, a passagem dos 40 anos do Ato Institucional n.º 5 mobilizou parte da historiografia brasileira em interpretações, releituras e reflexões acerca dos "anos de chumbo" da Ditadura Militar no Brasil – supressão dos direitos individuais, constitucionais, liberdades democráticas, tortura, censura, legitimação do grupo civil, resistências, arquivos ainda fechados. Deparamo-nos com um leque amplo para debates e análises, em que a violenta repressão aos movimentos sociais aparece como associação imediata. Dessa forma, concluir um estudo sobre a Juventude Operária Católica, neste momento, agrega à nossa satisfação pessoal, também, certo grau de responsabilidade.

A JOC empreendeu uma trajetória de pouco mais de vinte anos no país. Compondo as fileiras da Ação Católica Brasileira, sua experiência ofereceu à Igreja do Brasil contribuições significativas no que concerne à forma e aos objetivos do apostolado cristão. Evidenciou a heterogeneidade no interior da Instituição e, junto aos demais grupos especializados de apostolado leigo, constitui ponto essencial para o entendimento dos rumos seguidos pelo catolicismo brasileiro nas décadas de 1970 e 1980 e cujos reflexos estão presentes até hoje.

As proporções nacionais que atingiu, estabelecendo-se em todos os estados brasileiros, e a memória institucional de uma experiência marcada pela gradual transformação de seus objetivos configuraram-se o ponto de partida para a realização deste estudo, alvo de nossas primeiras indagações. Poderia um movimento tão amplo, inserido em diferentes espaços e contextos estaduais, manter uma homogeneidade?

Estabelecendo aos poucos maior familiaridade com nosso objeto, nos deparamos com padrões organizacionais e doutrinais divulgados e incentivados na perspectiva da manutenção de uma unidade de objetivos, mas também com a perspectiva de maleabilidade, presente nos

estatutos, nos quais a JOC deveria ser um movimento “dinâmico”, capaz de adaptar-se às necessidades do meio ao qual pretendia atuar. Dentro dessa perspectiva, estabelecemos como objetivo verificar essa “maleabilidade” do movimento. Tendo por recorte os núcleos jocistas no estado de Santa Catarina, buscávamos particularidades, reflexos e contradições, em relação à trajetória nacional do movimento, conseqüentes das características de suas Dioceses e espaços de atuação, bem como da experiência individual de seus militantes e assistentes, perpassando, nesse intento, a expectativa de elaborar um quadro geral do movimento no estado, identificar suas principais lideranças e seu alcance no movimento operário catarinense.

O contato com as fontes, no entanto, impôs determinados limites aos nossos objetivos. Apresentamos respostas, mas também deixamos perguntas. Ainda assim, avaliamos como positivo nosso saldo final.

A Juventude Operária Católica iniciou sua trajetória em Santa Catarina pela capital, Florianópolis, estabelecendo ao longo da década de 1950 uma tímida inserção no interior do Estado, ganhando proporções estaduais apenas no início da década de 1960. Esteve presente nas quatro dioceses existentes no Estado no período, alcançando um total de doze municípios. Inseriu-se em diferentes espaços de atuação, adaptando-se às especificidades da classe trabalhadora de cada cidade. Pelo que pudemos apurar, ao longo de sua trajetória, atuou entre comerciários, trabalhadores da construção civil, operários de vários setores, empregadas domésticas e servidores públicos.

Manteve os padrões estruturais do movimento, estabelecendo núcleos femininos e masculinos, financiando-se através da cotização, atuando a partir do método ver, julgar e agir e tendo a presença constante dos padres assistentes. Articulou-se como movimento estadual através de encontros e contatos regulares entre os dirigentes. Participou da instância regional, também através de encontros, empreendendo a formação de uma equipe de militantes permanentes, dedicados exclusivamente ao movimento. Pelos nossos estudos, observamos

que o contato com o movimento nacional realizava-se principalmente através dessa instância. No que concerne à Arquidiocese, conviveu com desconfianças, mas não protagonizou conflitos diretos.

Devido ao recorte temporal, nossa análise comparativa com a trajetória nacional da JOC realizou-se apenas com os núcleos do movimento em Florianópolis. Em seus primeiros anos é possível verificar um certo compasso com o movimento nacional. Os primeiros anos de vida oficial no Município caracterizam-se pela predominância de atividades de cunho religioso, ligadas às paróquias e às celebrações litúrgicas educativas e com resultados pensados em curto prazo. Aos poucos, os jocistas iniciam a participação nos sindicatos e organizações de classe.

Pelo que foi possível apurar, o alinhamento com a trajetória nacional encerra-se nesse momento. Segundo os militantes entrevistados, a JOC Florianópolis não teria vivido a fase de radicalização do movimento, mantendo uma postura moderada frente aos acontecimentos. As discussões nacionais, referentes ao Concilio Vaticano II, à formação da Esquerda Católica e ao golpe militar de 1964 parecem ter ficado restritas aos dirigentes, não atingindo os militantes de forma geral. Apuramos, inclusive, um afastamento do movimento em relação à JUC que, na capital catarinense, vivia o processo de radicalização desde o início da década de 1960. Ainda assim, permaneceram dúvidas relativas a esta questão, principalmente quando consideramos que nossas únicas referências a esse período vieram dos depoimentos. Apesar de ter sido um "processo", a radicalização do movimento nacional jocista intensificou-se apenas depois do golpe de 1964. Pelo que pudemos levantar, a JOC Florianópolis teria desmobilizado-se pouco tempo depois. Dessa forma, podemos considerar que ela não teria vivido a fase de radicalização do movimento nacional simplesmente pelo fato de não estar mais em atividade. Todavia, a memória dos jocistas entrevistados é muito objetiva nessa negativa. Este fato leva-nos a considerar limites para essa "postura moderada", também, que a

reafirmação, ou mesmo a construção dela pelos militantes, poderia estar associada a fatores que extrapolam o período em que atuavam na JOC.

Por fim, não podemos deixar de indagar a respeito do alcance que a JOC teve no Estado e de sua efetividade como movimento social. Sabemos que existiu uma articulação estadual e regional do movimento, mas pouco apuramos no que diz respeito a posturas adotadas e mesmo a reivindicações. O único dado estatístico que pudemos levantar data do ano de 1962, quando o movimento jocista catarinense teria em suas fileiras cento e trinta jovens e expandia sua influência a cerca de dois mil trabalhadores. Considerando o contexto estadual, não deixa de ser um número significativo. No entanto, permanecem as indagações a respeito dessa "influência".

Talvez, o grande mérito da JOC em Santa Catarina tenha sido oferecer um espaço de sociabilidade e formação a seus militantes e assistentes. Esse aspecto está muito presente nos depoimentos que coletamos. Sendo um movimento de juventude, a JOC era um espaço de passagem que objetivava a formação de lideranças católicas, as quais atuariam em outros espaços após deixarem o grupo. De fato, pudemos confirmar essa perspectiva. Ainda que nem todos os militantes que entrevistamos tenham permanecido em movimentos ligados à Igreja Católica, todos atribuem à experiência tida na JOC como causa direta de permanecerem engajados em novos espaços de atuação. No que se refere aos padres assistentes, pudemos verificar traços das transformações na forma e objetivos de apostolado que a JOC e a Ação Católica, de forma geral, empreenderam no interior da Igreja Católica, possibilitando, principalmente, a quebra de determinados preconceitos.

Neste ano de 2008, a JOC celebraria os 60 anos de sua oficialização no Brasil. Ainda que não tenha sido o único fator responsável pela sua desarticulação, o AI-5 atingiu diretamente os dirigentes nacionais e padres assistentes do movimento.

Esperamos que, ao seu término, o presente estudo possa contribuir com a historiografia referente ao movimento jocista e ao período da história do Brasil que aborda e, quiçá, inspirar novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO católica. *Órgão oficial da Ação Católica Brasileira*. Rio de Janeiro: CEDIC, n. 1, set. 1938, p. 4.

AFFONSO, Cláudia. Entre o tempo e a eternidade. A experiência social católica nos anos 20 e 30 no Brasil. In: PEREIRA, André (Org.). *Que história é essa?* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ALVES, Andréia M. de Queiroz. *Pintando uma imagem de Nossa Senhora Aparecida 1931*: Igreja e Estado na construção de um símbolo nacional. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005.

ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARAÚJO, Camilo Buss. *A sociedade sem exclusão do Padre Vilson Groh:* a construção dos movimentos sociais na comunidade do Mont Serrat. Florianópolis: Insular, 2004.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.aabbflorianopolis.com.br/livro_1.htm>. Acesso em: 20 out. 2008.

BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart*: as lutas sociais no Brasil (1961-1964). 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

BIGO, Pierre. *A Doutrina social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1969.

BIRCK, Afonso José. *Um mundo a construir*: o apostolado dos leigos no pensamento de Joseph Cardjin. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1975.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, 154p.

CARDJIN, Joseph. *A hora da classe operária*. 2. ed. Rio de Janeiro: JOC, [20--].

_____. *O jovem trabalhador, a jovem trabalhadora diante da vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: JOC, [19--?].

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento:* Brasil: JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARREIRÃO, Yan de Souza. *Eleições e sistema partidário em Santa Catarina (1945-1979*). Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

CHALOUB, S. *Processo pedagógico gerador de uma consciência crítica*: uma história. de vida. São Paulo: Loyola, 1989.

CODATO, Adriano N. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, n. 47, v. 24, jan./jun., 2004.

COLLAÇO, Vera. *O teatro da união operária***:** um palco em sintonia com a modernização. Tese (Doutorado em História Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COMBLIN, J. Situação histórica do catolicismo no Brasil. In: *Revista Eclesiástica Brasileira.* v. 26, set. 1966.

CONCEIÇÃO, Edson K. *A fundação do Partido dos Trabalhadores em Santa Catarina e as eleições de 1982*. Monografia (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Disponível em: http://www.dieese.org.br/anu/2001/3/pg48-50.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2008.

DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva*: os anos do golpe. Petrópolis: Vozes, 1989.

FABIAN, Roberto. *JOC:* da submissão à contestação. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

FENELON, Déa Ribeiro, et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). *Usos e abusos da História oral.* 5. ed. Rio de

Janeiro: FGV, 2002.

FOLLMANN, José Ivo. *Igreja, ideologia e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Ângela Castro (Org.). *O Brasil de JK*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GOUDINHO, Liliane do S. Cavalcante. *Mulheres em ação...(Católica)*: Belém (1939-1947). Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

HALL, M. História oral: os riscos da inocência. In: *O direito à memória*: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

IGREJA CATÓLICA. *As encíclicas sociais de João XXIII*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963. 2 v.

IGREJA CATÓLICA. *Paz na terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1963.

INSTITUTO TEOLÓGICO FRANCISCANO. Disponível em: <http://www.itf.org.br/index.php?pg=revistas4&revistaid=6&fasciculoid=54>. Acesso em: 05 nov. 2008.

KADT, Emanuel. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

KASPARI, Alceu. *O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960-1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

KHOURY, Yara Aun. Memória e História: Juventude Operária Católica. In: ____ (Coord.). *Inventário Juventude Operária Católica*: acervo do Instituto Nacional de Pastoral – CNBB. São Paulo: PUC; CEDIC, 1991.

KRISCHKE, Paulo José. *A Igreja e as crises políticas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEUCHTENBERGER, Rafaela. *Liga Operária Beneficente de Florianópolis e União Beneficente Recreativa Operária*: uma história de mutualismo e resistência. Florianópolis: UFSC, 2004.

LOWI, Michael. *A guerra dos Deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUSTOSA, O. F. *A Igreja católica no Brasil* República: cem anos de compromisso (1889 – 1989). São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

MAINWARING, Scott. *Igreja católica e a política no Brasil* (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____, Scott. A JOC e o surgimento da Igreja nas bases (1958-1970). In: *Revista Eclesiástica de Base*, Petrópolis: Vozes, mar. 1983.

MARTINS, Celso. *Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

MARTINS, Heloísa H. T. de S. *Igreja e movimento operário no ABC:* 1954-1975. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva*: os anos do Golpe. Petrópolis: Vozes, 1989.

MATTOS, M. B. *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

MENDES, Lílian G. *Entre a cruz e o manifesto:* dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica no Brasil (1960-1968). São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

MONTENEGRO. A.T. *História oral e memória*: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAES, Maria Blassiolli. *A ação social católica e a luta operária:* a experiência dos jovens operários católicos em Santo André (1954-1964). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MORETTI, Serenito. *Movimento estudantil em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1984.

MURARO, Valmir F. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Tudo é História; 97).

_____, Valmir F. *JOC:* uma utopia operária?. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Em defesa da ação católica*. 2. ed. São Paulo: Artpress, 1983.

PIAZZA, Walter. *A Igreja em Santa Catarina*: notas para a sua história. Florianópolis: IOESC, 1977.

PORTELLI, Huges. *Os socialismos no discurso social católico*. São Paulo: Edições Populares, 1990.

RAMOS, Nilton João. *Relações históricas entre Igreja e Estado*: a formação do pensamento educacional catarinense. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

REIDER, Margareth. SANTOS, Patrícia. O movimento estudantil catarinense e os anos pré-golpe de 64. In: DIAS, José de Souza (Org). *Santa Catarina em perspectiva: os anos do Golpe*. Petrópolis: Vozes, 1989.

RIBEIRO, Manoel Alves (MIMO). *Caminho.* 2. ed. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

RIDENTI, Marcelo. Ação popular: cristianismo e marxismo. In: _____ (Org.*). História do marxismo no Brasil. v.* 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: UNICAMP, 2002.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, dez. 2002.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. (Org.). *Usos e abusos da História oral.* 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SCHIMITT, Jaqueline A. M. Zarbatto. As perspectivas de análise do trabalho na historiografia catarinense. *Fronteiras*: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 10, [2002].

SENA, Pe. Luiz Gonzaga de. A Juventude Universitária Católica: algumas reflexões sobre uma experiência de vida cristã I. *Revista Eclesial Brasileira*, n. 240, dez. 2000. Disponível em: <www.itf.org.br/index.php?pg=revistas4&revistaid=6&fasciculoid=54>. Acesso em: 05 nov. 2008.

SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SILVA, Victória Gambetta. *"...todos nós falávamos de socialismo"*: a trajetória da Juventude Universitária Católica em Santa Catarina (1959-1964). Florianópolis, 2006. Trabalho de Conlcusão de Curso (História). Universidade Federal de Santa Catarina.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil*: de Getúlio Vargas à Castelo Branco (1930-1964). 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOARES, Odette de Azevedo. *Uma história de desafios:* 1935-1985. Rio de Janeiro: [s. n.], 2002.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos operários:* a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2002.

_____. *Os círculos operários e a intervenção da Igreja católica no mundo do trabalho no Brasil*: uma discussão historiográfica. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/jessie_jane_circulos.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2008.

SOUZA, L.A.G. *Classes populares e a Igreja nos caminhos da História*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, Rogério Luis. *A reforma social católica e o novo limiar capitalista* (1945-1965). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

TARSO, Paulo de. *Os cristãos e a revolução social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, op cit.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. A *formação da classe operária inglesa:* a maldição de Adão. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TOLEDO, Caio Navarro. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____, Caio Navarro. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, jan./jun. 2004.

VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VIDA Jocista: testemunho. Rio de Janeiro, 2003. 2 v.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *História do século XX*. 2. ed. Porto Alegre: Novo século, 2000.

FONTES

Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis

- Clero Secular
- Livro Tombo da Catedral

Arquivo Pessoal do Padre Afonso José Birck

- Manifesto da JOC Internacional
- UNIDAS – Divulgação mensal da JOC – nov/1959
- CONSTRUIR – Divulgação mensal da JOC – mar/1957

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

- Jornal “O Estado” – 1950-1964
- Jornal “A Gazeta” – 1947-1970

Centro de Documentação e Informação Professor Casemiro Reis Filho – PUC/SP

- Fundo Juventude Operária Católica

  - Rolo 10 - Lisas de Endereços (1964); Normas para elaboração de jornal, s/data; Regimento de ordem interna, sem/data; Regulamento da JOC, 1958-1966; Relatório estatístico, s/data; Relatório sobre a organização da JOC, 1951-1963; Textos sobre a estrutura jocistas 1956-1958;

  - Rolo 14 – Guia do Propagandista; A JOC diante dos acontecimentos de 1º de abril de 1964; Manifesto da JOC, 1963; Manifesto da JOC, 1967; Metodologias jocistas, s/data; Nota de aulas, s/data;

  - Rolo 22 – Textos de Ação e Orientação, 1952-1972; Textos de Formação, 1948-1965; Textos de Reflexão, 1959-1965; Textos sobre a história do movimentos jocista, 1958-1968; Textos sobre a situação da juventude trabalhadora, 1952-1970.

  - Rolo 30 – Documentos da Regional Extremo-sul da JOC.

  - Rolo 31 – Documentos da JOC Santa Catarina.

Centro de Memória da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

- 1964 – caixa n.º 6

  - Relatório do 5.º Distrito Naval sobre as atividades do Sr. deputado Evilásio Nery Caon.
  - Correspondência trocada entre o Deputado Evilásio Nery Coan e o Mons. Agostinho Staehelin.
  - Relatório do 5.º Distrito Naval sobre as atividades do Sr. deputado Vânio Faraco.

- 1964 – caixa n.º 8.

  - Jornal "Reforma" – órgão oficial da UCE – set/1963-jan/1964.

Depoimentos

- Francisco José Pereira concedido à Victória Gambetta da Silva em 13 de janeiro de 2005.

- Francisco Murilo Vessling, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 22 de agosto de 2007.

- Marcílio César Ramos Krieger, concedido à Victória Gambetta da Silva em 24 de fevereiro de 2005.

- Marlene Puzinski de Paula, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 27 de agosto de 2007.

- Mons. Agostinho Staehelin, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 01 de agosto de 2007.

- Nereu do Vale Pereira, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 14 de setembro de 2007.

- Padre Elli Benincá, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 28 de abril de 2007.

- Padre. Afonso J. Birck, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 09 de setembro de 2007.

- Rogério Duarte Queiroz concedido à Victória Gambetta da Silva em 15 de fevereiro de 2005.

- Rosamaria Beck concedido à Victória Gambetta da Silva em 09de maio de 2005

- Teodoro Haag Neto, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 24 de julho de 2007.

- Valmir Martins, concedido à Victória Gambetta da Silva no dia 09 de julho de 2007.

Fotografias

- Arquivo Pessoal de Valmir Martins.
- Arquivo Pessoal do Monsenhor Agostinho Staehelin.

ANEXOS

Transcrição da entrevista realizada em 24 de julho de 2007, com o senhor Teodoro Haag Neto

FITA 1 – LADO A

Eu sou Victória Gambetta da Silva, sou mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e vou entrevistar no dia de hoje, 24 de julho de 2007, o senhor Teodoro Haag, a respeito de sua participação na Juventude Operária Católica (JOC).

Victória - Senhor Teodoro, bom dia.
Teodoro – Bom dia.

Victória - Para começar gostaria que o senhor me dissesse seu nome completo, local e data de nascimento.
Teodoro – Meu nome é Teodoro Haag Neto, nascido em Brusque no dia 9 de setembro de 1944.

Victória – E, qual foi a profissão que o senhor exerceu?
Teodoro – Eu comecei como tecelão na indústria têxtil Renault. Depois passei para auxiliar de contramestre e, após um ano fazendo cursos no Rio de Janeiro, passei a contramestre. Trabalhei durante quatro anos nesse cargo.

Victória - Como o senhor conheceu a JOC?
Teodoro – Conheci a JOC através do padre Osmar Miller, hoje já falecido. Ele realizou seus estudos na Bélgica e lá, teve contato com a JOC. Quando chegou à Santa Catarina, para residir em Brusque, procurou implantar esse movimento de jovens e trabalhadores cristãos. Inicialmente ele correu atrás de um irmão meu o Davi. Tendo o Davi negado o convite, ele começou a insistir comigo. Eu trabalhava das cinco da manhã a uma e meia da tarde. Por volta das duas e meia, ele costumava aparecer em minha casa. Ficávamos conversando. Foi assim durante mais ou menos uns três meses. até que eu aceitasse o convite. Fui o primeiro e, junto a ele iniciamos a organização da JOC em Brusque. Ele era um padre assim muito pedagógico, com muito conhecimento e paciência.

Victória. Certo, e quanto tempo o senhor permaneceu na JOC?
Teodoro. – Eu participei até 1970, 1961 a 1970 mais ou menos.

Victória. – E como foram esses primeiros passos de montagem de um núcleo jocista em Brusque?
Teodoro. – Olha, primeiro contrariando até um pouquinho toda a pedagogia do movimento, começamos com uma atividade maior. Organizamos um encontro e convidamos algumas pessoas a participarem. Convidei dois colegas da fábrica, e estes convidaram outros que conheciam. O tema do encontro foi: sou jovem, sou operário e sou cristão. As três letras da JOC. Depois desse encontro, passamos a nos reunir todo sábado à tarde. Éramos poucos, três ou quatro. Nestas reuniões, muito pedagogicamente, propúnhamos sempre uma tarefa para ser realizada dentro da fábrica. Vender o jornal, vender nosso “boletinzinho”, o CONSTRUIR,

etc. E o princípio número um era fazer amizades. Ouvir os jovens, nossos colegas e trazer os problemas, as dificuldades para a reunião. E, através da aplicação do método ver, julgar e agir, discutíamos essas dificuldades. Aos poucos o movimento foi crescendo, apareceram o Mário, o Valdir Diniz, o José, mas infelizmente não me recordo os sobrenomes, todos colegas da indústria. E, logo em seguida, começou a se organizar a JOC feminina, a JOCF. Lembro-me da Nair, que era uma das envolvidas. Nós tivemos os dois grupos bem ativos em Brusque, o feminino e o masculino.

Victória. Dentro dessa empresa de tecelagem?
Teodoro – Não apenas dentro da empresa. Era um grupo misto, tinha três quatro jovens da fábrica, mas também jovens de outros setores, do comércio, por exemplo. A JOCF era mais baseada no setor do comércio, principalmente das lojas de calçado. Inicialmente nos reuníamos numa sala da paróquia lá de Brusque. Mas também atuávamos muito, fora da fábrica, dentro do Sindicato dos Trabalhadores de Tecelagem e Fiação. Participávamos dos chamados encontros estaduais, onde se reunia o pessoal do estado todo. Se o encontro fosse em Florianópolis, por exemplo, vinha o pessoal de Itajaí, o pessoal de Joinvile, o pessoal de Tubarão, pessoal de Brusque. Itajaí e Tubarão tiveram núcleos fortes de JOC. Porém a JOC mais significativa, mais forte do estado era a de Joinville. Saíram vários dirigentes de lá. José Domingos Cardoso, por exemplo.

Victória - O Ferreirinha?
Teodoro – Isso, o popular Ferreirinha. Hoje ele já é falecido, mas por muitos anos foi da CUT nacional. Aqui de Florianópolis me recordo do Valmir Martins, da Marlene Puzinski. Em Joinvile lembro-me também da Marlene Machado. De Itajaí, o padre Nilton.

Victória. E o foco que era procurado na época, eram as indústrias?
Teodoro – A JOC tinha por princípio se estabelecer dentro do movimento operário mesmo, na indústria. Como aconteceu em Joinvile e em Brusque. Porém no feminino era o comércio, o maior foco em Brusque. A JOC inicialmente foi um movimento altamente pedagógico, aqui em Santa Catarina, a política naquela época era um instrumento pouco valorizado. Tinha-se aquela mística, um dos princípios do padre Cardjin, de que transformando as pessoas, o mundo se transformaria. Uma visão até um pouco utópica. No nosso entendimento, qualquer jovem, valia mais do que qualquer ouro do mundo. O que não deixa de ser uma verdade, mas olhando de hoje, assim o movimento ficava um pouco alienado, muito restrito em termos de transformação e de luta operária. Mas, por outro lado essa mística era um ponto muito forte da JOC e contribuía para o crescimento. Nas reuniões de militância, a gente fazia uma reflexão, aquele "ver" profundo e depois fazia o "julgar". Por fim, ninguém saía da reunião sem uma tarefa, ou, como chamávamos, o "agir". E esta seria cobrada na próxima reunião. O Construir, nosso folheto, era um instrumento altamente pedagógico. Sempre trazia um fato da realidade operária, de um jovem ou de um pai e, a partir desse fato, aplicava o método da JOC, um ver, um julgar e um agir. Dessa forma, quando o jovem na fábrica discutia com o amigo, ou o colega, companheiro, ele fazia uma reflexão dentro dessa metodologia. Foi uma metodologia que revolucionou muita coisa. Não sei se você teve conhecimento da última assembléia dos bispos do Brasil, CNBB, que foi em Itaici, durante a visita do Papa? Espantei-me quando o coordenador falou: nós vamos fazer a nossa reunião dentro do método ver, julgar e agir. JUC, JEC, JAC e vários outros movimentos acabaram por adotar o método da JOC.

Victória. – Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o contexto desse período no qual o senhor participou da JOC. A década de 60 foi um período de uma efervescência grande de

forças políticas, dentro do movimento operário. Como era conviver com esse pessoal que pensava diferente, qual era a aceitação que os católicos tinham dentro desse espaço que o senhor atuava?

Teodoro – Essa efervescência toda, não se caracterizou tanto assim nas cidades mais pequenas de Santa Catarina, como Brusque. Claro, que pelo sindicato a gente percebia isso. Lembro-me de um padre português, chamado Alípio, não tenho certeza se ele era de São Paulo ou Rio de Janeiro. Ele não tinha nada com a JOC, mas tinha com o movimento operário. No sindicato, fazia umas palestras enormes, toda nessa linha contra o sistema que já estava se estabelecendo no Brasil. Mas quanto movimento aqui em Santa Catarina, não sei dizer ao certo como ele acompanhou esses fatos. Eu, logo em seguida ao golpe, em 1965, fui para Porto Alegre, fazer parte da coordenação regional. Em Porto Alegre é que eu senti mais toda essa efervescência política. A nossa sede da JOC, servia de refúgio para oposição sindical dos metalúrgicos. Vários movimentos de esquerda se reuniram em nossa sede durante a noite. Já aqui, eu não fiz parte da coordenação estadual, não eles não eram liberados, não era uma coordenação itinerante. Cada um vivia na sua cidade e aí uma vez a cada dois meses a gente se reunia para trocar informações. Não sei como foram as coisas em Florianópolis. A capital não tinha muitas indústrias. Joinville e Brusque tinham mais esse caráter. A luta sindical em Brusque foi muito forte. Uma coisa muito interessante, a respeito da JOC em Brusque, foi o auxílio financeiro que recebemos dos patrões, Carlinhos Renault, João Bawer, nos primeiros encontros de jovens que realizamos. Depois quando eles começaram a sentir que a discussão, o conteúdo das discussões era contrário aos interesses deles neles, começaram a cortar tudo. E a JOC começou a ser mal vista pela classe patronal. Passamos a nos vincular muito mais à luta sindical, ao lado da luta dos trabalhadores do que, como se diz, tapar o sol com a peneira. A JOC era um movimento que despertava bastante. E um problema interno que tínhamos, era que chegava-se um momento em que o jovem queria algo mais, uma atuação mais política. O agir, sem o ver e o julgar. Perdemos muitos para os outros movimentos políticos. Passava a ser mais interessante participar de passeatas do que ter um compromisso pedagógico e comprometedor. Em Porto Alegre eu senti mais essa coisa da efervescência do movimento sindical, dos partidos políticos, da AP. Em 1967 eu fui para Rio, participar da coordenação nacional. E lá, por duas ou três vezes tivemos a invasão da sede. Não sabíamos ao certo quem era, mas quando viajávamos, invadiam nossa casa, roubavam, carregavam material. Nossa sede era na rua Luiz Afonso. E depois vieram as perseguições da Dops. Mas daí a nossa sede já era no morro São Carlos, numa favela.

Irena[381] **–** Você já era presidente nacional da JOC.

Teodoro – Em Belo Horizonte, vários padres foram presos, vários militantes também **Irena –** Mas começou a engrossar mesmo no fim de 69?

Teodoro – Não, em 67. Toda invasão da sede da JOC em Belo Horizonte foi em 67.

Irena – Ta, mas aqui no Rio ainda não perseguiam vocês?

Teodoro – Em 1969 foi a invasão. Eu estava no Chile, no Encontro Latino Americano da JOC, quando o AI-5 saiu. E lá nos advertiram para que a gente não voltasse direto ao Rio. Naquela época no Chile era tudo liberado PCB, PcdoB, os manuais do Mao Tse Tsung, tudo sendo vendido na rua, era uma loucura aquilo lá. Agora me recordo, não era um encontro latino americano, era um encontro Internacional da JOC. Participaram pessoas da Espanha, de vários cantos do mundo. Eu, a Márcia e o Agostinho descemos em Porto Alegre e daqui fomos de ônibus para Rio. E foi aí que tivemos que mudar várias vezes o local da sede, porque eles estavam sempre em cima, a Dops. Em 1970 eles nos prenderam. Prenderam toda a equipe nacional. Padre Manoel de Jesus, que era assistente, o padre Agostinho Pretto, o

[381] A partir deste momento, a esposa do senhor Teodoro, dona Irena, que foi militante da JOC em Porto Alegre, passa a participar da entrevista.

Mário Perigol, eu, a Márcia, o Leal, que não chegaram de fato a prender porque ele não havia chegado em casa, a Vandir, a Ironí. O Ferreirinha não estava em casa e escapou também.
Irena – Aí o regime militar começou a apertar!
Teodoro – Mas anterior a isso, a JOC foi muito bombardeada pelos movimentos políticos. Ela tinha uma base boa no Brasil todo. Tinha base em Santa Catarina, em todos os estados. Grupos sólidos, de formação sindical. Tanto que vários elementos da JOC foram recrutados por outros movimentos, pela AP, por exemplo. A criação da AP teve muito a ver com a JUC e com a JEC. Também muitos ingressaram em partidos políticos, o próprio PT. Muita gente da JOC ajudou a fundar o PT. Nossos militantes foram bastante pulverizados para outros movimentos. Assim como nós também procurávamos trazes pessoas de outros partidos para o nosso lado. Nos encontros da JOC sempre tinha militantes de outros partidos políticos infiltrados, metidos, infiltrados era maneira de dizer.
Irena – Eles queriam pegar o pessoal que já era consciente...
Teodoro – Me lembro que em Novo Hamburgo, a JOC era fortíssima entre os sapateiro, e a AP começou a "dar em cima" de vários militantes, do Renato, do Sebastião, da Cláudia. Eles começavam a interrogar a JOC, diziam: "a JOC é isso, a JOC fala naquilo, prega isso e na hora que é para ser mais forte, tomar umas atitudes mais fortes, não faz". Porém a JOC não era um partido, ela era um movimento educativo... ela não tinha uma opção política, era um movimento educativo dentro da classe trabalhadora e que por causa das contradições da classe ela vivia dentro disso. Hoje a gente sabe que Cardjin criou a JOC como uma oposição ao movimento comunista que tava se florescendo na Bélgica...bom isso é outros quinhentos.
Irena – Os partidos políticos se aproveitavam dos militantes da JOC. Queriam leva-los para o seu lado.

Victória – Por serem militantes que possuíam uma formação incial....
Irena – Eram mais conscientes, já tinham uma formação, já atuavam no sindicato, eram líderes na fábrica, líderes no bairro, já tinham muito mais consciência do lugar que ele atuava. Na época eles tinham interesse de pegar essa gente, era muito difícil pegar um jovem sem entender nada de conjuntura operária de sindicato e levar direto para partido político. Então eles se aproveitavam dos jocistas que já tinham essa consciência. Não eram contra os patrões, mas sim, mas a favor dos operários, toda luta era a favor do operário.
Teodoro – A mesma história continua hoje, nos fizemos parte de uma associação de bairro de Porto Alegre, Associação dos moradores do bairro Bom Jesus. E diferente de várias outras associações, que estão perdendo força, a nossa continuava muito ativa. E, se você investigasse, ia ver que tem três ou quatro elementos que compunham a diretoria, com passagem pela JOC. Nós continuamos a ser pulverizados hoje em dia. Pulverizados quando digo, me refiro procurados. Assim o PSOL quer dizer que a associação é dele, o PT quer dizer que a associação é dele, aquela briga que você conhece. E continua a mesma coisa, a busca por militantes já formados. Isso porque o partido político não tem como princípio a formação, a não ser através de reuniões. A JOC não tinha como princípio a formação por reuniões, e sim a formação pela ação. O princípio fundamental da JOC sempre foi esse a formação pela ação. Tu só aprende fazendo, então, por mais pequena que a sua ação seja, ela sempre vai ser o elemento fundamental e educativo no seu processo.
Irena – Daí em 1970 eles radicalizaram, o governo radicalizou. Começou perseguir, prender, plantar provas.
Teodoro – Por causa do Dom Helder Câmara.
Irena – Por exemplo, a equipe nacional da JOC, eles prenderam toda a equipe, todos os padres assistentes, e plantaram provas falsas, disseram a todos que no morro do Catumbi, a JOC tinha uma rádio clandestina.

Teodoro – Era o seguinte, nós tínhamos o Wilson, que era um dirigente que na época, já estava saindo da JOC. Ele tava fazendo um curso de radio técnico. E no quarto em que ele dormia, havia um rádio velho, um desses rádios antigos valvulados. Aí nos acusaram de possuir uma estação de rádio, onde falávamos isso e aquilo.
Irena – Como se eles fossemos todos subversivos.
Teodoro – Mas voltando um pouco, muita gente foi presa. Eu e a Márcia fomos presos juntos. A Márcia ia para um encontro na Bolívia, não sei bem aonde, era um encontro latino americano. Fui com ela à um despachante buscar o passaporte, comprar dólares, essas coisas. Passamos na CRB, lá no Rio de Janeiro e como estava demorando, ela pediu que eu esperasse lá, enquanto ela iria ao despachante, onde nos enocntraríamos depois. Quando saí da CRB, me dirigi ao despachante, como combinado. Quando cheguei lá, havia uns caras me esperando. Me pegaram, botaram numa sala, quiseram me tirar a roupa, aí não vi mais a Márcia. Depois que fui saber da história toda. Eles queriam saber disso, daquilo. Não me tiraram toda roupa, mas já começou um interrogatório. Me botaram um capuz, me desceram lá para baixo, aquilo é a avenida Rio Branco, um monte de movimento, fiquei lá em baixo de capuz e aquela policia toda, e aqueles caras buzinando, buzinando, meu Deus do céu, quando me lembro daquilo. Aí me levaram lá para o morro de São Carlos onde era nossa sede....

-----Pausa no gravador-----[382]

Victória – Como o senhor viu a postura da igreja em relação a JOC? Me parece que houve um incentivo grande para a expansão do movimento, mas após da década de 60 eles começam a...
Irena – Essa é uma parte ruim, não gostamos de lembrar...
Teodoro – A igreja praticamente tinha, como hoje, as duas alas. Uma ala mais radical, mais dentro da teologia da libertação e, a igreja conservadora. Nós tínhamos Dom Valdir Calheiros de Volta Redonda, Dom Helder Câmara, Dom Antonio Fragoso, que agora já faleceu, o padre Agustinho Preto, o padre Manoel de Jesus. Naquela época o grupo mais forte, dessa linha mais libertadora, tentava influenciar dentro das reuniões do arcebispado, da CNBB, a gente tentava mudar, porque eles não acreditavam. Dom Vicente Scherer, se não me engano o bispo de SC era Dom Alfonso, altamente conservadores, eles não acreditavam que estávamos passando por tudo aquilo. Diziam que não havia tortura no Brasil.
Irena – O que eles tinham era uma linha assistencialista que eles tem até hoje, então aquela linha que dizia que tu era bom na medida em que tu atuasse dentro da igreja como tal, se tu rezasse, se tu cantasse, que tu fizesse reuniões assim, na época era muito valorizada como hoje é o movimento carismático, antigamente era o de Maria os Vicentinos.
Teodoro – Já tinha os carismáticos.
Irena – Nós o pessoal da juventude não, porque a linha de atuação era dentro das fábricas, então eles não podiam contar com aquilo como urgente para o rebanho deles, como a gente dizia.
Teodoro – Eles não queriam qualidade, eles queriam massa dentro da igreja, quantidade. A igreja apesar de pregar ser fermento ela sempre quis ser só a massa.
Irena – Apesar de que depois desses episódios, a igreja em seguida tomou atitude, inclusive eu tenho em casa muitos recortes da época de ações da igreja, de alguns bispos da CNBB, pois naquela época dom Helder Câmara liderava a CNBB. E quem salvou mais o pessoal da JOC no Brasil, nem foi tanto os daqui, foi a JOC internacional que salvava o pessoal..

[382] Nesse momento o senhor Teodoro se emocionou e decidimos realizar uma pequena pausa na entrevista.

Teodoro – Na Alemanha teve um movimento enorme, com fotos nossas, da Márcia, na igreja de Colônia, eles fizeram vários movimentos, e o dirigente internacional veio para o Brasil na época, ainda roubaram as roupas dele, roubaram o dinheiro, a Dops carregou tudo.
Irena – O Henrique, que era dirigente internacional, espanhol, veio para o Brasil contratar advogados para defender a JOC nacional. O Heleno Fragoso, o advogado, foi contratado pela JOC internacional. Os bispos daqui achavam que tendo uma conversinha comum... com o nosso presidente Médici....
Teodoro – Mas Dom Vicente se vangloriava dizendo: não... eu tenho um sobrinho na polícia federal e ele disse abertamente para mim que eles não torturam ninguém. Nós, que tínhamos defesa na rua fomos torturados imagina quem não tinha? Olha, o que eu vi acontecer com o pessoal da Aliança Libertadora Nacional lá no Rio...ver esse pessoal entrar quase morto dentro da cela de tanta tortura que eles sofreram. Eles torturavam pela genital, na língua, dedos, pé, por tudo.
Irena – O Teodoro, ficou vinte dias na solitária sem ter nada, só porque ele era presidente nacional da JOC, quer dizer foi uma perseguição muito brava, de muito seqüela...
Teodoro – A Ironí estava grávida de sete meses e eles colocavam ela para ouvir os nossos gritos.
Irena – Eles fizeram coisas assim, não sei se essa parte te interessa, deve te interessar. Mas, quanto a igreja, ela sempre procurava viver bem com o regime.
Teodoro – O grande problema deles, problema deles que eu digo assim, a grande interrogatória deles é que eles queriam saber como é que as notícias iam para fora, iam para o exterior. Porque a JOC mandava notícias e a igreja mais da linha da libertação também mandava, por exemplo
Teodoro – Dom Helder, Dom Fragoso, os padres, eles tinham uns canais muito fortes e mandavam todas as coisas que aconteciam. No dia seguinte já tava saindo no exterior. E o regime não entendia como é que isto tava acontecendo, então, por exemplo, nós apanhamos muito por causa do Dom Helder Câmara, e ele nunca foi da JOC entende, o Dom Fragoso foi, mas o Dom Helder não. Foi um grande apoiador de tudo que é movimento libertário, da JUC, da JEC, todo esse pessoal. Então a grande dúvida deles era isso, como que as notícias estão chegando no exterior, tão rapidamente, porque tudo era bloqueado, aqui não saia nada, na imprensa.
Irena – Aí nessa época eles praticamente terminaram com a JOC. E o que aconteceu foi que, com toda essa repressão não existia grupo de JOC que eles não vasculhavam. Então nessa época eles praticamente mataram aquele movimento forte que a JOC tinha, que a JOC sempre teve um movimento nacional forte, ela não morreu, mas ela ficou assim escondida, porque a nossa sede...

FITA 1 – LADO B

Teodoro – ...a sede da rua Heloísa Afonso, ela deu para JOC, só que para não pagar imposto naquela época, se botou no nome da Mitra, aí claro, a Mitra tomou conta, vendeu o nosso terreno, assim que pode, vendeu tudo, acabou com tudo...
Irena – Quer dizer, naquela época o regime militar em 1970-71 acabou com tudo e os prédios que eram da JOC, pegou de volta e tomou conta.
Teodoro – E nós tivemos duas perseguições, a da Igreja e do regime militar A igreja institucional, não vamos dizer a igreja povo,
Irena – Nessa época a JOC praticamente desapareceu, depois disso em 71, o Teodoro retornou a Porto Alegre depois de todo esse trabalho. Nós já estávamos casados, nos casamos um pouco antes dele voltar para o Rio, em setembro. Quando ele foi preso já éramos casados, e aos poucos nós nos engajamos em outros movimentos, em associação de moradores, em

Ação Católica Operária, participamos de muitas coisas até hoje. A gente pode dizer que passamos por associação de moradores, passamos pelo Movimento Familiar Cristão, também 20 anos, então tu vê...
Teodoro- 20 anos?
Irena – 20 anos nós temos de curso de noivos.
Teodoro – Não, não foi tanto assim...então tá não vamos discutir. Porque eu nunca fui muito do MFC, eu era convidado para dar palestras, mas eu não era integrante do movimento.
Irena – Nós achávamos o MFC mais atrasado, nós éramos na época mais avançados. Depois de tudo que passamos...nos convencer... era difícil, a gente só participava do que a gente achava que valia bem a pena. Nessa época eles terminaram com tudo. Hoje a JOC ainda existe, nós somos procurados e tudo, existe grupos, mas...
Teodoro – Tem um trabalho com os ex-jocistas, até quero descobrir alguns, até quero pegar o endereço do Valmir; a gente tá mandando um jornalzinho dos ex-jocistas...os caras me mandam e eu reproduzo e distribuo.
Irena – Eles confeccionam o jornalzinho em solidariedade. E o Teodoro manda para uns trinta. Só trabalha com ex participantes da JOC...
Teodoro – Mas um fato assim muito interessante também que quando eu fui para o Rio assumir o nacional existia no morro Santa Tereza um prédio de dois andares, não me lembro se era dói ou três, que era do movimento católico, como era mesmo que se chamava, onde tava a JUC, a JEC, Ah...Ação Católica. Um prédio da ação católica que foi comprado com dinheiro da advência, da miséria, do amor Santa Teresa. Então tinha a JUC, JEC, a JAC e a JOC, os quatro movimentos estavam lá. Hoje, avaliando, a gente percebe, dá para ver direitinho, na medida em que a capacidade intelectual do movimento era maior, a "pauleira" começou de cima para baixo. Então as primeiras prisões e pauladas começaram contra a JUC. Depois que conseguiram acabar com a JUC, perseguições e mais perseguições, a igreja ao invés de dar apoio, começou a retirá-lo. E isso ficou bem claro, como a luz do dia. Começaram as perseguições à JEC. Depois foi z vez da JOC. Começou com a JOC em Belo Horizonte. E depois da JOC veio a JAC, quer dizer, foi assim impressionante,
Irena -. Primeiro eles pegaram o padre francês, o padre Michel, que era o mais avançado assistente da JOC.
Teodoro – Os assistentes franceses eram os mais avançados.
Irena - Eram mais avançados, tinham um certo poder. O que era um assistente? O assistente participava dos grupos de jovens, de diversas idades e sempre tinha um... como nós tínhamos em Porto Alegre o Afonso Ritter que hoje é jornalista da band, ele era padre na época, era uma pessoa maravilhosa, nos questionava, fazendo nos desenvolver intelectualmente, Na época eu só tinha o primeiro grau , o Teodoro também, mas nós conseguimos nos desenvolver tanto intelectualmente, porque a gente era obrigado a pensar a respeito da história, a respeito dos fatos.
Teodoro – História da classe operária.
Irena - Uma coisa que a JOC nos deixou, e a gente percebe que deixou em todos que participaram, foi o crescimento intelectual.

Victória - Esses padres franceses que vocês comentaram, eles vinham por intermédio da JOC internacional?
Teodoro – Não, eles vinham... eles eram párocos, vinham de paróquias.
Irena - Tinham muitos padres assim, no Rio Grande do Sul tinham os padres espanhóis do Cristo Rei e os dominicanos Erm os padres mais avançados, eles vinham de fora para trabalhar no Brasil.
Teodoro – Mas não especificamente com a JOC. Casualmente, por serem mais avançados, eles já formavam um grupo. Aqui, nem sei se devia registrar, mas eu acho que SC não evoluiu

em termos de assistente. Tinha o Padre Birk, um cara excepcional, bacana, mas ele nunca aceitou essa linha mais politizada da JOC, sempre foi contra. Ele achava que a JOC tinha que ficar naqueles princípios de Cardjin.

Victória - Mais religiosos?
Irena - É, sem atuação em sindicato, sem atuação em grupos políticos, mas isso a gente percebeu...
Teodoro – Havia uma certa briguinha aqui com o Rio Grande do Sul. Pois a JOC seguiu a estrutura da CNBB. Santa Catarina e Rio Grande do Sul eram uma regional. O comitê regional da JOC ficava em Porto Alegre, na rua Luis Afonso, e nós coordenávamos todo RS e SC.
Irena - Em Itajaí tinha o padre Nilton Ramos
Teodoro – O padre Nilton já era mais avançado.
Irena – No fim nós sabemos depois que o padre Nilton Ramos abandonou e casou com a Marlete, que era da JOc feminina. Dava muito disso também. Muito assistente desistiu, não apenas os padres, mais os seminarista, se apaixonavam pelas moças, começavam a conviver e se apaixonavam. Os bispos ficavam furiosos com isso.
Teodoro – Mas depois quando a igreja tomou a atitude assim de queimar a JOC, e não deixou mais opção, muitos caíram fora. Mas era assim... o Afonso saiu primeiro depois que ele foi casar.
Irena – E quando a gente ficou sabendo, o que era a teologia da libertação do Leonardo Boff. Uma coisa que a JOC fazia na prática há 30, 40 anos atrás. Pois eu e Teodoro nos conhecemos namoramos a 40 anos atrás e isso já existia, a JOC era muito avançada..
Teodoro – Para a época ela era muito avançada.
Irena - Não sei se tu és católica?

Victória – Não praticante.
Irena – Então, sabes a benção do pãozinho que os padres faziam? A gente fazia entre nós, tomava o vinho, comia o pão. Tinham celebrações internas da JOC que eram avançadíssimas. Que Deus me livre se o bispo soubesse na época, e o pessoal era muito avançado.
Teodoro – As confissões eram comunitárias abertas, era um desabafo de cada um e pronto.
Irena - A gente fazia um desabafo, uma confissão comunitária, depois o padre nos dava a benção e pronto, era uma coisa legal, porque a juventude gostava daquilo...
Teodoro – A JOC sempre teve isso, me lembro desde o primeiro encontro com o padre Osmar Miller, quando se fazia um encontro que se discutia o que era ser jovem, por exemplo, tu ficava uma manhã toda discutindo o que é ser jovem, qual as características da juventude, os aspectos psicológicos, tudo.
Irena - ... aquilo tinha um papel muito importante...
Teodoro – Chamava a atenção, eu me lembro o quanto, até pelas mudanças biológicas do corpo, tudo tudo se discutia, se falava....
Irena - Os jovens sempre iam influenciar outros jovens, essa coisa que a gente diz hoje em dia que o jovem é produto do meio, hoje não é mais assim, é a boa cabeça que influenciava os outros jovens. Hoje são os drogados, são aquelas coisas que influenciam, inverteu o processo. Nós na época tínhamos a consciência de que se precisava valorizas as pessoas, se tu fizesse qualquer mal para aquela pessoa era para Deus que tu estavas fazendo. Então não podia prejudicar o menor dos teus irmãos que era Deus que tu estavas prejudicando. Então a gente passou viver essencialmente vendo Deus presente nas pessoas, então não adianta eu achar que Deus ta lá. Deus ta aqui, então nos passamos a ver isso, uma outra visão de Deus, a JOC nos dava isso, nos não tínhamos uma visão de que Deus era um ser assim... era um ser superior e tal, mas estávamos vendo ele presente no positivo das pessoas, no positivo da natureza

Teodoro – E a característica operária também da valorização das profissões. Era muito pedagógico, a utilização de dinheiro, como utilizar, tudo essa coisa assim, eram processos muito educativos.
Irena - Tinha que pegar um caderninho. Por exemplo, tinha meses que tínhamos salários, então, tu tinhas que fazer conta por conta do teu salário, o que tu ganhava e aonde tu usava, entendeu, para com que aquilo tu aprendesse a te organizar. Como economia domestica. Tu tinhas que te desenvolver como jovem, tinha que aprender a fazer tudo, tu não podia como jovem não saber fazer as coisa, tanto é que é a melhor época de aprendizado. Tanto que no começo, a JOC não incentivava o pessoal a estudar, diziam que tinham que te valorizar como trabalho, mas depois ela mudou.
Teodoro – Mas isso foi mais para fim né, quando ela se politizou mais, a JOC ela foi um pouco incisiva, como se diz, tu é operário, tu tem que ficar no operário para salvar sua classe, no sentido libertador, não religioso, Isso já era mais dentro das coordenações, as coordenações queiram ou não queiram um pouquinho se elitizaram, eles se elitisaram.
Irena – Se tu estudas, tu saia, não trabalhava mais. Por exemplo, nós, eu e o Teodoro. O Teodoro trabalhou cinco anos praticamente sem ganhar salário nenhum. Saiu da fábrica em 65 e foi retornar a trabalhar com carteira assinada em 71.
Teodoro – Até o casamento, eu me lembro, não se dizia só na JOC, nos partidos, o casamento é o túmulo do revolucionário, essas coisas tudo começava a circular, não, namorar, casar, não pode, tudo coisa de uma época; tu estuda história tu sabe né; era a época do avanço de tudo; então parecia que as coisas tinham que começar radicalmente de baixo para cima.
Irena - E naquela época os Estados Unidos mandava dinheiro para combater qualquer coisa que aparecesse. Tinham muito medo do avanço comunista, então eles mandavam dinheiro para combater. E aqui os nossos utilizavam para valer isso, 10 vezes mais do que eles diziam.
Teodoro – É né, depois dizem que não houve tortura no Brasil, meu Deus.
Irena – Nós sabemos de muitos amigos nossos, de gurias que saíram de Porto Alegre, estavam no movimento de jovens, sindicatos, como a Terezinha, uma amiga nossa, aí veio para São Paulo com um grupo, depois nós soubemos que ela foi metralhada, mataram todos do apartamento, só porque eles eram um grupo que se reunia, um grupo de AP (Ação Popular), se não me engano..
Teodoro – Eu tenho um jornal lá em casa, até hoje, a mãe dela, procura o reconhecimento. A nossa sorte na época foi a JOC Internacional. Porque eles ameaçavam, uma vez eles me pegaram de carro, me levaram para o alto da Boa Vista, porque lá tu não vê nada. Desde o primeiro minuto eles te botam uma máscara preta, tu não enxerga mais nada e sai com os carros, e disseram que iam me levar no alto da Boa Vista e iam me apagar lá. Da outra vez, também me tiraram acho que foi cinco horas da manhã da solitária, me botaram aquele capuz e me levaram, depois eu fui saber, lá para Botafogo para indicar onde era o Ibrades. O Instituto Brasileiro ..., o Ibrades é um instituto da igreja onde eles renovam a cabeça dos padres. Todos os padres que estudavam no Ibrades saiam com um visão libertadora da teologia. Pediram que eu indicasse onde era o Ibrades. Como se eles não soubessem onde era, o Ibrades era legalizado. Naquele dia, fiquei com eles mais ou menos das 5:30hs da manhã até as 8:30hs da manhã, até o local abrir. Nesse dia eles prenderam Manoel de Jesus, prenderam o Agostinho, prenderam o Bispo Dom Ivo Lochaister, que foi um grande bispo. Prenderam a Ironí, foram para o Catumbi e prenderam o Mário Perigol e um outro guri que não tinha nada a ver com a situação.
Irena – Era um seminarista.
Teodoro – Depois me levaram até o morro de São Carlos, onde era nossa sede. Foi quando a Rosa telefonou. A Irena também telefonou, tava em Porto Alegre. Eu fiquei uns dois dias ali no morro, sozinho com eles, com uns quanto ou cinco caras da Dops.

Irena – Como o Teodoro pretendia vir para Porto Alegre naqueles dias, eu fui esperar a chegada dele na rodoviária. Porém ele não chegou. Voltei para o meu serviço e telefonei para a casa da JOC no Rio. Quando atenderam eu perguntei sobre o Teodoro e um deles me disse: não, não vem até aqui para a gente conversar. Aí eu me identifiquei, dizendo: aqui é a Irena, quem tá falando? E como todo mundo que morava na casa me conhecia, eu estranhei aquelas pessoas dentro da casa dele, atendendo o telefone. Aí desconfiei e liguei para o Afonso Ritter que era nosso assistente e avisei: gente aconteceu alguma coisa com a equipe nacional, pois naquela casa ninguém sabe quem é o Teodoro e ninguém sabe quem eu sou. Foi aí que o pessoal começou a se alertar.
Teodoro – Eu tava sozinho com eles lá dentro, fiquei uns dois, três dias ali com eles. Eles estavam esperando o Leal, eles esperavam que aparecesse alguém. Aí toda a ligação que chegasse tu tinha que atender, se não atendesse era soco na barriga, era pontapé. E eles com metralhadoras, com tudo ali dentro, foi um horror, um troço...
Irena – Quem passou aquela época sabe... hoje o pessoal às vezes diz que não houve repressão, mas olha quem estuda, quem passou por aquilo, 37 anos atrás...
Teodoro – É até um absurdo a gente se lembrar e querer se emocionar né, mas às vezes a emoção é muito mais de raiva que dó, porque a maior raiva é tu te sentir tão impotente assim numa situação dessa Eles te deixavam psicologicamente arrasados. Diziam que Dom Helder estava preso, que Dom Fragoso estava preso. Diziam: a tua mulher lá, em Porto Alegre tá presa, até tua sogra tá presa. Eles te deixam psicologicamente arrasado. **Irena** – O que salva a pessoa é a formação dela né, por exemplo, o Teodoro na época era um cara que era bem formado, com 26 anos, de família boa, de família bem formada. As pessoas que tem essa formação não se abalam, quer dizer, ele se abalou e tudo, pois foi uma coisa que veio de repente. O Teodoro é um homem que até hoje você pode fazer qualquer coisa mas você não pode gritar com ele, ele fica arrasado. Teve um tempo em que os guris brigavam, gritavam dentro de casa, porque nós temos três filhos homens, inclusive um mora aqui. Os guris não podiam gritar, a pior coisa que podia fazer para ele era ficar com aquela gritaria. Claro, nós nunca tivemos medo de nada, inclusive acolhemos gente na nossa casa depois, gente que passou por Porto Alegre precisam dormir, na nossa casa nós acolhemos.
Teodoro - Outro problema, tinha um seminarista aqui de Brusque, o Márcio, o cara que foi vice prefeito de Blumenau e que antes foi seminarista. Eu conheci ele como seminarista em Brusque, ele foi preso na ilha das flores, lá em Porto Alegre. E quando me soltaram no Rio, que eu vim a Porto Alegre. Mal eu cheguei em casa, esse cara veio pedir abrigo lá. Disse: olha, me soltaram lá da ilha das flores, mas eu to achando que me soltaram para me apagar, eu preciso dormir, aqui. Ele ficou lá em casa uns dias. Ficou uma semana. Eu morrendo de medo porque na frente da nossa casa tinha um cara da polícia civil com bip com tudo, dava a impressão que eles estavam nos controlando. Márcio o nome dele, depois ele foi presidente do sindicato dos bancários em Blumenau. E depois foi vice prefeito do Décio Lima, mas não me lembro se foi na primeira ou na segunda gestão, acho que foi na primeira. Mas eu conhecia mais ele lá da Azambuja, quando nós tínhamos encontros lá da JOC, e ele participara lá também, e foi ali que ele me conheceu.
Irena – A história é essa, foi uma história assim que eles arrasaram com as pessoas...
Teodoro – Por isso que eu digo, a metodologia deles foi muito perfeita assim na linha da intimidação, por exemplo, eles te tiraram para fazer interrogatório de torturar de madrugada, duas, três horas da manhã, com capuz, com a luz apagada, com choques elétricos; eu nunca fui para pau de arara, graças a Deus, mas o Alípio, esse padre que eu te falei de Brusque, esse eu me encontrei com ele lá no Dops, quando...eu não sei quanto tempo, pois eu perdi a noção de tempo quando fiquei lá no dops, aí quando me tiraram do dosps, eu falei: ah graças a Deus, será que vão me libertar? Aí o Alípio me disse assim: te prepara porque daqui tu vai para DOI-CODI. O DOI-CODI era o centro de defesas internas, lá na Tijucas, no Andaraí. Era do

exército, já não é mais do Dops. Lá coisa era pior. Ele dizia: eu vim de lá, já passei por pau de arara, já passei por tudo. Aí me desmoronou tudo. E realmente nós saímos dali nós fomos para o Andaraí. O Alípio foi muito torturado também.
Irena – Aí nós tivemos sorte porque o Dom Vicente interferiu. Eles viram que a própria igreja internacional já estava agindo. Quer dizer, o pessoal internacional já estava fazendo manifestações na Alemanha, em diversos lugares, já tinham conseguido advogado, não levou um mês para isso. Mas tu vê, ele ficou vinte dias na solitária no dops, os primeiros vinte dias.
Teodoro – A solitária é a metade de um banheirinho desses, tudo escuro, tu não vê nada, só tinha uma gradezinha lá em cima bem fininha, no chão tinha uma portinhola, e às vezes eles abriam a porta para botar uma comidinha lá embaixo. O maior problema é o que eu sempre digo, a tortura física, todo mundo suporta, tu berra, tu grita; mas a tortura psicológica que eles fazem é terrível, não tem uma noite que eles te deixam dormir, tanto que, hoje em dia quando ouço barulho de chave eu já...
Irena – Porque eles faziam isso, eles vinham pelo corredor com as chaves...
Teodoro- Eu não sei bem, eu me lembro um pouquinho, da geografia da sala de tortura eu não me lembro, mas são várias celas e o cara vem batendo aquela chave, aí tu pensa: então será que agora é a minha? Naquela expectativa de uma porta abrir. Eles te deixam assim, tu não dorme, fica louco.
Irena – O Teodoro foi preso dia 11 de setembro de 1970 e só soltaram ele dia 8 de dezembro; três meses praticamente. Então nesses três meses....Foi a pior época.
Teodoro - Foi a pior época, porque foi a época do avião aquele que levou os caras, foi a época que seqüestraram o embaixador americano, e tudo aquilo repercutia lá dentro, uma barbaridade, quanto mais acontecia aqui fora, mais a gente apanhava lá dentro.
Irena – Depois o Teodoro foi para Porto Alegre no fim do ano e quando ele voltou, ele tinha que se apresentar todas semanas a partir de 1.o de setembro.
Teodoro - No primeiro exército. Toda semana eu tive que ficar lá.
Irena – Isso foi em Janeiro. Depois foi para Porto Alegre e em março já tinham arquivado o processo, quer dizer, tu vê, tudo isso que eles fizeram, arquivaram o processo, não deu em nada, para todos.
Teodoro – Mas os objetivos eles atenderam né, os objetivos era desmantelar os movimentos.
Irena – Desmantelaram, prenderam as pessoas todas. As cúpulas. O que eles fizeram no Rio depois fizeram em Porto Alegre, eles perseguiram todas as cúpulas, eles pegaram os dirigentes, que eram pessoas idôneas, pessoas que não tinham passagem nenhuma. A própria polícia aí no caso, a dops e a ordem interna do exército desmantelou tudo, tudo que era grupo. Eles fizeram isso com movimentos, com sindicatos, com núcleos sindicais.
Teodoro- O professor de História lá da PUC do Rio ficou preso, sei lá o que essa gente passou.
Irena – O pessoal, principalmente os intelectuais de história eram perseguidos, muito visados. O Teodoro teve preso com quem...
Teodoro - Com um professor de história, não me lembro o nome dele agora. Ele era do PCB.
Irena – Ele conversou muito com Teodoro e ajudou muito o Teodoro a passar por tudo aquilo lá. Explicou que era assim mesmo e tal. Quando que você conviveu com ele?
Teodoro – Tava eu, ele e um cara da Aliança Libertadora Nacional, um guri. Olha, o que esse guri passou. Eu acho que ele morreu, não tive mais notícia. Esse rapaz, ele era torturado quase todo dia por causa de uma irmã dele, eles estava a procura de um amante da irmã dele que era membro da Aliança Libertadora Nacional. E esse rapaz passou por tantas, deles jogarem ele na cela, e ele ficar três dias amontoado num canto da sala sem se mexer, sem nada, de tanto que ele foi torturado.
Irena – Eles matavam muitas pessoas.

Teodoro – E depois eu não soube mais, porque esse pessoal de partidos eles não tinham quem berrar por eles, não tinha ninguém que berrava por eles, nem advogado às vezes se mexiam por eles. Essa gente, muita gente desapareceu.
Irena – Tantos que nem se pode imaginar. Então o objetivo era exterminar com o pessoal mais consciente, vê se tem cabimento. Por isso hoje, quando me falam em problemas de democracia, o que eu digo: dez vezes uma democracia ruim, do que uma ditadura. Então nós queremos democracia, porque democracia ao menos tu tem o direito de ir para as coisas, participar quando tu quer, tu não quer, de não ter medo, de não ser coagido na sua cabeça, de não poder fazer o que se quer...
Teodoro – O que esses militares fizeram para Brasil...
Irena – Os vinte anos que eles fizeram representaram mais de cem em atraso. Então não tem como tu concordar, o pessoal diz: Ah, vocês são sempre contra. Vamos ser contra sempre, pois nós sofremos na carne tudo isso e consequentemente os nossos filhos sofreram...
Teodoro - Mas alguma pergunta, porque nós pulamos muito né....

Victória – Não, isso que é o interessante, a conversa que vai fluindo.
Teodoro – Não dá , a gente não quer, mas de vez em quando é bom desabafar, sei lá. É impressionante, meu Deus do céu! Depois de tanto tempo ainda ficar....não consigo ser frio.
Irena - Não tem importância, isso aí é normal.

Victória – O senhor comentou durante as falas que foi tanto dirigente regional, quanto nacional, como é que era o processo de escolha de quem ia ser dirigente, era indicação, era assembléia?
Teodoro – Normalmente era pela participação que o elemento tinha no estado, ou na cidade onde tinha os núcleos. Pelo processo mesmo que ele passou dentro do movimento. Não era eleição, não tinha eleição, também não era uma pessoa que tava começando, era uma pessoa que já tinha passado por algumas etapas...
Irena – Era militante, depois era dirigente do grupo, da cidade...
Teodoro - A equipe nacional fazia uma avaliação. Pois sempre quando um saia, outro preenchia a vaga. Aí a equipe nacional mais ou menos indicava uma ou duas pessoas e alguém ia lá conversar se tu tinha disponibilidade para largar tudo, teu trabalho...
Irena – Tinha que largar e viver de caridade.
Teodoro - De migalhas, por que eu, por exemplo, eu fui para o Rio fazer um curso; já tava na JOC; fui para o Rio fazer um curso de contramestre de um ano e pouco e voltei para Renault, lá e tinha um cargo bom lá, e ganhava bem, eu não tava nem a um ano nesse cargo, o meu pai trabalhava lá , meus irmãos todos trabalhavam lá, quando a regional sul de Porto Alegre me convidou. Eu fiquei, mas e agora, vou fazer o quê? Recém começando um baita de um emprego, tô começando a minha vida profissional toda aqui dentro da Renault. Aí conversa daqui, conversa de lá, no início meu pai disse: você não pode ir porque o Carlinhos Renault me disse que se tu sair, agora que gastaram contigo lá no Rio, vão demitir o Lauro que era um irmão meu. Essas pressões assim. Sei que um dia eu decidi e fui. Foi no dia 15 de janeiro, pedi a demissão antes, saí e fui. E lá no regional sul nós vivíamos de migalhas...

FITA DOIS – LADO A

Irena - ...então você era convidado, primeiro para ser o que chamávamos de permanente regional. Uma pessoa que estava sempre à disposição do movimento. Em Porto Alegre, havia uma casinha de madeira nos fundos da Igreja da Conceição, onde moravam todas as permanentes moça, lembro que na minha época eram 4 ou 5. Já os rapazes ficavam alojados na sede da JOC. Havia essa divisão.

Victória – Então, essa divisão entre JOC masculina e JOC feminina chama bastante minha atenção, pois não pude verificá-la na JUC, quando realizei o meu trabalho de conclusão de curso.
Irena – É, a JUC era um grupo só.

Victória – Porque essa divisão? Era uma opção metodológica de trabalho?
Irena – Creio que era mais uma questão de cotidiano nesse período.
Teodoro – No período em que estive no Rio de Janeiro já era diferente. A casa da JOC já alojava tanto rapazes, quanto moças. O Encontro nacional também já era conjunto.
Irena – Logo depois acabou-se com essa divisão por sexo.
Teodoro – Era uma divisão fruto dos próprios padrões da igreja.
Irena – Não era considerado certo, por exemplo, uma moça solteira morar junto com um rapaz. Então foi uma coisa vencida quase no final do movimento, quando as direções nacionais feminina e masculina, decidiram comprar juntas uma casa no Rio de janeiro.
Teodoro – Os assistentes não moravam com a gente. No caso do Rio de Janeiro, a casa tinha dois andares. Os rapazes moravam no andar de cima e as moças no de baixo.
Irena – Se não me engano, a JOC Latino americana tinha uma casa no Botafogo nesse período, onde também não havia a divisão. Mas existiu por muito tempo, em vista da própria pedagogia do movimento.
Teodoro – Eu participei do Conselho Mundial da JOC, que ocorreu no Líbano. Foi depois desse conselho que as coisas começaram a mudar nesse sentido. A repercussão no Brasil foi muito grande.

Victória – Mas, e quanto à formação dada aos militantes? Havia diferença entre os sexos?
Teodoro – Não...não existia diferença.
Irena – Era praticamente igual. Os boletins de militante eram separados no início, um para as moças, o UNIDAS e, o CONSTRUIR para os rapazes. Depois passou-se a ter um boletim único. Nas reuniões, éramos incentivados a passar esse boletim para pessoas novas, para que estas conhecessem a JOC. Da mesma forma acontecia com o jornalzinho.

Victória – A senhora atuava no comércio?
Irena – Quando fui indicada para ser permanente, situação na qual fiquei por dois anos, eu trabalha na Santa Casa de Misericórdia. Mas depois passei a atuar no comércio.

Victória – E que tipo de atividades a JOC promovia?
Irena – Eram vários tipos. Desde encontros de jovens até festas e passeatas.
Teodoro – Tínhamos uma programação intensa envolvendo o 1º de maio.
Irena – O centro de Porto Alegre ficava cheio. Lembro de muitas passeatas, onde carregávamos cartazes, eu e o Teodoro. Isso por volta de 1962. Nos últimos anos no qual participamos no entanto, a atuação era mais voltada para os sindicatos
Teodoro – Participávamos de todas as atividades do sindicato, reuniões, debates. Éramos comprometidos em participar.
Irena – Eu, como trabalhava na Santa Casa, atuava no sindicato dos enfermeiros, por exemplo. Também realizávamos atividades voltadas para a nossa paróquia, principalmente envolvendo os Grupos de Jovens. Quando deixei a permanência, voltei minhas atenções para a paróquia da qual eu participava, para trabalhar com grupo de mais ou menos 20 jovens. Promovíamos jogos e passeios. Mas também havia as reuniões sérias.
Teodoro – Também promovíamos muitos debates. Discutíamos CLT, salário. Lembro de quando surgiu o Fundo de Garantia por tempo de serviço, a JOC fez uma “baita” campanha

nacional de discussão. Na época a JOC se posicionou contra o FGTS, pois o que interessava prioritariamente era a estabilidade do trabalhador. E o fundo retirava essa estabilidade. Até na televisão se fez debate sobre isso.
Irena – Porque pensa, na época, com dez anos de serviço em uma empresa, ninguém podia te demitir. Tinha que pagar uma multa muito alta. E com o FGTS você ia pra rua por qualquer motivo. Quem era demitido com 40 anos não conseguia mais emprego.
Teodoro – Uma coisa que irritou muito os militares foi uma campanha que a JOC fez sobre o voto nulo. Foi na época em que não elegíamos prefeitos e governadores. Eles eram nomeados. Nós só elegíamos os vereadores. E a JOC fez uma campanha nacional pelo voto nulo, denunciando que aquilo não era uma democracia. E isso pesou bastante. Nessa época a JOC já estava com atividades mais políticas e menos educativas.
Irena – Era um tipo de resistência aos militares. Após o golpe, JOC sobreviveu mais seis anos. Acabou em 1970.

Victória – Mas em Santa Catarina acabou antes, pelo que fui informada?
Teodoro – Sim, aqui creio que em 1966. Era muito difícil manter as reuniões.
Irena – Mas o nacional ainda permaneceu até 1970. Claro, que aos poucos, fomos perdendo força. Os movimentos sociais de uma forma geral foram perdendo força.
Teodoro – Eles, os militares, usaram a mídia pra intimidação. Vivíamos em um medo constante. Não era qualquer jovem que queria se envolver. Você chegava pra falar da JOC e alguns perguntavam: "JOC? Mas a JOC não saiu ontem no jornal nacional como subversiva?". O meu pai mesmo ficava muito preocupado. Mas, foi isso...assim foi a história...
Irena – Uma história que felizmente acabou.

Victória – Então para a gente ir encerrando a entrevista eu gostaria de fazer mais duas perguntas. Primeiro eu gostaria que o senhor fizesse pra mim um balanço do movimento da JOC aqui em Santa Catarina. Como o senhor viu esse movimento aqui no estado? Foi significativo?
Teodoro – Posso te dizer que Santa Catarina forneceu várias lideranças boas para o movimento nacional. Entre eles o José Domingos Cardoso, de Joinville, que foi dirigente estadual, regional e nacional. Foi considerado um dos melhores dirigentes que a JOC teve.
Irena – Ele era negro...foi presidente da CUT por muitos anos
Teodoro – E uma pessoa de uma pedagogia fantástica. E creio que ele nem tinha o segundo grau completo. Mas enfrentava qualquer platéia. Isso era uma coisa que a JOC tinha muito. Nós enfrentávamos qualquer platéia, pra conduzir uma reunião, para apresentar um trabalho. A JOC era uma escola de vida maravilhosa. E o José Domingos eu me lembro como se fosse hoje, da maneira como ele conduzia uma plenária nacional. Depois teve a Marlene, de Joinville, que também foi dirigente regional. Depois fui eu. O Valmir Martins também havia sido dirigente estadual.
Irena – Tivemos também a Judite de Joinville, que era doméstica. Foi dirigente regional. O pessoal de Joinville era muito ativo.
Teodoro – Aqui em Florianópolis tinha a Marlene Puzinski, tinha o Valmir...A gente subia o Morro da Cruz e fazia muito trabalho por lá. No Saco dos Limões também tinha gente atuando, a Sônia era uma delas.
Irena – Sabe que hoje, olhando para trás, você percebe que a maioria das lideranças da JOC permaneceram na oposição. O nascedouro do PT foi a JOC.
Teodoro – O próprio Valmir hoje está no PSOL.
Irena – Muitos da JOC estiveram envolvidos na fundação da CUT, na postura de oposição sindical.

Teodoro – Eu, por exemplo, trabalhei na Companhia Estadual de Energia Elétrica, em Porto Alegre, a CEEE. Trabalhei 22 anos lá. E junto com colegas organizei o MCS, Movimento de Conscientização Sindical. E nós procurávamos continuar a metodologia da JOC na oposição sindical.
Irena – No sindicato dos metalúrgicos de Porto Alegre teve o Jaime Carneiro, que foi da CUT nacional e veio da JOC nacional. Hoje parece que ele trabalha aqui em Santa Catarina...
Teodoro – Isso, trabalha em algum espaço da CUT, um Centro de Formação, ou algo do gênero que fica a caminho da Brava....Mas...como eu dizia, as lideranças se destacavam bastante. Tem uma característica que a JOC deixou pra gente, que é a do respeito. Então hoje em dia, cada um seguiu sua vida, uns estão no PSOL, outros do PT, PCdoB, mas quando nos encontramos não se cria entre a gente aquela briga partidária ferrenha. A gente se respeita. Compartilhamos muitas coisas.
Irena – Nós notamos em Porto Alegre também, que são muitas as pessoas da JOC que hoje ocupam cargos importantes.
Teodoro – Bom, voltando a Santa Catarina, creio que foi isso. Lideranças muito fortes. Só que no momento em que o movimento aqui estava pronto para efervescer, veio o golpe. E aqui a igreja sempre foi mais conservadora que em todo o Brasil. Isso nem adianta questionar. Pouquíssimos padres se sobressaíram aqui. Que eu conheci, só o padre Ramos, de Itajaí, o padre Birk, que nem era daqui, mas esteve um tempo por Florianópolis e o padre Osmar Miller. O Miller contava que viva em um seminário com 30 ou 40 padres e ninguém queria saber de nada, de JOC.
Irena – É, pena que ele já é falecido, contraiu um vírus durante uma missão na Nicarágua e veio a falecer ainda muito jovem.
Teodoro – E você tem que levar em conta que era uma época em que padres e delegados mandavam nos municípios pequenos...
Irena – Também é bom ter claro que a igreja na maioria das vezes "puxava para trás" as coisas.
Teodoro – É, a igreja sempre quis massa, mas nunca quis ser fermento. Nunca olhou para a qualidade. A Ação Católica e todos os seus movimentos, na minha opinião, cumpriu um papel preponderante no Brasil. Todas as mudanças que vemos hoje, a Teologia da Libertação, tudo isso é fruto da Ação Católica. Nós tivemos contato, em Porto Alegre, com o padre uruguaio Juan Luis II, não sei se já ouvistes falar. Ele é um dos maiores teóricos da Teologia da Libertação aqui na América Latina. E fica muito claro que toda essa nova visão, que agora o novo papa quer retroceder, teve o seu nascedouro na Ação Católica. O próprio Concílio Vaticano II foi resultado da intervenção da AC. A Populorum Progressio[383], que saiu em 1967 teve muita repercussão. E hoje o atual papa está querendo retroceder em tudo que foi dito, negar tudo que foi feito....mas...o que se pode fazer?

Victória - Para encerrarmos então eu gostaria que o senhor e a Dona Irena dessem o seu parecer pessoal, da sua experiência, sobre o que foi a JOC, o que foi participar da JOC?
Teodoro – Valeu muito a pena. É uma etapa da vida da gente que não tem dinheiro que pague. A JOC te permitia um crescimento muito significativo em termos educativos, aprendera fazer uma ata, aprendera fazer um relatório, dirigir uma reunião, respeitar a palavra dos outros. Quem passou pela JOC e recebeu uma boa formação, como nós, não se esquece nunca. Uma escola de vida real. O princípio da formação pela ação é fundamental. Hoje, a gente até se permite realizar algumas críticas, também erramos em alguns momentos, porém aquilo que a gente aprendeu dentro da JOC, a contribuição que recebemos e demos participando do movimento, não há dinheiro que pague.

[383] Encíclica de Paulo IV

Irena – Quando a gente vai chegando na juventude, é normal procurar algo para se engajar. E do que você vai fazer parte? A JOC nos ensinava a ter objetivos na vida.
Teodoro – Você pega essa juventude de hoje é uma juventude solta, vazia, sem objetivos...
Irena – Hoje eles tem dificuldade de direcionar a vida para um caminho melhor. Não só melhor pra si, mas também melhor para aos outros. A gente aprendeu o quanto era importante dar a nossa contribuição para a sociedade...
Teodoro – E nessa perspectiva, hoje em dia nós participamos de associação de bairro. Somos filhados ao PT, mas não exercemos muitas atividades atualmente pelo partido. Participamos mais na época das discussões sobre o orçamento participativo, em Porto Alegre. Depois que o PT, elitizou um pouco, tomando algumas posturas que antes nós criticávamos, optamos por nos afastar. Mas hoje em dia é difícil que as pessoas percebam a importância de estarem contribuindo. É muito trabalhoso você conseguir tirar alguém de uma novela, da frente da televisão, para comparecer à uma reunião de associação, para lutar por alguma melhoria no bairro. É muito difícil.
Irena – Agora, é difícil também você esperar que possa aparecer algo igual à JOC. Existem movimentos parecidos, paróquias que se empenham em realizar algum trabalho com a juventude, tipo o CLJ, ou mesmo algumas prefeituras...Mas eu pergunto até que ponto se pode mudar a vida das pessoas sem dar para elas um objetivo, um motivo político? Ainda que também concorde que tudo que se pode fazer em prol de uma comunidade seja válido...

Victória – Bom, então para encerrarmos a entrevista, eu pediria que a senhora, dona Irena, que também participou da entrevista, deixasse registrado o seu nome completo, local e data de nascimento.
Irena – Eu sou Irena Carcushinski Haag, nasci em Osório, cidade do Rio Grande do Sul, em 17 de junho de 1944, mas todo o meu trabalho de jocista foi em Porto Alegre.

Victória - Eu gostaria primeiramente de agradecer a disponibilidade de vocês, em me cederem essa entrevista. E também pedir a autorização de ambos para que as informações que me concederam sejam utilizadas na realização da minha dissertação de mestrado e também em trabalhos acadêmicos posteriores.
Teodoro – Sem problemas, autorizado sim.
Irena – Com certeza, tudo que você quiser utilizar e, também se precisar de mais alguma informação estamos a disposição.

Victória - Mais uma vez agradeço e encerramos agora.

Transcrição da entrevista realizada em 08 de setembro de 2007, com o padre Afonso José Birck

FITA I - LADO A

Eu sou Victória Gambetta da Silva, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e vou entrevistar no dia de hoje, 08 de setembro de 2007, o padre Afonso José Birck, a respeito de sua participação na Juventude Operária Católica (JOC).

Victória: Eu gostaria, primeiro, de pedir que o senhor nos dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.

Pe Birck: Bom, eu sou Pe Afonso Birck, nascido em São José do Hortêncio, que no meu tempo de nascimento era distrito de São Sebastião do Caí. Hoje já é município próprio. Nasci no dia 2 de setembro de 1922. Completei recentemente 85 anos. Meu pai era comerciante e, já com 5 anos eu já manifestei o desejo de ser padre. Eu costumava a ajudar nas missas e achava muito interessante. Morávamos pertinho da igreja, então quando o padre precisava de um ajudante de manhã cedo, ele me chamava. Eu fazia o serviço e queria ser igual a ele. Ninguém me tirava da cabeça. O pessoal até zombava: "tu, moleque, vai ser padre, é?", mas quanto mais me contrariavam, mas eu “batia o pé”. Essa é uma das minhas características até hoje!

Victória: E o senhor foi ordenado quando?
Pe Birck: Fui ordenado em 1955. Optei por ser jesuíta. Estudei aqui, em São Leopoldo, no Cristo Rei. Terminado o quarto ano, fui realizar um estágio em Volta Redonda, Rio de Janeiro. E logo depois, em 1958, passei a integrar o comitê nacional da JOC, trabalhando com o movimento em Santo. André, no ABC paulista. Naqueles tempos, década de 1950, início de 1960, essa região era o grande centro industrial de São Paulo, hoje não é mais tanto. Grandes firmas estavam instaladas por lá. Formamos vários grupos de JOC e nossa grande arma eram as associações de bairro. Começamos a trabalhar também com os sindicatos. Nessa região o trabalho era verdadeiramente voltado às indústrias, Firestone, Pirelli, Wolksvagen, Porcelanas Schimitt, fiação e tecelagem e, várias outras. Era interessante, pois as moças, já naquele tempo, trabalhavam de macacão nas fábricas. Fizemos um bom trabalho na região. Permaneci em Santo André por três anos organizando a JOC e antes de sair preparei um padre que me substituísse. Eu era, posso dizer, um membro volante da JOC. Estava ligado ao comitê nacional da JOC no Rio. Lembro que o Bartolo era o presidente nesse período. A JOC era como uma bandeira para a gente. Nosso objetivo era chegar em um espaço e introduzir um novo sistema pastoral que não fosse marcado apenas pelo lado catequético, dos sacramentos. Era também uma abertura para uma nova visão social, uma visão operária. Para que aqueles que trabalhavam tomassem consciência de seus diretos e sua situação e não se deixassem explorar sem motivos. Na maioria das vezes o operário não reagia, apenas aceitava. Em Tubarão, por exemplo, o pessoal simplesmente aceitava a condição. Mesmo o salário sendo cinqüenta ou sessenta, eles assinavam contrato ganhando trinta ou vinte e cinco. Era uma catequese de renovação de consciência. Reuníamos os grupos todas as semanas. Muita gente participava naquele tempo. Muito material era produzido, manifestos da JOC Internacional, Jovem trabalhador, Jovem trabalhadora, livros de cânticos e pequenos folhetos como o Unidas, do setor feminino e o Construir do setor masculino, que eram mensais, se não me engano.

Bom, mas voltando ao assunto, quando terminei o trabalho em Santo. André, vim pra Santa Catarina. Conheci o Ferrerinha[384] em Joinville, que foi o meu primeiro auxiliar mais direto. E aos poucos foi-se abrindo as frentes também em Itajaí, Florianópolis, Tubarão, Criciúma, na mineração e, Lages. Naquele tempo, década de 1960, viajávamos de ônibus de Florianópolis à Lages. Embarcávamos as 5 horas da manhã e chegávamos as 5 horas da tarde. A gente formava os grupos, de acordo com as características próprias das cidades. Em Joinville trabalhávamos na indústria mecânica, em Itajaí, Lages e Tubarão no comércio. Em Florianópolis entre os funcionários públicos e, em Criciúma com a mineração de carvão. Eram tipos diferentes de formação, de orientação, de educação. Um contexto diferente de Santo André, onde o pessoal era praticamente todo das fábricas. Não tinha outra variação. Comércio muito pouco. A gente se interessava mais pelo pessoal de fábrica, metalúrgica, operários de fábrica. Em Santo André, não tínhamos tantos problemas de abuso como em Santa Catarina. Lá havia mais empregos e precisava-se mão-de-obra. Não tinham 50 na porta

[384] O padre Birck se refere à José Domngos Cardoso, militante da JOC na cidade de Joinville que atendia pelo apelido de Ferreirinha.

esperando. Era necessário pagar direitinho. Os próprios trabalhadores tinham mais consciência, participava dos sindicatos. Em Santa Catarina não era assim. Era muito difícil abrir a consciência do pessoal. Eram todos, como posso dizer, muito católicos.[385] Mas, as coisas funcionavam daquele jeito, "em tempo de império, a gente aceita a escravidão". Não havia outra saída. Bom, trabalhei com a JOC até 1965, depois passei para a JUC, Juventude Universitária Católica, onde fiquei até 1969. Depois disso me ofereceram um bolsa de estudos na Europa, onde elaborei a minha tese que resultou no livro, Um mundo a Construir, que você já conhece. Porém não é um livro histórico e sim, teórico.

Na seqüência retornei ao Rio de Janeiro. Fiz muito trabalho nas favelas. Naquele tempo era possível você visitá-las sem maiores problemas. Passei de batina pela Rocinha, Vidigal, Santo Amaro e Morro São Carlos. Lembro que quando eu chegava, as crianças vinham correndo pedir um santinho, as famílias abriam as portas, não tinham esses assaltos todos como agora. Há pouco tempo atrás eu estive em Rio Comprido. Ao redor de Rio Comprido, tem, creio que 11 ou 12 favelas E é um "pipocar de doido". Tiros para todos os lados. Para fazer uma visita, é necessário estar com uma pessoa conhecida dos assaltantes. Ou então uma assistente social, senão você não pode. Vai receber chumbo e sem saber de onde veio.

Bom, depois passei para o magistério, trabalhei 23 anos na UNISINOS, aqui em São Leopoldo. Nunca tive problemas relacionados com à revolução de 1964. Você me contou que entrevistou o Teodoro Haag, ele deve ter te contado dos problemas que ele teve como jocista. Mas eu nunca os tive. Fui chamado algumas vezes, pelo almirante de Florianópolis. Ele me oferecia um cafezinho e dizia: "dá de ver que o senhor é um homem inteligente, esperto. A gente sabe o que o senhor quer dizer, dá uns "tapinhas" com luva e a gente fica sem argumento. Você escolha bem as palavras, as frases e não dá pra comprometer, mas a gente sabe o que o senhor quer dizer". Nunca fui preso.

Victória: E por que o senhor optou por trabalhar com esses movimentos de Ação Católica?
Pe Birck.: Quando eu cursava Filosofia, o bairro Filião, onde se localizava o colégio Cristo Rei, era, o que se pode chamar de bairro operário, um bairro muito pobre. E, os padres superiores passaram a incentivar iniciativas da nossa parte. Eles diziam: "puxa, precisamos fazer alguma coisa, nós aqui nesse colegião, e essa pobreza toda aqui ao lado". Mas também não tinham clareza do que fazer especificamente. Principalmente porque nós, os estudantes, não tínhamos muita experiência nessa parte. No entanto, como eu tinha cumprido o serviço militar, vivido dentro de quartel, já tinha uma "casca mais dura", me foi proposto que iniciasse um trabalho voltado ao bairro. Eu me interessei pela proposta e, foi nessa época, final da década de 1940, que comecei a ver o tal "problema operário", ou os problemas que circundavam a juventude trabalhadora, isso, claro, quando conseguiam encontrar trabalho.

Visitei todo o bairro primeiro e observei. Havia uma vantagem nesse período, "se o padre dava atenção, tava tudo feito". Por que a figura do padre era considerada importante, "o padre tava lá em cima e os coitados lá em baixo". Então, quando um padre aparecia, eles se sentiam valorizados. Iniciado o trabalho, pude ver que nesses bairros que muitas vezes tem má fama, estão pessoas boas, de coração bom, simples porém, sem muita perspectiva para a vida. Eu descobri um tesouro nas famílias operárias e nos jovens operários. Naquele tempo as dificuldades eram grandes, você pode imaginar? Se hoje nós temos esses problemas, naquele tempo então...

Logo em seguida, veio a minha preocupação relacionada ao que fazer? Via em diversos pontos do bairro, o pessoal, a rapaziada jogar futebol, com uma bola improvisada, feita de meias e de roupas, que depois de algum tempo, os farrapos vão para todo o lado.

[385] Afirmação acompanhada de risos.

Então, arrumei uma bola pra eles e organizei times de futebol. Comecei o trabalho por aí. Jogávamos futebol e, depois reuníamos, fazíamos um pouco da parte de conscientização, formação de família, por exemplo. Falávamos sobre a harmonia ou não harmonia no lar. Sobre consciência operária também um pouco. Ou seja, não só reclamar, mas também contribuir. Alguns estudavam, mas não tinham muita vontade. Então a gente procurava incentivar, dar energia pra que estudassem. Muitos tiveram novas oportunidades a partir do estudo. Lembro-me de um rapaz, que hoje é bancário. Na época era, como posso dizer, "muito atrasadinho", a família não incentivava. Eu procurei incentivá-lo ao máximo e no fim ele se formou naquelas escolas comerciais. Trabalhávamos no sentido de mostrar a essa rapaziada que eles podiam melhorar. Que deviam ter coragem e parar de baixar a cabeça. Deviam levantá-la, porque "também sou cidadão, também posso fazer alguma coisa".

Pouco depois de ter iniciado o trabalho no bairro tive contato com a JOC. Aqui ela ainda não existia. Foi através de correspondência com o pessoal de São Paulo, que tive acesso à folhetos e ao método ver, julgar e agir. Passei a aplicá-lo e pelos resultados que consegui, passei a ter fé nesse sistema. Aqui em São Leopoldo a JOC nasceu no bairro Filião, em meio às famílias operárias, gente muito pobre. Na realidade, foram dois os ambientes extremamente pobres que conheci ao longo de meu trabalho com a JOC, o do bairro Filião e as famílias mineiras de Criciúma, onde tinha gente que passava humilhação. Quando terminei os meus estudos, passei a integrar a equipe nacional da JOC.

Victória: Quando o senhor chegou a Santa Catarina, já existia JOC?
Pe Birck: Existia uma tentativa em Florianópolis. O padre Agostinho era o responsável. E lembro-me também do Nereu do Vale Pereira, não sei se você chegou a entrevistá-lo.

Victória: Sim, irei entrevistá-lo nos próximos dias.
Pe Birck: Ótimo. Leve um abraço meu pra ele. Mas voltando à questão, havia um início em Florianópolis, quando cheguei e, depois me empenhei em dar fôlego ao movimento. Em Joinville, estava um rapaz que se formou comigo em Santo André, o Chico, Francisco Marques. Através dele, conheci o Ferrerinha. Creio que você já deve ter ouvido falar dele. Em princípio eram esses dois grupos e, fazia-se os primeiros contatos em Itajaí. A partir da minha chegada, visto que era uma presença mais continua, foi-se criando bases mais sólidas em Lages, Tubarão e Criciúma.

Victória: E na época, a arquidiocese incentivou que se instalasse a JOC?
Pe Birck: Bem, eu tive uma grande vantagem quando cheguei a Santa Catarina. Na realidade sempre tive sorte nesse sentido. Primeiro, em Santo André, o bispo D. Jorge, tinha um mentalidade voltada aos problemas operários. Ele próprio que pediu ao comitê nacional da JOC, que fosse destacado um padre ou um leigo que pudesse ajudá-lo com o trabalho junto aos operários e aos sindicatos. Sim, porque a gente trabalhava com a JOC, mas estava consequentemente ligado aos sindicatos e movimentos grevistas. Em Santo André estive envolvido em muitas greves e, sempre tive apoio. Já em Santa Catarina, o arcebispo não tinha grande entendimento a respeito da JOC. Apresentei-me a ele, D. Joaquim, com uma carta de apresentação que me foi dada por D. Hélder Câmara, assistente nacional da Ação Católica. Trazia também uma carta dele, *nominate*, para cada um dos bispos de Santa Catarina, Florianópolis, Joinville, Lages e Tubarão. Então, quando apresentei a carta de D. Helder Câmara, o pessoal respeitou. D. Helder, era muito respeitado e venerado.

Apresentando a carta para D. Joaquim, "bispo velho pra chuchu, tinha uns 90 anos", ele entendeu como uma boa coisa, a proposta era centrada no Evangelho, e esse era também o pensamento de D. Helder Câmara. Sempre tive apoio, mas apoio até certo ponto. O arcebispo não assumia, "comprava a briga". Na realidade, até hoje, são poucos os padres que se dedicam

à pastoral operária da juventude. No entanto eu creio que em Passo Fundo ainda existem vigários e paróquias voltadas ao trabalho operário, JOC inclusive.

Victória: Grupos de JOC não existem, existem grupos de jovens trabalhadores...
Pe Birck: Ah, sim. Não se chama mais JOC. Desde o tempo da revolução, a gente evitou um pouco este nome. Mas eles seguem mais ou menos o mesmo método, o ver, julgar e agir. Toda a mística da JOC.

Mas sempre é muito difícil o envolvimento. Seja na JUC, ou o pessoal da JEC, e da JAC. Juventude operária, estudantil, juventude agrária, juventude universitária. Até hoje é assim. Agora, a CNBB fez uma opção pelos jovens, mas você pode verificar que não há uma preocupação séria com a juventude. Não é uma prioridade...

Fita I – Lado B

Pe Birck: ...até hoje, muito difícil. Ainda é um desafio enorme, esse tipo de pastoral. Eu sou da opinião que se devia fazer movimentos de ambientes social: casais, jovens, crianças, adolescentes. Nós temos um trabalho que comecei aqui na UNISINOS, através do Emaús, não sei se você já ouviu falar. Em Florianópolis, a Marlene[386], é umas das responsáveis. Temos também o Cenáculo, em Santa Maria e, eu trouxe de Santa Maria para cá. São grupos que se defendem por conta própria. Não tem um padre que está levantando a bandeira. Até é bom que a bandeira esteja nas mãos dos jovens, o padre deve apenas acompanhar, porque quando os padres começam a querer mandar, não dá certo. Temos Cenáculo em Flores da Cunha, Carlos Barbosa, Alto da Serra, Caxias do Sul e Porto Alegre. Mas as dificuldades permanecem. Para as crianças, por exemplo, temos o ONDA e o CLJ. No entanto é difícil fazer algo em conjunto.

Isso ainda é um desafio para a igreja. Eu acho pelo menos. Muitos acham que esse tipo de movimento não deve ser coisa da igreja, nem dos padres. Eu discordo. Me pergunto por que "cargas d'água também na universidade os padres tem medo de trabalhar com universitários?". Em Florianópolis, trabalhei cinco anos com universitários, além dos vinte e três na UNISINOS. No geral é isso. Da igreja pouco apoio, a gente fazia o que podia fazer. Os bispos ficam olhando e aplaudem quando a gente consegue fazer alguma coisa.

Victória: Os padres assistentes foram bastante ativos em Santa Catarina?
Pe Birck: Ah, era muito difícil. Primeiro, já era uma suposição você ter um assistente. Não havia assistentes com dedicação exclusiva. Na maioria das vezes era o vigário, que de vez em quando ia dar um apoio. Não se pode dizer que eram assistentes. Em Joinville, lembro-me do padre, Jacozinho. Trabalhou muito tempo com a gente, era o adjuntor da catedral e também exercia a função de assistente com os grupos de JOC de Boa Vista. Em Itajaí também o padre assistente tinha outras funções. De vez em quando o grupo convidava coadjutores para ministrarem palestras Em Florianópolis, o padre Agostinho era Cúria da Catedral. Assistentes exclusivamente encarregados da JOC não havia. Nem em Tubarão, nem em Criciúma. O único lugar em que eu convivi com um assistente exclusivo foi em Santo André, o monsenhor Belizário.

Os vigários não negavam apoio, mas ninguém tinha muita fé nisso, ninguém "comprava muito a briga", ou dizia "eu vou me empenhar nesse negócio". Os mesmos problemas temos hoje. Tanto nas pastorais da família e Cursílios, quanto nos Encontros de casais com Cristo, ou Encontros de pais com Cristo. Não temos um assistente nacional, um regional. Agora, capelão militar temos. Eu acho que em Passo Fundo, tem quartel lá?

[386] Marlene Puzinski de Paula, militante da JOC em Florianópolis.

Victória: Não, agora não tem mais. Já teve.
Pe Birck: Bom, se já teve, você pode se informar por lá se no tempo do D. Cláudio não tinha um capelão militar. Como é o nome do assistente que você entrevistou em Passo Fundo?

Victória: Padre Elli Belincá.
Pe Birck: Pergunte a ele se no tempo do quartel havia um capelão militar? Garanto que um capelão para a juventude não havia. No Brasil todo é assim. Bispos são nomeados especialmente para a pastoral dos quartéis militares, mas nós não temos nenhum bispo especial para cuidar da pastoral da juventude. Podes fazer esse levantamento. Lembro que houve tentativas, em Caxias do Sul, com o padre Julio Giordani, em Passo Fundo, em Uruguaiana, com o padre Pilar. Mas sempre por iniciativa própria. Eles tinham fé no movimento, idealismo e vontade para se dedicar aos jovens. Acreditavam que era possível a formação. O problema é ter fé. Se tiver convicção pessoal você pode fazer um trabalho que vale a pena, dá frutos.

Penso em todo o pessoal que a gente conseguiu formar na JOC. Teodoro Haag, Marlene, em Joinville o Ferreirinha, que foi missionário da África e em outros países. Até hoje estão firmes. Não mais na JOC obviamente, mas por exemplo no Emaús, a Marlene, em outros espaços o Valmir. Eles foram formados na metodologia da JOC. É difícil você encontrar pessoas que acreditem e se dediquem à pastoral. Você se formou em qual universidade?

Victória: Me formei na UFSC, em Florianópolis.
Pe Birck: Fui capelão universitário na UFSC de 1965 à 1969. Tínhamos missa universitária, as formaturas, missas de celebração, tínhamos retiros e o movimento da JUC. Um bom número de antigos militantes da JUC ainda são militantes cristãos. Como capelão me dedicava a visitar todas as faculdades. Naquele tempo, década de 1960, a UFSC não era muito grande. Estava presente também nas formaturas e atos solenes.

Victória: Quais foram as dificuldades que o senhor encontrou pra organizar a JOC em Santa Catarina?
Pe Birck: Para dizer a verdade, da parte dos operários, a ânsia e o apelo eram tão grandes que você tinha dificuldades de tempo e de forças. Se você conseguia resolver uma coisa, tinha outras cinqüenta pela frente para fazer. Era um despertar dos jovens, também. Nosso objetivo não era trazer os jovens "a laço" como o pessoal pensa. Você tinha que dar um jeito de chegar e não submeter, convidar. A solução em que eu sempre apostei, foi a de visitar a família. O guri que você conhece na rua, é outro quando você vai conhecer a família. E é nesse espaço que ele "se liga". "O padre é amigo do pai, o padre é amigo da minha mãe. O padre tomou o meu irmãozinho no colo". Isso fica marcado para ele. Depois disso, na rua, você continua a significar. E, tem diversos casos interessantes nesse sentido. Aqui, em São Leopoldo, tinha a fábrica de alumínio, de metalurgia, onde está o trabalho mais bruto, e consequentemente, o pessoal também se embrutece, fica mais mecânico. Eu me interessei por esse setor e quis visitá-lo. O gerente me disse: "ó, padre, cuidado. A barra é pesada". Eu respondi, "não tem problema". Passei por ali e era só "cara feia pra chuchu, palavrões pra lá e pra cá. Sabe aquelas rebarbazinhas de ferragem? Eles jogavam em cima da gente e escondiam as mãos". Um desses rapazes, que estavam com a cara feia quando fui até a máquina dele, me ignorou completamente. Os outros colegas chegaram a ralhar com ele. Alguns dias depois, eu saí para a rua e encontrei as famílias, as senhoras na porta das casas. Isso era comum, encontrei uma senhora numa casa, tava na porta com uma criança no colo, mais outro na barriga, lógico, e mais dois ou três ao redor. Fui cumprimentá-la e ela ficou feliz da vida e falou: "primeira vez

que cumprimento o padre de perto". Ela pediu-me: "padre, o senhor não podia fazer uma benção na minha casa e tal". Olhei na minha agenda e falei: "então, domingo que vem, daqui a 15 dias, tal hora, eu apareço aí, tá?". Ela ficou feliz da vida. Chegando o dia marcado fui até e sabe quem tava me esperando no portão? Aquele rapaz que havia me ignorado. Estava bem arrumado, fez festa ao me receber e disse: "seu padre, o senhor não leva sempre a sério, essa atitude da gente, as vezes a gente ta de saco cheio". Esqueceu tudo. Ficou um doce de coco. Operário na rua e na fábrica age de uma maneira. Em casa é de outra. Na fábrica, ele bota a máscara, na rua também. Se você quer encontrar as pessoas, é em casa.

Nas universidades, nós visitávamos as residências universitárias, as repúblicas universitárias. E era a mesma situação. Visitando a residência desse pessoal, conversado, tomado chimarrão com eles, você deixava as lembranças. Depois você encontrava eles na universidade e era: "padre, onde o senhor vai e tal?". Era outra coisa. Eles já tinham um calor humano, por que na casa, você comunica calor humano. Na rua muito difícil. Na firma, menos ainda. Muito difícil. Sempre foi o segredo que aprendi aqui embaixo do Filião, nos anos de 1947, 1948 e 1949. Em casa muda tudo. O marido, a mulher, os filhos, a juventude, os adolescentes, tudo muda. E sobretudo naqueles tempos, o padre na rua, o pessoa fazia piada. Mas o padre em casa, olha, era uma benção. E essas famílias, então, agradeciam a Deus por que os padres visitaram suas casas. Aprendi tudo isso. Então, os universitários era a mesma coisa.

Da parte deles, eu não poderia dizer que encontrei grandes obstáculos. A gente sempre sofria com o pessoal que tava muito abandonado. Era só chegar que não tinha problema. Nas favelas do Rio de Janeiro foi a mesma coisa. O pessoal tem a idéia de um padre meio engessado. Agora, quando um padre entra na família, senta lá com eles as coisas mudam. Lembro-me que nas favelas, você chegava e entrava, era chão batido, eu que era baixinho, tinha que baixar a cabeça para poder entrar. Ofereciam o lugar para gente sentar e tomávamos cuidado, porque era uma caixa, ou então, qualquer coisa que se ajeitava, por que cadeira não tinha. E depois, eles ofereciam um cafezinho, uma canequinha. Eles ficavam felizes da vida, "o padre tomou um cafezinho". De vez em quando eu tomava um aqui e depois lá adiante, "esse é o padre que tomou um cafezinho lá na dona. Zulmira". A gente se divertia. Socialmente, muito comunicativo. Mesmo entre os universitários, era a mesma coisa. Não sei como está Florianópolis agora, ainda existe o restaurante na descida da rua?

Victória: Na descida da rua não existe mais. Agora o restaurante é no campus.
Pe Birck: Certo, agora é só a sede da UNE...

Victória: Da UCE, União Catarinense dos Estudantes.
Pe Birck: Isso UCE. Lembro que a primeira vez que eu estive lá, todo mundo ficou parado. Inclusive jogaram cascas de laranja em cima da gente. Mas depois de um tempo, quando a gente chegava, todo mundo aplaudia. È só quebrar o gelo. Mesmo aqueles que a gente observava a reação, as caras mais feias, os mais desaforados, diziam nomes mas escondiam a boca., depois de um tempo eram os mais festivos. Quer dizer, o coração era bom. Só o embrulho é que estava estragado. Era só se aproximar que tudo ser transformava. Já hoje, sabe como é, quantos capelães universitários tem na UFSC? Nem sei se tem algum. Deve ter um nomeado, que faz 50 coisas e na 51ª é o capelão. Eu estive cinco anos, completamente a disposição, com carro e tudo. Morava no Colégio Catarinense e freqüentava todas as faculdades. Girava da manhã e à noite. Por exemplo, de manhã, visitava a faculdade de Filosofia, participava dos intervalos, da biblioteca, lancherias, assistia aulas quando um professor convidava. Hoje não existe mais aquela amizade, comunicação do padre com os universitários.

Por vezes acontecia, por exemplo, alguma sessão especial na faculdade de Direito,

uma conferência e, eu tinha que tomar cuidado com os atrasos. Era convidado, então, eu chegava às vezes um pouco atrasado e o presidente da sessão pedia: "licença, vamos fazer uma paradinha, convidar o senhor capelão que chegou agora, faça o favor de vir aqui, tomar parte na mesa". Era assim. Nas Formaturas tem uma porção de fotografias de formaturas. Eu era convidado, diversas vezes, ao lado do governador, do reitor. Eram maçons, mas tinha esta etiqueta. E isso era bom.

Depois as célebres histórias dos bailes da universidade. Eu ia aos bailes da universidade, no Clube XII e depois no LIRA. Já imaginou? O diretório me convidava. Começou com o pessoal da mecânica: "então, padre, o senhor podia participar do nosso baile, o Baile da Engrenagem". Eu respondi: "sim, mas cadê o convite?" Eles ficavam olhando uns para os outros e eu continuava: "sim, me dá convite e eu posso ir, porque se não, eu não tenho convite, como vou entrar?". A turma se adiantou e não demorou muito apareceu um envelope com o convite, mesa e tudo. Foi o primeiro que participei. Foi um sucesso, naquele tempo, um padre no baile. Quebrava o gelo. Ficava até às cinco da manhã. Era um sucesso! Mas, fugi do assunto, quanto as dificuldades, posso te dizer que não as encontrei.

Victória: Nem por parte dos patrões?
Pe Brick: Bom, muitos patrões tinham medo de fazer oposição a mim, porque repercutia muito entre os operários. Se eles fizessem oposição a mim, que ia visitar uma sessão, girar entre os operários, dar atenção aos operários...

Padre Birck Fita II – Lado A

Pe Birck: ... muito cuidado. Os gerentes olhavam um para o outro, meio desconfiados, diziam, "não, deixa", por que sabiam perfeitamente que a reação vinha toda dos operários.

Também tinha a universidade. Mesma coisa. Salas de aula, inicio dos vestibulares. Os vestibulares daquele tempo, o pessoal sentado numa sala, acolhida. Só pergunta. Haja tempo e haja multiplicação. Então você tinha 50, 60, 100 salas e faculdades por todo o lado. Como hoje. Você tinha vontade de ir, a todos eles. Quantos eu salvei! Lembro de um rapaz da engenharia mecânica. Mal tinha começado a prova, meia hora depois, ele chutou o papel para o lado. Lembro-me dessa época e me dá saudades. Hoje, a gente não tem mais condições para fazer isso. O povo era uma beleza! Seja operário, universitário, nunca nenhum grupo, numa residência, recusava a nossa visita. Isso nem se podia pensar. Eles ficavam felizes da vida. A gente divertia, distraía. Por que você sabe como é uma repúblicas universitária, dos rapazes. "Você olha assim, não tem mais espaço nas paredes: tudo mulheres peladas!" E eu levava um estandarte bonito do Cristo, daqueles tradicionais e dava para eles, umas 2 ou 3, eles ficavam felizes a vida. Aí, começava: "nós vamos colocar onde?" No meio das mulheres peladas! Eu ria e fazia de conta que não tinha visto nada. "bom isso, é problemas de vocês!". Aí, depois discutiam, "vamos limpar este lado aqui". Tiraram e depois vinham falar "aí, padre , nós tiramos aquelas coisas feias lá, e colocamos o Cristo no lugar certo". Essa história que mencionei é para responder ainda a sua pergunta de acolhida. Isso me dá saudades. Gostaria de ter mais umas duas ou três vidas para poder atender. Dá vontade de sair correndo por aí, nesses bairros. Hoje é um pouco perigoso, por causa dos assaltos. Mas no meio das universidades, não tem mais isso, não. Que eu saiba, não. Nas salas de aula, corredores...

Victória: Vocês chegaram a organizar encontros da JOC no estado, nessa época?
Pe Birck: Sim. Em Florianópolis, organizamos o primeiro encontro estadual, em 1962, com rapazes e meninas, separados, no colégio Coração de Jesus. Foi uma revolução, também. Por que naquele tempo, colégio Coração de Jesus, sai da frente! São 6 estrelas, não é nem 5! Então, abria isso para as jovens operárias, "esculhambação que vão fazer".

No fim, foi reunião daqui e de lá, no fim por amor ao Cristo, concordaram. Mas esperando a casa vir a baixo. E tudo correu direitinho, sem problema algum. As irmãs ficaram de queixo caído. Terminou no domingo à tarde e diz que na segunda-feira de manhã, foram revisar e não encontraram um risquinho na parede. "Isso não podemos fazer nem com os nossos alunos, que são da alta "*society* de Florianópolis?" Então, assim a gente convertia a cabeça, a mentalidade, entre os colégios daqui.

Victória: Sobre os encontros...
Pe Birck: Então, fizemos o encontro dos rapazes no Colégio Catarinense, que foi em 1962. Em 1963, fizemos um segundo, não lembro onde foi. Acho que o dos rapazes foi no Gerdal. Das meninas não sei onde foi. Depois tinha os encontros nacionais, onde cada estado se representava com meia dúzia, uma dúzia de pessoas.

Depois de 1965, passei para a JUC, e depois começaram as dificuldades da revolução, fazer esses encontros era meio suspeito. Se fosse fazer, "eram três, quatro espias para tudo que é lado". Então a gente suspendeu um pouco isso. Aqui com o nosso pessoal, mesmo sistema e mesma acolhida. O pessoal tem verdadeira sede. É só você chegar, mas tem que entrar pela porta certa. Não pode ser pela porta da rua. Aqui tínhamos dias de formação em Joinville, com o pessoal de Itajaí, de Brusque e Lages.

Victória: E na instância regional, você participava também? Com o pessoal do Rio Grande do Sul, Paraná?
Pe Birck: Sim. A gente participava, também. Sempre com uma delegação. Delegação de Santa Catarina. O Paraná não chegou a formar um grande grupo. Aqui, nós tínhamos um grupo bom. Bartolo, depois não esquece que vou te dar um telefone, se interessar marque com ele. Ao menos uma informaçãozinha, por que no seu trabalho, vale a pena também colocar as pessoas como ele, que foi dirigente nacional, internacional, lá em Bruxelas, onde fica o Comitê Internacional. Foi dirigente sul-americano e depois foi internacional. Isso tem de constar. Isso cria peso. Então, eram esses encontros que a gente fazia: regionais, nacionais, os estaduais e os dias de formação. Domingo de manhã até a noite.

Victória: E nesses dias de formação o que era estudado?
Pe Birck: Os problemas operários. Sempre entrosados com o evangelho. As duas coisas juntas. A gente pegava uma problemática e depois pegava a leitura do evangelho e adaptava para dar uma resposta aos problemas. "Era sempre feijão com arroz, café com leite, como quiser comparar". Era sempre a realidade histórica daquele grupo, e, evidente, que em Joinville, a gente pegava o problema das indústrias. Já em Florianópolis, funcionários públicos. Em Tubarão, a gente pegava do comércio. "O que Cristo diria para esta situação? O que ele aconselharia nós fazermos?" Primeiro ver o problema social. Seja na escolha do carvão, lá em Criciúma, Tubarão, no comércio, Florianópolis com os funcionários públicos, cada um com os seus problemas. Este é o ver. Em seguida, julgar. No julgar você tem que fazer um outro termo de comparação. Então você vai ver o que o Cristo disse, o que ele diria e o que ele faria. Depois vem o agir: o que nós podemos fazer? Era sempre esta metodologia.

Também nas reuniões semanais, trazíamos os fatos. Cada militante trazia um fato: "na minha fábrica, aconteceu isso; na minha loja, aconteceu isso, no meu escritório, aconteceu isso, etc".

Victória: Pe Birck, uma coisa que sempre me chamou a atenção na JOC, é essa divisão entre JOC masculina e JOC feminina. Por que optou-se por essa divisão?
Pe Birck: Você tem que ver isso antes de 1960. Aquilo ainda era praxe. Via-se na catedral de Passo Fundo, por exemplo, eram as mulheres de um lado e os homens de outro. Todas as

igrejas e também, na sociedade como tal. Também eram tipos diferentes de trabalho, por exemplo. Se você pegava as lojas, o trabalho das meninas, o trabalho dos rapazes, mais na indústria. Na indústria, podia se chegar perto. A gente se aproximava. Em Santo André, na Firestone, e outras firmas, as meninas trabalham de macacão e tudo. Mas não era comum e nem bem aceito. O comum eram meninas de um lado e meninos de outro. Não tinha essa intercomunicação que se tem hoje. Bem diferente.

Victória: Mas, a formação dada era a mesma?
Pe Birck: Sim. O método era o mesmo. As meninas traziam os fatos sociais, as injustiças, coisa que o valha, os abusos, e agora o que Cristo diria a respeito. Vamos verificar no novo testamento. Que nós podemos fazer. Ver, julgar e agir. Ver o fato histórico, ambiente onde você trabalha, o que aconteceu nesta semana; uma aberração, injustiça; e agora vamos com o evangelho, vamos julgar e depois vamos tirar a conclusão. Sempre era isso. Tanto com rapazes quanto com meninas. A gente nunca se questionou sobre esta questão. Ainda temos hoje, o movimento dos Emaús, em Passo Fundo, talvez você conheça; em Florianópolis tem muito; o Pe Bianchini sempre trabalhou muito com isso. Ainda continua.

Victória: E o senhor lembra se nessa época a JOC costumava dialogar bastante com os outros movimentos de ação católica, por exemplo, a JUC, a JEC?
Pe Birck: Não tinha esse espírito de dialogar como a gente tem hoje. A JUC, era lá com os universitários. Não tínhamos nem coragem de chegar.

Eu fui assistente de todos eles, no tempo da revolução. Só não tive com a JAC. JAC tinha em Passo Fundo, Caxias, aqui Estrela. Mas, eu fui assistente de JUC, de JEC e de JOC. Trabalhava tudo junto, mas não tinha isso. Nem me passava pela cabeça de fazer uma confraternização. Preferia fazer um movimento de confraternização entre os rapazes ou meninas da JOC e os rapazes e meninas do bairro. O pessoal da JOC lá no bairro. Fazer uma festinha, uma domingueira. Domingueira era meio perigoso nas favelas de Florianópolis, mas convidar as famílias, as famílias de outros jovens. Isso funcionou muito bem. Agora, nunca reunindo o pessoal do Colégio Coração e Jesus e do Catarinense com os operários. Com aquela mentalidade, 1960, 1970, operário era operário e estudante era estudante. Hoje em dia, está difícil, por que temos um grande problema: onde você encontra um operário puro, só operário?

Aqui, nós tínhamos 85% dos nossos universitários eram operários. Trabalham ou em banco, ou repartições e até mesmo da barra pesada e de noite estudavam. Mas naqueles tempos não funcionava assim.

---------- (*interrupção de sinos)*----------

Victória: Em Santa Catarina o pessoal da JOC se envolveu em greves ou campanhas reivindicatórias?
Pe Birck. Não. Lá em Santa Catarina não houve chance para isso. Nem era ambiente de muita greve. Em Santo André, sim. Ai, nós participamos muito de greves. Lá era mais outro espírito. Em Florianópolis, Joinville, Tubarão, nem greve nem nada. Não tinha essa mentalidade ainda. Nem dos operários da pesada.

Victória: Mas participavam dos sindicatos ou também nem chegaram a isso?
Pe Birck: Não chegaram, porque a consciência sindical era um pouco esquecida. Os sindicatos não eram assim, tão populares. Eram meio reservados. Lá no sul, em Criciúma, tinham mais consciência. O movimento da JOC nunca se envolveu isso. Os pais dos jocistas

sim, isso eu sei. Mas, nunca vi isso ser mencionado um alguma reunião e a gente também não entusiasmava. Em Santa Catarina não houve nenhum entrosamento, sindicato e JOC.

Victória: O senhor chegou Santa Catarina na década de 1960. Quando estudamos os grupos da Ação Católica, vemos a década de 1960 com uma década muito importante, por que esses movimentos ajudaram a impulsionar muitas mudanças dentro da Igreja. Tanto que temos o Concílio do Vaticano II. A JOC catarinense discutia estas questões, estava envolvida com essas discussões?
Pe Birck: Não. Na década de 1960, você pode saber do Teodoro, praticamente a JOC estava silenciada. A JUC, também. E ficava nas catacumbas. E depois eu não acompanhei. O conselho não teve muito reflexo. Em São Paulo, Rio de Janeiro, talvez seja diferente. Mas popularmente, o Vaticano II significou muito pouco.

Entre o clero mesmo, representou muito pouco. Depois vieram os documentos e depois foi feito um esforço, tudo mais. Mas, isso todo mundo acredita que foi realizado na cúpula, não partiu da base nem ecoou na base. Mesmo hoje, você pode observar, muito pouco conhecimento. Tem transformações na liturgia, mas na mentalidade, em conceitos diferentes, não. Uma pena.

Victória: Da época, o senhor lembra que tipo de atividades a JOC fazia, que tipos de coisas ela promovia?
Pe Birck: Sim. Visitar os bairros, as famílias. Ver os problemas da famílias, fazer o levantamento, ver nos bairros, quarteirões, onde tinha uma jovem, convidá-la a participar da JOC. Nós fazíamos as reuniões uma vez por semana e tinha depois, a assembléia geral uma ver por mês. Nessa assembléia, cada militante convidava 3, 4, 5, 6 ou mais colegas do bairro. Era um trabalho de formiga no bairro, com as famílias. Levavam o folheto, tratavam os problemas, conversavam e a família dava muita aceitação. A meninas da JOC principalmente, os rapazes eram um pouco mais difíceis. Mas as meninas eram de muita influência nos bairros por aí. Conversar e ajudar a refletir, mesmo problemas de higiene. Foi a JOC que começou a ensinar a escovar os dentes, ver a água, a pureza da água. Isso ainda hoje é um problema sério E naquele tempo, então, o pessoal tomava água nas cacimbas mesmo. Ensinar a ferver, foi a primeira coisa. Toda água que se colhe, qualquer poço, ferver e depois coar. E essas campanhas pequenas: higiene pessoal. Entre as gurias, isso era muito importante. As meninas não tinham muita higiene e volta e meia apareciam incômodos. Quantas vezes eu tive que encaminhá-las para uma enfermeira, ou médico.

Fita II, Lado B

Victória: E o senhor se recorda de como a JOC se financiava?
Pe Birck: Olha, me deixe agora pensar... Cada um contribuía com uma parte pequena do salário. A gente não tinha muitas despesas. De vez em quando fazíamos alguma campanhas, coisa que naquele tempo era raro. Eu como assistente estadual, tinha a segurança que os bispos custeavam. Todos os bispos: Tubarão, Joinville, Florianópolis, Lages. Cada uma dava por mês uma quantia X para mim. Então a gente tinha o suficiente. Eu morava no colégio Catarinense, em casa, tinha tudo e não pagava pensão, só pras viagens ou uma coisa assim.

Então, quando tinha congresso, por exemplo e tinha que pagar diária nos movimentávamos. O colégio Coração de Jesus fez um precinho camarada para a alimentação em 1962. Cada grupo tinha tesoureiro, secretário, presidente e eles que se movimentavam. A gente também arrumava: com a prefeitura, algum comerciante, algum industriário, a gente conseguia alguma verbinha.

Victória: Existiam militantes pagos, que recebiam ajuda só pra trabalhar com a JOC?
Pe Birck: Sim, mas não me recordo como é que funcionava isso. Pela contribuição dos militantes, era bem pouco que vinha. Tenho a impressão que a diocese assumia, ou a paróquia.

Victória: Existia um contato grande com a direção nacional?
Pe Birck: Sim. A gente sempre mantinha correspondência. Ao menos uma vez por ano, senão duas vezes, recebíamos uma visita. Dependia das circunstâncias. O encontro nacional da JOC, reunia os dirigentes estaduais. Santa Catarina era parte da regional Extremo-sul, que tinha sua sede em Porto Alegre, eram seguidas as visitas.

Victória: A JOC foi oficializada em 1948...
Pe Birck: Aqui no Brasil...

Victória: Sim, no entanto, antes disso, já existiam núcleos funcionando. O senhor poderia falar um pouco sobre esse processo?
Pe Birck: Olha, eu não sei contar essa parte legal, tenho pouco conhecimento. Nós éramos um movimento, não uma associação. Esta tem estatutos. Estatutos são uma composição legal, jurídica. Movimento é, com se diz, um conjunto de princípios, de conceitos para trabalhar. E, botar no papel com parágrafos, itens é muito difícil. A legislação não consegue expressar autenticamente a mensagem. Essa é a dificuldade.

Victória: Então, para a gente ir terminando, eu gostaria que o senhor respondesse duas coisas. Primeiro o que foi a JOC para a igreja e logo em seguida, o que foi a JOC para o senhor?
Pe Birck: A JOC, como toda a Ação Católica, foi uma oportunidade de despertar. Mesmo que as autoridades da igreja, do clero, e as unidades ou a direção, não embarcaram, não se engajaram, não assumiram como movimento, eles sentiram os reflexos dos princípios da Ação Católica. Resumindo: a valorização do leigo. Agora, o leigo esta tomando, aos poucos, a sua posição de voz ativa na igreja. Foi muito difícil. Hoje, ainda há muita relutância. Por que a igreja sempre foi regime e pronto. Os papas, os cardeais, os bispos e mais o clero, e o povo lá em baixo: “amém, Jesus”. Agora, o povo também tem uma posição. A Ação Católica fez uma revolução. No Vaticano II, foi justo o que apareceu. O leigo começou a ter vez, a ser considerado. “Vamos fazer as leis, não como nossa cabeça pensa, mas de acordo com as exigências do povo. A partir do povo e não de nossa cabeça. Para o povo. Ela apresentou como uma oportunidade. Você deve ter visto no meu livro, monsenhor Cardjin, fundador da JOC, como outros bispos e cardeais, como eles influíram nos decretos e nas decisões do Vaticano II.
E isso para nós aqui no Brasil, foi excelente! D. Helder Câmara, foi o assistente nacional da Ação Católica e a JUC, a JOC, a JAC. Nós temos hoje, o movimento ruralista, é produto da JAC. O pessoal começou, “nós temos que ver isso também. Vamos nos mexer”. Também a questão dos sindicatos. No meu tempo, um católico se inscrever num sindicato, era excomungado. Era proibido, não podia participar. Eu como padre, fui participar do sindicato, de greves e essas passeatas. Felizmente, eu tinha as costas quentes: o bispo de Sto André, ele me apoiava. O pessoal ficava doido: de repente no meio do piquete da greve, tinha um padre de batina. Isso repercutiu pra todo o lado. A polícia tava toda pronta pra atacar os grevistas, quando viram o padre, ficaram sem jeito, “sim, o que nós vamos fazer?”. Foi uma repercussão muito grande a participação da greve em Santo André, no piquete de greve. Agora já está mais evoluído. Mas, ainda muito pouco.
Então, qual era a pergunta mesmo? A influência da JOC no movimento eclesiásticos. Ah, sim, muita. JOC é uma engrenagem da Ação Católica. Então, temos a JUC, JAC, JEC e JOC e

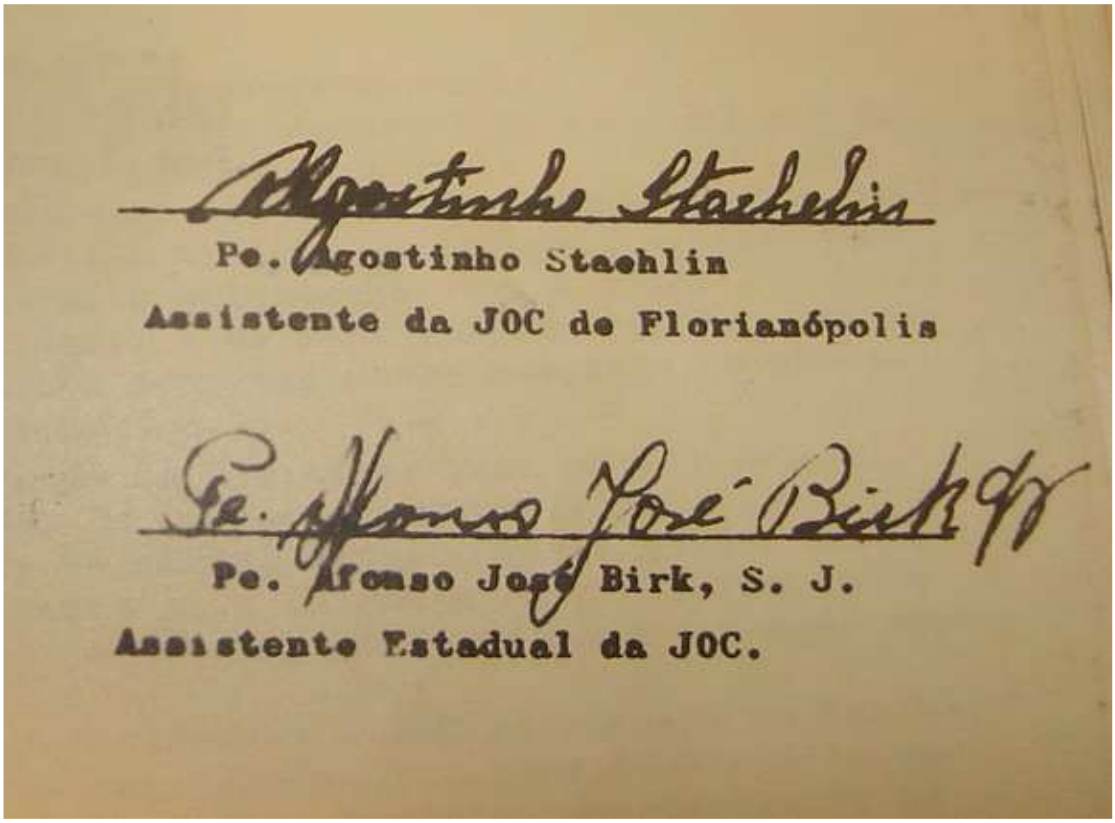
temos também, a chamada JIC, que era Juventude Independente Católica, que era composta pelas senhoritas de certa idade, encalhadas, como se diz. Independente. Elas não eram jovens, não eram estudantes, não eram universitárias, já eram madurinhas e onde colocar. Então inventaram uma JIC: Juventude Independente, pra não dizer uma juventude velha.

Victória: E pro senhor? O que foi pro senhor participar?
Pe Birck: Foi um milagre, porque aprendi aqui, como estudante de filosofia. Tinhas meus vinte e poucos aninhos... 24, 25 anos. Quando fui cair nesta realidade. Bom, eu já aprendi muito no quartel, mas como religioso muito mais. Pensamos que depois do muro do convento, tudo é inferno, tudo é pecado. Nós encontrávamos na rua, gente boa. Não só na Igreja, mas também nos bairros, com os moradores. Eu vim de uma formação, conservadora, família alemã. Então, pra mim, esses moradores de bairro eram "um pouco lá em baixo". A gente tinha um pouco de medo. A gente julgava eles como uma classezinha mais suja, como se diz, moralmente. Quando fui descobrir, dentro dessa montoeira, tinha um coração de ouro, que era só precisa remover um pouquinho o cisco ao redor que aparecia todo o brilho. Era essa minha grande dificuldade.
Daí, eu fui pra frente. Fui só me convencendo, cada vez mais. Encontrava sempre os jovens, casais, famílias preciosas. Ia lá, ciscava um pouco, tirava uma pepita de ouro. E isso sustentava. Até hoje. Aqui, na universidade é a mesma coisa: quantas vezes. Certas histórias por aí.
Então, uma das grandes riquezas que eu colhi foi isso. Dou graças a Deus, ter meu pensamento muito positivo a respeito do mundo todo. Agora, a minha dificuldade, que acho, não é a base, são as cabeças que estragam tudo. È a paranóia das administrações políticas, financeiras, religiosas. Grau de paranóia dos senhores bispos e absolutismo.

Victória: Eu gostaria de agradecer ao senhor e pedir sua autorização para que eu possa utilizar as informações contidas nesta entrevista em minha dissertação de mestrado?
Pe Birck: Sim, sem problemas.

Victória: Mais uma vez obrigado e encerramos agora.

Brasão da JOC Santa Catarina



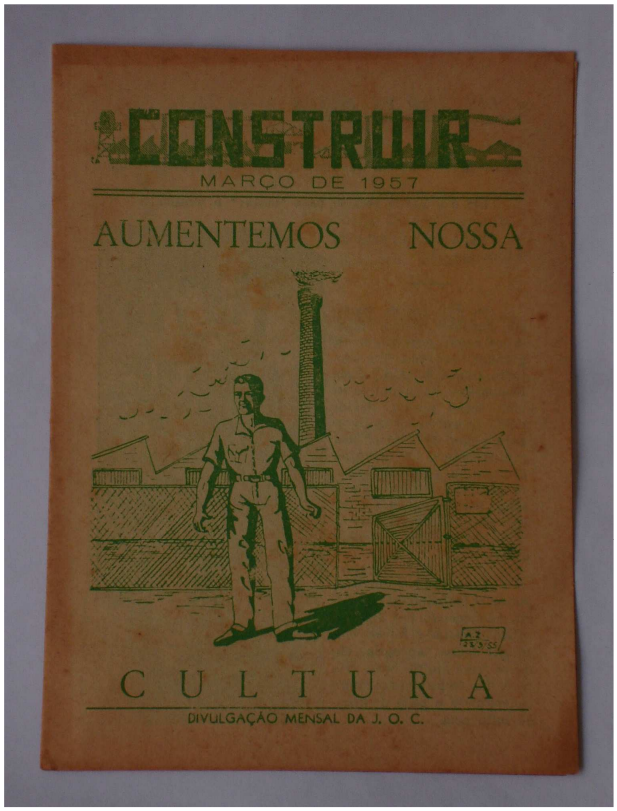
Padres Assistentes – JOC Santa Catarina

JOC Feminina – Santa Catarina

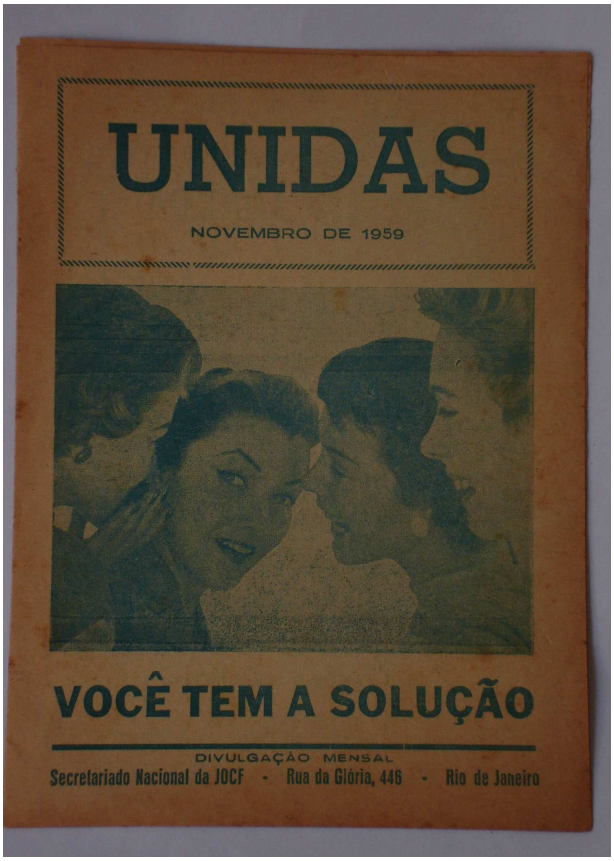
JOC Masculina – Santa Catarina

JOC

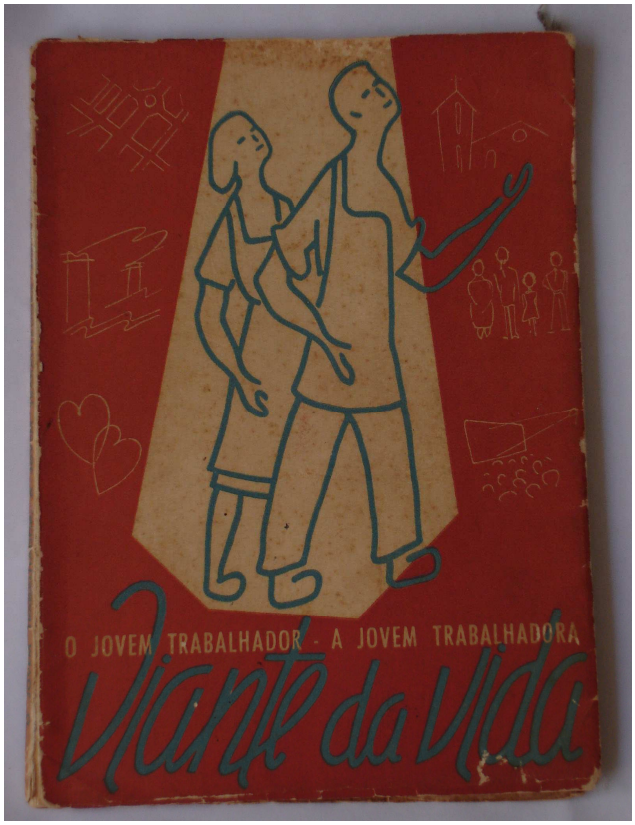
JOC



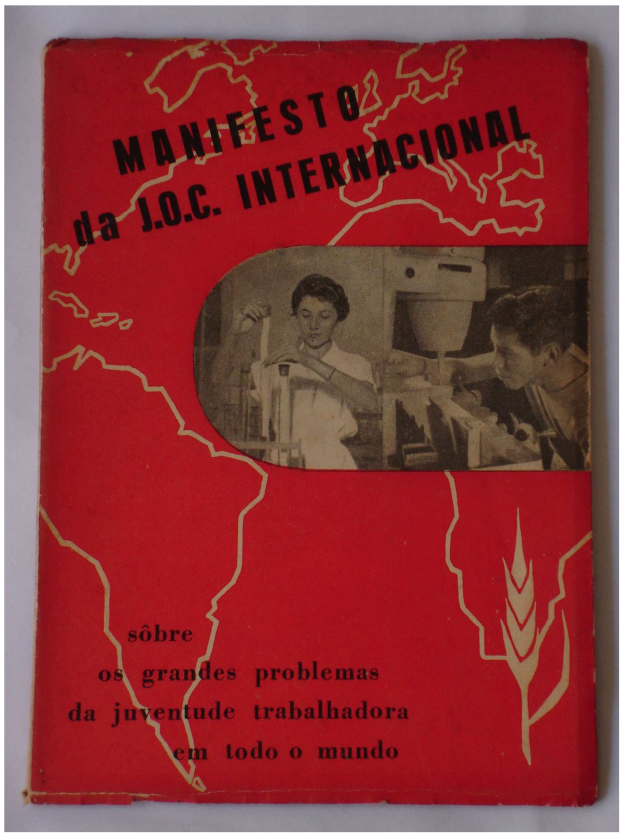
Construir – Boletim mensal – JOC Masculina, mar. 1957



Unidas – Boletim mensal – JOC feminina, nov. 1959



Publicação do Movimento jocista
O jovem trabalhador, a jovem trabalhadora: Diante da Vida



Publicação do Movimento jocista
Manifesto da JOC Internacional - 1957

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo